

Universidade Federal de Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Ciência da Religião

Ana Maria Stephan

**ADOLESCENTES E A POÉTICA DAS RELIGIOSIDADES:
REFLEXÕES SOBRE (DES)CRENÇAS E INVENÇÕES**

Orientador:
Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Fevereiro de 2013

Universidade Federal de Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Ciência da Religião

Ana Maria Stephan

**ADOLESCENTES E A POÉTICA DAS RELIGIOSIDADES:
REFLEXÕES SOBRE (DES)CRENÇAS E INVENÇÕES**

Tese apresentada como pré-requisito de conclusão do Curso de Doutorado no Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Fevereiro de 2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(s) autor(es)

stephan, ana maria.
adolescentes e a política das religiosidades : religiosões
sem (des)crenças e devoções / ana maria stephan. -- 2013.
230 p.

orientador: Marcelo Ayres Camurça
tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em
Ciência da Religião, 2013.

1. religiosidade de adolescentes. 2. ensino religioso. 3.
jovens sem religião. I. Camurça, Marcelo Ayres, orient. II.
Título.

ADOLESCENTES E A POÉTICA DAS RELIGIOSIDADES: REFLEXÕES SOBRE (DES)CRENÇAS E INVENÇÕES

SUMÁRIO

Introdução

1º Capítulo

Direcionadores do olhar

A cobiça sobre um bairro popular	21
Os moradores	29
Breves informes biográficos	36
Quando o outro sabe mais o que somos	47
Religiões e religiosidades	54
Alguma teoria	64
Ensaio sobre pobreza	72

2º Capítulo

Deslocamento da religião do discurso dos adolescentes

Etnografia, etnografia indireta	83
Breves informes biográficos	102
Mudanças em três anos	117
Jovens sem religião	122
Alguma teoria	144
Ensaio sobre o medo e a morte	148

3º Capítulo

Reliosidade indolente

Anjos e mensagens do além	158
Breves informes biográficos	164
Jovens com religião	180
Recuo de certo cristianismo	194
Recomposição-inovação do religioso	199
A religião como conhecimento de mundo	202

Conclusão

216

Bibliografia

241

ADOLESCENTES E A POÉTICA DAS RELIGIOSIDADES: REFLEXÕES SOBRE (DES)CRENÇAS E INVENÇÕES

INTRODUÇÃO

A história dessa pesquisa não teve um início identificado. Foi se instalando na minha memória, nos meus desejos e nas minhas possibilidades de forma lenta e insidiosa, apontando caminhos e especulando sobre variáveis, atalhos, obstáculos e impedimentos, e foi se alastrando como água sobre pedra. Achava sempre um caminho de escape, uma rota para continuar. Um desses caminhos foi o doutorado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora cujo texto final é apresentado agora à comunidade acadêmica, em fevereiro de 2013.

Sou analista educacional, lotada na Superintendência Regional de Ensino de Juiz de Fora/ SEE-MG. A par ser um local de trabalho com nome tão pomposo e arcaico somos em torno de vinte pessoas, no meu setor, que pensam a educação e se preocupam com os baixos níveis dos resultados educacionais. Isso não basta, todavia. É muito pouco frente ao analfabetismo escolar, quando adolescentes cumprem seu tempo escolar e saem sem nem saber ler e escrever e não lhes são garantidas autonomia intelectual e independência nas escolhas e decisões políticas.

Um dos problemas das escolas que matriculam alunos das classes mais baixas é que os gestores educacionais alegam saber o que é melhor para eles em termos de presente e futuro. Mas não sabem e nem conhecem o modo como suas vidas se organizam. Desprezam com isso o conhecimento do que sejam adolescentes nos dias de hoje, seus desejos, suas angústias e necessidades materiais e simbólicas. Algumas pesquisas de cunho longitudinal e amostral desenham em grande escala as características mais marcantes, assim como os censos demográficos e educacionais nos dão em pequena escala a topografia do universo adolescente. Sendo fontes importantes de conhecimentos sobre eles, suscitam sempre novos questionamentos e outros direcionamentos. É isso, a consideração

com os conhecimentos gerados no próprio processo, que os órgãos educacionais desconsideraram. Desta forma prescindem de dados importantes para a reelaboração constante das políticas públicas que tenham enfim o mérito de capacitar os adolescentes para a vida em sociedade em todos os seus níveis de relações pessoais e institucionais.

Também não são levados em consideração os problemas gerados no próprio sistema de aprendizagem a partir dos conflitos existentes nos currículos, nas práticas pedagógicas e nas diferentes linguagens que atravessam a vida educacional e que definem as biografias de seus estudantes. Um desses conflitos que colocam em xeque toda a educação oferecida nas escolas públicas diz respeito ao componente disciplinar curricular “ensino religioso”.

Algumas exceções existem, mas o que vi em dez anos de supervisão educacional foi desanimador em termos de ensino e de religioso, tanto em termos teóricos e metodológicos, como em termos de afinidade com o universo simbólico e material dos estudantes adolescentes de escolas estaduais. Além do mais o ensino religioso nas escolas é fonte de conflito nos vários níveis de organização escolar e nas relações interpessoais envolvendo somente alunos, ou alunos e professores, ou professores e gestão escolar, ou escola e as famílias dos alunos. Ou todos juntos em algumas ocasiões mais dramáticas.

O que assisti varia desde proselitismo descarado até ocupação do tempo das aulas com outras atividades voltadas para a ecologia e datas cívicas, por exemplo. Este uso do tempo das aulas para atividades exteriores ao campo religioso está entre os melhores destinos das aulas, uma vez que aquelas aulas em que os professores afirmam estar oferecendo ensinamentos religiosos são um desastre. Isso porque não se chegou a um acordo sobre o conteúdo disciplinar, métodos e avaliação necessários à configuração de uma disciplina, restando como campo aberto para improvisações inconsequentes e desinteressantes para os alunos.

Além disso, as escolas temem a reação dos pais quanto ao que está sendo ensinado se o conteúdo da aula fosse estritamente religioso. Nesse campo de indecisões os professores de ensino religioso não sabem o que se espera deles e se voltam então para justificativas apoiadas no ensino de “valores” e atitudes cidadãs, juntando, quando muito, noções rasas da geografia e história religiosas. Visualizar

essa disciplina no contexto educacional significa pensar a religião no contexto contemporâneo de transformações aceleradas e sob novos enfoques epistemológicos.

Alegam que essa situação de tensão no ambiente escolar é falta de formação dos professores, alegação que cabe em quase todas as justificativas para o baixo desempenho dos alunos, em todas as disciplinas. Mas, se se pensar em termos profissionais um professor nunca deve estar completamente formado, pois as transformações da sociedade, das tecnologias, das relações pessoais, da globalização, etc., colocam, frequentemente, novas questões que devem continuamente ser repensadas para o universo escolar. Então não cabe esse tipo de justificativa e ela deve ser buscada em outras esferas que não a essencialmente pedagógica.

Anteriormente tal conflito não existia nas escolas. Quando a religião católica era hegemônica, e mesmo ainda hoje nos colégios religiosos, as “aulas de religião” dos colégios confessionais não eram problematizadas por aqueles raros pais de outras religiões cujos filhos estudavam ali, fossem os colégios de confissão católica ou protestante. Hoje, não se sabe o que fazer com a demanda das inúmeras religiões evangélicas que podem até não competir entre si em outros espaços, mas ali, nas escolas, isso acontece com certeza e é um complicador das relações entre escolas e famílias, fornecendo um painel expositor das desavenças nas fronteiras das crenças e da educação.

Observei também que determinadas religiões cristãs, as ditas evangélicas, se colocam frontalmente contra as afrobrasileiras e quando estas entram na pauta das aulas o conflito é maior ainda. As disputas desordenadas em sala de aula não sustentam diálogos e invalidam algumas possibilidades pedagógicas de se alavancar um estudo desapassionado do conteúdo religioso enquanto conhecimento acumulado pelas civilizações e que, se não oferecido, deixa vazia a história humana acumulada nos livros e na história oral que se perdem no tempo. Sem esse conhecimento fica vedado o reencantamento do mundo e o conhecimento dos limites simbólicos dos

humanos, “já que a dimensão religiosa passa a ser compreendida como compromisso histórico diante da vida e do Transcendente”¹.

O que dificulta o exercício da disciplina no contexto escolar é não haver consenso sobre o papel que a religião desempenha na sociedade e assim, neste caso, as escolas são imagens holográficas da sociedade e dos seus gestores na área educacional e religiosa. É um debate que se desenvolve em surdina e às claras, dependendo da situação, em vários estratos sociais e que não é a escola que poderá resolvê-lo isoladamente. O conflito então não é escola/ensino religioso, mas sim escola/religião enquanto diferenciadora das pessoas e grupos sociais que a escola abriga em seus quadros.

A Igreja Católica, no Brasil, nos últimos tempos, pós-crise da “Teologia da Libertação” e da “opção preferencial pelos pobres”, não acompanhou as demandas por participação leiga nas liturgias e no trabalho assistencial junto às populações carentes, ocorrendo intensificação de investimentos nas áreas de formação de novos padres e grupos religiosos o que parece deixar esse setor mais desamparado ainda², o que se reflete, na comunidade desta pesquisa, como um abandono e inversão dos sentidos da religiosidade canônica. Sabe-se, pelos dados do Censo 2010 que a religião declina nos lugares mais pobres e entre os mais jovens e empobrecidos, mas não se tem clareza dos motivos que levam a essa situação e se ela é permanente ou faz parte de um ciclo de mudanças retornáveis.

De certa forma esta pesquisa busca esses dados complementares sobre os estudantes e sobre suas religiosidades e como são elas são elaboradas nas situações de existência em comunidades empobrecidas, dados cuja falta impedem uma visão mais consistente do que possa vir a ser uma disciplina de ensino religioso para adolescentes das escolas públicas da cidade de Juiz de Fora.

Mas, no percurso, os objetivos extrapolaram a mera utilização escolar e avançaram no sentido de buscar significados das religiosidades no mundo contemporâneo habitado por adolescentes e com isso desloquei a ordem dos

¹ Cf. FONAPER, p. 34

² Esse assunto, as transformações na Igreja Católica, é discutido por Pedro Ribeiro de Assis no artigo publicado em <file:///H:/textos/A%20desafei%C3%A7%C3%A3o%20religiosa%20de%20jovens%20e%20adolescentes.%20Entrevista%20especial%20com%20Pedro%20Ribeiro%20de%20Oliveira.htm> e acessado em 05 de dezembro de 2012

instrumentos de análise: *da ideia de protagonista a religião passou a um lugar secundário metodologicamente, ou então um papel de mediadora entre os demais dispositivos de organização social*. As religiões, que em princípio deveriam ser anteparos para as análises e comparações das atividades e dos pensamentos dos jovens da comunidade pesquisada, assumiram o papel eixos de dispersão horizontal e vertical e se transformaram em linguagens de encaminhamento e de transferência de experiências e de sentimentos. *Religião como filtro e como tradução*.

Em 2009, fui designada para trabalhar no Centro Socioeducativo de Juiz de Fora (CSEJF), no bairro Santa Lúcia, recém-inaugurado, para supervisionar a parte pedagógica do ensino aos adolescentes privados de liberdade³. As inadequações entre conteúdo curricular oficial, a história de vida e condições gerais do atendimento institucional eram flagrantes e era também constrangedora a resistência dos gestores educacionais em buscar alternativas coerentes com as necessidades de transformação dos rumos das vidas daqueles adolescentes. A burocracia era muito grande e eu entendia que os adolescentes estavam em situações-limites de sanidade mental e que as soluções dos problemas pedagógicos estariam implicadas no conhecimento dos problemas gerados pelo abandono social em vários níveis.

Foi uma época difícil, pois encaixar os princípios de Estatuto da Criança e do Adolescente⁴ com o que se via no cotidiano dos internos era quase impossível. Mas houve alguma melhora: eles, os adolescentes infratores, deixaram de ser tratados como animais de carga, sujeitos a todo tipo de castigo e privações em outras instituições para serem agora tratados como animais doentes, mantidos alimentados

³ O Mapeamento Nacional das Medidas Socioeducativas em meio aberto, realizado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos e o Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD) no último ano, identificou algumas características do perfil dos adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas no País. Segundo dados preliminares, 92% destes adolescentes são do sexo masculino; 46% possuem entre 17 e 18 anos; 54% tem nível fundamental de ensino (só 4,9% possui ensino médio); e a maioria cometeu algum ato infracional contra o patrimônio, preponderantemente roubo (roubo + furto: 55% do total).

https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=340&Itemid=164

⁴ Os limites etários para a adolescência são aqueles colocados no Estatuto da Criança e do Adolescente, por faixa etária e que é o nome dado ao período de ida que vai do doze anos à 18 anos incompletos. Isso porque essa faixa etária corresponde ao tempo de permanência dentro dos quadros de normalidade escolar dos alunos na educação básica. Hoje isso é uma idealidade, uma vez que raramente os alunos cumpre seu tempo escolar no tempo esperado e, por isso o conceito de adolescência usado nesta pesquisa também tem um sentido mais ampliado do que o acertado no ECA e nas normas de educação básica no Brasil.

e higienizados para não contaminar, ou pelo menos, dificultar o avanço da violência enquanto doença social.

Ali aprendi que adolescentes internos estavam desamparados pela sociedade e então a religião aparecia para eles como uma maneira de se colocarem à distância dos próprios atos e dos demais, porque ela chegava ao presídio como alívio, como relaxamento das tensões diárias, sem exigir sequer que eles se convertessem ou se afastassem desse ou daquele caminho⁵.

Mérito das ações da Arquidiocese de Juiz de Fora que penetram naquele mundo de abjeções sem esperar muito de coisa alguma, mas sempre esperando algo de bom que aconteça para aqueles jovens abandonados pela sorte e pela fortuna. Examinando de forma distanciada o trabalho pastoral e depois perguntando aos internos sobre ele, obtive respostas que variavam desde a declaração de fé sem nenhuma dúvida ou questionamento até respostas com alto nível de ironia e irreverência, mas nenhuma indicando que os trabalhos da pastoral eram sem razão de ser. E isso já é muito em se tratando de adolescentes privados de liberdade.

Essas considerações relacionadas às ações da Igreja Católica não significam: a) que somente a Igreja Católica se ocupa dos internos adolescentes, mas que as demais religiões se ocupam mais com cultos e orações de uma forma mais genérica sem adaptações à faixa etária dos internos; b) que as demais religiões tenham a mesma facilidade de penetração naquele recinto, haja vista, como me explicou uma agente de disciplina, que são muitas as igrejas evangélicas, e que de cada uma que queira fazer algum trabalho assistencial ali deve ter entre os internos pelo menos um da mesma denominação e como são muitas as igrejas, fica muito confuso.

Quando conversei com um dos membros da pastoral em visita ao Centro Socioeducativo de Juiz de Fora, coincidindo ser pessoa aberta e amiga a quem eu poderia fazer a colocação que lhe fiz, perguntei se não era incoerente a presença de

⁵ Segundo Piette, la façon si caractéristique avec laquelle les hommes vivent quotidiennement dans l'économie cognitive, la fluidité et la docilité ne serait pas indépendante de la pratique des énoncés religieux et de l'assentiment incertain qui leur est donné, engendrant une habitude ou une disposition à suspendre, à lâcher prise, à mettre entre parenthèses. C'est cela le mode mineur qui n'est qu'une modalité cognitive ne remplaçant pas le raisonnement pratique ou la réflexion abstraite, mais justement les modalisant, les atténuant, les dérigidifiant en quelque sorte. C'est une strate à côté de celle de la rationalité et du sens.

<http://www.albertpiette.net/medias/files/le-croyant-la-divinite-et-l-anthropologie.pdf>

religião e de uma única religião, além disso, numa instituição por princípio laica e se estaria assim preservado o princípio constitucional de liberdade de crença. Ele me respondeu que o trabalho ali era mais de caridade do que de proselitismo religioso, sendo que assumiam uma postura ecumênica e não ortodoxa. Foi no Centro Socioeducativo (CSEJF) que tive o primeiro vislumbre sobre ser a religião um filtro poderoso para se estudar os adolescentes envolvidos em atos ilícitos.

Paralelamente às minhas experiências com menores infratores, na verdade seria mais de acordo chamá-las de “não-experiência” na medida em que não consegui nem que os gestores me ouvissem quando queria propor uma educação diferente da que estava nos moldes oficiais, deparei-me com o processo em curso de fechamento da Escola Estadual Dom Orione, onde eu exercia a mesma função que no Centro Socioeducativo (CSEJF), qual seja, supervisão educacional. Numa analogia cruel, percebi que o caminho para se chegar ao CSEJF começava em escolas desfeitas, famílias perplexas e pais pouco escolarizados, adolescentes liderando o bairro em disputas pela “posse do pedaço”. Enfim, poderia metaforicamente começar no Chapadão, parte do bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora, foco espacial desta pesquisa, o caminho para o CSEJF.

Quer dizer, comecei esta pesquisa carregada de preconceitos, mesmo sendo eles ao contrário dos que sustentam o racismo e discriminações, mas assim mesmo preconceitos que levei parte do tempo da pesquisa a desmontar. Pelo que depois compreendi os adolescentes não confiaram em mim num primeiro momento e eles, intuitivamente estavam cheios de razão. Eu os olhei com medo e pena. Não são bons são parâmetros para interações horizontais e simétricas, face-a-face.

Além disso, não sou pessoa religiosa. Fui criada como católica com todos os sacramentos cumpridos, menos a extrema-unção, naturalmente. A religião não me faz mais falta e eu não a procuro nem como legitimadora dos ritos de passagem social. Todavia, gosto de alguns mitos, de muitos ritos, dos cânticos, parábolas e performances litúrgicas. Não gosto da maioria dos padres atuais, mas eles já foram muito importantes na minha vida, quando se colocavam como orientadores no tempo ainda das ações sociais progressistas católicas. Enfim, o que quero deixar mais ou menos claro é que me move muito pouco as questões religiosas, mas sim o quanto elas estão difusas na sociedade em que vivemos. E por ter conseguido certo

distanciamento, me sinto mais livre nos meus julgamentos, evitados enquanto tal, mas impossíveis de serem suprimidos.

Por outro lado, meu passado de fiel católica me faz ter compreensão mais aprofundada da mesma religião da qual me afastei por desfastio: eu me afastei dela, mas não me liberei do conhecimento sobre ela que adquiri durante minha educação religiosa em colégio de irmãs de caridade e na militância religiosa. Para mim é mais fácil tê-la como interlocutora do que as demais, mesmo as afrobrasileiras que estudo desde o ano de 2004 quando passei a fazer parte do Projeto Afro Minas da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

Em nenhum momento estive sozinha. Junto com algumas colegas de trabalho temos buscado subsídios para a luta pela melhoria da educação através do estudo sistemático e acadêmico sobre as condições educacionais atuais que deveriam incluir esses complicados adolescentes. Como elas, segui este caminho e me dediquei a refletir sobre as condições da educação e como sistematizar as modificações que porventura julgássemos pertinentes de implantação nas escolas. Isso porque ao sistema educacional é quase impenetrável às ideias que sejam diferentes daquelas emanadas no governo estadual. Nessa junção de educação, religião, insatisfação pessoal, apoios de muitas pessoas e instituições essa pesquisa está chegando a um fim precipitado, pois ficou longe ainda a exaustão do tema.

Esta pesquisa buscou estudar a religiosidade de adolescentes no bairro Dom Bosco, zona central de Juiz de Fora – MG local anteriormente se chamava Serrinha. Desde a década de vinte do século XX já ali se achavam instalados pessoas oriundas de outros locais da própria cidade, da área rural adjacente e até de outros rincões do país⁶. Alguns depoimentos vão até mais longe na história e dizem que anteriormente o lugar foi um quilombo e, posteriormente, local de moradia dos negros que não se inseriram no forte processo de industrialização que aconteceu em Juiz de Fora na passagem do século XIX para o século XX.

Hoje, o bairro é subdividido em locais de pobreza acentuada circundados por populações menos desfavorecidas ou mesmo outras mais abastadas como as dos bairros Cascatinha, São Mateus e Paineiras, e instituições públicas importantes,

⁶ De acordo com a pesquisa realizada por Menezes e Monteiro (2010) e nos depoimentos obtidos juntos aos moradores do bairro

como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Serviço Social da Indústria - MG (SESI-MG), e instituições particulares também importantes como o Hospital Monte Sinai, Shopping Center Independência, Hospital da ASCONCER e outras, e limitado por áreas de matas pertencentes à Universidade Federal de Juiz de Fora e campos pertencentes à Prefeitura de Juiz de Fora e particulares. A parte pobre do bairro é um aglomerado de pessoas desempregadas, empregados domésticos, biscateiros, camelôs, mendigos e catadores de sucata, mas também de operários e funcionários públicos não qualificados, de artesãos e professores, tanto do ensino público como de outras áreas como os de música, de informática e de capoeira.

Esta população é marcada como “perigosa” por meio de mecanismos menos ou mais visíveis, como o preconceito em relação ao endereço de moradia. Lúcia me disse que, num final de ano, para conseguir emprego temporário num shopping da cidade, apresentou comprovante de residência de uma colega, fora do bairro. Também contribui para esse preconceito o destaque dos meios de comunicação para os atos de violência que acontecem ali. Visíveis e barulhentos são os sobrevoos de helicópteros da Polícia Militar constantes no bairro relacionados a fugas de presos, a assaltos e outros tipos de violências acontecidas em outros locais da cidade.



Fotos da autora em maio de 2010

As experiências internas de convivência com migrantes de variadas origens, privações históricas e sociais, informalidade nas relações privadas e públicas, e as barreiras externas às interações sociais mais amplas propiciam, neste bairro, maneiras de viver diversas e, de alguma maneira, conflitante daquelas do seu

entorno⁷. A religiosidade dessa população não é, todavia, uma mera banalização impulsiva de cânones religiosos, adaptada às condições locais históricas, sociais e culturais, e sim uma atualização de práticas religiosas aos dispositivos sociais e culturais da contemporaneidade, agudizada nos jovens adolescentes pelo acréscimo de tecnologias globalizadas dos meios de comunicação na rotina de suas vidas de maneira ainda não vivida pelas gerações anteriores.

Os adolescentes que moram no local conhecido como Chapadão, parte alta do bairro, são o foco desta pesquisa que busca compreender as maneiras como essa população se relaciona com a dimensão do sagrado, se e como ele perpassa o cotidiano desta comunidade e dos adolescentes. Privilegia o segmento dos jovens (adolescentes), como recorte não exclusivo. Isto quer dizer que considera não só o conceito de adolescência como culturalmente polissêmico e socialmente difuso como também o próprio conceito de sagrado é visto em reelaborações inesgotáveis. Segundo Coimbra et ali (2005)

Em suas pesquisas, Margaret Mead (1951) já nos apontava, com sua experiência em Samoa, que a adolescência nada mais é que um "fenômeno cultural" produzido pelas práticas sociais em determinados momentos históricos, manifestando-se de formas diferentes e nem sequer existindo em alguns lugares. Apesar da difusão massiva da figura do adolescente como o grande ícone dos tempos contemporâneos, aprendemos com Mead que ela é totalmente engendrada pelas práticas sociais. De acordo com Lepre (2005), por exemplo, foi no século XVIII que surgiram as primeiras tentativas de definir, claramente, suas características. No século XX, embasado em pressupostos científicos, o adolescente moderno típico estabeleceu-se como um objeto natural com características e atributos psicológicos bem demarcados. Entretanto, entendemos que a noção de adolescência necessita ser questionada precisamente pelos instituídos que carrega. Na contemporaneidade, a figura do adolescente costuma remeter a uma tendência ditada pelos teens estadunidenses - modelo de todo um estilo de vida a ser consumido pelo restante do mundo -, tendência essa presente em anúncios, conversas e notícias. Isto instaura uma determinada forma de ser adolescente como a única reconhecida, a qual conta com o apoio de algumas práticas da própria psicologia - ainda hoje hegemônicas - na propagação e fortalecimento de tal modelo. (Coimbra, 2005, 3)

⁷ Dom Bosco é um bairro da zona central de Juiz de Fora com área total de 124,22 hectares, população (2000) de 18 134 habitantes, densidade demográfica de 146,0/km² e taxa de crescimento de 124, 22 (PJF/ 2000)

Além disso, os adolescentes atuais, nascido após 1990, fazem parte da “primeira turma” que convive com tecnologias computacionais e comunicacionais⁸ antes impensadas como organizadores sociais, participam de um mundo destradicionalizado, de religiões pulverizadas e de religiosidades hibridizadas com outros insumos que não os especificamente religiosos, de universalização de matrícula e ao mesmo tempo de desvalorização da educação, de informatização do mundo do trabalho, de rearranjos familiares, de transformações das noções de tempo e espaço.

Para o que interessa aos argumentos desta tese, são recentes as políticas federais de combate à pobreza e as novas facilidades jurídicas no que dizem respeito à emissão de registros de nascimento e do direito à paternidade. Ainda permanecem em aberto estudos sobre as modificações sociais provocadas por estas iniciativas governamentais, e que, no que me coube perceber, não são desprezíveis.

Enfim, os adolescentes são estranhos aos vizinhos dos demais bairros e até aos próprios pais e relativizam ainda mais a adolescência como modelo único de comportamento e de expectativas. Vivem outras emoções diferentes dos seus antecessores. Demandam, por isso, reflexões consistentes que visem diminuir a área de penumbra que os envolvem a despeito da polissemia do conceito de adolescência.

A primeira – “novas condições juvenis” – centra sua atenção nas mudanças e transformações sociais experimentadas no nível global nas últimas décadas, representadas na lógica da passagem da sociedade industrial para a sociedade informacional ou do conhecimento (Castells, 2001), as quais estão influenciando com maior força os modos de vida das pessoas e estruturando mudanças aceleradas no funcionamento da sociedade. Transformações e mudanças socioeconômicas e culturais que afetam toda a estrutura social e que adquirem características específicas no modo de entender e compreender a etapa juvenil e a categoria juventude, como tradicionalmente foi compreendida enquanto construção sociohistórica. (LÉON, 2005, p. 16)

Da mesma maneira, o conceito de sagrado navega entre noções consolidadas e outras em se fazendo, imbricadas diretamente aos acontecimentos e às rotinas da

⁸ Esclareço que essas tecnologias são objetos de desejos dos adolescentes nas quais são muito hábeis, mas nem sempre alguém consegue obter os aparelhos mais modernos.

comunidade. Magnani (2009), relacionando conceitualmente cidades e religião diz que “religião [é] um termo genérico e abrangente que, apesar de ser aplicado a um variado conjunto de experiências, revelações, ritos e doutrinas, de certa forma aponta para um eixo comum: a busca de contato com outro plano que transcende as vicissitudes do cotidiano e lhes dá sentido” (2009,20).

Estudar a religiosidade de adolescentes implicou em considerar as inúmeras variáveis inseridas nesse universo e como sendo um enclave de fronteiras simbólicas difusas e móveis com entorno de instituições rígidas e demarcadas, na busca de vias comuns de entendimento e diálogo que possam operacionalizar desvendamentos de significados diferentes do que os estipulados do exterior para eles e o seu campo simbólico (Novaes, 2006, 105). Para Mafra (s/d), ganharíamos muito se aproveitássemos essas várias tentativas de mediação, focando na situação presente, documentando-a e aprendendo com ela.

Nesta pesquisa, esses novos significados e significâncias religiosos ao lado de sua redução e até desaparecimento, enquanto domínio substancialmente religioso, não apareceram a céu aberto, prontos para apropriações e generalizações. Foram entrevistados em pequenos detalhes de falas e gestos quando, por exemplo, um garoto de 15 anos respondeu-me com um sincero “não estou a fim” e se eximiu de qualquer justificativa para a sua negação em participar de um trabalho conjunto. Essa independência anteriormente seria impensável, pois denunciaria “falta de respeito” mas, no caso, imediatamente retornou para mim a razão da escusa, pois talvez eu não tivesse sido capaz de motivá-lo e estimulá-lo. Depois pressenti que a negociação deveria se dar numa outra escala, cujos referenciais eu desconhecia, mas que não correspondia à quebra de uma possível autoridade previamente estabelecida. Esse fato banal mudou minha percepção sobre os modos de interagir com eles a partir do momento que vi o garoto como “não-subalterno”, apesar de adolescente, pobre e com baixa escolaridade. Esse momento foi importante para esta pesquisa, pois me senti “afetada”⁹ na horizontalidade da interação.

⁹ Fabvre Saada (2005, 159) diz que, uma dada situação “afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros (...) o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não”.

Nesses interstícios e interpenetrações de escalas históricas, sociais, culturais, biológicas e pessoais se situa esta pesquisa que tem como pressuposto que degradação, segregação e abandono são politicamente construídos no exterior da comunidade, mas culturalmente vividos ali como estruturadores do cotidiano privado de grandes expectativas quanto à melhoria da situação atual ou pelo menos de manutenção das condições anteriores, antes que o bairro passasse a ser alvo de especulação imobiliária e de higienização social. Não que algum relato dos moradores diga que no passado a vida ali fosse mais confortável. Pelo contrário, contam que não existia fornecimento de água, nem posto de saúde, etc. Então, neste aspecto hoje estes serviços existem, mas o que vai se esgarçando é a solidariedade, a autoestima e o potencial político de gestão coletiva da vida comunitária.

Estão mais pobres do que antes, no que tange à educação dos seus filhos, por exemplo, da qual quase não se ocupam mais, substituindo-a pela escolarização obrigatória para obtenção de certificados que lhes permitam contemplar o mundo do trabalho contemporâneo e não para leitura crítica do mundo, de sua comunidade e si mesmos com forte ruptura da comunicação intergeracional. Ou para obtenção da bolsa-família e outras benesses vinculadas à escolarização como, por exemplo, ser a escola um local onde deixar seus filhos durante certo período do dia. Essas outras atividades que a escola assumiu na área de assistência social estatal deslocou os objetivos meramente educacionais da pauta de referências escolares e o que é pior, desarmou os pais para as possíveis críticas, sugestões e reivindicações ao sistema educacional.

Nas escolas e na sociedade em geral, as maneiras de pensar e de viver se alteraram acentuadamente nas últimas gerações. Talvez, o processo de desligamento de tradições não seja ruim, nem limitador, nem muito menos de rupturas, mas sim de gestação de novas maneiras de estar e de ser no mundo atual.

Foi com essa expectativa do novo e do diferente que a etnografia tornou-se instrumento de prospecção e apreensão do real em suas múltiplas configurações. Uma etnografia que se valeu de observações diretas, indiretas e supostas, quer dizer, aquelas que apareciam pela avaliação posterior pelo posicionamento de detalhes, gestos e não ditos discursivos percebidos posteriormente nos seus significados.

Uma etnografia das falas e dos movimentos. Um fazer etnográfico que se seguiu na esteira de Viveiros de Castro (2006) quando diz que “cabe a nós,

antropólogos, ver toda a complexidade que está por trás de assertivas tão banais...” como a “*ABAN*¹⁰ não quer saber mais da gente”. Com a ressalva que a pesquisa usa a antropologia, mas não é uma pesquisa tipicamente antropológica, e sim de cruzamentos compatíveis com a área interdisciplinar das Ciências Sociais da Religião do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da UFJF.

O campo teórico desta pesquisa esteve próximo de uma teoria fundamentada¹¹. Não existiram premissas iniciais ordenadoras, mas a ideia de se enfrentar o campo sem uma única referência teórica de suporte inflexível, sem se propor a testar nenhuma hipótese, sem esperar encontrar verdades e limites de fronteiras. Uma pesquisa aberta ao acaso, às coincidências, aos ocultamentos e silenciamentos propositais ou não. Muitos autores me ajudaram na seleção e apropriação de meios que me permitissem trabalhar nas fronteiras dos campos simbólicos e materiais dos adolescentes, no esforço de reconhecer as hibridizações e sincretismos contemporâneos que são necessários para ordenações compatíveis às novas maneiras de estar no mundo, atravessadas por demandas impensadas e sem ainda visão de resultados. Desordens que anunciam novas configurações sociais e culturais sobre configurações anteriores. Nada de totalmente novo, mas indicativo de novas artimanhas de sobrevivência que suscitam olhares comprometidos com emoções e ações inesperadas.

¹⁰ Associação dos Amigos, ONG que presta assistência social no bairro Dom Bosco que surgiu como braço de ação social da Paróquia de São Mateus e que, posteriormente, assumiu identidade leiga.

¹¹ A *Grounded Theory* é uma teoria indutiva baseada na análise sistemática dos dados, como o segundo [link](#) abaixo tão eficientemente descreve. Ao criticar a dogmática técnica de testes hipotético-dedutivos (HAIG, [quarto link](#)) que eram utilizados como única alternativa metodológica (testar teorias, testar hipóteses), "Glaser and Strauss nos forneceram uma concepção muito mais ampla do que os pesquisadores em Ciências Sociais poderiam e deveriam fazer com seu tempo dedicado à pesquisa". O pesquisador desejoso de trabalhar dentro da metodologia Teoria Fundamentada nos Dados aproxima-se do assunto a ser investigado sem uma teoria a ser testada mas, pelo contrário, com o desejo de entender uma determinada situação e como e porque seus participantes agem de determinada maneira, como e porque determinado fenômeno ou situação se desdobra deste ou daquele modo. Através de métodos variados de coletas de dados, reúne-se um volume de informações sobre o fenômeno observado. Comparando-as, codificando-as, extraindo as regularidades, enfim, seguindo detalhados métodos de extração de sentido destas informações, o pesquisador termina então, nas suas conclusões, com algumas teorias que emergiram desta análise rigorosa e sistemática, razão pela qual a metodologia intitula-se Teoria Fundamentada nos Dados ("*grounded*" = apoiada, fundamentada, sustentada (pelos dados)). Em outras palavras, a(s) Teoria(s) é aquilo com que o pesquisador encerra seu trabalho e não com o que principia. Não é aquilo que vai ser testado (não é o problema) mas aquilo que se conclui depois de uma pesquisa e da análise dos dados dela resultantes.

http://www.levacov.eng.br/marilia/grounded_theory.html

Busquei autores que se permitiram palmilhar caminhos semelhantes de incertezas, e que entendessem o momento atual como liminar e de dissolução de antigos costumes antes que novos possíveis tomem os lugares vazios de lideranças e de direcionamento. Antes que precipitações, ou seja, rearranjos do que já existe em potência, desenhem novas moralidades para novos hábitos sociais. Querendo isso dizer que novas maneiras de ser podem estar em processo de elaboração e uma delas poderá vir à luz nos lugares inesperados e com componentes improváveis, tais como os do Chapadão.

Devo esclarecer a questão de nomeação dos participantes da pesquisa de campo. Muitos deles, encontrados por acaso nas ruas, nos becos, nas casas, enfim, encontrados sem que os contatos tivessem sido programados, não tiveram seus nomes alterados, mas foram simplificados para a primeira sílaba no seu próprio nome, por exemplo, de forma que eu pudesse identificá-los sem muito esforço, mas que não o fossem pelos demais leitores.

Isso porque no início da pesquisa, existia um grupo de jovens agregados em torno do REGGAEBEM¹² junto ao qual projetei o trabalho de campo. Mas quando ele foi desativado, passei a coletar as informações em outras atividades programadas, agendadas e estruturadas juntamente com aquelas que me chegavam de improviso, vindo de onde eu não as esperava, de forma rápida, às vezes, que desapareciam antes que eu me desse conta do acontecido em termos de conteúdo de pesquisa. Explico.

Numa tarde, subia o escadão quando parei para tomar fôlego e fui alcançada por uma senhora com flores na mão e que disse se dirigir à imagem da Santinha¹³. Conversamos informalmente e só depois, quando eu não podia mais alcançá-la, dei-me conta de que o que havia dito durante o rápido encontro que tivemos era muito importante para o entendimento do significado da imagem na vida daquele local.

¹² REGGAEBEM era um grupo de percussão formado por adolescentes que foi o primeiro alvo desta pesquisa, mas que foi desativado ao final do primeiro ano do trabalho de campo o que provocou mudanças importantes na metodologia e na teorização desta pesquisa. OREGAEBEM foi uma dos projetos desenvolvidos no Chapadão ela ABAN, ONG católica ligada à Paróquia de São Mateus.

¹³ Imagem de Nossa Senhora das Graças que é reverenciada pelos moradores, atuais e mesmo os que já não moram mais ali. Os moradores contaram-me que a Santinha não aceita viver sob telhados e que sempre escapa para o ar livre.

Quando, um rapaz me disse que “não estava a fim, não” e não deu outras explicações para não participar de uma atividade de fotografias do lugar, não foi naquele momento que eu elaborei o significado do que havia sido dito.

Se o rapaz do segundo exemplo tem nome e por isso devo tratá-lo por pseudônimo, o mesmo não acontece no primeiro exemplo do qual eu não fiquei sabendo o nome da senhora por ter me esquecido de perguntar-lhe. Depoimento semelhante aos comentários que ouvia de passagem, que pressentia nos detalhes, como, novo exemplo, nos olhos abaixados, nas mãos abandonadas no colo, quando as falas nas reuniões da ABAN/Vida Plena se desenrolavam em pregações religiosas ou mesmo em orientações gerais. As roupas usadas, os modos de receber as pessoas e o tom de voz foram apropriados como informações gerais e não caberia nomear essas pequenas apreciações.

Por outro lado, a estratégia do uso de pseudônimos para os que deram depoimentos reconhecíveis pelos demais ou que disseram coisas que não deveriam ser de domínio público levanta questões relacionadas ao respeito pelos depoentes. Neste caso, mudar os nomes não é suficiente, pois numa pequena comunidade as pessoas são reconhecíveis mesmo sem ter os nomes declinados. Casos, notícias, acontecimentos, linguagem pessoal, testemunho dos amigos presentes durante as entrevistas e outros eventos direcionados a captar denúncias e dados pessoais, são difíceis de serem mascaradas. Fica então um incômodo, resolvido da seguinte maneira.

Os adolescentes¹⁴ mais facilmente identificáveis tiveram seus nomes alterados por pseudônimos e, além do mais alguns dados pessoais foram embaralhados com dados de outros adolescentes de maneira que se os depoimentos são verídicos, sua versão para a publicidade não o são. Todavia, não devem ser avaliados como ficção, pois foram construídos em bases muito concretas e intencionadas à preservação das identidades e proteção contra avaliações diferentes daquelas que a pesquisa proveu como tal.

¹⁴ Não vejo como separar o uso dos conceitos de adolescentes e juventude. Todavia, a palavra *adolescente* será usada para significar a faixa até 18 anos, pois esta faixa etária tem características próprias, relacionadas ao crescimento físico e psicológico e a permanência na escola, o que logo se esvai quando se aproximam dos 18 anos quando então é baixa a frequência à escola.

Os depoimentos obtidos de maneira informal, difíceis de identificação ou que não padece da possibilidade de ser erroneamente interpretado, não tiveram os nomes dos depoentes modificados ou apareceram com as primeiras sílabas dos seus nomes.

Esses cuidados se fizeram necessários uma vez que não trabalhei somente com um grupo fechado, mas com a comunidade inteira, aberta depois que o grupo inicial de pesquisa se desfez. Então, se eu mudar os nomes de todas as pessoas eu não me lembrarei de quem era a pessoa que aparece na pesquisa. Não dá para lembrar todos se eu mudar seus nomes.

O primeiro capítulo narra experiências etnográficas iniciais no Chapadão e tem um caráter descritivo do que me foi dado a perceber numa posição algo distanciada e, nessa posição, muitas situações me pareceram imobilizadas e enredadas em campos teóricos fixados em macro explicações sociológicas, antropológicas e históricas. Mas, o visto e o vivido desconstruíram as generalizações e passaram a ser como altares: um campo de atração do olhar que falam das crenças que se enredam no cotidiano de transformações mundializadas, via tecnologias e mídias, mas também como produto das reformas neoliberais que aconteceram a partir dos anos oitenta e que intensificou sobremaneira a degradação das condições de vida e de socialização. E das práticas ancestrais de interpretação do mundo visível e invisível. Tudo é sentido em rápidas imagens de sobreposição de tempos históricos depuradas em perplexidades e curiosidade sobre como o que se vê chegou a ser assim.

Mesmo que mascaradas ou diluídas em novas formas de religiosidade, ainda foi possível com os moradores mais antigos do bairro estabelecer um diálogo “religioso”, pois ainda existem resquícios de significados comuns nas falas sobre religião. O que se torna difícil no caso de conversas com os mais jovens que não avançaram, muitas vezes, para além de considerações muito banais no discurso direto, surgindo, às vezes, de forma indireta e inesperada.

O segundo capítulo estará direcionado aos jovens e adolescentes e procura uma via mais teórica de compreensão uma vez que o campo é muito difuso e ao mesmo tempo mais envolvente. Diálogos difíceis, existindo inicialmente uma “proteção” ao olhar estrangeiro, e uma restrição das falas, o que não aconteceu na observação das famílias e do próprio bairro, descritos no primeiro capítulo. A

dinâmica das rotinas diárias são intensas e complexas e o “objeto adolescentes” escorre em percepções truncadas no imediatismo dos acontecimentos: nada é o que parece ser e, ao mesmo tempo, existe uma perenidade das condições sociais e culturais, ambos enredados em variáveis históricas e pessoais.

A etnografia procurou trabalhar com métodos de pesquisa que absorvessem o próprio fazer dos jovens, incluindo depoimentos colhidos por eles de vários meios, como os vídeos e áudios produzidos sem a presença da pesquisadora, assim como fotos e depoimentos, pesquisa na internet, e análise da produção musical interna ao bairro. Também usou métodos mais tradicionais como a observação dos ensaios do REGGAEBEM, conversas com os integrantes do grupo de pagode, visitas às famílias e demais instrumentos de compreensão do universo dos jovens. O diálogo teórico contou com autores que também trabalham com jovens, dentro do campo religioso ou não, com as discussões sobre religiosidade na contemporaneidade, assim com as questões relacionadas à urbanização e produção de disparidades sociais.

Mas principalmente o segundo capítulo absorveu as falas de jovens que se diziam sem religião em suas múltiplas variáveis e expandiu essa rubrica aos detalhes de rejeição, abandono, multiplicidade e inversão religiosos.

O terceiro capítulo foi uma inflexão no projeto de pesquisa inicial. Ao longo dos primeiros meses de trabalho de campo, até o final do ano de 2010, não havia encontrado adolescentes que se dispusessem a conversar sobre coisas relacionadas ao campo simbólico em geral, e religioso especificamente. Quando se abordava questões relacionadas, eles arranjavam maneiras de evitar o assunto, pelo esvaziamento da colocação, desvios de sentidos, respostas prontas, não reflexivas. Não queriam falar de religião como se a resguardasse como algo incompreensível. Analogamente às questões de sexualidade. Eles não gostam de falar de suas experiências pessoais.

Então, inesperadamente, comecei a perceber aquilo que não era mais esperado, ou seja, a fala sobre religião dos jovens que demoraram a manifestar sua crença e quando o fizeram foi de uma forma meio envergonhada, displicente e indolente. A religiosidade deles surgiu primeiramente de forma fraca como se as religiões fossem supérfluas e situadas nos campos das magias e dos sortilégios.

Ao redor dessa religiosidade pouco expressiva despontaram questões de convivência, que foram aproveitadas para focar as relações entre os jovens e os espaços de entorno, e como são vistos pelos vizinhos. Assinala algumas incoerências advindas do olhar preconceituoso sobre os jovens do bairro Dom Bosco na perspectiva religiosa, ou seja, como os adolescentes veem as igrejas e como são vistos por elas. Afinal, como a religião “habita”¹⁵ o mundo adolescente?

Capítulo 1

¹⁵ No sentido tomado por Mafra (2006, p. 207) que diz que “O habitar [do latim habitare] se refere a esta medida primordial, que fala da medida com que o homem se quer medir”.

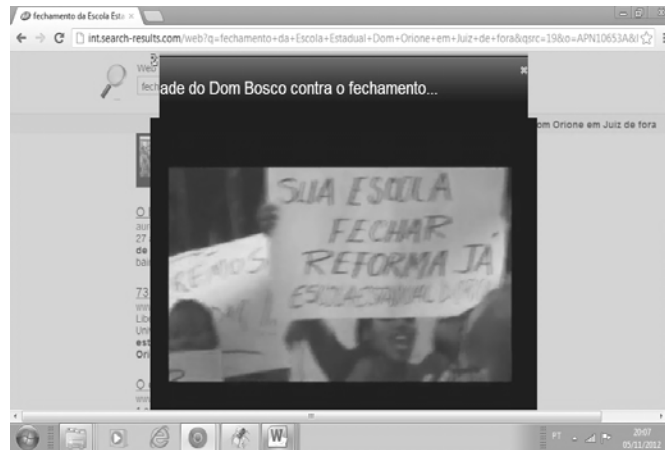
DIRECIONADORES DO OLHAR

A cobiça sobre um espaço¹⁶ popular

Quando a escola estadual Dom Orione foi fechada, e ela era a escola da comunidade, alguns os moradores do Chapadão não deram muito importância ao fato, tanto estava a escola deteriorada material e pedagogicamente: prédio parcialmente destruído, sujo, escuro, banheiros sem porta, merenda escassa, professores desorientados com a ameaça de encerramento das atividades, enfim concretizada, e alunos desmotivados. O longo tempo de sua progressiva destruição pulverizou as possíveis resistências e transferiu aos próprios alunos, suas famílias e comunidade a responsabilidade pelo baixo número de matrículas, pela acentuada evasão escolar, baixo rendimento, pela violência, pelas condições físicas do prédio, e muito mais. Os poucos alunos que ainda existiam na escola foram alocados em outras instituições educacionais, ou ficaram fora da escola. A comunidade não reagiu, ou reagiu muito fracamente, não persistindo na luta e nem querendo reabertura da escola nas mesmas condições de quando foi fechada.

Não somente fechou-se a escola, mas também o campo de futebol – ponto de encontro, de lazer e relacionamentos mais intensos – foi desativado e passou a ser área do jardim de acesso a um shopping center, local agora higienizado e embelezado pela ausência de pobres em sua área de visão imediata.

¹⁶ A noção de espaço se refere ao “entendimento da identidade do lugar como sendo construída através de relações com outras partes: ‘um sentido global de lugar’” (MASSEY, 1994).



A alternativa do uso dos gramados da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), área contígua ao bairro, para práticas de lazer foi bastante restringida e um pequeno pedaço no qual ainda se viam crianças jogando bola, ao lado de um dos acessos para o bairro, ali se construiu uma unidade do Corpo de Bombeiros. A mina d'água, desafio para o não pagamento da tarifa de fornecimento de água, agora está atrás da cerca da obra de expansão do Hospital Monte Sinai, encravado ao pé do morro “Agora, a água da bica é pouca, fraquinha e a gente não tem mais onde estender a roupa. E está perigoso porque a gente fica aqui escondida”. (Maria Laura, 39 anos, moradora antiga)

Não se pode aplicar ao bairro o conceito simples de favela enquanto concentração de pessoas às quais o Estado está ausente¹⁷. Não é este o caso. Nele existem serviços de transporte, posto de saúde, serviço de distribuição de água, luz e telefone, coleta de lixo, ruas asfaltadas, escolas mais ou menos próximas, etc. Mas todo o serviço oferecido é de baixa qualidade. Os ônibus só alcançam as ruas mais baixas; a água, nem todos podem pagar, assim como o fornecimento de luz e de telefone; o posto de saúde não satisfaz as demandas em número de consultas e qualidade de atendimento; coleta de lixo não é suficiente para manter o bairro limpo. E assim por diante. Mas os moradores também não reclamam destes precários serviços.

¹⁷ Mike Davis (2006) diz que por muito tempo as definições clássicas do final do século XIX de favela as caracterizavam “por um amálgama de habitações dilapidadas, excesso de população, doença, pobreza e vício” e como “área de becos e ruelas sujas, principalmente quando habitadas por uma população miserável e criminosa”. Continua ele dizendo que apesar de se terem descartadas essas calúnias vitorianas a definição clássica de favela é mantida como excesso de população, habitações pobres ou informais, acesso inadequado a água potável e condições sanitárias e insegurança da posse da moradia” (2006, pp 33)



Morro dos Cabritos (foto da autora)

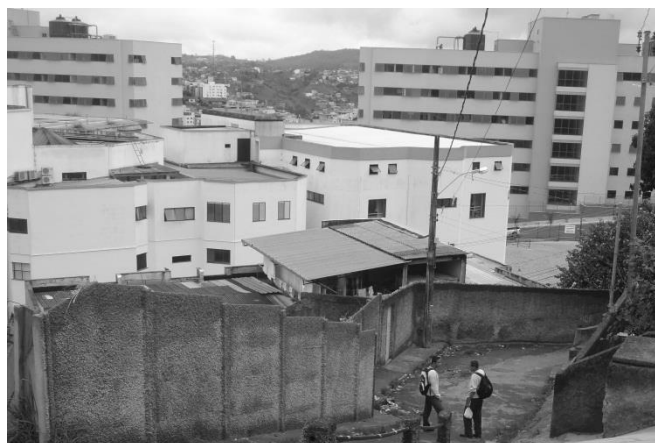
A arquitetura das casas desvela as dinâmicas improvisadas de construção e a urgência das ocupações: quase todas inacabadas, num esforço de aproveitamento dos espaços e de materiais: uma parede de limite serve de base aos cômodos de outra moradia, um buraco a guisa de porta; labirintos sem luz e pouco ar, degraus inesperados, janelas fechadas com madeira quando os vidros se quebram; pisos superpostos, equilíbrios conseguidos improvisadamente. Os becos merecem atenção: abrem-se magicamente entre duas casas, seguem desníveis sem degraus e sem corrimão, captam água de chuva e das lavações de roupas que cava neles os côncavos e os convexos, os veios de umidade e as margens de lixo. E, no entanto, é grande o número de pedreiros e serventes entre os profissionais do bairro, segundo as fichas cadastrais das famílias que participam das atividades da Associação dos Amigos (ABAN), organização não governamental que atua no bairro.



Casa no Morro dos Cabritos (foto da autora)

Desde a década de 1960 vem ocorrendo mudanças nas fronteiras geográficas do bairro no sentido de encolhimento do território pela expulsão dos moradores pela compra dos terrenos nas regiões de expansão imobiliária e fragilizando as redes de solidariedade quando ocorre o afastamento dos moradores mais antigos. O bairro está, progressiva e incessantemente, sendo invadido, inserido num processo ao qual se dá o nome de gentrificação¹⁸.

O primeiro grande lance dessa invasão foi a construção do campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, inaugurado em 1968, que limitou a fronteira ao norte com prédios e jardins; depois, a leste, com a construção da Avenida Presidente Itamar Franco, antiga Avenida Independência, inaugurada em 1983. Progressivamente, seguiu-se a implantação do bairro de classe média Cascatinha e a construção do Hospital Monte Sinai, dentro do bairro.



As construções após o muro, com exceção do telhado próximo, são do Hospital Monte Sinai

Perdas e perdas de seu território até chegarmos recentemente (2008) à inauguração do shopping center que é, assim como o hospital, espaços mais ou menos vetados aos moradores. Processo normal de especulação imobiliária dos tempos atuais, mas qual o sentimento que perpassa a comunidade do bairro frente a tantas perdas? É por introjetar esta sensação de perda constante que muitas pessoas do bairro não investem na permanência, na melhoria e na fixação de endereço?

¹⁸ O que está acontecendo no bairro foi alvo de uma pesquisa publicada da Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais da Universidade de Barcelona, vol. XIV, nº 331(97), agosto de 2010, de autoria de Maria Lucia Pires Menezes e de Gabriel Lima Monteiro, professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora sob o título *O espaço fora do lugar: uma análise do processo de gentrificação do Bairro Dom Bosco e seus impactos para a comunidade local*

O bairro ainda perde terrenos e moradores nos desabamentos costumeiros nas épocas de chuva. Em janeiro de 2011, a rua que separa o Chapadão do Hospital Monte Sinai foi interditada pelo perigo de queda de um edifício que abrigava sete famílias que tiveram de deixar suas casas. Muitos terrenos não têm registro de propriedade e inúmeras famílias moram em casas emprestadas por entidades religiosas católicas. Tudo ali é muito instável para os mais pobres e não é somente pela aceleração do tempo pós-moderno, mas pela privação da capacidade de planejar e viver esse planejamento num prazo mesmo que exíguo.

Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um *projeto de vida* e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que *coisa* se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, *quem* se será. Em suma, a perspectiva biográfica à qual remete o diferimento das recompensas implica a presença de um horizonte temporal estendido, uma grande capacidade de autocontrole, uma conduta de vida para a qual a programação do tempo se torna crucial. O tempo cotidiano é cuidadosamente investido e desfrutado de modo análogo ao dinheiro; é programado, e seu uso, racionalizado. (Leccardi, 2006, p 36)

O Chapadão é uma das partes do bairro onde a dificuldade de planejar se mostra mais aguda. Ali se concentram pessoas pobres, de baixa escolaridade, de migrantes nordestinos e do meio rural de entorno da cidade de Juiz de Fora. Foi esse encontro de multiplicidades de origem, de motivações, de privações e de formas diversificadas de sobrevivência que trouxe para esta parte do bairro o foco desta pesquisa. Através dela podemos vislumbrar os paradoxos supostos de um enclave de pessoas num território bastante cobiçado pelo valor imobiliário dos terrenos, e que também é alvo de uma campanha de “higienização” e embelezamento dos arredores de instituições e de bairros de classe média e alta.

Os jovens da comunidade se ressentem principalmente da falta de campo para os jogos de bola. Em várias oportunidades eles se referiram a isso dizendo que o campo que a Prefeitura de Juiz de Fora lhes oferece em substituição ao que lhes foi tomado pela construção do shopping está muito longe e o piso é ruim, irregular, que eles se machucam muito e que aparecem muitas pessoas querendo briga (não esquecer a existência de gangues no bairro). Daí que os raros espaços planos no bairro se transformaram em campo de peladas, e o dia todo, todos os dias. Só não tem jogo quando a bola, ou o que resta dela, ou algo que a substitua, se findou. O barulho que fazem é intenso e os moradores convivem com o barulho, parcialmente

satisfeitos, uma vez que reclamar supõe confusão acima do suportável, pois se misturam os jogadores e são frequentes nos jogos aqueles personagens temidos pela própria comunidade.



Esse espaço vazio em frente ao Shopping Independência era o campo de futebol do bairro

Cruzo esse bairro há muitos anos, pois faz parte do trajeto até minha casa. Nesse trânsito, aos poucos, o bairro foi ocupando meu pensamento porque ele sugeria uma marca das mudanças ocorridas nos processos históricos tanto de urbanização e da especulação imobiliária, como do afastamento e circunscrição de população indesejável e desnecessária ao desenvolvimento econômico e social da cidade de Juiz de Fora. Aos poucos fui recolhendo informações¹⁹, sobre o bairro e fiquei sabendo que era um dos mais antigos desta cidade; que havia sido inicialmente um quilombo e lugar de abrigo para ex-escravos; que a comunicação com o centro foi muito precária por muito tempo assim como as estruturas sanitárias e as de saúde; que era (e é) visto como um bairro violento, com uma parte muito pobre, a sua parte do alto, pois tem também uma parte mais baixa que não é tão temida, e que era “lugar de bandido e de ladrões”, principalmente.

Aprendi a identificar as pessoas dali quando estavam no mesmo ônibus que eu e a sentir o sacrifício das mães levando seus filhos e seus idosos para o centro da cidade, alguns deficientes, andando com dificuldade. Vi também o bairro ser destituído de alguns de seus lugares de lazer, de educação e de serviços: seu campo de futebol foi vendido, sua escola foi fechada e sua bica foi sendo cercada por construções, seu espaço reduzido por estradas, novos bairros, comércio e o hospital.

Pela sua proximidade com minha casa, pelo fato de ter sido, antes do fechamento, supervisora regional de sua escola, pela vontade de entender como

¹⁹ Foram anos recolhendo informações esparsas de fontes diversas: nos documentos e nos depoimentos originados na Escola Estadual Dom Orione (onde eu era supervisora regional), em conversas com os moradores nos ônibus e nas relações sociais com eles em outros espaços, como no trabalho, nos cursos realizados, etc.

sobreviver em situações indignas e também como entender as relações mantidas e as criadas pelas novas configurações espaciais, escolhi este bairro para ser estudado pelo crivo da religiosidade quando apresentei meu projeto de pesquisa para o doutorado em Ciência da Religião/UFJF na pressuposição de que uma *população que convive no enovelamento de inúmeras variáveis de transformações poderia oferecer alternativas para se pensar a religiosidade popular sob tais impactos*, concernentes à sociedade atual, mas que estão sendo gestados durante um longo processo histórico de inversão das normas e dos valores desta mesma sociedade. *A religião/religiosidade dos adolescentes é o enigma a ser desvendado, indicativo mais forte das imprevistas interações sociais e culturais.*

O nome do bairro, Dom Bosco, recobre outras denominações locais e os moradores chamam de Chapadão, Morro dos Cabritos e Grota alguns endereços de conhecimento interno. De maneira mais direta, focalizei esta pesquisa na área do Chapadão.

Nesta região do bairro predominam construções inacabadas e precárias no que diz respeito à segurança contra desabamentos e à qualidade de vida. Mas elas são diferentes entre si: na mesma rua e às vezes no mesmo beco (a quantidade deles é muito grande), pessoas sem renda fixa e sem qualquer ganho persistente mantêm padrões de vida muito diferentes: algumas casas mesmo pobres são limpas e acolhedoras; em outras, o que se vê é a degradação total do espaço: lixo, dentro e fora de casa, escuridão, vasilhas sujas, objetos de sucata espalhados, cheiros fortíssimos. Quase sempre coexiste a degradação física do espaço com a degradação pessoal dessas pessoas que, nesses casos, são muito frágeis no desejo de mudança, parecendo, à primeira vista, que não estão incomodadas pela sua situação material.

Até que se compreenda como as amarras históricas, sociais e pessoais imobilizam as ações de reação e o conformismo possa ser compreendido como estratégia de sobrevivência pela sensibilização do olhar do outro e consequente assistência material.



O que está acontecendo ali em termos de especulação imobiliária e higienização social é semelhante ao que acontece em muitos outros locais do planeta e descrito com maestria por muitos estudiosos em escritos, documentários, filmes e fotografias. Na escala dos temas mundiais, o deslocamento de populações pobres em benefício da construção de empreendimentos imobiliários para os ricos é comum em várias partes do mundo. Mike Davis (2006) no livro *Planeta Favela* estudou “os motores impiedosos da especulação imobiliária, da renovação urbana e do “embelezamento” [que] expulsam milhões de moradores pobres da cidade para a desesperança do vale das sombras dos arrabaldes periféricos”. Para o autor, a faixa vital de terra gratuita ou barata nos arredores das cidades do Terceiro Mundo, existentes até trinta anos atrás, quase não existem mais: “os sem-teto de hoje precisam apostar a vida em um jogo de azar contra desastres inevitáveis em encostas precárias, planície sujeitas às inundações ou terrenos próximos depósito de lixo” (2006,36).

Impactos semelhantes causam cenas de filmes como “O Jardineiro Fiel” (2005), “Quem quer ser um Milionário” (2008) e “Cidade de Deus” (2002), com cenas em favela do Quênia, de Mumbaim e do Rio de Janeiro, pelo efeito de similaridade com alguns ambientes também encontrados no bairro Dom Bosco. Nada tão sério como nos filmes e nos livros em extensão e intensidade, todavia a situação de quase segregação e de cobiça territorial do bairro está inserida na mesma lógica de assimetria social com desqualificação da população da base da pirâmide econômica. Michel Agier (2005) escreve sobre o bairro da Liberdade, em Salvador-BA e as descrições que faz das moradias e mesmo das pessoas nos remete imediatamente a Dom Bosco. Apesar de o bairro estudado por Agier se situar numa superfície plana e Dom Bosco estar situado num terreno e acentuada declividade, não estando o da Bahia sujeito aos desmoronamentos constantes daqui. Para Mafra (s/d), a fixação do morador no morro depende do investimento de cada um em uma postura de negociação, na sua adesão a certo acordo de fundo de que todos os âmbitos da vida estão permanentemente submetidos à reavaliação (s/d, 210).



Encosta do bairro Dom Bosco, Juiz de Fora – MG.

Fonte: http://i522.photobucket.com/albums/w347/fly_jf2/PA270001_01.jpg

Justificativas centradas na demonização²⁰ desta parcela da população urbana e na criminalização dos pobres reiteram a ausência de políticas públicas reparativas, e retornam para a própria população a solução dos seus problemas e livram a sociedade de responsabilidades para com eles. Justificam também a não compensação pela perda de qualidade de vida e pelas restrições aos projetos de futuro mais longínquo e às oportunidades presentes de vida digna.

Com o espaço territorial em processo de constrição, sem passado, em razão da ruptura das práticas de transmissões orais que cabiam aos mais idosos, hoje desacreditados, e pela alta rotatividade de muitos moradores. E sem futuro projetado, o presente fica também fluido, à mercê dos acontecimentos²¹. Nessa situação as religiões perderam algumas das condições anteriores de eixos de sociabilidade e de sustentação moral e normativa da comunidade, as práticas coletivas perdem a atratividade e consistência e as crenças são dispositivos de relaxamento e indeterminação subjetiva. *Se Deus me ajudar!*

Nesse sentido, o conteúdo doutrinário/institucional das religiões tradicionais tende a se moldar às necessidades imediatas dos acontecimentos que se abstraem de

²⁰ Tema discutido por René Girard (1990) como nessa citação: “a função essencial da guerra estrangeira e dos ritos mais ou menos espetaculares que podem acompanhá-la consiste em preservar o equilíbrio e a tranquilidade das comunidades essenciais, afastando a necessidade de uma violência necessariamente mais instintiva que a violência abertamente discutida, recomendada e praticada”. (1990,351)

²¹ Lecardi (2005): “Se o futuro que a primeira modernidade observava era o *futuro aberto*, o futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e indeterminável*, governado pelo risco”. O que se agudiza fortemente frente às tendências da juventude atual de viver à mercê dos acontecimentos.

reflexões e interpretações religiosas e assumem uma forma de “transferência” para o “não pensar” as situações em suas múltiplas implicações de planejamento e execução individual e coletivo. É marca, portanto, de hipolucidez, como nos fala Piette (2009)

É menos pelo conteúdo religioso do enunciado que pela inverossimilhança que se supõe que o homem aprende a relaxar... a fim de mantê-lo. Porque o conteúdo religioso, que gera um novo modo menor de vida humana é em si uma forma de conforto que encorajou e o confronta muito rapidamente perante a necessidade de sua estabilidade, fixação e transmissão. E, em seguida, tudo vai mudar. Sobrevém de fato o risco de fixar, portanto, de absolutizar, de esquecer que era apenas uma crença a um conteúdo improvável. ... desde que o homem apenas tinha aprendido a suspender, a narrar, pois a esquecer. O relaxamento cognitivo que gerou o ato de acreditar volta-se contra ele, pois a ajuda a aceitar a hipolucidez. E, assim, a crença como ato de simplesmente acreditar permite o escorregamento da crença em certeza, esquecendo-se, assim, da origem. A apresentação de um conteúdo para os outros como uma certeza, sua absolutização e sua aceitação como tal bem supõe esquecer e não pensar que se trata de um enunciado arbitrário, entre outros. A crença como atitude cognitiva de introduzir uma reserva permite a construção e a recepção de propostas sob um fundo de esquecimento que nada mais são que as crenças.

Nesse espaço atormentado e instável a religião católica vai perdendo suas prerrogativas de organização da sociedade ainda mais se pensarmos de que alguma maneira é cúmplice da espoliação imobiliária e da higienização do território uma vez que muitos terrenos são de sua propriedade e as igrejas evangélicas não ocupam o vácuo moral e religioso. Espaço cobiçado e espaço abandonado. Abandonado por ser cobiçado.

Os moradores

Quando comecei o trabalho de campo desta pesquisa, em maio de 2010, as escolas municipais e estaduais estavam em greve havia mais de um mês. Pensei que era por isso a efervescência das ruas, não tendo os estudantes muitas opções de espaço para encontros. Todavia, nas demais visitas, pela manhã, à tarde ou mesmo à noite, sempre existem mais pessoas nas ruas do que nos outros bairros residenciais conhecidos. Quando conheci o interior das casas compreendi que a rua não é somente o espaço público, mas também fuga de ambientes hostis. As casas são

muito pequenas, e nelas se torna difícil acolher amigos principalmente entre os adolescentes que vivem em bandos: não existindo clubes, escolas, campos de esportes, cercados e “proibidos” de circular mesmo pelos espaços públicos do seu entorno, nos quais são no mínimo indesejados, aos adolescentes e aos demais, resta a rua.

Alguns depoimentos colhidos também reforçam o uso das ruas como espaço privilegiado de encontros. Mesmo porque, no bairro, as esferas domésticas e públicas se confundem, não existindo, parece, uma vida propriamente privada – todos sabem tudo sobre a vida dos outros, inclusive o que os outros pensam de cada um. Marta²² me disse, quando numa das visitas às famílias comentei a amabilidade das pessoas, que *isso era só conversa e que o que havia era muita fofoca*²³ e que *não se devia confiar nas pessoas que eram ingratas e covardes*.

Daria para pensar, naquele momento e em posteriores, que as redes de solidariedade características dos conceitos românticos de favela²⁴, estariam comprometidas não remetendo mais às formas de vizinhança como “família estendida”, mas a zonas de conflitos e de isolamento estratégico. Marta me disse que *os problemas de relacionamento entre as famílias são quase sempre por causa dos filhos e de se pedir coisas emprestadas e não devolver; ou então por conta do comportamento sexual e assédio aos maridos e filhos (as)*: em suma, nada de muito diferente de outras comunidades, mas ali essa situação é mais desgastante porque mina o pouco de energia comum instaladas nas relações entre pessoas. As pessoas ficam mais pobres ainda quando sozinhas.

As relações familiares ali se confundem e se modelam nas mais variadas configurações²⁵. Também isso não é diferente das famílias de camadas populares fora dali, e acenam para estruturas familiares muito fluidas (no sentido mesmo

²² Nome fictício

²³ Cláudia Fonseca (2004) estudou as relações entre pessoas pobres na perspectiva das fofocas e do conceito de honra

²⁴ Cf Mike Davis (2006, pp 30)

²⁵ Cláudia Fonseca (2005) procurando uma definição operacional da vida familiar que desse conta de leque de possibilidades de arranjos familiares nas camadas populares, prefere falar de dinâmicas e relações familiares, antes do que de um modelo ou unidade familiar. “Assim, definimos o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo)” (2005,54).

etimológico, quando tomam formas não predeterminadas e instáveis), mas coerentes com as lógicas internas de condutas contingentes e desvinculadas de projetos de futuro²⁶.

Chama atenção o apagamento da figura masculina nas tarefas mais prosaicas de sustentação material e moral da família, não sendo dispensáveis, todavia, enquanto detentora de um poder simbólico: as mulheres se sentem muito desamparadas quando, além de assumir as tarefas de provedora, não encontram refúgio na presença masculina ou pior ainda, quando têm que apelar na justiça para a ajuda no sustento dos filhos, quando os companheiros saem de casa (o valor da pensão alimentícia gira em torno de \$R 70,00). Nesse caso, os pais se afastam mais ainda dos filhos que passam a ser vistos como ameaça de prisão pelo possível não pagamento da pensão (estando ou não empregados).

Então os filhos, bebês ainda, são motivos de disputas fixando ainda mais a centralidade difusa do papel da mãe e o afastamento dos pais na educação deles. Uma situação que acompanhei diz respeito à escolha de padrinhos para o batizado de um menininho. Durante a gravidez, os pais viviam juntos e os padrinhos foram escolhidos em comum. Separaram-se antes do parto e os padrinhos antes escolhidos não eram mais desejados pela mãe, pois pertenciam mais fortemente à rede de amizades do pai. Como os padrinhos escolhidos já tinham conhecimento do convite criou-se uma situação de constrangimento, mas prevaleceu a vontade da mãe, mesmo que ela tenha escondido do pai a data do batizado e o local do batizado (que não aconteceria no bairro), temendo confusão na igreja.

Essas disputas acentuam as ausências paternas e fragilizam ainda mais as mulheres e seus filhos que buscam a sua sustentação familiar numa rede de parentescos biológicos e não biológicos, por afinidades e compadrios, que tem algumas regras e rituais a serem cumpridos, sob pena de substituição e/ou solidão e desamparo. É, por exemplo, motivo de crítica o descuido com os filhos pequenos: *Ela não cuida nem dos pequenos!* Percebi que as crianças cujas mães não são cuidadosas são deixadas de lado, como se não adiantasse ajudar. A mãe, então, é mais controlada pela fofoca, sempre presente. Poderia parecer que é um sistema

²⁶ Cf. Meluci (2007, 35).

matrifocal ou matrivocal, mas existe um segmento de mais poder: são os filhos, principalmente adolescentes, mas também os que são alvo de disputas entre os pais.

Não que não existam outros focos de empoderamento e hierarquias locais. Os maridos e companheiros continuam, apesar de diminuídos em algumas funções, colocados num patamar superior; a avó também tem alguns privilégios, pois muitas são sustento das famílias por receberem escassa aposentaria e por manter uma base local de recursos materiais e de disponibilidade para complementar as carências pessoais e sociais. São elas que dão abrigo, substituem creches, marcam consulta, levam crianças para escolas e consultas, são enfim muito ativas na comunidade, mas, todavia, sempre numa situação de subalternidade²⁷ moral, sujeita às normas e regras engendradas por outras pessoas que não elas próprias. Cuidam das crianças, compram alimentos, pagam aluguel, fornecem água, luz para as demais casas do seu terreno, mas estão sujeitas às interpelações desabonadoras, principalmente por parte dos mais jovens: existe aí uma tensão entre o uso coletivo dos seus poucos recursos materiais e o apagamento de sua figura na orientação do grupo. Complementam mas não substituem nem conseguem alterar as tendências de suas famílias.

Nessas redes de sociabilidade, são as avós, no meu entender, os elos mais frágeis, por já estarem com a saúde comprometida. O número de avós diabéticas e hipertensas é grande, dependendo muitas vezes de auxílio para compra de medicamentos, pois sua renda não permite o cuidado com a saúde. O caso de Maria pode ser tomado genericamente para pontuar as reflexões acima: ela tem 54 anos, analfabeta, muito magra, diabética com crises de descompensação, mora com uma filha que tem três filhos e mais outra filha que é deficiente física e tem vinte anos, mas só balbucia e não consegue nem comer sozinha. Maria leva a filha doente à escola (APAE), à fisioterapia e cuida dos três netos; sua casa é uma das mais miseráveis das visitadas, com nível baixíssimo de higiene. Na primeira visita, tive dificuldade de conversar com ela, porque aquele ambiente me incomodou muito, eu não sabia o que dizer, e me interrogava qual o papel que eu estava fazendo ali. Não tinha nada a oferecer-lhe, a não ser procurar confortá-la com palavras ridículas.

²⁷ Subalternidade no sentido dado por Spivak (2010,67) é a situação dos que estão alijados do poder por não ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois este sujeito é irredutivelmente heterogêneo, não pode ser representado e sobrevive no silenciamento.

Mas ela não estava querendo conforto de palavras. Com simplicidade, expôs seus problemas e aventou soluções, afirmando que algumas providências estavam sendo tomadas: as crianças iriam no, próximo semestre, isto foi no primeiro semestre de 2010, para a escola e só o pequeno ficaria em casa.

Retornei algumas vezes à sua casa. Uma delas foi para fotografar seus netos para o mês das crianças e ali fui positivamente surpreendida pela forma como as três crianças se relacionam: o pequeno, de cerca de um ano é constantemente carregado pelo de cinco anos para todo lado que vai e avó disse que ele também cuida da irmã de quatro anos.

Abro um hiato aqui para transpor as observações feitas durante as sessões de fotos das crianças: não só no caso acima, mas as crianças – primos, irmãos (menos filhos, no caso dos homens separados de suas famílias) são exibidos com carinho e orgulho e em geral são bem cuidados, nem sempre limpas, é verdade, mas não vi criança doente ou subnutrida nas famílias visitadas.

Retornando à casa de Maria, no final do ano, ela estava mais descansada, com os netos na escola e creche para o pequeno. Mesmo assim, sua saúde continuava abalada. Uma pessoa muito calma, delicada, privada das condições básicas de uma vida digna, imobilizada pelas teias de uma pobreza das quais dificilmente poderá se livrar.

A esse respeito, a observação do papel de Marta e Lúcia²⁸ enquanto avós nos encaminham para esta esfera de poder não reconhecido, de dar continuamente sem resolver os problemas dos filhos e netos. Marta toma conta de um neto de dois anos. Até pouco tempo a filha morava com ela e tomar conta do menino não alterava muito suas atividades – ele ia com ela para todos os lugares inclusive quando exercia algum trabalho remunerado ali mesmo no bairro (não tem renda fixa). Ela se locomove com dificuldade, pois sua perna foi quebrada num atropelamento e não voltou ao normal. Sua filha mudou do bairro e Marta, mesmo com dificuldade de locomoção, vai cuidar do neto e na casa da filha não tem nem cobertor para ela quando lá pernoita para a filha, que trabalha numa padaria, estar muito cedo no serviço. O fato de ter abandonado suas poucas fontes de renda e ter pedido com isso a cesta de alimentos que recebia não conta, e ela sofre física e pecuniariamente, mas

²⁸ Nomes fictícios

continua cuidar do neto, não tendo oportunidade nem de procurar assistência médica para amenizar suas dores. Posteriormente, deixou de sair para cuidar do neto e sua filha retornou para a sua casa no bairro, novamente grávida.

Lúcia também não consegue amenizar as dificuldades de sua família a não ser de uma forma muito pontual. Como no terreno, que pertence a ela e ao irmão, residem três famílias, as tarifas de água e de luz eram divididas, mas com o não pagamento, as duas casas que não a dela vivem sem aqueles serviços. Sua casa é limpa e clara, mas as outras, não são: a casa de sua filha é muito escura e mal cheirosa, assim como a casa de sua cunhada.

Mas, o grande ordenador das ações, conflitos, desassossego e desesperança são os filhos (e netos quando estão sob a responsabilidade das avós). Assim como as avós atuam como um acréscimo de energia no cotidiano de lutas, alguns adolescentes, ao contrário, consomem a pouca energia social existente. As suas ações dão o ritmo e fundamento das rotinas cotidianas e elas nem sempre são compreendidas, pois estão centradas na contingência e na solução dos problemas de sobrevivência material e moral, que os mais velhos, com outros valores, se eximem de aceitar. São os “donos do pedaço”: alguns ligados a pequenos roubos, a brigas, ao baixo desempenho escolar, aos conflitos familiares e de vizinhança, quando muito agitados e inovadores, mas também o são quando estudiosos e cumpridores de suas tarefas escolares e familiares²⁹. Nesses casos a manutenção na escola diminui a renda familiar e isso também é motivo de confusão: alguns pais querem que eles colaborem com as despesas trabalhando além do horário escolar, mas os jovens organizam suas vidas de outra maneira: frequentando ou não a escola, o tempo livre é ocupado com jogos de bola, prioritariamente.

Parênteses: se esta pesquisa não tivesse como foco a religiosidade como caminho de penetração no universo juvenil, bem poderia ter focalizado “a bola”, pois é um dos aspectos mais visíveis do bairro a interação que ela promove, seja entre pares ou entre faixas de idade, entre filiações religiosas e esportivas: eles jogam bola sempre, em qualquer lugar (não existem campos e a rua é a mais usada para isso), salvo quando a bola não tem mais condição de uso e aí eles não têm o

²⁹ Releve-se que o dualismo acima é esquemático e não contrastivo nas esferas do cotidiano: rebeldes na escola, alguns são cuidadosos com os irmãos mais novos e obedientes aos mais velhos, por exemplo. Os predicados são recursivos, alternáveis e interpenetrados.

que fazer com o tempo livre que é amplo pela falta de empregos e de afastamento escolar.

Existe permanentemente uma tensão intergeracional, mesmo que mascarada, com tendência ao favorecimento dos jovens como ordenadores da moralidade grupal. Esta função deveria ser exercida pelas mães, por serem elas, na maior parte, quem supre as necessidades das famílias, mas elas exercem sua autoridade com parcialidade, como se os filhos substituíssem os pais ausentes na manutenção da subalternidade feminina da família mononuclear ocidental. Para além da “feminização da pobreza”³⁰, também uma “juvenilização da pobreza” sem protagonismo, insidiosa, não planejada, muito preocupante quanto ao futuro pela baixa oferta de oportunidades no mundo do trabalho³¹, de inserção na sociedade em geral e pelo “desgaste de uma proposta de mediação social realizada a partir de uma ‘cidade partida’” (Mafra, s/d, 203).

BREVES INFORMES BIOGRÁFICOS DE MORADORAS

Lina

Nasceu em Juiz de Fora em 1968. Contou que ficou sozinha quando sua mãe foi presa por homicídio e que ela já “fez a vida” quando era moça. Então, vivia da rua e “já fez de tudo”. Separada do primeiro marido, mora hoje com os filhos e o

³⁰ Segundo Dagmar Meyer (2005, p. 97) quando se trata de políticas e programas que têm entre seus objetivos a promoção da inclusão social, estas utilizam, frequentemente, uma retórica direcionada ao conjunto dos grupos socialmente marginalizados ou a “todas as mulheres brasileiras” mas suas ações, que assumem um forte caráter normativo, estão dirigidas, sobretudo, a mulheres dos segmentos sociais mais pobres (KLEIN, 2003; DURO, 2002); alguns desses programas incorporam, explicitamente, definições mais abertas e progressistas de família e isso resulta, em parte, da mobilização e da crítica de várias/os estudiosas/os e movimentos sociais. Paradoxalmente, no entanto, um dos efeitos de poder dessa incorporação parece ter sido não só a “naturalização” da ausência do homem-pai nos núcleos familiares mais pobres, mas, sobretudo, sua “des-responsabilização” pela vida dessas crianças, e isso tem se traduzido em dois movimentos distintos: por um lado, no posicionamento do Estado no lugar de autoridade conferido ao pai na família mononuclear moderna; por outro, na sobreposição de uma parte significativa dos deveres até então definidos como “paternos”, sobretudo aqueles vinculados ao provimento do lar, aos já consagrados “deveres maternos” (KLEIN, 2003; DURO, 2002; MEYER, 2004b);

³¹ O artigo de Regina Novaes trata dessa tensão intergeracional relacionada ao mundo do trabalho: “a geração dos pais, mesmo que também atingida pelo fantasma do desemprego, ainda tem muito a aprender sobre o funcionamento desse mundo do trabalho tão complexo e modificado” (2006, 109)

companheiro que faz biscates como motorista em alguns fins de semana. Não trabalha e vive de doações.

Em 2010, seus dois filhos mais velhos, do primeiro casamento, viviam na mesma casa, mas em cômodo separado. Sua filha mais nova de quatro anos, não vivia com ela, mas com a tia na casa logo abaixo da sua, no mesmo terreno. Depois, retornou para a casa da mãe, pois esta alegou que a tia estava machucando a menina. Portanto, quando comecei esta pesquisa morava com ela somente a filha de doze anos.

A casa é muito pobre, com condições precárias: o terreno tem forte desnível e a descida para as casas (dela e do tio, mais abaixo) é muito íngreme, sem proteção e com um cachorro que impede o acesso sem que haja ajuda para contê-lo; entrada muito suja, vasilhas com resto de alimentos boiando em água de chuva, muito lixo acumulado; no interior da casa, escuridão, chão de terra, ou muito sujo que não se percebe o piso; num só cômodo, pequeno, com a janela obstruída por papelão, depois ligeiramente afastado, uma cama de casal e uma de solteiro, fogão, armário, móveis, muita tralha, muita sujeira. Cheiro sufocante de roupa molhada, inquietante. Televisão ligada.

Fui bem recebida. Lina nem deu mostra de perceber meu constrangimento com tanta bagunça e falou de suas dificuldades por ser doente “dos nervos” e que já esteve internada diversas vezes e não consegue trabalhar por conta da medicação “pesada”. Ela é filha de Dona Lúcia que mora na casa de cima, rente à rua.

Cursou até a 4ª série, e disse ter problemas mentais e que o uso de medicamentos a impedia de trabalhar. Em alguns meses seu companheiro consegue receber cerca de R\$400,00 por mês fazendo bicos como motoristas nos fins de semana. Disseram-me que Lina tem também histórico de roubos e que já foi presa por isso, mas ela não me relatou esse fato. Alega ter dupla personalidade e ser epiléptica e por isso já foi internada oito vezes. É fumante. Sua filha de 11 anos tem dificuldade na escola, relata ter depressão e toma remédios receitados para a mãe. A outra filha (não completou o segundo grau de escolaridade) não trabalhava quando fiz a primeira entrevista, mas depois trabalhou na cozinha da ABAN e também disse, na última vez que a vi, que era auxiliar de cozinha num restaurante no centro

da cidade. O filho cursou até a 5ª série e atualmente, como na época da primeira visita, vive de biscates. Hoje é usuário de drogas.

Lina, numa segunda visita que fiz a sua casa, falou-me muito sobre as religiões do bairro, sendo que seu tio que mora na casa de baixo participa de um grupo de folias de reis. Disse que é católica e gosta de rezar no livro do Padre Marcelo e que também gosta de assistir as missas celebradas por ele nas manhãs de domingo.

Dentre as inúmeras maneiras de ser pobre no Chapadão a de Lina é uma das mais imobilizadoras: não busca mudança para não perder o poder da performance vitimária exibindo sua miséria como instrumento de captação de doações materiais e de aceitação social, de acordo com apreciações feitas sobre Lina no grupo de mulheres, nem sempre generosas entre si. Não cabem juízos de valor na pesquisa etnográfica, bem sei. Mas não estou julgando Lina, mas sim descrevendo de forma indireta suas emoções e os meios de negociação e de afirmação de identidade. Ela disse que é pobre, mas *sou temente a Deus*.

Diz ser católica, mas não foi batizada nem participou dos demais sacramentos. Mesmo assim não se constrange em se dizer católica. O catolicismo é uma religião bastante flexível³² em alguns pontos e nela alguém pode ser, não sendo; e não ser, sendo. Não sendo batizada, ela não poderia se dizer católica, assim como muitos que cumpriram os sacramentos, mas não se desligaram do catolicismo e frequentam outras religiões. Mesmo assim afirmam ser católicos quando perguntados sobre sua filiação religiosa. Como se faz para se desfiliar a não ser por excomunhão, processo de punição, e não de escolha pessoal?

Celeste

³² Os resultados do Censo Demográfico (IBGE/2010) aponta essa face flexível da Igreja Católica. A diminuição do número de fiéis pode significar pertencimento a outras religiões sem que haja abandono definitivo da fé de origem, flexibilidade não permitida nos itens de resposta direto aos questionários de pesquisa.

A casa de Celeste é muito ruim: abre-se para um beco, pouco arejada e com mau cheiro. No entanto, nela encontrei uma pessoa interessante, sensível e delicada, honesta e solidária. Para entender essa situação de contrastes é preciso conhecer a história da sua casa.

Ela faz parte da moradia de sua família materna, sendo um “puxadinho” construído precariamente para abrigá-la e ao primeiro filho quando retornou à sua casa após a morte do marido. Casou-se novamente e teve outro filho e separou-se desse segundo casamento. Enquanto esteve casada a família dela não queria que eles morassem ali, pois não gostavam do marido e por isso a casa não foi terminada. Depois da separação também não se realizaram as obras necessárias porque ela quer sair do bairro: há dez anos se inscreveu em programas do governo de distribuição de casas populares que antes era o projeto Em Casa/Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e agora é o Minha Casa, Minha Vida/Governo Federal. Comprou também um lote em bairro bem distante, mas suspeita-se que foi alvo de algum golpe de venda irregular de terrenos, pois ela não tem nem contrato de compra e venda, mas continua pagando uma pequena parcela todo mês. Ela então não se sente em casa onde mora e para ela aquele endereço é provisório e opressor.

Numa manhã fria de maio de 2010 fui encontrá-la em cima da laje de uma casa vizinha estendendo roupa lavada, pois a sua casa não tem tanque nem área para varais de roupa. Sua porta dá para um beco dos mais movimentados tanto pelo trânsito costumeiro de pessoas durante o dia e como local para uso de drogas e exercícios sexuais à noite. Hoje, os limites entre atividades do dia e da noite se atenuaram e assim viver ali é sempre tumultuado e mesmo perigoso. Celeste contou em reunião que por diversas vezes as brigas no beco derrubaram sua porta de entrada que já nem tem mais fechadura. Para ela, conviver com as confusões é muito ruim porque, diz ela, *os sons das brigas, dos nomes feios e das ameaças invadem qualquer espaço e não dá para educar desse jeito. Quero ir embora daqui.*

Recebe aposentadoria por invalidez no valor de R\$ 545,00, vende latinhas e recebe *dignas*³³ da ABAN, pois ajuda nos serviços gerais de limpeza e de cuidado de pessoas doentes. Seu filho mais velho estava trabalhando de carteira assinada há

³³ Moeda social de circulação interna obtida como pagamento de atividades realizadas pelas famílias assistidas pela ABAN/Vida Plena, tais como participação em cursos de capacitação, manutenção da carteira de vacinação das crianças em dia, participar de reuniões, assistência aos doentes, etc.

aproximadamente três meses em uma obra como servente, e Celeste disse que ele é um bom filho, que não tem vícios, porém não está estudando e é um garoto muito fechado, fala pouco e tem dificuldades de se expressar.

O filho caçula é que lhe traz problemas. Segundo ela ele é hiperativo e faz tratamento com psicólogo, tem dificuldades de aprendizagem e faz reforço escolar semanalmente na Fundação Espírita Alan Kardek³⁴. Precisou mudar de escola, e foi estudar em um bairro muito distante. Ele não dorme nas horas devidas e, diz a mãe, às vezes ela acorda no meio da noite e ele não está em casa ou está procurando algo em cima dos armários, em qualquer lugar. Perambula pelas ruas até de madrugada quando então dorme e não consegue acordar para ir à escola. Por tal motivo, Celeste está tentando fazer o passe livre de ônibus para poder também acompanhá-lo com menos custo todos os dias à escola.

Declarou pertencer à Assembleia de Deus desde os quatorze anos e que nasceu na roça de família católica, que foi batizada e que até tinha feito a primeira comunhão. Mas que depois passou um tempo sem buscar a igreja e que, por fim, passou a frequentar uma igreja evangélica no bairro Santa Efigênia. Os dois filhos são católicos por decisão de cada pai.

Chama atenção em Celeste seu olhar desconfiado, seu sorriso permanente e uma maneira muito particular de falar as coisas mais óbvias. Transparece dela uma ideia de pureza espiritual e de honestidade mesclada com medo e insegurança. Numa reunião com o grupo de mulheres que ocorria às sextas-feiras durante todo ano de 2011, Celeste declarou ter medo de cobras, animal não mais encontrável no bairro.

A declaração desse medo fez parte da discussão de temas estudados nas reuniões, os quais haviam sido escolhidos pelas mulheres, sendo que “medo” era um deles, assim como foi “brigas entre irmãos” e outros mais. O grupo era

³⁴ Fundada em 06 de maio de 1987, por um grupo de amigos e companheiros do ideal espírita. Conhecida popularmente por FEAK, teve como seu primeiro endereço a Rua Dom Pedro II, 167, bairro Mariano Procópio, transferindo-se para sede própria na Rua Itamar Soares de Oliveira, 200, no bairro Cascatinha, em 06 de novembro de 1988. Desenvolve atividades variadas tais como: palestras, grupos de estudos, oficinas de capacitação e treinamento, cursos e atendimento fraterno em diversos horários etc. A FEAK conta atualmente com 538 TVAB – Trabalhadores Voluntários Ativos no Bem – que doam tempo e trabalho em suas diferentes áreas de atuação, cumprindo suas tarefas com assiduidade e disciplina. Acessado em 07 de janeiro

coordenado pela psicóloga Alessandra e eu que procurávamos enriquecer os debates com vídeos, fotos, etc.

Foram momentos ricos em afetos e produtivos em termos de conhecimento. Fomos ao cinema, lugar ainda não visitado por três das sete mulheres do grupo, passeamos nas ruas do centro, tomando sorvete e discutimos os medos, os impasses, as dificuldades que permeiam as relações principalmente em relação aos filhos.

Voltando a Celeste, convém informar que ela é portadora do vírus HIV, faz tratamento constante e não desenvolveu sintomas da doença. Seu filho caçula também faz controle. Ela não fala sobre sua situação de saúde, mas de alguma forma é difícil para ela enfrentar os preconceitos, pois ela evita trabalhar na cozinha e nas oficinas de trabalhos manuais com uso de agulhas e tesouras.

Foi uma das pessoas que me impressionaram positivamente. Um dia encontrei com ela no meio de um grupo de garotos, seu filho caçula entre eles, amarrando as varas das pipas, sentada no passeio da rua; outro dia, ela estava levando um menino à escola, no outro organizava um velório. Comprou uma piscina para o filho menor, mas não teve onde montá-la e ela está guardada em cima do guarda-roupa. Sem lástimas, sempre sorrindo.

Marta

Sua casa, muito pobre e suja, também tem história que é meio confusa e faltando algumas páginas. Mora com dois filhos adolescentes, uma filha e o neto. Tem outra filha e outro neto, mas moram em outro endereço.

Também moram num um “puxadinho”, prolongamento da casa de sua mãe e irmãos. Mas Marta por ser uma pessoa de pouquíssimos recursos intelectuais, deixou-se tutelar por seu irmão mais velho que a (e aos filhos) representa juridicamente junto à previdência e aos órgãos de educação e saúde, inclusive mantendo inacessíveis os documentos pessoais de todos eles, como certidões de nascimento, cartões do INSS, matrículas escolares, etc. Então esse irmão não permite que se façam beneficiamentos na casa que não tem nem vaso sanitário, chuveiro e pia na cozinha. A casa é quase como um buraco na terra sendo que um dos cômodos é atravancado com utensílios desse irmão no qual se acumulam sujeira

e animais transmissores de doenças. A casa também não tem piso, não tem entrada para o sol, a chuva umedece as paredes e as roupas e o cheiro é insuportável. Na cozinha, um fogão sem bujão, os alimentos são preparados em fogareiro improvisado. A situação da casa de Marta é tão complicada que é difícil até melhorá-la de algum jeito, pois ela alega que o irmão não deixaria acontecer qualquer melhoramento.

Mas mais difícil ainda é a história de Marta. Contou-me ela que por volta dos oito anos saiu da escola e não retornou nunca mais, pois a professora chamou-a de burra e por isso ela quase não sabe ler. Era uma das mulheres que até 2011 não conheciam cinema, nem ia ao centro da cidade frequentemente, pois não sabia ler e não conseguia resolver os problemas de localização. Seus dois filhos não estudam e o mais novo esteve envolvido com tráfico de passarinhos e outras coisas ilícitas. Ainda não estão em condição de poder ajudar a mãe a enfrentar o tio.

Com a perna quebrada que não ficou curada após um atropelamento há cerca de oito anos, ela sofre muitas dores e tem dificuldade de caminhar. Mesmo assim cuida dos netos para a filha trabalhar e também colabora nos serviços da ABAN o que lhe rende algo ao final do mês. É comum não ter dinheiro para o gás e então cozinha num fogareiro. Apesar de todos os problemas, Marta é uma pessoa bem alegre. Não reclama de nada, não pede nada. Gosta muito de dançar.

A casa é muito pobre, escura e úmida, mas é própria e o irmão mora no piso superior com entrada independente. Disse que o irmão a maltrata e fica com seu dinheiro, sendo que isto ela me contou em reunião na ABAN. No momento da primeira visita não encontrei seus filhos adolescentes, só a filha, um neto pequeno e o genro. A família foi receptiva, mas as condições de vida são muito precárias. Marta presta serviço na ABAN de onde recebe ajuda por meio de recebimento de dignas.

No dia 8 de junho de 2010, na visita que fizemos à casa de Dona Maura, no meio da nossa conversa, Marta começou a falar de sua vida com relação ao seu irmão. Quando comentei que casa de dona Maura era clara, arejada, batida de sol e que ali até as pessoas deveriam ter boa saúde, Marta, acredito, deve ter comparado a casa em que estávamos com a sua própria que não é nada semelhante à da Maura. Disse então que gostaria que Renato³⁵ a ajudasse a ter uma casa assim para poder se

³⁵ Presidente da ABAN

afastar de onde mora, pois, apesar de a sua casa ser herança da mãe, lá ela é maltratada pelo irmão. Chorou muito e disse que o irmão tira a autoridade dela junto aos filhos. Quando ela se acalmou, retornamos à rua em direção à casa de Celeste que não foi encontrada. Pelo mesmo beco com escadas já percorrido quando visitei outras casas, fomos buscar a residência de outra mãe/avó, na rua acima.

Observo Marta desde então e tenho, na medida do possível, procurado orientá-la para resolver seus problemas. Mas não obtive resultado. Acho que Marta tem depressão e por isso está sem condição de se cuidar sozinha. Não consegui que ela fosse ao posto marcar consulta com psiquiatra e psicólogo, para, com os laudos de atendimento, conseguir reverter a tutela que é do irmão e nem com um ortopedista para ver sua perna. Sua filha mudou-se para um bairro afastado e Marta ia todos os dias tomar conta dos netos, apesar de dificuldade de locomoção, de ter ficado sem a cesta básica, pois parou de trabalhar na ABAN para ir cuidar dos netos e de na casa da filha não ter acomodações para ela, nem cobertor.

No final de julho de 2010, sua filha havia retornado para Dom Bosco e Marta voltou a trabalhar na ABAN. Passaram-se algumas semanas e não parece ter havido mudança na situação de sua família desde que passei acompanhá-la a não ser ter ido ao traumatologista para cuidar das pernas. Não foi ao psiquiatra nem ao psicólogo. Também não teve contato com advogados. Continua a reclamar do irmão. Perguntada sobre a procuração que diz ter passado para seu irmão não se lembra de tê-la assinado e nem do teor. Pode ser que este documento não exista ou que não tenha reconhecimento legal caso não tenha sido registrado em cartório. O irmão também guarda os documentos pessoais da família, inclusive as certidões de nascimento.

O caso da família da Marta é o que se pode perceber como multideterminada e historicamente produzida. Vejamos, por exemplo, a questão da casa: Marta contou que a casa foi doada para a sua mãe por uma religiosa que atuava na Pastoral que deu origem ao local da ABAN hoje. Com a morte da mãe a casa passou para os dez filhos e a ela coube a casa de baixo, as irmãs ficaram com a morada superior e conseguiram reformá-la. O irmão mora com elas. Daí que a propriedade não deve ter sido regularizada e esta situação confusa perdura até hoje. Então percebemos que a condição de pobreza é anterior, pois sua mãe também obteve a casa mediante doação e a situação das casas do bairro deve seguir o mesmo modelo, não são

regularizadas. A família de origem também seria chefiada por mulher, uma vez que Marta em nenhum momento citou o pai.

Situação de pobreza transgeracional, com pouca possibilidade de reversão por este prisma. Não é dada muita importância à educação dos filhos. Quer dizer, pobreza material, falta de educação, de renda, sem perspectiva de mudança, baixa autoestima: Marta é uma pessoa sem autonomia e muito insatisfeita que desloca muito dos seus problemas para o irmão por impossibilidade de assumir a condução de sua vida. Hoje, 2012, tem 43 anos, é católica, mas seus dois filhos homens são evangélicos. Estudou até o segundo ano do primário (ensino fundamental) e lê com dificuldade.

Luzia

Mãe de sete filhos, analfabeta, católica e ajuda no apostolado da Capela da Imaculada Conceição. Também é uma das que nunca havia ido a uma sessão de cinema. Quando sai do bairro, está sempre colada a alguém, sua neta frequentemente, pois também se sente insegura com as indicações escritas dos endereços e dos ônibus.

Mora num terreno pequeno, mas próprio e legalizado, que compartilha com vários filhos, cada um fazendo um “puxadinho” ou outro piso. Recebe salário mínimo de pensão pela morte do marido, é hipertensa e o seu filho menor lhe dá algum trabalho no que diz respeito à educação, pois tem algum problema de aprendizado que o faz estudar numa escola para crianças portadoras de necessidades especiais. Sua casa, muito limpa e calma, está situada num dos lugares mais violentos do bairro, lá onde nas noites dos fins de semana não se pode nem sair de casa pois o consumo e a venda de drogas são desenfreados, assim como a prostituição e o roubo. Incomoda também o barulho alto das músicas e os nomes de baixo calão.

Mas seus filhos e netos procuram se proteger e não se envolvem com a vizinhança ruidosa. A tal ponto que um dos seus filhos e a mulher mantém seus filhos fechados dentro de casa quando têm que se ausentar mesmo estando próximos à casa da avó. O medo de envolvimento dos filhos com drogas é muito

grande e ninguém sabe como protegê-los a não ser criando barreiras à aproximação das drogas.

Por ser analfabeta, Luzia precisa de ajuda para sair do bairro. É muito quieta, fala baixo, olha quase sempre para baixo e nunca interfere em conversas. Quando perguntada sobre algo, responde sem convicções e sem esperar resposta, mas esteve sempre atenta e curiosa às novidades que lhe eram apresentadas como alguns vídeos e textos que líamos para elas.

Conta que quando ficou viúva ainda não morava no bairro não, e que veio morar aqui com o dinheiro de indenização pela morte do marido. No começo foi muito difícil, a água entrava no barraco de taquara que conseguiu fazer, mas que aqueles tempos difíceis foram passando na medida em que os filhos foram crescendo e puderam ajudá-la. Então a sua casa conta a história dela e de seus filhos e alguns ainda estão ali, muito próximos, e outros foram para longe.

A primeira visita que lhe fiz foi em companhia de Marta, no primeiro semestre de 2010. Ao final dessa visita, perguntei à Luzia o que ela precisava para a casa que a ABAN pudesse conseguir. Ela me disse que precisava de uma reforma no banheiro que estava sem janela e que nele fazia muito frio na hora do banho, no inverno. Quando retornei a sua casa, em 2012 o banheiro havia sido arrumado por um dos seus filhos, não pela ABAN.

Escolhi apresentar Luzia neste trabalho para expor que a baixa escolaridade, o fato de se ser analfabeta importa mais para os observadores do que propriamente para ela que se encontra resguardada pela rotina e a convivência com pessoas com a mesma carência. Num lugar como o Chapadão o que as pessoas projetam na comunidade é tomado em sua importância para o grupo. Elas não são avaliadas pela escolaridade que possuem, mas pelo benefício (ou prejuízo) que trazem para a coletividade.

Luzia conseguiu agregar valor ao Chapadão não só pelos filhos respeitáveis e “bravos” como ela se refere aos que ainda moram por ali, mas também por evitar participar de mexericos e ter sempre uma palavra de sabedoria para animar as pessoas infelizes. Diferente de outras pessoas da mesma idade

Como pode ser percebido, a casa é o núcleo dos arranjos familiares e aqui também ela é um elemento aglutinador da sociabilidade. É nesse espaço que as

histórias acontecem. Aqui os filhos são criados, uns saem para não voltar, outros retornam com muita simplicidade: *tô no pedaço*.

Essas mulheres

Trouxe para este texto um pouco da história de vida de quatro mulheres do Chapadão/Dom Bosco, dentre as muitas outras pessoas que conheci. Cumpre explicitar o motivo das escolhas.

Tomei como primeiro na ordem de entrada o tema “casa”, pois o espaço amarra as histórias. As três primeiras casas se equivalem em degradação e a quarta escapa completamente à categoria das demais. Mas cada casa é habitada por pessoas tão diferentes que corrobora a ideia de que existem inúmeras maneiras de ser pobre no Chapadão. Então qualquer forma de generalização soa impertinente.

Como segundo tema, a diversidade da religiosidade no interior mesmo do catolicismo. Estamos nos referindo às filiações católicas especificamente neste momento não só porque é a única religião instalada oficialmente nessa parte do bairro, através da Capela da Imaculada Conceição, mas também porque acredito que essas maneiras metamórficas de ser religioso estão sendo discutidas a partir dos dados do Censo de 2010 sobre a queda no pertencimento às religiões tradicionais.

As quatro mulheres descritas aqui são católicas. Quer dizer, Celeste deixou de sê-lo, mas seus filhos continuam católicos. Lina, nunca foi, mas diz que é. Marta é católica, mas seus filhos são evangélicos e Luiza pode ser considerada uma católica quase tradicional e seus filhos e netos ainda se mantêm no catolicismo.

Mas outra maneira de se entender as escolhas diz respeito ao viés de gênero na religião. As famílias participantes da ABAN são majoritariamente representadas por suas mulheres e o grupo de estudo mantido às sextas-feiras também era. Além disso, nas visitas domiciliares fomos recebidas também por elas que detém os dados e as histórias de suas famílias e do bairro. Essas mulheres que encontrei são testemunhas e protagonistas das mudanças nos hábitos religiosos, mas também são facilitadoras e (des)abonadoras delas, mas muitas vezes não sabem que estão envolvidas numa peça tão séria e de tão profundas implicações sociais e culturais.

Eduardo Hoornaert (2012) diz que a maior revolução no catolicismo no século XX foi provocada pelas mulheres.

Limito-me a comentar um movimento particularmente importante, até hoje não corretamente analisado em ambientes católicos. Trata-se da revolução feminina dos anos 1960. Após séculos de silêncio e submissão, a mulher finalmente rompeu com o passado. Ela não fez isso com grandes discursos ou declarações de princípios, mas por meio de um controle exercido sobre seu próprio corpo. Quando, em 1961, a pílula contraceptiva oral finalmente foi liberada pelas autoridades de saúde pública dos Estados Unidos, mulheres do mundo inteiro ingeriram com entusiasmo a nova pílula. Finalmente, era possível controlar os ritmos das energias procriativas de seu corpo. O sucesso da pílula já dura 50 anos, de forma ininterrupta. Hoje, no mundo inteiro, cerca de cem milhões de mulheres recorrem à pílula ou a outros métodos contraceptivos (camisinha, dispositivo intrauterino, diafragma, diversos produtos espermicidas)³⁶.

Não sei se posso afirmar o absoluto desconhecimento dos processos de mudança que vivenciam, pois as rotinas pesadas de suas vidas dificultam a reflexão. O imediatismo de suas ações frente à ausência de planejamento e de meios de sobrevivência configura suas emoções e sua capacidade de pressentir, mas não altera o fato de que as mudanças são aceleradas e imperceptíveis quando se está no olho do redemoinho. Em alguns momentos o lugar fervilha e escande suas potencialidades, fragilizando algumas e fortalecendo outras, haja vista a substituição do papel dos pais ausentes, e a manutenção dos substratos fundamentais à existência comunitária. Guardiãs, profetas e avatares³⁷.

QUANDO O OUTRO SABE MAIS O QUE SOMOS

A história do bairro que circula entre as pessoas mais velhas, inclusive foi repetida também pelo Sr. João e Dona Cilinha (já falecida), fala que o proprietário de uma fazenda na região, o italiano Vicente Beghelli, foi quem fundou o bairro, aproximadamente, em 1927 delimitado entre as ruas Cinco de Julho ao Chapadão

³⁶ <http://eduardohoornaert.blogspot.com.br/2012/03/o-que-esta-acontecendo-com-html>

³⁷ Transformação que ocorre em algo ou alguém. = METAMORFOSE, MUTAÇÃO. Acessado em 05 de dezembro de 2012 <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=avatar>

que posteriormente foi doado para Sociedade São Vicente de Paulo que cedeu terrenos para a construção de casas e ela mesma construiu algumas para pessoas idosas, como o conjunto Santo Agostinho ainda existente.



Conjunto Santo Agostinho em 2010/ foto da autora

A capela existente ainda foi também construída pelo italiano, próximo onde havia um campinho de futebol. Nos terrenos cedidos foi construído uma creche e um abrigo de idosos que passou a ser das irmãs vicentinas. Mas antes da compra da região, já ali residiam uma população de deslocados espaciais, uma vez que conta-se que eram pessoas ex-escravas ou mesmo aquelas que não possuíam função social compatível com o crescimento econômico da cidade de Juiz de Fora, baseado em mão de obra estrangeira, preferencialmente.

Retomei esse relato da instalação do Chapadão para dizer que a narração do seu nascimento tem como protagonistas pessoas que não moravam no bairro. Essa situação de deslocamento dos sujeitos de suas próprias histórias permanece até hoje. É dessa maneira que percebo a ação de instituições que se arrogam o direito de dizer (e de fazer) aquilo que dizem saber que os moradores necessitam.

Várias instituições atuam no Chapadão oferecendo algum tipo de ajuda, trazendo algum tipo de proposta para solucionar as carências do bairro. Como em quatro anos de pesquisa não vi resultado nenhum, nem de cunho simbólico, nem material, penso que seria melhor que não existisse nenhuma interferência externa, pois isso acaba por despolitizar a comunidade, enfraquecendo o caráter associativo político e social, chegando mesmo a dificultar negociações essenciais. A população

mais velha parece apática, não transparecendo facilmente o nível de insatisfação ou de resistência. Entre os jovens existem críticas, mas são individualizadas e não se agregam em políticas comunitárias. Vejamos como algumas dessas entidades se distribuem no atendimento aos moradores desta parte do bairro.

Não existe dúvida que a ABAN é ainda uma entidade importante no bairro, tentáculo religioso que se espalha por vários níveis de assistência às carências da população: tanto se propõe atuar na área de saúde, como na educação e na justiça, na prevenção do uso de drogas e da violência de gênero a partir do pressuposto que seria intermediadora entre as necessidades declaradas das famílias inscritas nos projetos da entidade e as demais entidades parceiras.

A ABAN é uma sociedade civil criada em 1997, inicialmente ligada às pastorais católicas, mas que, desde 2002, assumiu-se como entidade leiga, voltada para o trabalho com populações pobres de alguns bairros da cidade de Juiz de Fora. Seu presidente chama-se Renato Luiz Lopes e foi um importante interlocutor no início deste trabalho.

Uma das filiais da ABAN está no bairro Dom Bosco, na qual foram desenvolvidas atividades voltadas para questões de saúde física e mental, oficinas de artesanato, atendimento aos jovens, como o REGGAEBEM e o Pequeno Jardineiro e cursos de informática. Promove palestras e encontros com a população sobre assuntos diversos de interesse da comunidade, instituiu uma moeda de circulação interna, “digna”³⁸, para remunerar os serviços a ela prestados pelos moradores sem que essa remuneração seja desviada para outros usos que não alimentação, transporte, medicações e outros usos julgados importantes para as famílias.

Enfim, é uma presença forte no bairro enquanto mediadora e proponente de ações de promoção de mudanças das condições sociais quando esta pesquisa começou. Através dela me inseri na comunidade e aprendi a lidar com os valores e

³⁸ A ABAN instituiu com uma política de troca de "moeda própria", o Digna (recebida por trabalhos realizados pelos moradores carentes) por alimentos ou produtos de higiene, reformulando a prática doação meramente assistencialista.

os comportamentos de maneira menos complicada. Suas atividades estão baseadas na metodologia chamada Vida Plena³⁹.

Mas os próprios beneficiários ou não se dão conta da abrangência da proposta que se diz não assistencialista, o sendo, em minha opinião, ou não se sentem convencidos pelas propostas, pois percebo desinteresse e alheamento durante as palestras e cursos. Parecem que estão ali somente para honrar o recebimento do reembolso em forma de “digna”⁴⁰ ou para obtenção de outros benefícios, como reforma das casas, transporte em caso de doença e de mudanças de endereço, medicamentos, etc. Ainda é muito cedo para que os resultados possam ser computados, mas mesmo assim, nos olhares se percebe que os moradores necessitam de algo mais do que o usufruto de bens. Parece-me que as atividades da ABAN/Vida Plena despolitizam as relações sociais, uma vez que se passa a esperar que as melhorias venham através de esforço individual e/ou familiar e não de todo o grupo.

A ABAN considera que a ajuda social deve reconhecer e incentivar o protagonismo e a autonomia das pessoas envolvidas. Esta ajuda social é uma construção coletiva que produz motivações para mudanças: é uma questão ampla, mas particular a cada caso, a cada configuração de realidade social e de relação. Ela não é algo anexo à relação ou dependente somente de quem se propõem a ajudar. Seu protagonista é justamente a pessoa que, em princípio, é vista como ajudada. E ele efetivamente é ajudado para a ABAN na medida em que não recebe ajuda pronta, mas se percebe capaz de construí-la em seus diferentes desafios⁴¹.

Não é bem assim que as coisas acontecem, todavia. Ali ocorrem negociações ainda incipientes, por certo, mas que vai delineando um campo de disputas pelo direito de enunciação de um discurso de propósito emancipatório, mas na realidade é conservador na medida em que o proselitismo religioso católico prega a submissão às leis dos homens e emula a uma luta estando os moradores desarmados.

³⁹ Vida Plena é uma forma de organização que está atenta à emancipação social e intelectual das famílias participantes. Essa metodologia começou a ser aplicada no início de 2010, com reuniões em vários níveis, tanto da equipe multidisciplinar quanto desta com as famílias, e é baseada nas redes de solidariedade que devem ser desenvolvidas entre as famílias.

⁴⁰ Cf. digna página 28

⁴¹ Transcrição do manual de capacitação da ABAN/2010

Nesse pequeno período de observação desta pesquisa presenciei atitudes que ferem o princípio do respeito mútuo e de coincidência de objetivos. O mais gritante foi o encerramento das atividades do REGGAEBEM de uma forma que fugiu abruptamente do traçado anterior⁴². Nada indicava que isso ocorreria a não ser certo desinteresse da direção com o projeto do REGGAEBEM. O encerramento de suas atividades foi estimulado quando os convênios venceram seus prazos de atuação e não se buscou substitutos institucionais e pessoais. A parceria com a Polícia Militar esfriou e não se vê ações no bairro e nem colaboração na prevenção da criminalidade junto com outras entidades.

Talvez seja mesmo difícil manter uma estrutura financeira, funcional de recursos humanos que dê conta de tão ampla competência. Em relação aos membros do REGGAEBEM, a desativação de grupo foi desastrosa. Nas entrevistas gravadas em áudio e vídeo feitas em 2010, os jovens já lamentavam a saída de muitos deles, mas justificavam o ocorrido como uma fase de adaptação, de purga, de reorganização. Muitos dos que estavam afastados falavam em voltar e falavam como o grupo havia sido importante para cada um e para todos. Citaram várias vezes o benefício da presença de Lúcio, músico da polícia militar que treinava os ensaios do REGGAEBEM e, além disso, acompanhava os procedimentos de cada um do grupo, cuidava da prevenção de drogas, do roubo, do álcool e das questões ligadas à sexualidade em parceria com bolsistas e profissionais da UFJF.

Uma entrevistada, garota de dezessete anos, relacionou as ações que aconteceram quando Lúcio esteve com eles, no tempo de fundação do REGGAEBEM. Disse que muitas pessoas saíram das drogas, outras lá não chegaram por causa do trabalho de acompanhamento que eles recebiam. Outros aspectos realçados eram as relações afetivas geradas nos ensaios e a objetivação de suas vidas que passaram a ter uma perspectiva de sucesso, fora dos limites do bairro.

Depois que esse campo de relações afetivas e comprometimento comunitário ter aflorado durante a vigência das atividades de REGGAEBEM, o que restou dessa experiência para eles?

⁴² O REGGAEBEM e sua história é assunto recorrente neste e nos próximos capítulos e o leitor será mais bem informado sobre esse grupo de percussão proximamente.

De acordo com Spivak (1997), é questão delicada a discussão quanto à fala/silêncio de uma pessoa subalterna⁴³: não é somente colocando-o para falar, dando-lhe voz, ou falando por ele, mas, de maneira consequente e espontânea, permitindo-lhes reelaboração dos significados impostos de antemão, atentos aos seus “regimes de verdade” ou como quer Mafra (s/d) nas suas cadeias associativas.

Depois, quando o REGGABEM foi desativado, afastei-me parcialmente, pois nunca cheguei a compreender a irresponsabilidade da interrupção de algo tão significativo para seus participantes. E me pareceu, e ainda hoje não consigo desvencilhar desta sensação, que o REGGAEBEM era uma metáfora da atuação do catolicismo frente à população de bairros pobres. Parece que depois da “opção pelos pobres” tema central da teologia da libertação⁴⁴ houve um endurecimento e uma crise de conservadorismo na igreja católica de que as filiações à renovação carismática é uma manifestação. Pobres estão fora de moda, ainda mais adolescentes pobres, negros e “perigosos”.

Desde a desativação do grupo, dei mais atenção às falas isoladas de jovens egressos do REGGAEBEM e juntei as falas atuais às anteriores obtidas via entrevistas realizadas pelos participantes que ainda estavam atuando no REGGAEBEM. Serão explicitadas nos próximos capítulos.

Outra entidade presente no Chapadão, que mais não fosse pela vizinhança muito próxima, é o Hospital Monte Sinai. De acordo com informativo veiculado nos meios de comunicação⁴⁵

Todos os meses o Monte Sinai colabora com o Grupo Semente, do bairro Dom Bosco, doando uma quantia em espécie, que ajudam em projetos de atenção a cerca de 350 pessoas. O Hospital também arrecada alimentos em todas as ações para o público leigo, como o Curso de Gestante, doados à comunidade através da Aban - instituição com uma política de troca de "moeda própria", o Digna (recebidos por trabalhos

⁴³ Menor, subordinada e dependente.

⁴⁴ A teologia da libertação nasce no final dos anos 60, como expressão viva de uma experiência de fé libertadora. Ela não traduz uma reflexão deslocada, mas surge sempre num segundo momento, enquanto expressão articulada de um processo histórico marcado pela pobreza, esperança e busca libertadora. Não há como compreender a TdL fora do “humus eclesial e social” que marcou o continente latino-americano a partir do final dos anos 50. Ela não é só reflexo de uma fé libertadora, mas exercício sistematizado de reflexão e aprofundamento desta fé. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=810&secao=214.

Acessado em dezembro de 2012

⁴⁵ Acessado no dia 20 de novembro de 2012. Disponível em:

<http://www.hospitalmontesinai.com.br/v2/Conteudos.aspx?Conteudo=Assist%EAncia%20Engajada&&Categoria=Responsabilidade%20Social>

realizados pelos moradores carentes) por alimentos ou produtos de higiene, reformulando a prática doação meramente assistencialista. Todo dezembro, a festa de fim de ano dos funcionários tem como ingresso a doação de 3 kg de alimentos, que gera mais de uma tonelada em gêneros, reabastecendo o armazém da ONG/ABAN. Sem ainda quantificar o trabalho voluntário do seu corpo funcional e corpo clínico, é com a doação de horas de trabalho e expertise que o Hospital mais participa e tenta mudar a realidade da comunidade do Dom Bosco⁴⁶

O Hospital colaborava também com o grupo Pequenos Jardineiros e semanalmente um instrutor era enviado para trabalhar com as crianças na limpeza das ruas e dos acessos do Chapadão.



Funcionário do Hospital Monte Sinai junto aos Pequenos Jardineiros

As Faculdades Estácio de Sá também prestam serviço ao bairro. De acordo com o site da Faculdade, no link projetos de responsabilidade social, aparece o Projeto Amigos: Produção do Jornal Mensal da ONG ABAN⁴⁷. Ali a ABAN é apresentada como uma ONG que atua há 12 anos em Juiz de Fora, realizando projetos de inclusão social, conscientização ambiental, educação, cultura, inserção no mercado de trabalho, e prevenção à violência e ao uso de drogas em comunidades que apresentam essas demandas. Para dar visibilidade a todos esses projetos entre seus parceiros, voluntários e o público geral, a organização é ajudada pela Estácio na produção de um jornal mensal, que coloca os alunos em contato com todas as etapas de produção de um periódico, ao mesmo tempo em que torna a

⁴⁶ Acessado em 20 de janeiro de 2012. Disponível em:

<http://www.hospitalmontesinai.com.br/v2/Conteudos.aspx?Conteudo=Assist%EAncia%20Engajada&&Categoria=Responsabilidade%20Social>

⁴⁷ <http://portal.estacio.br/unidades/faculdade-estacio-de-sa-de-juiz-de-fora/campi/mg/juiz-de-fora/juiz-de-fora/servicos-para-a-comunidade.aspx>

leitura mais atraente e profissional, alavancando a atuação da ABAN. Em 2011, uma parceria com o setor de odontologia da Estácio promoveu sessões diagnósticas da saúde bucal, comprometendo-se como tratamento dentário de algumas pessoas, mas até o final de 2012, ninguém havia terminado o tratamento iniciado.

Outras entidades, como o Shopping Alameda também colaboram ocasionalmente assim como a Universidade Salgado de Oliveira, mas sem grande influência na melhoria de vida da população.

Para esta pesquisa, a inserção no bairro via ABAN teve custos negativos consideráveis, uma vez que pessoas que dela se afastaram após o início da gestão atual veem-na como nefasta aos interesses da comunidade. Via-me entre fogo cruzado quando saía do círculo das famílias parceiras e da equipe multidisciplinar: se por um lado a ABAN foi um suporte estratégico importante para minha entrada e inserção “no campo”, por outro ela me colocou sob reserva e sob suspeita em relação aos moradores fora da abrangência de suas ações.

Mas na sede da ABAN os jovens do REGGAEBEM e os filhos das famílias assistidas eram são mais facilmente encontrados e ali também estavam os profissionais que os atendem e a sede é um local de interação importante. Daí minha justificativa para trabalhar com uma entidade que, para mim, está distante de consolidar em ações o que ela propõe enquanto objetivos emancipatórios.

A fim de corroborar minhas inquietações, a festa de Natal promovida pela ABAN para as famílias assistidas e que acontece há vários anos. No início de mês de dezembro de 2010 fui convidada a “adotar” uma criança para presenteá-la com uma “cesta de Natal”: roupas, brinquedos, doces e produtos de higiene pessoal. Fui contemplada com um garoto de doze anos que eu já conhecia da ocasião em que fiz a fotos para o mês das crianças. Ele é filho de uma parceira da Vida Plena muito querida por todos, alegre e prestativa, mas que tem uma vida muito difícil, com três filhos sem pensão e trabalhando nos dois horários como atendente na ABAN na sede da Rua Santa Rita e estudando no turno da noite (está terminando o segundo grau). Recebe cerca de R\$ 250,00 por mês em dinheiro, mais cesta básica e vale-transporte, além de um valor em “digna” para compras diversas. A casa é da sua família e ela construiu um segundo piso ainda inacabado.

Na festa de Natal, os pacotes de presentes foram entregues após algumas palavras de celebração e, quando acabou a entrega, descemos para o refeitório onde, todos sentados em volta das longas mesas, aguardavam a distribuição do cachorro-quente, refrigerante e bolos. Quase em silêncio! Conversas com os vizinhos sem efusão.

Talvez essas observações feitas naquele momento sejam tão negativas porque eu estava decepcionada. A família do garoto para quem eu preparara tudo com carinho não apareceu. Aguardei até o início da distribuição dos petiscos, conversei com uns e outros aquelas conversas bobas de final de ano. E fui para casa! Esperava que alguma explicação me fosse dada nos próximos dias para o não comparecimento, mas nada. Até hoje não sei se o número do tênis era aquele mesmo, se algo teve de ser trocado e se ele gostou dos presentes. Nada! O “receber” dessa maneira não modifica suas emoções, pareceu-me então.

Religiões e religiosidades

Um olhar inicial sobre o Chapadão, com suas cinco ruas serpenteando o morro, inúmeros becos, vielas, escadões e atalhos, quase não percebe marcas da religiosidade da população: somente a Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, quase sempre fechada. Não existem locais de culto pentecostal e os pequenos terreiros de umbanda estão mascarados nas fachadas das casas de moradia.

Existe, desde a década de quarenta, de acordo com o relato de Sr. João, um morador antigo, uma imagem de Nossa Senhora das Graças, externa à Igreja, de desconhecida origem e reverenciada com oferendas e orações. Não é percebida como imagem católica somente, mas como uma proteção abrangente, uma vez que ali está por decisão da própria Nossa Senhora de permanecer no local. Conta Sr. João que quiseram levá-la para o abrigo dos oratórios e capelas, mas por alguma razão, ela sempre se descobria e mesmo após a queda do telhado destes lugares de proteção, ela não se quebrava nem se arranhava. Esse deslocamento da figura de Nossa Senhora das Graças para fora do espaço canônico, desloca também a

centralidade das práticas que adquirem autonomia interpretativa e materialidade simbólica⁴⁸.

Perguntada se sabia da razão da preferência de Nossa Senhora por aquele sítio específico no bairro, outra senhora me disse que era em consideração ao sofrimento dos moradores que persistia através dos tempos, desde épocas anteriores até mesmo à escravidão. E que a crença do povo pedia que a Santa se libertasse da Igreja que não compreendia os fiéis. Referia-se, como me explicou, à incompreensão quanto às religiões de componentes africanos que, na época da aparição da Virgem, eram muito perseguidas, citando as palavras de sua mãe que já havia falecido e que narrava desta maneira a presença da imagem. A Santa foi um reforço, segunda ela, para a resistência que é uma das marcas da existência do bairro.

Este depoimento me foi dado em conversa inesperada e informal, quando subia a escadaria do conjunto São Domingos e encontrei com a senhora citada acima com flores na mão para levar ao local da imagem. A subida dessa escada me propiciou vários depoimentos, pois a caminhada lenta, são cinquenta e sete degraus, convida a paradas que são momentos de conversas espontâneas, únicas e irrepetíveis. Nunca mais vi essa senhora, nem sei se ela era moradora do bairro.

Quanto à Capela, ela é local de culto e devoção, mas sem grande força de agregação dos fiéis e de intervenção simbólica na comunidade. Uma moradora, Lina me disse que, atualmente, no que diz respeito à relação entre adolescentes e catolicismo, não existem ações específicas voltadas para a juventude, a não ser alguns grupos que trabalham com ações sociais, mesmo assim com pouca intensidade. A catequese, a preparação para os sacramentos, e a permanência nos cultos não parecem ser práticas de manutenção da fé.

Não ouvi nenhuma referência à adesão de novos membros ao catolicismo: falam que alguns saem e retornam, vão ver se as outras religiões resolvem melhor seus problemas, conforme depoimento, mas não se fala em “conversão”, palavra cara aos pentecostais, e assim a renovação do catolicismo ali é bastante duvidosa. A frequência às missas e celebrações é pequena, salvo para as pessoas mais idosas que

⁴⁸ Essa manifestação expressa da vontade de uma imagem sagrada de permanecer em um lugar por ela escolhido foi estudada por Juliana Beatriz Almeida de Souza (2010) a respeito da preferência de Nossa Senhora, no caso em questão, na Argentina, por volta de 1630.

mantém alguns resquícios de práticas religiosas tradicionais dos tempos de infância, mas alguns jovens dizem que também vão à Igreja, se bem que nem sempre com intenções espirituais, mas com as de encontros e lazer.

Mas isso não acontece somente ali e em outras paróquias também se verifica um esvaziamento de frequência aos cultos católicos por parte dos jovens. Parece que a frequência aos cultos pelos jovens é refém dos procedimentos dos párocos ou então da linha evangélica, sendo mais agregadoras as paróquias de cunho carismático. Mas mesmo entre os mais velhos a frequência vai se descontinuando.

Não que os moradores não tenham seus momentos de recolhimento e de oração, mesmo entre os jovens: quase todas as atividades da ABAN se iniciam com orações e leituras dos evangelhos, mas fora isso, os cultos se privatizam e se transferem para o interior das residências, por conta de programas religiosos na televisão e no rádio e também das músicas religiosas e dos livros e cartilhas. Ritos e mitos tradicionais quase ausentes, sacerdotes substituídos por apresentadores de TV, sem mistérios, abrandados em importância, *uma religião simplificada*, enfim.

Quando cheguei à casa de uma senhora às quinze horas de uma quinta-feira, ela estava com televisão ligada na TV Canção Nova. Desculpei-me pela interrupção, mas ela me disse que não tinha importância, pois assistir àquele programa era rotina de todos os dias, no intervalo das refeições e demais afazeres e que ela ficava ali aprendendo rezar. Essa senhora não sabia ler e disse que não ia muito à Igreja porque os trabalhos de casa, principalmente nos domingos, dias de missa, eram mais pesados tendo em vista a reunião de todas as pessoas da casa. Ela tem quatro filhos, um neto e vários sobrinhos e agregados. Portanto, rezar na frente da televisão era mais fácil.

A televisão nessa casa e nas demais tem uma posição de destaque, não só pela centralidade espacial, mas também como dispositivo de lazer, de informação e de marcação do tempo: alguns acontecimentos são narrados dentro dessa marcação, quando, por exemplo, uma senhora me disse que as bagunças na rua, por conta de brigas de grupos de jovens não aconteciam cedo, mas depois de determinado programa de televisão. A mesma pessoa referindo-se a um mal-estar súbito que a levou ao hospital, disse-me que estava assistindo a um programa pela manhã, sem nada a preocupar, quando “tudo escureceu e fui acordar no hospital”.

Foi observado, quando esta marcação de tempo pela televisão se tornou mais evidente, que quase não se vê relógios nas casas. Alguns aparelhos de televisão são de modelos modernos com telas grandes. Uma senhora explicou-me que a sua televisão de 29 polegadas havia sido dada por uma moradora de um bairro no qual ela cata latinhas de bebidas para se sustentar e que ela havia trazido o aparelho para casa num carrinho de mão. Não só a televisão, mas as mobílias e eletrodomésticos são obtidos muitas vezes por essa via, doação, somente.

Em outras casas, os aparelhos de tão novos não podem ter chegado por doações. Nesse caso, percebe-se a importância deles na comunidade por comparações com os móveis da casa e outras necessidades: na hora da compra, a preferência recai sobre ele e por aparelhos de som. No caso dos mais jovens, também por celulares⁴⁹. Computadores/internet são menos citados, talvez por já haver alguma disponibilidade de uso gratuito nas escolas e na sede da ABAN (uso parcialmente restrito pelos dispositivos de funcionamento da entidade: os computadores são liberados para quem faz os cursos e mais alguns privilegiados). Ou por terem custo proibitivo para eles.

O que estou procurando realçar é que esses aparelhos de comunicação mudam a rotina, interferem nos valores e nas emoções das pessoas, e embaralham fronteiras religiosas e mesmo geracionais. Em frente a uma tela as diferenças terminam, não existindo preocupações com adequação às faixas etárias, critérios de escolhas frente a essa ou aquela emissora, a esta ou aquela religião, etc. Enfim, a televisão é a tecnologia cabível a todos e a computacional é mais própria dos jovens.

Mais ou menos a mesma coisa acontece com CD de músicas religiosas que por bastante tempo foi um espaço musical ocupado principalmente por algumas denominações neopentecostais e, independente da bandeira, era e são ouvidas por devotos de qualquer religião. Mais recentemente, as religiões católicas passaram a concorrer por este bem no mercado religioso e as músicas católicas também são ouvidas indistintamente por uns e outros. Alguns interlocutores, inclusive a que surpreendi assistindo, “orando”, frente ao aparelho de TV, disseram-me que aquilo

⁴⁹ Fuser, B. (2010), e MORAIS M.G. apresentaram no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória, ES – 13 a 15 de maio de 2010 o artigo A sociabilidade por celular entre jovens da periferia de Juiz de Fora sobre pesquisa realizada também no bairro Dom Bosco em março de 2010

que fala de Deus é sempre bem-vindo, não importa de onde vem. Os programas de televisão criam novo espaço de autoridade simbólica que não se contrapõem aos cânones das demais filiações religiosas, mas domesticam, criam meios de sustentação de uma *religião individualista e interiorizada*. Diante da televisão frequentemente se está sozinho.

Mais ainda, a domesticação (não por oposição à vida selvagem, mas relacionada ao uso doméstico e não coletivo), com certeza afasta os rituais comunitários. Os meios de comunicação substituem e criam novos rituais? Ou eles são simplesmente abandonados e então estamos tratando com religiosidades também sem eles? Os mitos estariam resguardados? Esta mudança de cenário das práticas religiosas implica, numa mudança mais profunda no plano das emoções e no das ações. De acordo com Maturana (1998)

O que conotamos na vida cotidiana ao distinguirmos aquilo que chamamos de emoções são domínios de ações. Por isso, enfatizo que o que distinguimos biologicamente ao falar de diferentes emoções são as diferentes disposições corporais dinâmicas que especificam os diferentes domínios de ações onde nós, os animais, nos movemos. Por isso, na medida em que diferentes emoções constituem domínios de ações distintas, haverá diferentes tipos de relações humanas dependendo da emoção que as sustente, e será necessário observar as emoções para distinguir os diferentes tipos de relações humanas, já que estas as definem. (1998,68)

Então, essa religiosidade que se desdobrou das religiões tradicionais inverte, mas não nega, a proposição de Simmel (s/d) para o qual a religiosidade faz parte das condições inatas de sensibilidade humana e pertence a um domínio emocional diferente que modifica também as percepções do mundo e de si mesmo e não é visível como rituais coletivos.

Será necessário talvez, acima de tudo, discernir que a religiosidade é um ser determinado, por assim dizer uma qualidade funcional dos homens, a alguns determinando de modo pleno, noutros presente só de modo rudimentar; e que o desdobramento desta compleição em artigos de fé, na aceitação de uma realidade transcendente, terá decerto lugar na maioria dos casos, mas não está incondicionalmente ligado ao ser e à feição religiosa. (Simmel, www.lusosofia.net. s/d, pp.3)

Inverte no sentido de que mesmo sendo a religiosidade inata e não estando “incondicionalmente ligada ao ser e à feição religiosa” ela depende, para se manter minimamente reconhecível culturalmente, de um aprendizado e de uma

“funcionalidade” na comunidade em que se faz presente. Ela exige uma reatualização constante dos mitos, adaptação dos ritos e adequação de linguagens. Como essas metamorfoses não acontecem num vazio espacial e temporal, no bairro Dom Bosco, pelo menos entre os adolescentes pesquisados, é difícil o desmembramento religiosidade – religião, tomando a religião como instituição que possui instrumentos de mediação com a dimensão do sagrado. Os dois termos se confundem e nos depoimentos obtidos nas conversas, eles disseram que ir à igreja significa ter religião e não ir significa não ter. *Eu não tenho religião, não: acredito em Deus, mas não vou à igreja* (Gio, 14 anos). *Ou, eu oro em casa para agradecer a Deus, mas quando preciso de alguma coisa, só o pastor, no templo, pode me ajudar* (Mil, 18 anos).

Há que se comentar e buscar compreender a ausência de locais de culto pentecostal. Não encontrei nenhum endereço e nenhuma garagem transformada em igreja. Isto não quer dizer que o pentecostalismo não seja escolha de grande parte dos moradores. Eles vão longe, a outros bairros, como Santa Efigênia, Santa Luzia, Vitorino Braga, etc., para suas práticas coletivas.

Esse deslocamento para locais distantes de suas moradias, ou mesmo de circulação perigosa no entorno do bairro, pode estar relacionado à propriedade das residências dali que pertencem à Paróquia de São Mateus e à Sociedade São Vicente de Paulo, que beneficiam moradores carentes cedendo-lhes o uso, e, por isso, muitos moradores podem se sentir em dívida com a Igreja Católica⁵⁰, por conta de transações materiais que acaba diminuindo a implantação de novas religiões. O poder da Igreja Católica no bairro é então material e não somente simbólico.

Menezes (2010), analisando a situação dos terrenos no Alto Dom Bosco, disse que vivem ali cerca de 170 famílias e que, segundo o PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) “(...) parte da área doada pela Sociedade S. Vicente de Paula, sendo que vários moradores não possuem escritura”. Com nem todos os

⁵⁰ Sendo a Igreja Católica uma proprietária das casas do bairro existiria mesmo dificuldade de aluguel de imóveis mas não impedimento, ou melhor, essa não é a justificativa para a ausência, no momento, de outras religiões no bairro. Alguns moradores disseram que era por medo, porque um pastor já havia sido “corrido” do bairro, por havia feito pregação cujo teor ofendeu a um dos “donos” do bairro; outros falaram que os pastores que foram ao bairro não conseguiram conservar os fiéis; outros que o pessoal é muito dividido e não ia no templo do outro. Enfim, nenhuma justificativa é satisfatória ou todas o são acumuladamente.

moradores estão nesta situação de dependência, devem existir explicações complementares para a ausência de igrejas neopentecostais. Elas anteriormente já existiram ali. Sem poder afirmá-lo com segurança, parece que esta situação esteve relacionada mais à incapacidade dos pastores de agregar os fiéis de diferentes denominações, pelo que depreendi quando me disseram que “nenhuma igreja consegue juntar todo mundo, a Igreja conseguia porque cada um vai de um jeito” (Lina, 44 anos)

Nas famílias que visitei a questão de pertencimento neopentecostal não é muito bem resolvida. A religião de maior contingente é a católica, mas sem compromissos rituais e sem o costume e frequência rotineira à Igreja. Os neopentecostais são mais assíduos aos cultos, mesmo estando suas igrejas em outros bairros. Mas ser evangélico numa moradia na qual os demais moradores são católicos acentua as tensões familiares. A pessoa evangélica sente, em parte, diminuída sua autoridade frente aos demais familiares. Depende disso, todavia, da posição que ela ocupa na organização familiar, e o quando tal posição é disputada, como no caso em que a maior renda provém de quem é pentecostal. Nesse caso, em que estão em jogo os poucos recursos financeiros, a religião é o mote das discussões de questões mal resolvidas usado catacresticamente⁵¹ na linguagem cotidiana de jogos de poder. Isto foi visto na casa de D' Maurina⁵² e suas filhas, e uma delas me disse que a mãe dava o dinheiro todo para a igreja, o que foi desmentido pela mãe que ganha salário mínimo⁵³ de pensão pela morte do marido: “Eu pago o aluguel (R\$180,00), a luz (R\$ 35,00) e comida e não sobra nem para os meus remédios”. Fora de um campo de disputa de poder os conflitos religiosos não apareceram como produtores de estresse social.

Isto se dá porque a presença, as práticas e as conformações que adquirem as religiões neopentecostais no bairro são muito difusas, longe do proselitismo e dos conflitos que marcam as relações religiosas em outros bairros⁵⁴. Tanto que as declarações de filiação a esta ou aquela religião que aparecem nos formulários de

⁵¹ Catacrese, *s.f.* (ret) figura pela qual uma palavra se desvia de sua significação natural para outra por falta de palavra própria; abusão; exemplo: a *cavalo* numa cadeira; um *madeirasmento* de ferro; uma *pena* de ferro; uma folha de papel; *chá* de tilia.//F.gr. *Katakhresis* (mau uso), lat. *Catachresis*.

⁵² Nome fictício

⁵³ Valor do salário mínimo na época: R\$ 565,00

⁵⁴ Cf. Floriano (2009)

inscrição na ABAN⁵⁵ referentes às dezesseis famílias assistidas pela entidade e nas conversas com outras famílias são negadas algumas vezes nos encontros pessoais que ocorrem nas visitas e nos encontros informais. Quase a totalidade das declarações de pertencimento religioso nos formulários é católica. Mas, depois, aparecem de maneiras muitas vezes envergonhadas os pertencimentos às demais religiões.

Captando significados dispersos em várias conversas e com várias pessoas, compreendi que a declaração de filiação religiosa é um ato de declaração política enquanto ações previstas voltadas para obtenção de um objetivo. Implica em aceitação dos benefícios assistenciais desta ou daquela religião. A ABAN é católica, proselitista até, já o Grupo Semente é espírita assim como a Casa do Caminho, próxima ao bairro, as duas últimas distribuidoras de cestas básicas alimentares e a primeira distribuindo "dignas" (moeda social de circulação interna ao bairro). Como algumas famílias recebem os benefícios de toda (e qualquer) entidade religiosa, em cada uma delas o pertencimento varia como estratégia de ganho e de sobrevivência. Não obtive declarações de dádivas das igrejas evangélicas para os moradores do bairro. Ao contrário, alguns adolescentes disseram que podem contar com a ajuda do pastor com orações, mas que ajuda material, *com dinheiro, nem pensar*.

As declarações de pertencimento às religiões afrobrasileiras não apareceram espontaneamente. Elas foram alvo de estudos de Mariosa (2009) e por Floriano (2009). O livro de Mariosa é baseado na dissertação de mestrado defendida junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2002 e "realiza um estudo sobre a memória social e as representações sociais das práticas religiosas de matriz africana entre os negros de Juiz de Fora, especificamente do bairro Dom Bosco que possui grande concentração de população negra. Esse bairro, no passado, foi localização de um quilombo e próximo a ele se encontraria um cemitério de escravos" (2009, p.8). Floriano (2009), na tese de doutorado defendida junto ao departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, faz um mapeamento dos centros religiosos afrobrasileiros de Juiz de Fora, alguns deles situados no bairro Dom Bosco. Para essas religiões a estratégia dos seus frequentadores ainda hoje é não declarar tal pertencimento visando obtenção de recursos das demais entidades assistenciais.

⁵⁵ ABAN – grupo de sociedade civil que atua no bairro Dom Bosco assistencialmente

Talvez por esse uso profano das religiões, talvez pelos condicionantes sociohistóricos, as religiões tradicionais ali estão alteradas e em alguns casos quase irreconhecíveis canônica e doutrinariamente. Restam então como religiosidades arquetípicas, simmelianas, ou talvez, como Ribeiro, conceitua (2006) “uma dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência” (2006,112).

Mas em todas as famílias, o que se me apresentou à primeira vista foi uma mistura confusa de doutrinas e dogmas. Já os pais tiveram formação religiosa precária, de acordo com os depoimentos: alguns poucos declaram terem sido batizados⁵⁶, e menos ainda relatam terem participado dos rituais relacionados aos demais sacramentos. Então, nesse hiato de responsabilidade catequética, os moradores em geral e mais especificamente os adolescentes constroem suas maneiras de lidar com o sagrado e com a vida nos limites dados pelas rotinas que se organizam sob condições ambientais e socioeconômicas, deixando algumas vezes de lado as imposições de cunho religioso.

Em tempos pós-modernos a experiência do sagrado possuirá, é bastante claro, suas especificidades, gerando aquilo que José Maria Mardones chama de religiosidade profana, isto é, a difusão e distensão das experiências sagradas a eventos não exatamente religiosos: encontros esportivos, políticos ou estéticos em que o indivíduos, debaixo de uma atmosfera coletiva de alta intensidade, experimenta o sagrado (...) Essa é uma religiosidade profana e altamente individualizada, em que a experiência do sagrado foi privatizada, relativizando a importância do vínculo institucional (OLIVEIRA, 2008, 23)

Bauman (1997) cuida dessa tensão negociada entre religiosidade e cotidiano que desloca o mundo transcendente das preocupações contemporâneas também porque os discursos religiosos parecem haver abandonado o papel de produtores de respostas para as “questões fundamentais” da finalidade da vida e de aplacar o medo que se origina da ausência de uma boa resposta (1997,210). Para ele,

A inquietação a respeito da eternidade não aparece “naturalmente” (...) Grande esforço é necessário para essa inquietação prevalecer sobre a gravidade das preocupações diárias voltadas para as tarefas a serem

⁵⁶ Rita, 43 anos, moradora antiga do bairro, relata ter feito a preparação para a primeira comunhão, mas que ela não aconteceu porque não tinha certidão de nascimento, necessária para o evento e que o padre não permitiu e, depois, ela não se interessou mais.

executadas e os resultados a serem consumidos nessa única vida que os homens e mulheres conhecem diretamente, visto que a ganham com seu próprio trabalho cotidiano (BAUMAN, 1997,211).

A religiosidade simplificada entrevista no bairro Dom Bosco, olhada pela ótica de Bauman e, ao contrário da suspeita de superficialidade, é bastante *pragmática e afinada com a contemporaneidade* no sentido em que

Nesse mundo feito conforme a medida humana e guiado inteiramente pelas necessidades humanas (...) a vontade devia ser dirigida apenas para as coisas que podiam ser dominadas, controladas, desenvolvidas por meios humanos (...). A ideia da auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar e cujas conseqüências eles podem experimentar ainda enquanto são “seres que experimentam” – e isso significa aqui, nesta terra (BAUMAN, 1997, 213)

Esses “seres que experimentam”, experimentam o que podem e como podem: que as experiências venham das tecnologias informacionais e computacionais, das novas relações de afetos, dos desejos consumistas nunca satisfeitos, dos desejos imediatos também não satisfeitos, isso não importa muito. Daria para inverter a proposição de que ser pobre num bairro pobre cria modos de vida diferenciados e pensar que, no que diz respeito à religião, ela é ali, da mesma maneira que em outros lugares, mas sob outras condições: “a religiosidade não é afinal, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender” (Bauman, 1997, 208). Curtos limites e simplificação. Um amálgama de crenças e de fé.

ALGUMA TEORIA

Uma perspectiva não fatalista move então esta pesquisa sobre religiosidades de adolescentes. Que a esfera religiosa vive mudanças profundas, que existe uma busca acentuada pela dimensão não institucional parece ser consenso entre os estudiosos. O significado delas no cotidiano de pessoas que não se colocam limite na elaboração de novas maneiras de ser e de experimentar as crenças dirigiram-me o olhar pesquisador para as situações em que acontecem, pois ali as crenças e a fé

tanto mudam como são mudadas pelas condições. Os adolescentes e os jovens em geral são mais ousados nas transformações e, por não terem compromissos com os cânones de nenhuma religião oficial, também operam as transformações na forma de bricolagens, num fazer cotidiano que irrompe as normas e permitem artefatos inusitados ou até mesmo a supressão de práticas religiosas. Como nos diz Certeau (1994),

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da “produção” (televisiva, urbanística, comercial, etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção qualificada de consumo: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com os produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (1994,39)

Pesquisar a religiosidade de adolescentes numa comunidade em movimento, na qual os valores, comportamentos e desejos mudam e se reconfiguram ao sabor das contingências, conscientes e inconscientes; as tradições e linguagens religiosas sobrevivem como resquícios e onde a noção de tempo perde a linearidade teleológica e a de espaço perde seus limites geográficos e simbólicos, e, ao mesmo tempo é amarrada em teias imobilizadora de privações e abandono historicamente construídos, criaram um campo de estudo difuso e multidimensional. Metaforicamente nebuloso, não querendo dizer caótico ou confuso, mas opaco.

O que acontece com a experiência? Ultrapassada e invadida pelo apelo simbólico da possibilidade, ameaça se perder em um presente ilimitado, sem raízes, devido a uma memória pobre, com pouca esperança para o futuro como todos os produtos do desencanto. A experiência se dissolve no imaginário, mas o teste de realidade, na sua dureza, produz frustração, tédio e perda de motivação. Está agora claro que a maneira como os adolescentes constroem sua experiência é cada vez mais fragmentada. Adolescentes pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. Entrar e sair dessas diferentes formas de participação é mais rápido e mais freqüente do que antes e a quantidade de tempo que os adolescentes investem em cada uma delas é reduzida. A quantidade de informação que mandam e recebem está crescendo em um ritmo sem precedentes. Os meios de comunicação, o ambiente educacional ou de trabalho, relações interpessoais, lazer e tempo de

consumo geram mensagens para os indivíduos que, por sua vez, são chamados a recebê-las e a respondê-las com outras mensagens. O passo da mudança, a pluralidade das participações, a abundância de possibilidades e mensagens oferecidas aos adolescentes contribuem todos para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída. A possibilidade de definir uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta (Melucci, 2007, 36-38)

São variados também os crivos de interpretação: metamorfoses, amálgamas, sincretismos, hibridismo, mestiçagem, crioulização e outros conceitos são usados academicamente para dar conta do que não tem um só nome e que acontece ao sabor das disponibilidades sociais, culturais, pessoais e fortemente marcadas pelas variações geográficas e geomórfica de seus territórios. A economia globalizada e tecnologia informacional tingem as transformações com cores indelévels na contemporaneidade individualista e concorrencial.

Experimentamos hoje uma aguda consciência do novo, e da obsolescência de uma parte pelo menos das categorias através das quais várias gerações de cientistas sociais e educadores pensaram o mundo. O trabalho, a escola, os valores, a política constituem elementos centrais destas transformações, que afetam os jovens, mais do que outras categorias da população, simplesmente porque esta é uma história que está nascendo com eles. (Novaes e Henriques, 2007,1)

Esta confluência não vista anteriormente pelo inusitado das tecnologias que fundem temporalidades, espacialidades e culturas inscritas na performatividade cotidiana das práticas religiosas escapa ao campo de análise dos paradigmas epistemológicos tradicionais. As questões de racialidade, gênero e pobreza, subsumidas no estudo dos adolescentes no bairro Dom Bosco foram tratadas por autores oriundos do terceiro mundo, como indianos, africanos e afro-americanos e diaspóricos europeus a respeito das condições pós-coloniais⁵⁷. Se considerarmos que esta pós-colonialidade se arrasta no Brasil já há mais de cento e vinte anos para os segmentos destituídos dos direitos advindos da emancipação social e política, e que a língua aqui não é o obstáculo para as interações, pode-se conceber então

⁵⁷ BHABHA, Homi K. (1998), anglo-indiano foi um desses autores que trata da pós-colonialidade na perspectiva das regiões colonizadas em interação com os colonizadores, principalmente a partir do estudo da linguagem e da literatura. Spivak (2010), autora indiana, reflete sobre a prática discursiva do intelectual sobre as classes subalternas como categoria alijada do poder

similaridades entre as condições de vida de outros povos colonizados, após as emancipações políticas ocorridas a partir da segunda metade do século passado.

Quando retorno aos relatórios de campo sinto o quanto eles são insuficientes, o quanto deixaram escapar do dinamismo do cotidiano, da sensibilidade das pessoas, das regras sociais e motivacionais daquela comunidade; e também quando a religiosidade irrompe e se expressa em interjeições de desabafo com resquícios de crenças cujas origens não interessam aos jovens, por desconhecimento ou por descompromisso, a linguagem escrita esbarra em obstáculos de ordem metodológica: enquanto a multidimensionalidade das ações cotidianas é vivida sem conflitos e sem reflexão, a sua análise, transportada para a escrita, tende à linearidade, o que sacrifica a percepção das dinâmicas e do ritmo dos acontecimentos.

A religiosidade insurgente foi estudada por Roger Bastide que a chama de “sagrado selvagem” por oposição à domesticação da fé. Ele situa o fenômeno nas religiões africanas, mas esta pretensão de controle pode ser presenciada em outras situações, considerando-se que a religião católica tem como certo o controle sobre a sociedade e parece se descuidar de fortalecê-lo e nisso as considerações de Bastide se adéquam também ao contexto deste momento estudado no bairro Dom Bosco.

A sociedade e a religião jogam, portanto, igualmente, visando transformar o espontâneo em institucional. Mas naturalmente, e é este o ponto que nos interessa aqui, cada vez que o controle da coletividade relaxar, por uma razão ou outra, aquilo que pode haver de selvageria latente no transe fará rachar sua túnica institucional. E já que nós distinguimos dois modos de controle (que se juntam, além disso, um ao outro) aquele da instituição religiosa e o do código de boas maneiras, distinguiremos, da mesma forma, dois fatores de retorno ao sagrado selvagem; um que tenderá a um enfraquecimento da instituição religiosa tradicional e outro que tenderá à passagem de uma sociedade orgânica (para empregar o jargão dos sociólogos) a uma sociedade anômica. O Brasil nos oferece excelentes ilustrações desse duplo processo de regressão. (BASTIDE, 1992)

Na anomia citada por Bastide ou na hipolucidez de Piette, a religiosidade vislumbrada no bairro foge à domesticação e a colonização, e por aí escapa da subalternidade que é própria aos desempregados, mulheres e analfabetos. No campo religioso eles se transformam em autores inconscientes de mudanças substanciais

mesmo sendo sua relação com a dimensão do sagrado uma forma de silenciamento dos desejos ou de arma de enfrentamento das adversidades.

Para Novaes (2006),

para além das desigualdades sociais e diferenças culturais, são os jovens que têm maiores chances de atualizar os novos sentidos e funções da religião na sociedade. A condição juvenil – socialmente compreendida enquanto momento do ciclo de vida de transferência para a fase adulta - favorece a experimentação dos novos sentidos que a religião como fonte de imaginação simbólica. Desta forma, a juventude vista como espelho retrovisor da sociedade atual, explora as várias possibilidades, faz novos arranjos e dá visibilidade à religião, ressemantizando-a sem pudores e ocultações (...) (2006,137)

Acrescentaríamos que o que dá especificidade ao momento atual, a mundialização da cultura, a globalização da economia e as tecnologias computacionais e dos meios de comunicação, e a imprevisibilidade dos planejamentos para um futuro remoto, toca fundo as questões relacionadas à juventude.

Neste texto, existe uma tensão no que diz respeito à escrita que reinterpreto como uma questão de escala (escala geográfica, dos mapas) e a cada uma correspondendo uma escala também de emoções e de valores. Às vezes essas escalas se confundem nos enfrentamentos de cada dimensão. Lúcia Santaella (2004) levantou um debate sobre isso, dizendo que

Muitas disputas estereis poderiam ser evitadas pelos pesquisadores, se alguma atenção fosse dada à questão terminológica. Muitas vezes, as confusões e controvérsias intelectuais são geradas por um ou vários dentre os seguintes equívocos: dar nomes novos para fenômenos já conhecidos e com nomes consagrados; manter nomes antigos para fenômenos novos; utilizar diversos nomes para um mesmo fenômeno ou o mesmo nome para fenômenos diversos. (2004, p.54)

Aí que se situa uns dos problemas desta pesquisa: o que é novo, o que é estruturalmente persistente, o que é o antigo revisitado, o que é o antigo mantido enquanto tal; como me referir a isso sem a linearidade de sobreposições/justaposição das dimensões, entendendo-as com interações espaciais e temporais numa condição em que a visualidade do novo, do estruturalmente persistente, do antigo revisitado, do antigo mantido como tal estão embolados e indiscerníveis.

As religiões no bairro pelo que pude perceber estão pulverizadas, por conta das mudanças religiosas, sociais, políticas e econômicas que impactaram a sociedade e suas instituições. Mas, para mim, pareceu muito vagas estas constatações simplificadoras do dinamismo coletivo. Para conseguir pensar sob um parâmetro mínimo de comparação pensei em contrapor os Dez Mandamentos e os Sacramentos cristãos às práticas atuais religiosas e sociais. De uma forma muito concreta, os dez mandamentos é a teoria de sustentação das religiões ocidentais e pode ser colocada como parâmetro das flutuações religiosas no Chapadão.

Os Mandamentos segundo Chapadão

Amar a Deus sobre todas as coisas: as palavras desta expressão são de tal nível de abstração que se eximem de explicações. Vemos o conceito de hipolucidez válido para entendermos o não-pensar sobre amor, Deus, sobre (preposição complicadora), as coisas. *Honrar pai e mãe:* disjuntivamente ainda é possível, mas entre as famílias pesquisadas, o duplo é duvidoso. *Guardar domingos e festas de guarda:* tudo o que significar repouso é passível de cumprimento e em muitos casos o domingo é estendido pela ausência de trabalho e evasão das escolas, mas com significado diverso do dos mandamentos. *Não chamar seu santo nome em vão:* nunca é em vão. Estes quatro primeiros mandamentos tratam da fé e da crença. Os demais tratam das relações entre as pessoas. *Não pecar contra a castidade:* prostituição infantil, troca de companheiros, sexualidade livre, gravidez na adolescência e no que significa este mandamento quanto ao cuidado com o próprio corpo, castidade é palavra complicada, quase um deboche frente ao desrespeito por si mesmo. O *não matarás*, ainda é preceito básico, mas é modulado pelas circunstâncias, uma vez que a população recusa o ato de matar entre eles, mas não o recusa em caso de estranhos. A morte ali tem um estatuto diferente uma vez que faz parte permanentemente dos temores, principalmente dos jovens, não só a morte física, mas também a morte moral, de não ter lugar no mundo pela privação das oportunidades devidas. *Não roubar* é o mais explicitamente descumprido, principalmente porque a noção de propriedade é também uma abstração pois quase nada ali é deles e eles vivem mesmo de apropriações, autorizadas ou não: são as invasões de terrenos, pequenos furtos das domésticas, crianças usadas como

pedintes e que furtam para aumentar a renda doméstica. Nada muito claro, essas práticas são condenadas quando falam delas, mas nas entrelinhas roubar fora do bairro não é visto como problemático o que muda de figura quando o furto acontece no próprio bairro e aí são conhecidos e evitados os que dele se ocupam. O oitavo mandamento, *Não levantar falso testemunho*, foi tão subvertido que se transformou numa das estruturas de moralidade no bairro: onde faltam leis, a fofoca impera, mesmo que os testemunhos não sejam falsos. *Não cobiçar a mulher do próximo*: o verbo dessa expressão perdeu intensidade frente ao seu objeto. *Não cobiçar as coisas alheias* é uma condição parcial: se cobiça ali não só as coisas do outro próximo, cobiçam-se as novas tecnologias, as roupas, bijuterias. A cobiça pela posse de coisas marca bastante a vida dos mais jovens.

Quanto aos sacramentos, batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio, pode-se tecer várias das mesmas considerações feitas em relação aos mandamentos.

Se os mandamentos e os sacramentos não são realizados não se deve mesmo pensar em religião, ou religiões (nesse momento não tenho elementos para fazer as mesmas considerações em relação às práticas evangélicas, mas acredito que elas ali também tenham uma estrutura de funcionamento semelhante). Não é, portanto, interessante entender as religiosidades por oposição aos cânones eclesiásticos, mas como elaborações necessárias ao dinamismo do cotidiano, na busca por conforto e no enfrentamento dos problemas, na subversão de dogmas nas redes construídas sob resquícios culturais. Modificações das religiões são temas de estudos em muitas partes do mundo ocidental. O que pretendemos aqui é cruzá-las com juventude e pobreza, num bairro de Juiz de Fora.

O novo significado dos estudos sobre juventude emerge ao que parece desse conjunto de transformações. Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação (Peralva, 2007,p.)

Quando comecei esta pesquisa, meu olhar foi atraído para as diferenças em relação aos outros locais de Juiz de Fora atualmente. Ali se viam crianças brincando na rua, idosos em silêncio, simplesmente olhando a “*vida passar*”, vizinhas

conversando entre suas ocupações, bola, pipa, bicicleta, cadeiras nas calçadas e sem carros nas ruas. Isso me fez relembrar tempos passados de relações entre vizinhos e seu espaço de convivência. Solidariedade, fofocas. E crianças querendo estar nas fotos. Fora dali não se vê com facilidade este conjunto de atributos de vida comunitária.

Depois, comecei a sentir as ausências: quadra de esporte, pracinha, creche, escola, bibliotecas; transporte interno, atendimento médico e odontológico; casas inacabadas, muros sem proteção, escadas sem corrimão, equilíbrios sempre precários; senti de uma maneira muito forte, já pressentida mas não pensada com a intensidade que se mostrou, a ausência dos pais na educação dos filhos. E o peso disso para as mães, principalmente as adolescentes.

Também o conformismo e a despolitização nas atividades coletivas como táticas de sobrevivência. Para se viver em tais condições instáveis, competências emocionais e físicas são exigidas e estão em constante reelaboração. É comum vermos as desconfianças nos olhares das pessoas, mesmo depois de longo tempo de convívio. Vejo que às vezes elas têm vontade de perguntar o que eu estou fazendo ali. E com razão, uma vez que participam constantemente de pesquisas das quais nunca têm retorno.

Está em jogo a falta de controle sobre suas vidas que eles percebem, mas não sabem “representar”. A reação às pesquisas, às irresponsabilidades das ajudas sociais por meio de entidades assistenciais, a falta de projeto de vida e a dificuldade de se verem no mercado de trabalho “*trabalhar em quê, onde, ganhar quanto*” são situações em que alguns deles se sentem envolvidos sem respostas. Fica um incômodo inominado. Um rapaz, cujos depoimentos serão tratados no terceiro capítulo desta tese me disse que não sabia o que fazer no próximo ano (estaria terminando o segundo grau da educação básica) e que não queria fazer faculdade, pois seu colega estava terminando o curso de educação física e iria ser professor e que ele, André, não queria ser professor porque estes não eram respeitados e ganhavam muito pouco.

Esta fala mereceu réplica, pois queria saber o que fazia com que um professor não fosse respeitado, tendo em vista um olhar que trouxesse a maneira de adolescentes verem seus professores. Para ele, André, professor respeitado tinha de saber a matéria e, surpreendente, não deixar ninguém conversar em sala, não deixar

ter cola nas provas, e não ser xingado pelos alunos. No mesmo mote, perguntei-lhe o que era um bom sacerdote. Disse-me que era aquele que não culpava quem ia conversar com ele. Para ele as pessoas confiáveis (professor, padre) são aquelas sob as quais eles conseguem certo controle, cuja linguagem permite comunicação. Não é mais questão de autoridade do cargo, mas de reconhecimento face a face e de horizontalidade de discursos.

É isso, a religiosidade, no bairro, seja adolescente, criança ou adulto é uma forma recolocar-se em cena como atores principais e como ressignificadores dos mitos e dos ritos não das religiões tradicionais, mas ao contrário, dos mitos e ritos da sociedade, sacralizando-os de acordo com as linguagens possíveis. Uma religião contemporânea.

Ensaio sobre pobreza

O campo desta pesquisa não está restrito às famílias que participam da Vida Plena/ABAN, mas destas famílias temos alguns dados importantes já computados, o que não acontece com as demais famílias do bairro. Portanto, os dados abaixo são somente indicativos da situação geral e sempre que possível serão agregadas informações que colaborem com as reflexões. Existem outros os levantamentos, mas eles me pareceram inconsistentes e insuficientes. Por exemplo, Menezes (2010) diz que

Segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juiz de Fora (Prefeitura de Juiz de Fora, 2006b) o bairro Dom Bosco localiza-se na Região de Planejamento do Centro, ou seja, no extremo sudoeste desta regionalização. No Alto Dom Bosco vivem cerca de 170 famílias e segundo o PDDU configura “(...) Parte da área doada pela Sociedade S. Vicente de Paula, sendo que vários moradores não possuem escritura. Perto da UFJF, ocupação espontânea (sic) em área pública, merecendo estruturação urbanística.” (Prefeitura de Juiz de Fora, 2006b,). Observe-se que para o Atlas Social de Juiz de Fora (Quadro 1) a micro área de exclusão no Dom Bosco consta como situação de infraestrutura urbana *total*.

Quadro 1

Micro áreas de exclusão em Juiz de Fora. Dom Bosco⁵⁸

Quantidade Domicílios (Estimada)		
Dom Bosco	Urbanização <i>1- Infraestrutura urbana:</i> Saneamento: Total Acessibilidade: Total Serviços: Total <i>2- Habitação:</i> Moradia: Mínima Densidade de Ocupação: Média	<i>Situação - Resumo:</i> 1- Infraestrutura urbana: Total 2- Habitação: Mínima 3- Titularidade da Terra: Regular 4- Risco: Físico 5- Cond. Socioeconômica: Baixa
Grupo III		
300 Domicílios		
Alto Dom Bosco	Urbanização <i>Infraestrutura urbana:</i> Saneamento: parcial Acessibilidade: Parcial Serviços: Parcial <i>Habitação:</i> Moradia: Mínima Densidade de Ocupação: Média	<i>Situação - Resumo:</i> 1- Infraestrutura urbana: Parcial 2- Habitação: Mínima 3- Titularidade da Terra: Irregular 4- Risco: Físico 5- Cond. Socioeconômica: Muito Baixa
Grupo II		
30 Domicílios		
São Mateus (Rua Carlos Monteiro)	Urbanização <i>1- Infraestrutura urbana:</i> Saneamento: Total Acessibilidade: Parcial Serviços: Total <i>2- Habitação:</i> Moradia: Mínima Densidade de Ocupação: Média	<i>Situação - Resumo:</i> 1- Infraestrutura urbana: Parcial 2- Habitação: Mínima 3- Titularidade da Terra: Irregular 4- Risco: Inexistente 5- Cond. Socioeconômica: Baixa
Fonte: Prefeitura de Juiz de Fora (2006a).		

Mesmo sendo os dados somente estimativos, no Alto Dom Bosco são mais do que 30 as famílias que aparecem na estatística, o que faz com que a densidade demográfica seja alta. Onde se lê infraestrutura parcial, deveria ser lida infraestrutura mínima. Mas esta inconsistência dos dados fala do desconhecimento sobre as condições gerais desta população e os problemas de análises que se baseiam em estatísticas. Existe também uma diversificação no uso desta mínima infraestrutura, uma vez que a água, por exemplo, estaria computada como sendo oferecida, mas algumas famílias não têm como pagar pela oferta.

⁵⁸ Cf. Prefeitura de Juiz de Fora. Atlas de Desenvolvimento social. 2006

Por isso, restringindo a amostragem às famílias que participam da Vida Plena/ABAN, pode-se ter uma ideia mais aproximada, numa escala menor das atribuições e das maneiras de sobrevivência elaboradas no bairro e submetidas permanentemente às imposições e direcionamentos de instituições estranhas às necessidades pessoais e coletivas do bairro.

São dezesseis famílias acompanhadas pelo trabalho voluntário da ABAN sob a metodologia Vida Plena e o número de pessoas gira em torno de cinquenta e cinco, com percentual de crianças em torno de 27,27 %; adolescentes 18,18 %, e idosos 7,27%. O percentual de mulheres adultas é de 38,18 %, assim como de homens a homens adultos é de 23,63 % e a de famílias com a presença de homem e mulher é de 43,75%. A renda per capita média é de R\$ 220,90 e 43,75 % famílias estão abaixo da linha da indigência, 25,00 % na linha da pobreza e 31,25 % acima da linha da pobreza com problemas outros que não a pobreza, como violência doméstica e alcoolismo.

Elas apresentam uma configuração complexa de pobreza que perpassa diversos aspectos: a) Renda: 68,75% estão abaixo da linha de pobreza; b) Necessidades básicas: existe uma ausência de serviços básicos e os ligados a creche e lazer; c) Capacidades: existe um desafio ligado às capacidades de transformação social, pois, apesar de o conhecimento técnico ser viável (como no caso dos projetos desenvolvidos ali por instituições de ensino superior, por exemplo), seu funcionamento não altera as condições pessoais e as da comunidade de superação das condições de privação.

Numa primeira vista pode-se falar que o bairro é pobre e isto significaria uma homogeneidade de situações que estaria longe de descrever a multiplicidade e a diferenciação dos meios que os moradores usam para subverter e/ou aceitar as condições precárias de existência.

A pobreza nessas famílias não é só um atributo dado do exterior, uma classificação baseada em critérios de classes econômicas. As maiores rendas, nas famílias visitadas, eram aquelas provenientes de recebimento de pensões e aposentadorias do INSS, assim como de salários como empregadas domésticas para as mulheres e servente de pedreiro ou biscateiro para os homens (cerca de R\$510,00 mensais, em fins de 2010). Raramente pai e mãe têm trabalho remunerado e o mais comum são as famílias sem a presença masculina responsável.

Avaliando as observações desta pesquisa durante o primeiro ano de trabalho de campo, algumas considerações podem ser feitas, levando-se em conta o que foi proposto no início deste capítulo: ser uma avaliação do conjunto de estranhamentos e da tentativa de pacificá-los através de comparações que, ao fim, colocam em oposição modos de vida idealizados e as concretas vivências cotidianas.

Assim, as diferenças no que dizem respeito a ser pobre num bairro pobre me pareceram estar ligadas também às idiossincrasias pessoais, ao nível de escolaridade e às redes de solidariedade das quais participam – familiares, assistenciais, religiosas e de vizinhança, e à configuração da família, sendo que a pobreza onera mais as famílias com pessoas doentes, idosas e muitas crianças. Muito pouco é destinado à educação dos jovens entre os mais pobres: cadernos, mochilas, espaço de estudo em casa (nem pensar), jornais e revistas (só desatualizados), livros (não têm hábito de leitura), informática (só os computadores instalados na sede da ABAN que, apesar dos cursos oferecidos por voluntários, acabam por ser utilizados sem critérios pedagógicos explícitos e voltados para a diversão e estão envelhecidos e desatualizados tecnologicamente). Na luta pela sobrevivência, nos segmento dos pauperizados, a educação perdeu o status de alavanca social, sendo em muitos casos somente instrumento de reparação da vida atual, com bolsa família, merenda, lugar de segurança para as crianças, etc.

Também a religiosidade adquire uma feição de contingência. Não existe projeto de futuro imediato muito menos de transcendência para após a morte. Então, não se pode deixar de admirar que a religião oficial (católica) ainda mantenha minimamente sua canonicidade civilizatória tradicional mesmo assumindo racionalidades locais, voltadas para a imprevisibilidade do cotidiano e, ao mesmo tempo, a previsibilidade da não mudança social. Os jovens vivem esta contingência e imprevisibilidade religiosas de maneira mais livres, pois não conhecem os cânones religiosos e lhes faltam informações e práticas de crenças coletivas. A religiosidade se individualiza sem limites e é pobre de mitos, ritos e mistérios.

Apesar da miséria e de outras privações, nem todas as pessoas são infelizes e algumas delas são tranquilas e alegres. Nada de lamentações, de culpar o Estado e os políticos pelas suas mazelas, nem fazem críticas à educação que seus filhos recebem nas escolas e ao distanciamento dos clérigos. Vivem em situação de pobreza como vivem aqueles que não são classificados como tal. Essa afirmação

pode parecer paradoxal, mas não se percebe sofrimento pelo fato de ser pobre. A vida no bairro é muito difícil, mas as dificuldades são sentidas como se estivessem acima da capacidade de resolução e por isso se deslocam do foco de ações e ficam latentes como desejo de ajuda pessoal. Imobilizados frente ao tamanho dos problemas, não sentem a pobreza enquanto privações acumuladas historicamente, mas como fatalidade e, enquanto tal, fugindo à capacidade de intervenção solitária. Algo semelhante à ideia de hipolucidez que nos traz Albert Piette.

O que nos fascina mais é precisamente suspensão empírica ou diária da lucidez que ocasionalmente pode iluminar inteligência e consciência. Não pensar verdadeiramente, pensar, mas não muito, lembrar-se de seu pensamento, mas sem esforço, não saber realmente. Letargia, mediocridade, restrição, desprendimento, reserva ou hesitação, hipoconsciência, hipolucidez. Hipo: não só em virtude da automaticidade dos hábitos, por efeito da continuidade natural, mas também em virtude de uma nova competência cognitiva que confina o viver como seres humanos. É esse pensamento implica, portanto, que tenhamos interesse nos detalhes. (Tradução livre)⁵⁹

Neste contexto de hipoconsciência, a religião cumpriria o papel de instrumento de não-pensar. Não deve ser vista como alienação, mas como ferramenta que explicita um desejo imediato ao qual escapa os dispositivos de realização. *Com a graça de Deus, vou conseguir colocar piso no banheiro. Deus vai me ajudar e minha casa não cairá na próxima chuva. Se Deus quiser vou conseguir os cadernos para os meus filhos.* São falas recorrentes nos diálogos. O que me causa estranhamento não é a recorrência a Deus (ou aos santos), mas o objeto dos pedidos, que de tão corriqueiros estariam na competência da legislação humana de direitos universais, e não na transcendência dos atributos religiosos. A recorrência a Deus parece se referir a falta de confiança em si mesmo e nos outros talvez. Invertendo-se a proposição, e talvez esteja aí, na exortação a Deus, uma das poucas maneiras de denunciar suas condições de vida sem se responsabilizar pelo

⁵⁹ Ce qui nous fascine le plus est précisément la suspension empirique ou quotidienne de la lucidité que peuvent ponctuellement aviver intelligence et conscience. Ne pas vraiment penser, penser mais pas trop, retenir sa pensée, mais sans effort, ne pas vraiment savoir. Léthargie, médiocrité, restriction, dégageant, réserve ou flottement, hypoconscience, hypolucidité. Hypo: non seulement par l'effet de l'automatisme des habitudes, par l'effet de la continuité naturelle mais aussi par l'effet d'une nouvelle compétence cognitive qui aboutit à vivre comme humain. C'est à cette réflexion que nous entraîne donc l'intérêt aux détails. Etre anthropologue à l'état pratique, *ethnographiques.org*, Numéro 18 - juin 2009 [en ligne]. <http://www.ethnographiques.org/./2009/Piette> (consulté le 26/06/2009).

que intuitivamente sabem que não está em seu poder de resolver. Eles se preservam assim de desgastes inúteis. Vivem em suspensão dos desejos, individuais e coletivos.

Percebi sim, inquietação, insegurança e mesmo algo de desesperado em mães com filhos que lhe trazem problemas. Da mesma forma que as mães de outros segmentos sociais na preocupação com os filhos quando eles estão em conflito com os padrões de comportamento social e cultural. Existem diferenças quanto a estes padrões, como por exemplo, na compreensão da gravidez na adolescência, dos múltiplos pais das crianças de uma mesma mãe, etc. Não estou romantizando a pobreza, mas tentando compreendê-la como estruturadora da rotina e formadora de valores.

Tal visão renovada da realidade contraditória de cada fração do território deve ser oferecida à reflexão a sociedade em geral, tanto à sociedade organizada nas associações, sindicatos, igrejas, partidos como à sociedade desorganizada, que encontrarão nessa nova interpretação os elementos necessários para a postulação e o exercício de uma outra política, mais condizente com a busca do interesse social. (Santos, 2006, p.158)

Mas essa reflexão não poderia ir por outros caminhos? Como, por exemplo, de apropriação no cotidiano, fora do âmbito estritamente de relações com a dimensão do sagrado, das formas de religiosidades ancestrais “africanas” em algumas das quais qual relação com as entidades sagradas é mediada por ações concretas na vida das comunidades? Podemos imaginar que as religiões africanas no Brasil tenham construído um pragmatismo mais contingente, mais utilitário ainda que em sua origem e que, nelas, a temporalidade circular, situa no mundo terreno, diferentemente da “cidade de Deus”, as ações divinas?

A pobreza dos fiéis nas condições de deslocamento social e cultural poderia ter mantido um estrato de pulsões sedimentado e que, ao longo de uma história velada, mudou, talvez por isso mesmo, estruturas poderosas estáveis, e hoje ainda alimenta práticas religiosas neopentecostais e é um instrumento de recuperação e pacificação dos fiéis de múltiplos pertencimentos religiosos. Algumas situações se alteraram, principalmente perceptíveis ao longo do século XX, mas um dos seus componentes permaneceu (se bem que atualmente menos importante depois que as

religiões africanas passaram a ser lidas como culturais), qual seja a pobreza dos seus membros

Ou será que a religiosidade africana tem pouco a ver com isso e a rotina de sobrevivência frente às hostilidades formou uma comunidade que aprendeu conviver com um mínimo de insumos e tecnologias e que sufoca a insatisfação frente aos desejos insatisfeitos? Será que a religiosidade popular não se construiu assim, dessa mesma maneira em épocas passadas? Não foi sempre assim, sendo que agora percebemos sincronicamente, testemunhamos as mudanças (será possível?) e podemos fazer uma “tradução simultânea”?

Esta última proposição poderia ser complementada com a articulação com uma visão cosmogônica africana na qual a religiosidade contingente atual seria ferramenta de enfrentamento inconsciente das vicissitudes cotidianas. A religiosidade, nesta maneira de pensar seria então, ainda hoje, as marcas de resistência à dominação (não mais somente social e cultural, mas, sobretudo, econômica, como forma de falta de liberdade de organizar a própria vida).

Segundo Amartya Sen (2010),

A despeito de aumentos sem precedentes de opulência global, o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas – talvez até mesmo à maioria. Às vezes a ausência de liberdades substantivas relaciona-se diretamente com a pobreza econômica, que rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter acesso à água tratada ou saneamento básico. Em outros casos, a privação de liberdade vincula-se estreitamente à carência de serviços públicos e assistência social, com, por exemplo, a carência de serviços epidemiológicos, de um programa bem planejado de assistência médica e educação ou de instituições eficazes para a manutenção da paz e da ordem locais. Em outros casos, a violação da liberdade resulta diretamente de uma negação de liberdades políticas e civis por regimes autoritários e de restrições impostas à liberdade de participar da vida social, política e econômica da comunidade. (2010, 17)

Sob o crivo da citação acima, na comunidade de Dom Bosco, percebi as três liberdades substantivas não como ausências, mas como simulacro: existem, mas são frágeis, imperfeitas, inconsistentes. A religiosidade se adéqua a isto, se amolda e se modifica e talvez seja a liberdade entrevista. Uma religiosidade próxima, contingente e, ao mesmo, tempo marca de desesperança? Para Bauman (1997) a

religião marca os limites da potência humana e no caso de potências enfraquecidas a religião parece marcar a impotência.

O Chapadão é um lugar de cruzamentos, de nós em rizomas de conhecimento histórico e antropológico. Tem uma vista privilegiada sobre a cidade de Juiz de Fora ao mesmo tempo em que se esconde e se encolhe para diminuir a chance de ataques externos. É uma vida de vigilância contínua. Preocupam as chuvas que alagam as casas e dificultam a subida nos becos de terra quando não carregam as casas e diminuem o espaço geográfico. É ocupado por uma gente estranha aos olhares estrangeiros uma vez que vivem ou convivem com níveis baixos de higiene, de escolaridade e dos demais dispositivos de imersão nos direitos civis, sociais e políticos.

A parte disso, essa obrigatoriedade de compartilhamento com valores indesejados e até impensados, a etnografia mais ampla deste capítulo desvelou um modo de vida em que o conformismo frente às condições de vida significa mais que simples inércia pessoal. Significa que eles estão sem instrumentos de localização nos caminhos dos direitos e das conquistas científicas e tecnológicas. Assusta encontrar, quase dentro do território da Universidade Federal de Juiz de Fora pessoas analfabetas, doentes, sem meios de comunicação eficientes, sem perspectivas de melhorias. Porque as pessoas moradoras dali não lutam pelos seus direitos? Por que aceitam os estigmas e os preconceitos sem reagir?

Temos muito ainda que estudar essa situação, cuja complexidade extrapola a capacidade de compreensão. Existe algo inapreensível e que arrisco a dizer que se trata de autopreservação, na medida em que cada instituição, cada pesquisa, esta incluída, aumenta a fragilidade dos laços esgarçados pelas práticas de sobrevivência individualizadas e dispersas.

Neste campo fluido, os adolescentes se movem no movimento da corrente e que parece levá-los ao um redemoinho absorvente e com baixo potencial de libertação e de segurança pessoal e coletiva.

Capítulo 2

DESLOCAMENTO DA RELIGIÃO DO DISCURSO DOS ADOLESCENTES

O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?

Friedrich Nietzsche

Conversa de surdos

Dona, eu não gosto de falar de religião, não. Esse troço é muito chato. Foi essa uma das primeiras respostas que tive quando comecei meu trabalho de campo no Bairro Dom Bosco, em maio de 2010. E aí? Como prosseguir? Será que os outros adolescentes, além da garota que me deu a resposta acima, pensavam da mesma maneira? Não gostar de falar sobre religião significa não ter religião? *Chato*, se referia à pesquisa ou à religião?

Este capítulo dialoga com jovens cujas idades variam entre 14 e vinte e um anos e que, num primeiro momento, foram selecionados para serem interlocutores desta pesquisa em razão de sua participação em grupos musicais, ou então por serem filhos das mulheres que participam das atividades da ABAN⁶⁰. Durante o percurso da pesquisa aconteceu uma diferenciação sutil entre os adolescentes e alguns deles, em algum momento se posicionaram como não tendo religião, mesmo que tais afirmativas fossem capazes de oscilações e duplos pertencimentos. Não me baseie em respostas definitivas, mas sim nessa área discursiva de oscilações de vários ângulos e interações múltiplas.

A resposta da garota acima, e outras não tão claras e objetivas, me alertou para as dificuldades que teria se colocasse a religião como mote principal dos depoimentos. Numa fase do trabalho de campo em que já havia me convencido da baixa produtividade das perguntas diretas sobre as maneiras de ser religioso dos adolescentes nos dias atuais, mudei os eixos de relações e apostei na musicalidade do bairro como nova via capilar de penetração no mundo simbólico através da qual poderia conhecer os meandros de uma religiosidade liquefeita⁶¹, mutante⁶² e mudante⁶³.

Os meandros dessa religiosidade estão inseridos numa trama histórica que remontaria ao final do século XIX, com a abolição da escravidão, industrialização, migrações internas e externas, configuração fundiária, etc. Nenhum desses condicionantes foi de fato afastado e ainda hoje insistem em aparecer nos relatos familiares e coletivos, assim como nos raros documentos mais antigos. Volta e meia surgem novos dados desse percurso em pesquisas acadêmicas sobre o bairro e levantamento documental das instituições municipais.

Não desejando ir ao século XIX nem trabalhar num raio de abrangência tão aberto de possibilidades, esse capítulo é um relato de uma derivação nos objetivos iniciais desta pesquisa. Inicialmente não pensava em focalizar separadamente jovens sem religião ou mesmo com pertencimentos religiosos muito instáveis e

⁶⁰ Cf ABAN p. 67

⁶¹ Bauman, Z.(2001,9) considera a “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas para se captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras na história da humanidade.

⁶² Mutante: adj. e s.m. e s.f. (Animal ou vegetal) que apresenta caracteres novos em relação ao conjunto de seus ascendentes. <http://www.dicio.com.br/mutante/>

⁶³ Mudante: mudança de endereço e/ou de afiliação.

transitórios. Hoje, este capítulo, além de focalizar os jovens do REGAEBAM, é também dedicado aos que se dizem sem religião, porque o campo de indagações que se abriu durante os seus depoimentos era muito intenso e não deveria ser confundido com as demais formas religiosas. Este campo de indagações também se tornou mais independente e melhor delineado quando ocorreu ser confrontado com os dados de Censo do IBGE de 2010.

É um capítulo multivocal, pois não serei a única personagem a ter voz e poder de escolhas dos componentes da narrativa, haja vista que alguns depoimentos foram obtidos por via indireta através de vídeos e entrevistas feitos pelos próprios adolescentes com colegas por eles mesmos escolhidos para dar conta de várias outras narrativas subsumidas na narrativa final. Além disso, vozes de pessoas mais velhas se imiscuirão no texto, quer sejam a fala das mães, das avós e de moradores do bairro, que falam do tempo de hoje e do de outrora.

Esse capítulo é um desdobramento que começou a se esboçar quando trabalhava como analista educacional na Escola Estadual Dom Orione, fechada em agosto de 2009. Incomodou-me muito o fechamento da escola, mesmo após intensa movimentação política com publicação de denúncias sobre a degradação física e pedagógica, mobilização da população, etc. Nada disso adiantou.

Num conjunto de justificativas incoerentes, de desrespeito e violências múltiplas, eu me perguntava frequentemente se aqueles adolescentes inquietos, contestadores, briguentos, usuários de drogas, agressivos com os professores e com péssimo rendimento escolar eram sempre assim ou, se em casa, sem provocações e sem disputas, eles eram também difíceis de serem compreendidos. Enfim, como era construída e mantida a dimensão simbólica de suas vidas, seus valores sociais e sua relação com a cultura local e da cidade de entorno. Como viviam as rotinas cotidianas de pessoas pobres e estigmatizadas.

Então, quando precisei de um foco para a pesquisa, retomei as experiências educacionais e os questionamentos anteriores e localizei no REGGAEBEM, um grupo musical formado pelos mesmos jovens que eram alunos da antiga escola, uma possível ancoragem material, uma entidade que poderia ser disponível à etnografia pretendida nos espaços de convivência de sujeitos qualificados pelas carências e pelas visões equivocadas sobre eles. Foi entre os participantes do REGGAEBEM e outros que já não estavam mais no grupo em 2010 que, no desenrolar da pesquisa,

localizei alguns que estavam à margem de atividades religiosas, outros de frequência intermitente, outros inovadores “bricoleurs”, sincretizadores ou qualquer denominação que assinale a efervescência incerta quanto aos produtos elaborados. Daí o recurso ao estudo das suas religiosidades como pré-texto e catalisadoras das interações sociais e denunciadoras das capilaridades de suas relações materiais e simbólicas.

Reforço que não é pretensão dessa pesquisa a religião em si mesma, enquanto sistemas de fé e de crenças, mas o seu uso enquanto instrumento, filtro e recurso para a compreensão daqueles que também por mim inicialmente foram descritos pelos signos de negatividade: despossuídos, baixo desempenho educacional, violentos, etc. Como ela, a religião, é o pano de fundo dessa pesquisa, essa discussão impõe escolha de conceitos e ideias articuladores do cotidiano redesenhado pelas religiosidades, seus compromissos e suas invenções. Esse campo de pesquisa, composto de adolescentes e religiões, é pura areia movediça, como senti posteriormente: ambos em movimento de mudanças acentuadas, vão se modelando reciprocamente, e não dão apoio para caminhantes desavisados, como fui no início desta pesquisa e até hoje sou em alguns assuntos.

Quero contar a história desta etnografia neste e no próximo capítulo que obedecem a uma ordem cronológica das inserções no campo de estudo. O primeiro grupo permite uma discussão sobre as nuances da denominação “jovem sem religião”. No terceiro capítulo aparecem aqueles que declaram pertencimento religioso mesmo que minimamente configurados. Ambas as categorias são somente pretexto para reflexões sobre as diferenciações das crenças e invenções de adolescentes no Chapadão, pois permitem o intercâmbio de personagens e de roteiros.

ETNOGRAFIA. ETNOGRAFIA INDIRETA

Encontrará la antropologia modos de adoptar seriamente nuevas formas de investigación de “campo” que difieran de los anteriores modelos del viaje centrado em la universidad, la discontinuidade espacial y la desvinculación final? (Clifford, 2008,p.117)

Comecei minha pesquisa de campo em fevereiro de 2010 e em maio fui admitida como membro-parceira da ABAN para desenvolvimento da metodologia Vida Plena⁶⁴ de prestação de serviço comunitário à população do bairro Dom Bosco com ações mais centralizadas na região do Chapadão.

Paralelamente às atividades concernentes à Vida Plena, obtive consentimento para acompanhar as atividades relacionadas ao REGGAEBEM, que era meu interesse imediato, sendo que as outras atividades seriam decorrentes das relações de solidariedade com as famílias atendidas pela Vida Plena e como deferência à sugestão de Renato, presidente da ABAN, para prestação de serviço voluntário à comunidade.

Em 2010, o REGGAEBEM, fundado em 2007, era um grupo musical de percussão formado pela mocidade do bairro Dom Bosco e era parte das ações sociais da ABAN voltadas para a atenção a essa faixa etária. Inicialmente composto por cerca de trinta rapazes e moças (alguns depoimentos falam até de cinquenta integrantes iniciais), muitas desistências aconteceram e, no final de 2010, o número oscilava em torno de doze jovens percussionistas. Em maio de 2010 comecei observá-los nos ensaios semanais e, em setembro, ampliei a estratégia ao propor que os próprios jovens se transformassem também em pesquisadores: com câmera fotográfica, MP3 e os próprios celulares, eles realizaram pequenos vídeos, fotografias e gravação em áudio com os colegas que haviam se afastado do grupo desde a fundação.

O grupo teve momentos importantes quando suas apresentações expandiram-se para fora dos limites do bairro e eram convidados para sessões de abertura de eventos, exposições em locais públicos⁶⁵ apareceram em publicações em jornais impressos e internet⁶⁶, revistas⁶⁷ e televisão, e é alvo de pesquisas acadêmicas e institucionais e de parcerias com instituições de ensino superior, como a UFJF e Estácio de Sá⁶⁸. O grupo funcionava como divulgador privilegiado das

⁶⁴ Cf. ABAN/Vida Plena p. 74

⁶⁵ Já fizeram uma apresentação no saguão do Shopping Independência e a coordenadora do projeto disse que eles ficaram muito orgulhosos de estarem ali – destaque este evento por que o trânsito para eles ali é um pouco restrito

⁶⁶ Estiveram nas páginas do Google

⁶⁷ A primeira edição (Nov/dez 2010 – jan 2011) da revista Mundo Cidade conta com uma reportagem sobre o grupo na página 56

⁶⁸ O objetivo do projeto de extensão “Comunicação, Memória e Ação Cultural” da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é resgatar e valorizar a história dos moradores do bairro Dom Bosco por meio de

ações sociais da ABAN e isso conferia aos seus participantes uma aura de distinção em relação aos demais jovens da comunidade.

A primeira fase da pesquisa de campo constou de observação dos ensaios, mas logo esta observação se mostrou insuficiente na medida em que, quando começava um ensaio, a repetição dos gestos e o som muito alto dificultavam a interação. O final de um ensaio também não facilitava diálogos, uma vez que aqueles que estudam à noite tinham compromissos com o horário das escolas, e os que não estudavam se dispersavam rapidamente, antes que minha imperícia resolvesse o impasse.

Naquele momento da pesquisa não pensava em trabalhar com entrevistas individuais, uma vez que, quando em outras ocasiões o assunto religião aparecia, aconteciam duas situações: ou me davam respostas prontas, ou desviavam o assunto. Para resolver esta questão duplamente insatisfatória, discussões em grupo me pareciam mais proveitosas. Por isso, precisei usar de outros recursos que permitissem o “ato falho” nas falas inconsequentes de uma conversa mais informal: perguntas e respostas diretas deveriam ser afastadas por ineficazes. Vou transcrever somente as anotações de campo relativas ao primeiro ensaio e depois apontar somente as variações pontuais.

Os percussionistas são dez rapazes e duas moças todos com idades abaixo de 20 anos. Vestem-se com bermudas, shorts e camisetas de meia manga, chinelos, alguns bonés, nenhuma tatuagem visível. São muito alegres e, quando não estão tocando, conversam entre si com brincadeiras e piadas, e, quando tocam, parece que se separam do mundo, isto quando estão num período mais longo de execução, pois quando estão sob a batuta da direção, prestam muita atenção às ordens do ensaiador. Em outras ocasiões posteriores eles estavam com o uniforme do grupo.

Além dos moços e moças do bairro estavam presentes duas jovens que tocavam flauta e violino, assim como a diretora de harmonia. Fora do âmbito

produções culturais. A iniciativa, coordenada pelo professor da Faculdade de Comunicação Social Bruno Fuser, é desenvolvida em parceria com as professoras Josimara Delgado e Salete Cunha. O Boa Vizinhança, da Pró-reitoria de Extensão (Proexc) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), abre inscrições na próxima segunda-feira, dia 10, para preenchimento de 90 vagas. O projeto, desenvolvido em parceria com a Faculdade de Letras, oferece à comunidade aulas de inglês e espanhol básicos. Sessenta por cento das vagas são destinadas às comunidades vizinhas à UFJF, e 40% para as demais regiões. Neste ano, os bairros Dom Bosco, Cascatinha, Teixeiras e Dom Orione estão incluídos como circunvizinhos à Universidade. Amigos: Produção do Jornal Mensal da ABAN Letícia de Sá Nogueira e Maria José Oliveira

musical apareciam também fotógrafos e outras pessoas com funções não identificadas. Logo de início algumas dúvidas se fizeram presentes como, por exemplo, como eram escolhidas as músicas, pois achei o repertório muito tradicional, distante do que seria o gosto dos jovens, tanto que não escutei nem reggae, nem pagode, nem sertanejo mas sim a execução de Asa Branca, por exemplo, com a letra escrita num quadro negro, parecendo que um dos jovens não sabia ler. E também como eram escolhidos os membros do grupo, quais as regras e, principalmente, qual o nível de autonomia para tomadas de decisões relacionadas à manutenção do REGGAEBEM. Posteriormente dei-me conta que não existia gestão horizontalizada no grupo e que as decisões partiam da coordenação com contribuições muito pontuais e pouco significativas das opiniões dos participantes do grupo de percussão. Quando aconteciam intervalos, batiam outros ritmos em momentos descontraídos com risos, sorrisos, brincadeiras – familiaridade. Quando estavam tocando, e a execução é muito intensa, seus rostos se modificavam: concentração, alheamento, seriedade.

A descrição acima se repetiu de forma semelhante dos demais momentos de observação, até novembro de 2010, com algumas modificações pontuais, como a chegada de uns e saída de outros, alteração de horário e dia de ensaio, paralisações pelas férias e impedimentos por parte do ensaiador, cujo trabalho profissional impede a regularidade de sua presença, etc.

Nem sempre me mantive somente na posição de observadora distanciada. Já no ensaio do dia 7 de junho conversei com quatro deles para convidá-los a participar desta pesquisa, mas não falei muito claramente sobre o tema principal por temer uma rejeição ao tema religiões logo no início dos trabalhos e só sugeri que eles me ajudassem a fazer umas fotografias do bairro. Não muito efusivos, mais na defensiva, responderam positivamente, mas senti um pouco de interesse. Fui então falar com o fotógrafo da Faculdade de Comunicação/UFJF (FACOM-UFJF), que mostrava aos presentes as fotos tiradas na reunião anterior, para ver se ele poderia dar uma ajuda no treinamento de técnicas de fotografia, mas ele não foi muito receptivo. Deu-me a impressão que ele pensava que a minha pesquisa iria concorrer com o trabalho que o grupo dele fazia e eu não esclareci suficientemente, pois o ensaio começou.

Posteriormente compreendi a baixa receptividade dele quando conversei com o professor Bruno Fuser, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenador do projeto desenvolvido por Marcos naquele momento junto ao REGGAAEBEM e ele me disse que já havia tentado realizar uma oficina de fotografias e não havia sido bem sucedido. Os jovens não compareceram mesmo após inscrição e matrícula e assim ele colocou sob desconfiança o que eu queria desenvolver com eles.

Num dia de ensaio, Marcos (FACOM/UFJF), em uma das pausas, entregou para os jovens algumas fotografias extraídas do material para o vídeo que ele estava realizando. Os garotos ficaram alegres, brincalhões, mas nenhum aprofundamento descritivo foi feito com eles e logo voltaram para seus lugares de origem e conversaram entre si sobre as fotos. André, um rapaz de 16 anos, vem falar comigo pedindo maiores esclarecimentos sobre a minha pesquisa: conversamos o quanto pudemos naquele ambiente de barulho e ele pareceu-me mais interessado.

Mais ou menos assim aconteceram os ensaios e as tentativas de relacionamentos que com alguns avançou um pouco, mas o conjunto ainda permanecia inabordável. O comparecimento aos ensaios se alternou com conversa com Renato, presidente da ABAN e com os coordenadores do grupo na busca de meios que diluíssem as barreiras de interação. Não vejo razão para expor todos os relatórios de campo, mas é bom que se diga que as estratégias adotadas o foram em função de organizar peças de um quebra-cabeça, de forma lenta e sujeita aos imprevistos dos acontecimentos e das interpretações nunca lineares das buscas teóricas e metodológicas.

Vou relatar somente o que acho relevante para a compreensão do processo de pesquisa. No dia 14 de junho, às 15 horas, no auditório da Faculdade de Comunicação/ UFJF, junto com os jovens e os produtores do vídeo, assisti ao vídeo realizado pelos estagiários da Faculdade de Comunicação/UFJF sobre o REGGAEBEM e foi importante tê-lo assistido porque me inteirei dos objetivos da ABAN em relação ao REGGAEBEM que parecem acentuar uma condição de subalternidade subsumida na expressão “proteção contra a vulnerabilidade social”. Em vários momentos posteriores, por exemplo, nas apresentações públicas, a arte, a criatividade e o compromisso com a música não são destaque e eles aparecem como passivos receptores de regulação superior e externa. Esta tensão está no cerne dos

problemas das políticas educacionais e sociais voltadas para este segmento da população, uma vez que o que eles produzem, em termos materiais e simbólicos, fica submetido aos discursos das instituições que se dizem seus representantes, mas não os representam como são.

Reforço que em alguns momentos da pesquisa, que se alternaram com as demais ações realizadas no bairro via ABAN, os métodos de observação não foram todos diretos, uma vez que os jovens se esquivavam de falar sobre religião. Mesmo quando ausente a interlocução direta, estive atenta às conversas e brincadeiras e procurei surpreender as referências às relações com o sagrado na espontaneidade das falas que focalizavam outros assuntos, como as que apareceram nas gravações de vídeo e áudio que os jovens do REGGAEBEM realizaram para esta pesquisa.

Algumas manifestações de rejeição não foram ditas diretamente para mim, uma vez que nem sempre eles me consideraram interlocutora idônea. Contornando essa desconfiança, o recurso de gravações de vídeos autoproduzidas foi muito eficaz para surpreendê-los em sua espontaneidade de falas e movimentos.



Wallace e Rosane



Wallace, Gleison e Tainá



Wallace

Fotos de outubro de 2010

Nesses depoimentos surgiu a demanda por um direcionamento, por uma liderança, por uma pessoa que os ajudem nas dificuldades, mas não lhes determinem os procedimentos. Quando existe algum constrangimento, livram-se dele principalmente através de duas reações: uma voltada para dar visibilidade aos atos de rebeldia, anteriormente visíveis na depredação da escola e agora mais encontrados no consumo exagerado de drogas e no linguajar alterado, nas roupas e nos gestos, e outra voltada para o silêncio e “apatia”.

Nos momentos iniciais desta pesquisa, as referências a uma prática religiosa com alguma intensidade se mostraram decepcionantes e algumas delas não passavam de exortações e, então, restava estudar o significado destas exortações

que eram mais do que simples interjeições, mas menos que filiações a esta ou aquela forma institucional de relação com o sagrado. Mas sem deixar de possuir certo poder de conjuração de espíritos e forças vitais. Um exercício que poderia ser pensado como estando lateralmente em relação às igrejas tradicionais ou não, algo em torno de uma paganização⁶⁹ ao invés de secularização estritamente falando, pois estariam em pauta forças da natureza conjuradas em momentos de necessidade, de alegria, de tristeza, de surpresa. Mais do que simples expressões linguísticas, comunicacionais somente.

Essas exortações parecem admitir um nivelamento entre os interlocutores simbólicos na medida em que a divindade, os santos e até ancestrais são evocados para dar conta da contingência e da imprevisibilidade de suas vidas. Nas evocações tornam-se mais íntimos, mais próximos. Também em relação ao cotidiano, a simetria ou horizontalidade é, para os jovens, uma postura desejável na medida em que podem romper com a evasão e a apatia. Os seres invisíveis se precipitam nas exortações e se movem no ritmo de suas necessidades simétricas.

O desejo de relações horizontais, de olho-no-olho, se apresenta na referência constante ao nome de Lúcio⁷⁰ como desenho de interlocução. Os vários depoimentos sobre o início do REGGAEBEM dá margem a vê-lo numa posição de simetria com os jovens, tanto que sua saída do grupo fez com que muitos deles se afastassem. *Ele ajudava a gente quando estava fazendo coisa errada, ele era nosso segundo pai no REGGAEBEM, a falta dele fez com que acabasse a união da nossa turma (...) Lúcio deveria voltar (...) [quando] O Lúcio saiu, aí ficou um pouco desanimado, ele era uma fortaleza no REGGAEBEM, quando a gente tinha um problema, mexia com drogas, por ele ser um policial ajudava a gente, um grupo de cinquenta, sessenta e olhe lá.* (depoimento em vídeo de uma garota de 17 anos que naquele momento, outubro de 2010, não participava mais do REGGAEBEM).

Outras pessoas além de Lúcio estiveram presentes o início do grupo como *Deison lá da Faculdade [Psicologia/ UFJF] que vinha falar para gente sobre sexo.*

⁶⁹ Paganização no sentido de abandono da orientação exclusivamente cristã : sem batismo e sem dogmas

⁷⁰ Lúcio Cardoso, policial militar, atuou junto aos jovens nos primeiros tempos do REGGAEBEM e se afastou posteriormente. Policial Militar que, na época da criação do REGGAEBEM assumiu a orientação do grupo, tanto na parte musical quanto na parte de prevenção ao uso de drogas, gravidez, de doenças sexualmente transmissíveis, etc. Segundo depoimentos ele manteve o grupo “protegido” enquanto esteve junto a ele. Depois do seu afastamento, nenhuma outra pessoa o substituiu junto aos jovens do REGGAEBEM.

Acho que ele ajudou muita gente. Se eles tivessem vindo antes, bem antes mesmo, muita gente não estava hoje preso, no fundo do poço e estariam aqui dando depoimento para vocês. Ele salvou vidas, pessoas que achavam que o mundo deles era usar drogas, [mas] que têm valores, o que a gente fazia precisava de muita força de vontade. Esse grupo do Lúcio ajudou bastante. Só caiu na tentação quem era fraco demais ou então não estava nem aí (Maria Lúcia, 2010). Nos depoimentos de outros três ex-integrantes do REGGAEBEM o nome do Lúcio foi citado também como importante personagem do início dos trabalhos do REGGAEBEM, que ele não deveria ter se afastado e que não surgiu outro personagem que o substituísse na função de orientador do grupo.

Então os jovens percussionistas se veem assim, vulneráveis e por isso, protegidos quando estão no grupo, principalmente se existir alguém que os oriente? No que tange às dificuldades pessoais, foi muito importante a “proteção” que tiveram no REGGAEBEM. Para Gui, o REGGAEBEM o ajudou a enfrentar preconceitos. Tati⁷¹ disse que *no momento que entrei para o REGGAEBEM eu estava numa fase da minha vida muito ruim. Aí, quando fui chamada para entrar no REGGAEBEM, minha vida mudou bastante e que os laços de amizade, que todos tinham amizade, a gente era muito unido, quando um tinha um problema, um ajudava o outro com união e amizade (...) quando havia discussão entre duas pessoas (porque havia discussão), pessoas que eram líderes do grupo conversavam com as pessoas... (...) no REGGAEBEM tive mais oportunidades, percebi que eu tinha valores – todo mundo tem valores, mas a gente custa enxergar, precisamos às vezes ver coisas na nossa vida para percebermos que temos valor.*

Por outro lado, mesmo a insistência na amizade e união não corresponde às afirmativas de disputas e negociações não resolvidas que afastou do grupo alguns dos seus fundadores e que até hoje permeiam as relações entre os jovens. Tati fala das *picuinhas*, das inimizades surgidas fora do REGGAEBEM e que foram levadas para o grupo, *trazendo desavenças, tem gente que não sabia mentalizar isso e queriam fazer lá dentro um inferno. Muitos e muitos que entraram fizeram isso acontecer e surgiram as picuinhas, as piadas, as inimizades, até coisa passada, o*

⁷¹ Pseudônimo de uma garota que tinha em 2010 vinte anos, 8ª série, sem trabalho e sem renda, tendo como local de encontros com amigos sua casa e a rua, sem religião, gosta de música romântica, aprendeu a cantar e dançar com a mãe e a percussão no REGGAEBEM.

povo queria voltar atrás. Gui também disse que saiu do REGGAEBEM porque não estava dando mais e cada dia surgiam conversas, fofocas.

Então ter estado no REGGAEBEM não significava uma situação de inviolabilidade uma vez que no próprio grupo as desavenças mais afastaram do que a música agregou participantes. A proteção oferecida era então parcial, no sentido de envolver uma população muito pequena de jovens e de ser seletiva pois a permanência é condicionada à frequência e produtividade escolares e ao não envolvimento com atos ilícitos, ao comparecimento aos grupos de estudo, etc. Quer me parecer que a proteção a eles oferecida pela ABAN era para os que parcialmente já estão protegidos e não para aqueles desvalidos das instituições públicas e sociais.

A distinção que pertencer ao grupo dava aos jovens também seria alcançada por outros meios, como os da educação, pois, no bairro, são poucos os jovens que chegam a cursar o ensino médio. A função social do REGGAEBEM restou comprometida desde sua fundação, pois os que permaneceram o fizeram por gostar de tocar. Percebi então um conflito entre como se viam e como eram vistos pela instituição promotora das atividades do grupo.

Este trabalho não tem a intenção de avaliar criticamente o trabalho social junto ao REGGAEBEM desenvolvido por entidades em função assistencial. O que se está procurando compreender são os recursos que alguns jovens usam para se manterem num patamar digno de sobrevivência em meio a tantos desacertos. Alguns não tem “unidade doméstica”⁷², como Gui que mora com a família de William, mesmo não sendo parentes consanguíneos, desde que sua mãe morreu. Outros não tem moradia fixa e vivem nas casas das várias companheiras, outros com as irmãs que têm casa, além dos que têm casas e famílias tradicionais ou em que somente um dos pais está presente.

⁷² Fonseca (2005,54) prefere trabalhar com as relações familiares ao invés de família enquanto unidade doméstica. Define “o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo)”. Diz também que “os censos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - trabalham em geral com a unidade doméstica e, portanto, definem vida familiar a partir da moradia. Trata-se de uma visão limitada, que não leva em consideração justamente a parte mais dinâmica das relações familiares – e que em geral extrapola em muito “a casa”.

O que mantinha o grupo desde 2007 é ainda enigmático, mas, como pista de desvendamento, sugiro que possa ser uma busca de identidade menos fragmentada ou uma estabilidade coletiva que permitam o exercício de atividades que os levem a uma dimensão que não esteja marcada pelos preconceitos de pobres, negros e violentos. Uma luta contra a demonização, enfim, ou uma liturgia civil de uma religiosidade flutuante que impele a uma ritualização possível da experiência de pertencimento do REGGAEBEM.

No início de março de 2011, quando as atividades da ABAN deveriam ter recomeçado, encontrei com André, um dos jovens do REGGAEBEM com quem tenho um relacionamento mais próximo. Ele estava jogando bola e interrompeu o jogo para dizer-me que *acho que Renato vai acabar com o Projeto (REGGAEBEM)*. Ele me disse então que neste ano ainda *não havia acontecido nenhum ensaio e que achava que as “meninas”, Pollyana, Pamela, Fabiane – coordenadoras do Projeto em 2010, estavam “fora”, pois não consigo falar com elas por telefones e MSN.*

Cruzando esta suspeita de André com o que eu havia escutado na reunião da ABAN/VIDA PLENA da qual eu participei na segunda feira anterior, dia 14 de março de 2011, desconfiei ainda mais do uso que se faz dos adolescentes como legitimadores de discursos institucionais que se dizem representá-los: Antônio, coordenador setorial da ABAN/Vida Plena, comentou que o REGGAEBEM seria todo remodelado passando de projeto para metodologia e que seria organizado em torno de oficinas de participação por temas, etc. Não aprofundou estas informações preliminares, o que ressalta a assimetria das decisões sobre o grupo: o que os coordenadores resolvem não é discutido com o grupo, o que gerou a situação de insegurança em André. Esta situação me faz retornar a Spivak (2010) que diz que o subalterno não pode falar também porque sempre existe alguém que decide por eles.

Se isso se confirmasse, a música da percussão seria só um pretexto para o agrupamento, controle e intervenções e não teria valor em si mesmo, desqualificando o que eles fazem bem, a música. Em que patamar se esconderia a habilidade musical, a criatividade dos arranjos, a alegria nos encontros, os olhares concentrados na produção musical? Uma distinção em relação às demais? Até onde vai a dita proteção à vulnerabilidade social? Se eles fossem consultados, o

repertório por eles escolhidos não incluiria funk, rap, pagode, samba e reggae? Os instrumentos não estariam decorados com cores e formas grafitados?

Estas dúvidas perpassaram a pesquisa de campo com o grupo do REGGAEBEM e pode ser expandidas para a educação em geral e as políticas reparativas. Uma posição de subalternidade entrevista nos projetos de ação social, dissimulada e repressiva, estaria apta a sustentar um processo emancipatório, permitiria superar as privações do ambiente social e cultural de pobreza? No vídeo exibido na FACOM, no dia 14 de junho de 2010, as aspirações quanto ao futuro profissional não incluíam a área musical a profissionalização nesta área. No entanto, em entrevistas ou conversas informais, a participação no REGGABEM conectava-se a um futuro no qual a música, juntamente com o futebol, ofereceriam opções viáveis de profissionalização.

O que quero dizer é que não é somente em relação ao pertencimento religioso e suas experiências que eles resistem de expor de forma muito clara. Nos depoimentos, nenhuma referência à ajuda que as religiões e as escolas poderiam oferecer nos momentos de crise, apesar de existirem referências a Deus, mesmo que aparentemente como simples exortações.

Como as demandas desses jovens não são satisfeitas pelos dispositivos institucionais eles se veem na contingência de encontrar seus próprios caminhos e contam nesse momento mais com ajuda horizontalizada dos colegas e de pessoas na mesma linha de diálogo do que com ajuda exterior que não contemplam suas especificidades. As reuniões promovidas pelos coordenadores atuais da ABAN parecem não conseguir ir ao cerne dos problemas desses jovens, o que era conseguido anteriormente por Lúcio⁷³.

Escola, religião e coordenadores são arrimos frágeis, mas os adolescentes não negociam para tentar obter melhor eficácia das ações, não participando das reuniões com frequência e entusiasmo e executando algumas tarefas de maneira superficial, respondendo com frases prontas, ao gosto do discurso oficial sobre eles. Essa postura não deveria ser identificada como apatia, mas como máscara de proteção às incompreensões sobre o campo de suas vivências. Não sendo agressivos (apesar da violência alegada ao bairro, só senti o ambiente pesado quando havia

algum envolvimento com drogas e em nenhum momento senti qualquer tipo de constrangimento), se afastam de debates improdutivos que servem às instituições.

O que chamamos de apatia pode ter também outras traduções. Houve uma festa julina promovida pela ABAN no dia 16 de julho de 2010 e quando Renato chegou, mostrei para ele uma chamada do jornal JFHOJE para um concurso promovido pela FUNALFA⁷⁴ de fotografias da cidade e que era destinado a adolescentes que estivessem matriculados desde a 6ª série até o 3º ano do ensino médio. Renato também percebeu a importância do concurso e imediatamente me colocou em contato com Damião, um rapaz da comunidade. Conversei com ele e pedi-lhe que conseguissem um grupo que estivesse interessado também. Dei meu telefone e aguardei nos próximos dias, mas não recebi nenhuma chamada. Nesse dia de festa julina promovida pela ABAN, conheci do filho de uma senhora participante da ABAN que só vem ao bairro nos fins de semana, pois estuda e mora com a madrinha. Ele gostou da ideia do concurso e marquei com ele um encontro na segunda feira, uma vez que ele está de férias.

Na segunda feira, dia 21 de julho cheguei às 14 horas, mas ele não apareceu. Fui à sua casa e sua mãe disse que ele havia ido a uma aula de recuperação de Física, marcada pela manhã. Não me deu retorno nos dias seguintes. Naquela semana não aconteceu ensaio de REGGAEBEM, pois Quito (ensaiador) estava ocupado, mas encontrei com um dos rapazes e expus para ele o projeto de fotografias do concurso da Funalfa e ele ficou de montar um grupo e me ligar para agendarmos o encontro. Deixei meus telefones, mas não recebi nenhuma ligação nos dias posteriores. No dia 23 de julho não haveria ensaio, mas fui ao bairro com a intenção de encontrar com um deles, mas em vão.

No dia 28 também não houve ensaio. Encontrei-me com André que estava jogando bola em frente à ABAN e ele me disse que nem ele nem os demais estavam interessados no concurso nem nas fotografias do bairro. Não deu explicações.

Parei naquele momento para refletir. Desde maio tentava estabelecer um grupo de pesquisa com os participantes do REGGAEBEM, sem sucesso. A fala de André dizendo que o grupo não se interessava por este tipo de atividade, fotografias do bairro, me fez repensar as estratégias da etnografia, pois já havia tentado, sem

⁷⁴ Fundação Alfredo Ferreira Lage de promoção cultural do Município de Juiz de Fora

sucesso contatos diretos com alguns deles quando então eles não diziam que não queriam participar, me ouviam e marcavam os encontros, mas não compareciam; contatos mediados via pessoas moradoras do bairro, não aconteceram; diretos, coma com o filho de Zita, nunca mais o vi; estímulo pelo concurso de fotografia promovido pela FUNALFA; estímulo pela oficina promovida pela FACOM. Nada havia funcionado até aquele momento.

O REGGAEBEM poderia ser um ponto de cruzamento da musicalidade local com as tendências atuais, nacionais e internacionais, individuais e coletivas. Por isso, encontrá-los já reunidos nos ensaios era uma benção e poderia garantir duas das suposições metodológicas desta pesquisa: os jovens em grupos estariam mais descontraídos e, portanto, mais facilmente exporiam suas ideias e seria possível surpreender diálogos entre eles e não resposta a questionamentos levantados pela pesquisa; os encontros também seriam facilitados por obedecer ao calendário do grupo.

Bem no princípio desta pesquisa, nos dois primeiros ensaios talvez, as observações foram bem ricas e alguns detalhes nos relacionamentos criaram vínculos que posteriormente foram bases de novos acordos e agilizaram as interações nas continuidades de conversas nunca encerradas totalmente, garantindo a possibilidade de uma diversidade de opiniões espontâneas de a fala de três ou mais pessoas, diretas ou cruzadas entre si, o que não tinha ainda acontecido quando o assunto era diretamente relacionado às suas experiências pessoais religiosas.

As observações de reuniões promovidas pela ABAN com os integrantes do REGGAEBEM também resultaram em dispositivos compreensivos que alicerçaram nossos encontros. Por exemplo, a sexualidade era tratada num grupo, complementar à atuação musical, coordenado por estagiárias do curso de psicologia da UFJF que discutia questões a ela ligadas. Assisti a duas reuniões desse grupo e ali me dei conta de um dos problemas que enfrentaria se me propusesse a realizar reuniões específicas para se tratar de religiosidades: às provocações das coordenadoras se seguiam respostas prontas, que os jovens expunham como sendo aquelas que se esperava ouvir. Não se avançava para além do convencional.

Até quando André afirmou o desinteresse do grupo pelo trabalho com fotografias ainda existia esperança de romper os obstáculos pela paciência, conversas e outras táticas de aproximação. Sabia que não seria fácil, que eles não

iriam aderir e realizar as fotos como eu propunha. O que eu não esperava era a ausência de motivos *a gente não está a fim, não*. Não acredito que o desinteresse seja pela realização das fotos, pois me escapa que isso não pudesse interessá-los. Eles gostam de se exibir, sem estímulo algum, e estimulados, estariam em seu ambiente⁷⁵.

Naquele momento acolhi a rejeição como sendo dirigida em mim, pois devia ter errado na abordagem, não ter oferecido nenhum lucro imediato, não ter usado técnicas de sedução adequadas e tudo isso deveria ser avaliado. Poderia ser também que eles me vissem de uma maneira equivocada, uma vez que poderiam me associar ao cargo que exercia na Escola Estadual Dom Orione, que foi fechada e talvez eu estivesse contaminada pelo pertencimento a uma educação que eles rejeitam. Ou por ser de outra faixa etária. Onde errei ou se errei, não sei, mesmo hoje.

No início de 2011 algumas dessas questões começam a ser entendidas no sentido de sugerir que eles desconfiam de pessoas fora do seu círculo de amigos. Mas esta prevenção contra estranhos, compreensível ao trabalho etnográfico, no caso deles poderia ser uma resposta ao “abuso das fontes”. Eles participaram de inúmeras pesquisas e projetos sociais que não lhes deram retorno e eles se protegem contra esse desgaste. A partir de uma abertura no manto de tantas incompreensões, não me senti mais como antes, tateando em meio à neblina.

Mas isso teve uma contrapartida interessante que foi o excesso de reclamações, denúncias, mágoas contra a ABAN em razão do encerramento das atividades do REGGAEBEM. Então, tive que ter cuidado para que meu trabalho não se transformasse num muro de lamentações e depósito de denúncias. Suspendi também o desejo de ter algo para lhes ofertar. Mas não renunciei a compreender um dos papéis da etnografia, seguindo a esteira de Viveiros de Castro (2006) quando diz que “cabe a nós, antropólogos, ver toda a complexidade que está por trás de assertivas tão banais...” como, a “*ABAN não quer saber mais da gente*”. Ao final desta pesquisa continuo ainda incerta quanto ao motivo e o momento da inflexão na pesquisa, mas sei que aproveitá-la dependeu de paciência, flexibilidade metodológica e alguma independência teórica.

⁷⁵ Cf. Sales, Mione Apolinário, 2007, p. 29

No dia 2 de agosto de 2011, conversei com Renato sobre a continuidade do REGGAEBEM ele colocou sua posição sobre o que estava acontecendo. Ele citou a apatia dos jovens como um dos motivos do encerramento do REGGAEBEM. Mas sugeriu que eu continuasse a fazer este trabalho de reflexão e observações. Sugeriu-me que encontrássemos quinzenalmente para desenvolvermos nossas observações em conjunto, principalmente sob o foco das religiosidades que também o interessa muito. Disse que iria me encaminhar o grupo jovem da Igreja Católica do bairro. Nem as reuniões pretendidas nem o encaminhamento para o grupo de jovens da Igreja Católica ocorreram.

Com o REGGAEBEM paralisado e na incerteza da sua reativação, assim como o projeto fotográfico em suas várias versões não havia conseguido a adesão do grupo de percursionistas, me vi na contingência de mudar a estratégia da pesquisa mirando outro campo que forneceria outra base de diálogo que me revelaria a religiosidade que eu presumia existir, mas que não se desvelara ainda. Propus a eles que fizéssemos um levantamento histórico sobre a musicalidade do bairro, tendo como justificativa o quinto aniversário de fundação do REGGAEBEM, e a busca de subsídios para uma reformulação das atividades e dos objetivos do grupo.

Mesmo antes da paralização das atividades do REGGAEBEM, a musicalidade do bairro já se colocava como alternativa de direcionamento desta pesquisa. Já no segundo semestre de 2010 //inverteu a desconfiança e permitiu um novo ponto de referência. Para começar, quatro rapazes se propuseram a buscar junto aos ex-colegas do REGGAEBEM que se haviam afastado do grupo os depoimentos sobre o tempo em que faziam parte dele, o que os havia afastado do REGGAEBEM, como a grupo havia se formado, com quem eles haviam aprendido a tocar, quem eram as pessoas importantes para eles, etc. As gravações em vídeo e áudio foram feitas por Wallace, Gleison, Julinho, André, principalmente, com câmeras, celulares e MP3. Mas tivemos problemas com a edição do material e com a transferência entre os instrumentos, pois havia incompatibilidade dos programas dos computadores da ABAN e, além disso, eles são apagados diariamente e por isso perdemos alguns arquivos que não foram transferidos para pen-drivers.

No dia 8 de outubro compareceram Gleison, Wallace e Julinho, mas a reunião não foi produtiva, pois os computadores da ABAN não abriram os arquivos

de fotos e vídeos que foram gravados no celular do Wallace. Como não conseguimos trabalhar, assisti a uma reunião com o grupo do REGGAEBEM sobre sexualidade, reunião presidida pela equipe de coordenação do REGGAEBEM, Pollyana, Flaviane e outra moça.

Era uma reunião onde o tom arrogante e verticalizado da coordenação conduzia as discussões sobre assuntos que surgiam no desenrolar da reunião e que eram até interessantes, mas de resultado insatisfatório, pois os coordenadores parecem possuir uma receita única para as mudanças desejadas e os jovens nada soubessem sobre o assunto. No entanto, os jovens vivem suas experiências sexuais mas não sabem ou não querem falar delas para esse público e a conversa gira em frases prontas, com respostas previstas e não avança para o que deveria ser o foco o problema: a afetividade e o respeito ao outro. Mas, parece que só a mim incomoda esse discurso do poder pelo saber. Mas a ABAN afirma que “acolhe, acompanha e investe em adolescentes e jovens em vulnerabilidade pessoal e social através de oficinas de arte, esporte e educação”⁷⁶.

Fora dali, as entrevistas realizadas por eles aconteciam num ambiente irreverente e rico de experiências expostas com espontaneidade e criticamente elaboradas. O material coletado em vídeos apesar de tratar mais de questões ligadas ao afastamento dos depoentes do REGGAEBEM exibe também os seus valores, a organização do cotidiano dos adolescentes, seus projetos, seus problemas. Diferentemente dos demais segmentos, estes jovens querem mudar suas vidas, mas não sabem como fazê-lo.

Aí a religião surgiu nas falas: *Se Deus quiser, vou conseguir...* Fala que pode significar uma fratura, um caminho ainda não trilhado, mas possível. Mas, o que foi mais importante nesta parte da pesquisa foi ter conseguido “penetrar” via vídeos, fotos e entrevistas, no universo afetivo e cultural dos jovens do bairro, centrando-me tanto na interpretação do fundo das fotos e vídeos e nas entrelinhas das falas como nas palavras enunciadas.

Foi somente a partir dessas entrevistas, já em outubro de 2010 que as questões sobre religiosidade assumiram uma feição mais descontraída. Até ali era como se não existisse essa dimensão na vida dos humanos. Era mais do que jovens

⁷⁶ Extraído do prospecto de apresentação geral da ABAN/2010

sem religião, era a vida sem ela. Todavia, a religiosidade existia ali, tanto como pertencimento a essa ou aquela instituição, mas também quando negavam tal pertencimento. Antes, estivera semiprotégida de perguntas indiscretas, surgindo espontaneamente agora nas conversas gravadas dos vídeos produzidos por eles. Porque existe porém, uma sutil diferença entre jovens sem religião: os que não se sentem ligados a nenhuma delas, e aqueles que não querem falar de suas experiências religiosas.

De fato, o que deu certo em termos de quebra de barreiras, espontaneidade dos depoimentos e outros procedimentos etnográficos fundamentais, foi haver sido desenvolvida uma etnografia indireta mais próxima da história oral do que da antropologia. E assim como as redes de contato e de interesses foram se ampliando e extrapolando o quadro de interlocutores iniciais para além daqueles vinculados de alguma forma à ABAN, a linha teórica desta pesquisa também foi ganhando novos delineamentos em torno das interpenetrações disciplinares, da multidimensionalidade e da fluidez das questões em xeque que permitissem a inclusão da religiosidade (existente ou não) no quadro das discussões possíveis.

Das entrevistas realizadas chegou-se facilmente à musicalidade do bairro já antevista e que fortaleceu a inflexão de sentido desta pesquisa. Pois existe no bairro Dom Bosco uma memória musical intensa mantida nas lembranças das atividades do passado e nas do presente de grupos carnavalescos, escolas de samba, bailes, bandas, pagodes e de compositores de músicas leigas e religiosas, tanto católicos e evangélicos, e também como percussionistas de religiões afro-brasileiras.

As pessoas mais antigas disponibilizaram-se a falar com prazer dessa faceta da história do bairro que se mistura à história da cidade e, quando contavam suas histórias, eram escutados com atenção pelos jovens presentes, atenção que não encontrei quando o assunto girava em torno de religiões. Aí sim a conversa se tornava pesada, evasiva, e pouco produtiva.

A musicalidade do bairro já era minha conhecida desde os tempos da Escola Estadual Dom Orione quando então fiquei sabendo que existiu até uma banda de música que fez muito sucesso em apresentações fora do bairro e que a contribuição ao carnaval de Juiz de Fora se mantém desde que os idosos de hoje eram muito jovens.

O primeiro movimento dessa nova fase da pesquisa foi a visita, em novembro de 2010, a uma senhora idosa que faleceu logo depois e que havia sido passista de escola de samba assim como seus irmãos haviam sido também compositores, além de passistas. Enfatizo a diferença observada na postura dos jovens em relação às falas dos idosos sobre as atividades ligadas à música ao longo do século passado. Na visita à senhora estavam presentes três rapazes e duas garotas e todos estavam muito atentos e, depois, as falas da senhora deram ensejo às continuadas projeções sobre o passado e sobre o futuro dos músicos do bairro.

Apesar de interessada na história musical do bairro, estava mais atenta às maneiras como os jovens se dividiam entre os possíveis depoentes, como combinavam as perguntas que lhes fariam e como organizariam os novos encontros.

Os resultados não foram muito ricos, e devo confessar que a história da musicalidade do bairro ainda está por ser narrada, pois o grupo não se manteve unido e perseverante. Para essa história os resultados foram bem pobres, mas em termos de se ter criado um novo foco, abriu perspectivas importantes para pesquisa e somente após tudo que aconteceu em torno da música no bairro foi possível continuar esse relato e colocar em discussão a religiosidade dos adolescentes, reforçando que neste capítulo vou cuidar mais daqueles que se dizem sem religião, numa categorização empírica haja vista a descontinuidade nas filiações religiosas.

Esperava que através da música fosse possível vir à tona as suas impressões e experiências religiosas e isso me parece ter sido uma opção acertada: a música leva-os a uma dimensão mágica quando estava em execução, semelhante, me parecia, a um êxtase religioso e aí a própria música poderia ser campo de experiência de religiosidade, visível nos rostos concentrados e nos olhares sem perspectiva. Nos ensaios eles se tornavam personagens de um mundo diferente de suas vidas concretas. Ou ao contrário?



No grupo do REGGAEBEM consegui maior aproximação com seis rapazes, pois as moças foram mais arredias a essa abordagem direta, mas quando começamos um ciclo de entrevistas realizadas por eles mesmos, elas se mostraram mais colaboradoras: André, Gilmar, Romário, Artur, Daniel, Marcelo e Elias. E, nas gravações, Angélica e Mariana, foram as que mais falaram.

Posteriormente conheci o grupo de pagode que se reunia na casa do Sr. João e Dona Sebastiana. André e Gilmar também tocavam no REGGAEBEM, Elias e Artur haviam saído do REGGAEBEM há algum tempo e Marcelo havia sido monitor (chamam assim a pessoa que ensaia os demais), além de Lauro, Lúcia, Zeca e Israel. Na entrada da casa eles haviam construído uma salinha que ainda estava inacabada onde guardavam os instrumentos e a aparelhagem sonora e ali também se reuniam. Fiquei conhecendo outros rapazes, já que no grupo de pagode não existem garotas, que circunstancialmente contribuíram de alguma maneira nesta pesquisa, mas que não serão citados nominalmente.

Esses dois campos de observação foram lastreados pela relação com a música, mas outros adolescentes também fizeram parte desta pesquisa quando o assunto se fixou mais diretamente sobre religiosidade. Eram os filhos das mulheres que faziam parte da ABAN. Algumas vezes foram incorporadas neste texto as referências das mães sobre seus filhos, em discursos indiretos muito enriquecedores.

Esses agrupamentos não tem existência isolada entre si, pois os seus componentes compartilham as lidas diárias, as atividades esportivas e de lazer, musicais, ou mesmo a obrigatoriedade do espaço comuns dos percursos, das sensações e dos acontecimentos. Foram observados em situações rotineiras num ou noutro grupo musical ou mesmo fora do contexto da musicalidade quando surgiram do desvelamento de experiências que transbordavam das falas de suas mães em nossas reuniões. Resumindo, os jovens desse capítulo pertenciam ou ao grupo musical REGGAEBEM ou eram filhos das famílias que participam da Vida Plena, ou se reuniam em torno do grupo de pagode. E que, em algum momento, disseram que não tinham nenhuma religião. Desejei então saber o que significava essas oscilações de declarações de pertencimentos.

Breves informes biográficos e grupais

São informações bem reduzidas em relação à intensidade dos contatos pessoais. Servem, apesar disso, de ponte entre temporalidades e de agulhões que avançam no espaço e facilitam a compreensão do texto. Cruzamento de redes de conhecimentos ou de laços pessoais. Incluem descrição somente do grupo de percussão REGGAEBEM, uma vez que o grupo de pagode não foi observado sob critérios de observação etnográfica, pois não vi nenhuma apresentação dele, nem ensaio mais elaborados, pois nas vezes em que fui ao bairro para observar os ensaios, eles não aconteceram. Quando aconteceram, não me chamaram. As apresentações noturnas fora do bairro estiveram longe da minha capacidade de acompanhá-los.

DOS PERSONAGENS

Romário

Tinha quatorze anos em 2010, tocava tamborim e era muito alegre e comunicativo. Seus colegas me disseram que ele “era da pesada”, fazia tudo o que não podia: caçava passarinhos, sumia de casa, não ia à aula, etc. Sua mãe vivia atrás dele pelas ruas do bairro, mas ela não conseguia acompanhá-lo. Ainda estava cursando o quinto ano. Quando conversei com ele, ele me disse que não gostava da escola e que sua mãe estava sempre atrás dele para fazer dever de casa e que ele não gostava da escola porque a professora era sempre chata e que ele queria saber de outras coisas. Disse-me que gostava de games e que ninguém ganhava dele em alguns jogos e que precisava de dinheiro para a lan-house e que ele queria ter um computador em casa para poder desafiar quem não ia à lan-house. Chegou há menos de um ano ao bairro, vindo do Rio de Janeiro e parece estar ainda em adaptação à nova moradia. Não consegui matrícula na escola perto do bairro e por

isso deveria ir a pé até um bairro mais distante, o que, de acordo com ele, toma muito tempo e não dá prazo para outras coisas. Seu pai é servente de pedreiro e o que ganha é insuficiente para manter a família e de seis pessoas: pai, mãe, três filhos e a avó paterna que é inválida. A mãe faz faxina em casas de família, mas é difícil para ela ficar o dia inteiro fora de casa, pois quando consegue serviço, os filhos ficam presos em casa e aí Gilmar foge para a rua, o que preocupa a mãe. Ele disse que sua família não tem religião aqui, que quando moravam na Maré (RJ) eles iam numa igreja que não tem aqui e eles não vão agora a nenhuma, pois não conhecem os pastores.

Arthur

Tinha quinze anos em 2010, morava (ainda mora) numa casa muito deteriorada. As paredes não tem reboque, os móveis estão velhos, estragados e sujos, a escada de acesso a casa é muito perigosa. Cuida de duas irmãs mais novas enquanto sua mãe trabalha. Disse-me que gosta de estudar, mas não tem planos para o futuro, e a única coisa que diz desejar é arrumar um serviço para sair de casa, se possível para jogar futebol: sonha com a presença de olheiros de grandes clubes nos jogos na rua de sua casa. Seu pai não mora com eles e não ajuda em casa e o que sua mãe ganha não sobra nada para ele comprar o que gosta: computador para os jogos e internet. Toca no REGGAEBEM há pouco tempo, mas disse que ia abandonar o grupo porque é muito chato ficar tocando só, pois para ele o bom do REGGAEBEM é sair para tocar em outros lugares que lhes dão lanches.

Diz que foi católico e sua avó *mexe com macumba e manda capeta para enrolar a vida dos outros*. Perguntei-lhe se tinha medo da avó e ele disse que não, que ela *faz trabalho só para os de fora*, e que às vezes ele também ficava na sessão espírita. Mas afirmou que não quer mais ser de nenhuma religião, pois não gosta do que acontece nas igrejas em termos das falas dos padres e das exigências das igrejas evangélicas que não deixam que ele faça o que quer. Não manifestou apreço pela religião da avó.

Daniel

Um dos mais velhos do grupo teve experiências variadas quanto às atividades legais e ilegais: com dezenove anos já esteve retido no Centro de Medidas Socioeducativas por furto em loja da cidade e também foi pego com pequena quantidade de drogas. Não concluiu o ensino fundamental, pois estava estudando na Escola Estadual Dom Orione quando esta foi fechada e depois disso não voltou a estudar. Disse que foram prometidas vagas em escolas perto do bairro, mas que não foi isso que aconteceu e ele não tinha condições de pagar passagens de ônibus para estudar à noite, pois foi nesse período a matrícula que conseguiu. Mas, disse-me, nunca gostou de estudar. Para ele, quando ainda estava na escola era tudo muito chato, as professoras não sabiam nada e não tinha livros e que a merenda era muito ruim. Confessa que ajudou a acabar com a escola de tanto que chutava as portas. Além do mais, contou-me que, com outros colegas, prendeu a supervisora escolar na sala e escondeu a chave e ela teve de sair da sala no segundo andar por uma escada e que eles filmaram a cena no celular.

Diz que não se lembra de ter ido à nenhuma igreja.

Marcelo

Foi um dos fundadores do REGGAEBEM em 2007 e, quando o grupo ficava sem ensaiador, ele assumia esse papel. Era querido e respeitado pelos colegas, mas eles reconheciam que ele deveria estar mais bem situado na vida. Tinha 22 anos em 2010 e às vezes conseguia algum biscoito como eletricitista de obras, mas isso era muito esporádico. Fora isso ficava à toa, jogando bola com as crianças. De certa forma Marcelo era desestímulo para aqueles que pensavam no REGGAEBEM como degrau para a fama. Como não tinha família, a mãe morrera recentemente e ele não tinha meios de sobrevivência, vivia de casa em casa, sujeito as possibilidades de abrigo que os amigos poderiam lhe oferecer. Diga-se a seu favor que não se envolvia com drogas nem com furtos, nem com outros delitos contra pessoas. Tinha um filho, mas não gostava de falar dele já que a mãe da criança não o deixava ver o menino, pois ele não pagava a pensão.

Disse que não era mais religioso, pois não tinha tempo de escutar o que os pastores diziam, pois estava sempre preocupado em arrumar emprego e o pessoal de igreja não o ajudava nem quando ele quase foi preso por não pagar pensão alimentar.

Estevão

É um personagem cheio de conflitos, apesar de ter o pai em casa e a mãe também. Moram em casa própria ainda não terminada e que aos poucos vai sendo construída com dificuldade pelos pais que são moradores antigos do bairro. Mas o pai abusa da bebida alcoólica e a mãe é uma pessoa triste que não dá conta dos cinco filhos adolescentes. Estevão tinha no momento inicial da pesquisa 13 anos e era o terceiro filho mais velho. Em casa era muito rebelde, não estudava, brigava muito com os irmãos, etc. Sua mãe achava que ele estava usando drogas, mas seus colegas diziam que não, que ele não gostava de nada que fosse errado e que não gostava do seu pai bebendo e por isso não gostava de ir para casa. Para a mãe isso era um conflito de grandes proporções, pois, apesar de reconhecer as razões do filho, não podia abandonar o marido. Estevão disse que religião é bobagem para quem não tem emprego nem como sair dali.

Mariana

Tinha dezesseis anos quando esta pesquisa começou e tocava tamborim e triângulo no REGGAEBEM. Delicada, cuidava o cabelo com esmero e estava sempre muito arrumada. De família simples, mas muito caprichosa. Sua casa (as paredes só tinham chapisco, os cômodos não tinham portas, o piso era de cimento grosso, no exterior a cerca era daquelas de bambu trançado, comum nas residências rurais, e o chão era mesmo sem cobertura: terra socada) era muito limpa. Cursava o último ano do ensino fundamental à noite e trabalhava durante o dia como babá numa casa próxima ao bairro. Fez depoimentos importantes para essa pesquisa no tocante à religiosidade, pois, já tinha sido evangélica, também convivido com sua avó que, quando mais jovem, possuía um terreiro de umbanda e com seus pais que são católicos.



Ruralidade urbana

Angélica

Tinha quinze anos e soube que estava se prostituindo na beira de estrada, num posto de abastecimento de combustível na saída da cidade. Sua mãe é que exigia que isso acontecesse, pois precisava do dinheiro arrecadado. A mãe dizia para quem quisessem ouvir que o tempo de mulher conseguir dinheiro é muito curto e que quando ficam mais velhas não conseguem mais sobreviver dessa maneira.

Tocava tarol no REGGAEBEM e nenhum dos colegas parecia se importar com o que ela fazia fora dali, isso sendo um aspecto relevante a se considerar, qual seja, o não moralismo entre os membros do grupo. Sua casa está num beco, é muito suja e sua mãe não tem o que oferecer em termos de formação e educação.

De certa forma ela era acobertada pelos colegas, pois ainda estava no REGGAEBEM mesmo com tantos problemas de comportamento. Ela disse que religião atrasa a vida.

O caso desta garota é sintomático para se entender as dinâmicas assistencialistas promovidas por entidades religiosas. A sua casa estava em péssimas condições estruturais e higiênicas e por isso foi reformada pela ABAN e devolvida à moradora em condições muito boas de moradia. Mas a mãe da garota que vivia da venda de produtos extraídos de lixo, quando a casa ficou pronta, continuou a fazê-la de depósito e, em pouco tempo, a casa havia voltado às condições de higiene anterior. A filha tentava manter a casa limpa. mas quando voltava para casa a mãe havia retornado para dentro o que deveria estar fora de casa. Nunca se deu jeito naquela sujeira que era tão exagerada que a Vara da

Infância e da Juventude interferiu para garantir condições mínimas de vida para o irmão de 1 ano e meio de vida.

DA PERCUSSÃO



Grupo REGGAEBEM comemora Dia de Combate às Drogas Apresentação musical chama atenção para a importância da prevenção dos comportamentos de risco ao uso de drogas

Na manhã deste sábado, 26 de junho, no Calçadão da Halfeld, o Grupo Reggaeabem realizou uma apresentação musical em comemoração ao Dia Mundial de Combate às Drogas. Números de percussão chamaram atenção do público para a importância da prevenção dos comportamentos de risco ao uso de drogas.

O Grupo REGGAEBEM é formado por adolescentes participantes de um projeto social de prevenção e combate às drogas, da Associação dos Amigos (ABAN). Para a coordenadora do projeto, **Flaviane Bevilaqua**, o trabalho de conscientização dos jovens e a promoção de atividades culturais são importantes para o afastamento dos meninos e das meninas do uso de drogas. Disponível em Google Acessado em 12 de dezembro de 2010

A reportagem acima os mostra meio constrangidos e desatentos na foto. Talvez não estivessem assim, mas dá para pensar se eles gostam de se mostrar como exemplos, domesticados e dominados, de contraposição à violência das drogas.

Os adolescentes do REGGAEBEM foram acompanhados intensamente durante o ano de 2010. Depois, em 2011, sem os ensaios, o acompanhamento se deu de maneira mais individualizada e, em 2012 estive com eles de forma menos intensa e mais esporádica. Apesar desta convivência e também dos dados de observações, vídeos, fotos, entrevistas em áudio, a reflexão e a escrita sobre eles ainda são difíceis. O olhar já não é tão distante, mesmo tendo sido essa a posição desejada metodologicamente no início dos trabalhos, mas a linearidade da escrita não dá conta do vivido, por incompetência literária e/ou etnográfica, talvez.

Observo suas expressões faciais de tristeza quando falam das atividades do grupo de percussão que não se restringiam mais aos limites do bairro e eram frequentemente convidados para sessões de abertura de eventos, exposições em locais públicos. Já fizeram uma apresentação no saguão do Shopping Independência e a coordenadora do projeto disse que eles ficaram muito orgulhosos de estarem ali – destaque este evento por que o trânsito nesse Shopping é restrito. Tanto que teve um momento em que perguntei a uma garotas que encontrei na porta da sede da ABAN onde elas iam quando saíam do bairro para passear e elas me disseram que iam ao shopping. Achei interessante esta afirmação, pois outros jovens haviam dito que não se sentem bem no Shopping Independência porque os seguranças ficam de “olho” neles. Mas, depois foi esclarecido que o Shopping que elas se referiam era o Shopping Santa Cruz, cuja frequência contempla as classes mais desfavorecidas, apesar de ser bem longe de suas moradias.

Apareceram em publicações em jornais impressos e internet (estive no website do Google, de onde a reportagem acima foi copiada), revistas⁷⁷ e televisão,

⁷⁷ A primeira edição (Nov/dez 2010 – jan 2011) da revista Mundo Cidade conta com uma reportagem sobre o grupo na página 56

e é alvo de pesquisas acadêmicas e institucionais e de parcerias com instituições de ensino superior (UFJF e Estácio de Sá)⁷⁸. O grupo era “usado” como divulgador privilegiado das ações da ABAN e isso conferia aos seus participantes uma distinção em relação aos demais jovens da comunidade.

No final do ano de 2010 me dei conta da quantidade de outras pesquisas que aconteceram ou ainda estão em curso no bairro, sem que os moradores vejam nelas algum benefício aparente, o que mina o entusiasmo por qualquer outra iniciativa nesse sentido.

Como as redes de contato e de interesses vão se ampliando, a linha teórica desta pesquisa vai se aproximando daquelas que assumem as interpenetrações disciplinares e a multidimensionalidade e fluidez das questões em xeque. Algumas referências marcaram este trabalho por sua presença constante nas falas, ou também porque provocaram estranhamentos que demandaram solução. No caso, estranho a existência de vida digna em situações de pobreza. No meu entender, qualquer privação de liberdade anunciaria indignidade. Mas existe uma subversão da indignidade da pobreza e estudar os jovens do bairro Dom Bosco talvez seja uma forma de dar visibilidade às tensões e negociações que gradualmente vão se mostrando e impondo novos olhares.

No primeiro vídeo realizado por eles, três jovens estavam assentados num sofá na casa de um deles. André e Julinho faziam as gravações. Um deles era evangélico e disse que o pastor é que lhe havia ensinado o que sabia de religião, mas que não lia a Bíblia sempre e que ia ao culto toda a semana, aos domingos e que não tinha aula de ensino religioso em sua escola. Outro disse que era católico e estava se preparando para ser crismado, mas algum tempo depois ele havia se afastado da religião católica e se apresentado à comunidade como pertencendo a uma religião afro-brasileira. Depois de alguns insucessos na vida amorosa,

⁷⁸ O objetivo do projeto de extensão “Comunicação, Memória e Ação Cultural” da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é resgatar e valorizar a história dos moradores do bairro Dom Bosco por meio de produções culturais. A iniciativa, coordenada pelo professor da Faculdade de Comunicação Social Bruno Fuser, é desenvolvida em parceria com as professoras Josimara Delgado e Salete Cunha. O Boa Vizinhança, da Pró-reitoria de Extensão (Proexc) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), abre inscrições na próxima segunda-feira, dia 10, para preenchimento de 90 vagas. O projeto, desenvolvido em parceria com a Faculdade de Letras, oferece à comunidade aulas de inglês e espanhol básicos. Sessenta por cento das vagas são destinadas às comunidades vizinhas à UFJF, e 40% para as demais regiões. Neste ano, os bairros Dom Bosco, Cascatinha, Teixeiras e Dom Orione estão incluídos como circunvizinhos à Universidade. Amigos: Produção do Jornal Mensal da ABAN Letícia de Sá Nogueira e Maria José Oliveira

ameaçava as suas ex-esposas alegando usar os espíritos do mal para prejudicá-las. Causava estranheza aos colegas o fato de ninguém ter testemunhado a sua preparação para os exercícios da nova religiosidade.

O terceiro rapaz, disse que era católico, mas que nem se lembrava a última vez que havia ido à Igreja e que não rezava quando estava sozinho. Que a religião não lhe fazia falta e que era a mãe que dava à casa deles algum jeito de religião. Disse nunca ter tido aula de religião na escola. Este rapaz estudava música além de estar terminando o ensino médio.

Além da religião, que foi a parte menor dos depoimentos, eles contaram que o REGGAEBEM era um grupo musical que foi criado em 2007 até ser desativado em 2010, ao final do ano, após acordo sobre uma reativação futura sob novas modalidades. Não mais voltou a tocar até neste final de 2012 quando escrevo o final desta tese.

Pró Cultura de Paz

"Existem muitas causas pela qual estou disposto a morrer, mas nenhuma causa pela qual esteja disposto a matar".
Ghandi

PROGRAMA REGGAEBEM

Com a necessidade de atrair jovens em vulnerabilidade social no bairro Dom Bosco, foi criado em 2007 o programa REGGAEBEM. O objetivo é utilizar a arte e o esporte para resgatar a cidadania de adolescentes de 13 a 20 anos.

O REGGAEBEM oferece oficinas musicais, teatro, artes marciais além de trabalhar com os jovens assuntos como saúde e sexualidade. A cada ano são abertas vagas e os interessados podem se inscrever no programa. Os encontros acontecem duas vezes na semana fora do horário escolar na sede da ABAN no Dom Bosco.

Atualmente, o programa que conta com a parceria da Polícia Militar, da UFJF e da Universidade Estácio de Sá, atende a aproximadamente 50 jovens.

<http://www.aban.org.br/?pagina=acao&id=16> Acessado em 12/02/2012

Inúmeras explicações me foram dadas pelo presidente e demais membros



da diretoria da ABAN sobre o encerramento das atividades estritamente musicais do REGGAEBEM: algumas das explicações ressaltavam o baixo compromisso dos jovens com as regras, propostas e metas do grupo. Outras ressaltavam que as atividades complementares ao campo musical, como grupos de estudo sobre saúde, sexualidade e família tinham baixa produtividade e não estavam cumprindo seus objetivos e que o financiamento dos profissionais e estudantes que trabalhavam junto ao REGGAEBEM deixou de existir. Disse que o voluntariado não supriu a carência de fundos e dos próprios profissionais e não houve substituição de pessoal quando os projetos de suas instituições de estudo se encerraram. Além disso, não havia recurso para conserto dos instrumentos que teriam sido destruídos por falta de cuidado. São palavras que explicam, mas não justificam a desativação do REGGAEBEM, pois todos os motivos poderiam ser contornados se fosse esse o interesse na direção da ABAN.

Quando, em março de 2011, tomei ciência que o REGGAEBEM não retornaria suas atividades fiquei muito preocupada com esta pesquisa. Perdia a ancoragem e a base teórica e metodológica pacientemente construída sobre mosaicos e indícios de um campo de movimentos imprevisíveis. Eu estava preparada somente para a efervescência dos adolescentes, mas mesmo assim pensava que algumas categorias sociológicas dariam conta de posicioná-los nesta ou naquela categoria e o campo antropológico resultaria das intercessões de múltiplas situações, mas a ABAN e o REGGAEBEM não eram esperados enquanto áreas em movimento de extinção. A ABAN continua a existir, mas para esta pesquisa começou, com a desativação do grupo de percussão, o distanciamento da instituição que me havia acolhido.

No meu entender a desativação do REGGAEBEM correspondeu a um apagamento e silenciamento dos poucos jovens no bairro que tinham suas identidades construídas para além das projeções negativas que lhes são impostas. Jovens pobres, negros, parcamente escolarizados, violentos, ligados ao uso e tráfico de drogas, ladrões, etc. quando no grupo eram somente “jovens tocando” junto com os demais que não eram carregados tão negativamente.

Eles resistiram bravamente aos nichos dessas perversas visibilidades⁷⁹ e ao final da pesquisa não os vejo mais presos somente aos aspectos pejorativos, e existe uma recusa em vê-los como abandonados pela sociedade e pelos seus dispositivos administrativos, pois nem todos eles se consideram como abandonados e padecendo dos estigmas da desqualificação social. O problema deles, sejam na dimensão educacional, religiosa, profissional ou pessoal é que eles não conseguem caminhar sem os mapas dos percursos que os levem a um destino melhor.

Avaliando o que aconteceu com um dos rapazes do REGGAEBEM é possível perceber como o desconhecimento dos recursos disponíveis na esfera pública impedem que eles se voltem em benefícios individuais e coletivos. Bem no início da pesquisa de campo um dos rapazes do REGGAEBEM declarou que uma colega de colégio disse que estava grávida e que a criança era filha dele. Ele estava muito acuado, mais do que estaria antes de existir teste de DNA, pois agora ele não sabia como proceder para solicitar o exame e nem como pedir para a grávida fazê-lo. É provável que adolescentes em outras regiões da cidade também não soubessem se movimentar nesses meandros jurídicos, mas em outros lugares ele terá alguém que o oriente, como a mãe ou o pai, ou colega.

No Chapadão, seus colegas, vizinhos e as pessoas mais velhas, ninguém sabia dizer-lhe o que fazer e onde se dirigir. Como usar os dispositivos de participação social e mesmo cultural? Caminham sem mapas e sem bússola. Às vezes acertam o rumo, mas a maior parte das tentativas acaba em decepção. Discute-se, por exemplo, nos grupos de estudo, uma sexualidade hipotética, o que deve ser e não se vê o que é.

Alguma semelhança existe com discussões sobre religiões. Eles também têm práticas religiosas, mas eles não sabem se locomover entre os dispositivos religiosos e ficam na superfície sem mapas nem legendas. É o que Spivak (2010) chama de subalternidade sem poder de negociação.

Dos filhos das famílias da ABAN

Outros jovens, os das famílias atendidas na ABAN, foram agrupados arbitrariamente numa categoria empírica, uma vez que eles não se organizam

⁷⁹ Cf. Sales, Mione Apolinário (2007)

enquanto grupo. São somente companheiros de aventuras, de jogos, de zoadas, talvez de gangues, pois uma das marcas desses jovens são as brigas com os de outras vizinhanças, e nem todos têm comportamento semelhante e, a não ser que alguns fossem denominados “desviantes”. Esses são mais ousados, poucos estudam, e os com pouca idade, são “protegidos” principalmente pelas mães que custam a reconhecer que seus filhos estão sob domínio de drogas em seus vários níveis e de outras atividades ilegais, ou então estão sendo privados de oportunidades de perspectivas futuras. Sobre eles faço abaixo um breve relato do que me foi dado a perceber pela escuta de comentários dos vizinhos e dos profissionais da ABAN que prestam serviço às famílias e também de depoimento de suas próprias mães em reuniões comunitárias. Nas vezes que conversei com alguns deles o diálogo não avançou para além das respostas às perguntas corriqueiras formuladas a fim de se criar interações.

São quatorze adolescentes⁸⁰ e mais um incluído, com onze anos, que merece atenção e outro com nove que recebe diretamente os efeitos das ações de seu irmão mais velho. Com anteriormente citado, os jovens deste agrupamento exercem um poder disseminado na comunidade ou pela violência que transborda em insegurança geral, ou pelo abandono dos estudos, ou pela informalidade de suas ações. Quero destacar que no bairro e mesmo dentro do grupo de famílias estudadas e nas demais existem muitos jovens que não se enquadram no perfil acima de irreverência, anomia e violência. Mas, os que fazem ruído e desgastam aos seus familiares e vizinhos são os primeiros citados.

Para preservar minimamente suas identidades (isso seria impossível, haja vista que a região do bairro em que moram é pequena e eles vivem ali dotados de identidade individual coletivizada – todos sabem de tudo sobre todos) não dá para usar nomes fictícios. Optei por falar de forma generalizada, diluindo os contornos da identificação, mas tenho muitos dos depoimentos arquivados, apesar de outros não estarem arquivados, pois foram ouvidos de passagem, em fofocas ou em momento de desabafo de mães angustiadas.

Uma garota de doze anos que se declarou católica, apesar de não ter sido batizada, terá sua história cuidada no terceiro capítulo desta pesquisa, uma vez que

⁸⁰ Insisto que se trata, no uso da categoria “adolescente” de um foco arbitrário, pois no bairro as etapas da vida são vividas longe de uma linha “normal” de amadurecimento biológico e social.

neste estamos dando mais atenção àqueles que ou se dizem sem religião ou que dizem tê-la de uma maneira tal que transfiguram os procedimentos tradicionais.

Um jovem merece atenção. Ele tem dezoito anos, está à espera do chamado do exército, frequentou até a sétima série escolar e está envolvido com pequeno tráfico de drogas. Não conversou quando fui a sua casa para fotografar seu irmão de nove anos. Além da relação com drogas, o que piora a situação da família é a reação do irmão menor que não quer ir à escola sob alegação que o mais velho também não vai. Um círculo vicioso difícil de ser rompido, pois a mãe parece assustada com a situação e não tem autoridade sobre os dois.

Ainda encontrei um garoto de treze anos que fazia tráfico de passarinhos. Conversamos com ele, junto com a psicóloga e a coordenadora sobre os problemas dessa prática, no meu caso tentando evitar problemas policiais, e não só os prejuízos ambientais. Este garoto é muito ativo e simpático, querido por todo, mas sem qualquer projeto que não seja ganhar dinheiro. Posteriormente encontrei com ele vindo alegre de uma construção na qual estava trabalhando como servente, carregando areia. Realmente, sua família é muito pobre, a mãe é doente física e mentalmente, as condições da sua casa são as mesmas para as casas dos três jovens tratados até agora: péssimas, sem documentos de propriedade, sem dinheiro até para o botijão de gás, cozinhando com lenha na trempe de um fogão desmontado. A mãe fica à espera de ajuda e o filho não tem incentivos para solver suas necessidades de forma mais digna. Onde conseguir dinheiro? E a proteção contra o trabalho infantil? Carregar areia é pior do que o tráfico de passarinhos? Escola, ele nem pensa nela, pois não havia conseguido matrícula em outra escola depois de ter sido expulso do Centro de Educação do Menor de Juiz de Fora, escola para os jovens que estão muito fora dos padrões de aprendizagem da educação oficial.

Ele é um dos jovens mais habilidosos dentre os que se deram a conhecer e fabrica casinhas de boneca de madeira e as gaiolas e alçapões que usa para apanhar e prender os pássaros das matas próximas. É interessante notar quase todos eles tem uma habilidade não desenvolvida satisfatoriamente por falta de educação formal e técnica. Um gosta de cantar, outro é habilidoso em trabalhos manuais, ou toca algum instrumento ou são exímios operadores de aparelhos de tecnologias para comunicação e jogos eletrônicos. Alguns são jardineiros, capoeiras, cuidadores de idosos e crianças e, principalmente, quase todos se rapazes se dizem excelentes

jogadores de futebol. São garotos e garotas cujos talentos restam desperdiçados e substituídos por marcas de negatividade somente.



Vou resumir o que mais me chamou atenção na observação dos demais jovens desse agrupamento: o irmão do que comerciava com pássaros tem dezessete anos e também não estuda, pois a escola fica longe e ele não tem dinheiro da condução. Ele é muito apático, não trabalha e não tem nenhuma iniciativa e mesmo recebendo dinheiro da condução para ir atrás de matrícula numa turma de Educação de Jovens e Adultos/SEE-MG próxima de sua casa, não conseguiu resolver e continua sem estudar, também alegando que está próximo de se apresentar no exército.

Já seu vizinho de beco estuda em escola particular, pago pela madrinha, está terminando o segundo grau do ensino básico, fez que não é mais católico, apesar de ter sido coroinha até recentemente, e se prepara para entrar no terceiro grau. Diz que deixou a religião católica porque não conseguia mais entender o que os padres queriam que os jovens fizessem: que um dia foi se confessar e o padre mandou que ele rezasse três ave-marias. Ele se enraiveceu, pois o padre não considerou o tamanho do seu pecado que não seria perdoado com essas poucas orações. Para ele, o padre nem o ouviu direito.

Bem distante dali, a duras penas a mãe mantém seus filhos estudando enquanto cuida da casa e dá um pouco de serenidade à família de um pai que é alcoólico. Um dos seus filhos está comportando-se de forma preocupante, os demais já estão trabalhando, inclusive ajudando na reforma da casa. A neta de uma senhora é muito rebelde e briga muito com todos inclusive com a avó. Já a filha adotiva de

outra (é filha do primeiro casamento do marido) é estudiosa, caprichosa, mas vive em conflito entre a casa do pai (a madrasta gosta muito dela, não faz diferença no tratamento dos outros dois filhos) e a casa da mãe e quando volta de lá, vem confusa e um pouco rebelde. Outro garoto está bem na escola e cuida das suas duas irmãs menores, pois a mãe trabalha o dia inteiro, só chega já com o escuro da noite.

Existem problemas com um garoto de dez anos que, me disseram veladamente, é suspeito de pequenos furtos e de estar sendo usado como “avião”. Sua mãe trabalha e ele fica por conta da avó. Seu pai é presidiário cumprindo pena por assassinato. Diz a mãe que quando o pai consegue passe para sair sempre vem ver o filho. Ela tem outro filho de outro pai. Num momento posterior, essa mãe, grávida, foi esfaqueada no abdome pelo companheiro naquele momento, lesões que provocaram a morte do feto e a colocaram em risco, mas ela não formalizou a agressão junto aos órgãos de segurança, preferindo ir morar em outra cidade quanto teve alta hospitalar, tendo ficado hospitalizada por várias semanas; depois, já no final da pesquisa de campo, havia retornado a sua moradia no Chapadão.



Esses comentários resumidos direcionam o olhar para a multiplicidade de situações implicadas na descrição desses adolescentes e suas relações familiares. Restaria ainda dizer que muitas famílias abrigam crianças e adolescentes de outras famílias, parentes ou não, temporária ou permanentemente, em vista de algum problema com a família de origem, tais como morte dos pais, prisões, separações e internamentos para tratamento da saúde. Deve também merecer realce a debilidade do papel da educação para esses jovens e também o peso das políticas públicas reparativas nesse grupo uma vez que a proximidade da mudança para a fase adulta implica em perda de benefícios e regalias familiares. Enquanto não se chega aos dezoito anos, muitas vezes esses adolescentes e crianças são “mantenedores” familiares o que lhes faculta a posição de legitimidade para atos que em outras

condições não seriam aceitas. Outro aspecto de juvenilização da pobreza. Dizem pouco, todavia, das relações com as religiões a não ser que as religiões são freios às expansões de suas exuberâncias.

Nesse grupo a religiosidade é quase inapreensível pela dificuldade de diálogo e porque as mães assumiam as falas, contando o que tinha acontecido com os filhos em termos religiosos: foi ou não batizado, fez ou não a primeira eucaristia, vai ou não à missa, foi ou não convertido, etc. quando ia visitá-los em suas casas, visitas que não eram agradáveis, pois quase todas as casas dessas pessoas eram muito degradadas.

Aqueles do pagode foram mais agradavelmente observados individualmente, pois desenvolvem atividades comuns em endereço conhecido, em horas previamente estabelecidas, e gostam de falar sobre o grupo e sobre a comunidade. A música, no caso desse grupo, não é ação social e não tem outros objetivos que não o prazer de tocar e de reunir os amigos, sem compromissos marcados de apresentação e muito restritos ao bairro, apesar de algumas apresentações fora dele, quando então vão aos bares da cidade mostrando suas produções sem ganhos financeiros. Encontrava-os nas tardes de sábado na casa do senhor João e dona Sebastiana. O local preferido dos encontros é um bar mais acima na rua da casa deles, mas desde cedo no terreiro da casa estão jovens afinando os instrumentos e trocando informações. Mas não fui muito adiante na etnografia sobre o grupo uma vez que não os acompanhei durante os ensaios e nas apresentações noturnas.

MUDANÇAS EM TRÊS ANOS

As pessoas têm medo das mudanças.
Eu tenho medo que as coisas nunca mudem.
Chico Buarque

No meio de uma tarde do mês de outubro de 2012, o telefone chamou. Era um dos jovens que convivi em quase três anos de pesquisa de campo no bairro Dom Bosco, filho do senhor João. Disse-me que precisava de um favor meu e se eu

poderia ajudá-lo no trabalho de conclusão do curso superior de Educação Física, requisito para sua formatura no Instituto Metodista Granbery, faculdade particular que ele conseguiu pagar trabalhando como auxiliar de educação física no Colégio Santa Catarina, de educação básica.

Antes disso, ao cair da noite do mês de agosto de 2012, numa ligação telefônica, outro rapaz, André, que conheci tocando do REGGAEBEM, disse que precisava falar comigo porque “tinha umas coisas estranhas acontecendo”. No sábado seguinte preparei-me para ir encontrá-lo, mas resolvi ligar antes e ele me disse que não era para eu ir lá, pois ele iria jogar futebol e que aguardasse que ele ligaria novamente. Isso não aconteceu, como havia acontecido inúmeras vezes anteriormente e, acostumada aos compromissos rompidos na última hora, fiquei esperando, sempre me lembrando dele e preocupada como o que seriam as “tais coisas estranhas”.

Quando o que queria minha ajuda para a conclusão do TCC me ligou, aproveitei a oportunidade e marquei para o próximo sábado a ida ao bairro e pedi que ele avisasse ao colega André que eu queria vê-lo. Quando lá cheguei, dei-me conta de como tantas coisas haviam mudado desde o final do ano passado e desde que eu havia começado esta pesquisa.

Naquele sábado, quando cheguei ao bairro, passei primeiro na casa que era na entrada do bairro, pois eu estava bastante curiosa com o que André tinha para dizer-me sobre as tais coisas estranhas. Imaginava que poderia ser algo relacionado às atividades da ABAN no bairro, com expectativa da reativação do grupo de percussão. Não era nada disso. Ele disse que havia me ligado porque precisava contar que ele “*havia engravidado uma moça*”, colega dele no REGGAEBEM. No mesmo dia, depois que conversei com Edmar, André me levou para conhecer a filha, nascida há quinze dias. Não havia nada estranho nisso a não ser que ele, André, havia se assustado com a notícia da gravidez num primeiro momento, mas agora estava tranquilo e curtindo o bebê.

Antes disso inteirei-me do trabalho de Edmar e resolvemos questões relacionadas aos questionários e a pesquisa de campo, e após, fiquei sabendo das novidades do bairro. Uma das mulheres do nosso grupo que se reunia às sextas-feiras, que encontrei na subida para casa de André me disse que o nosso grupo há muito tempo não se reúne. Depois, já na descida, encontrei com outra das

mulheres do grupo que confirmou que a ABAN estava quase sem atividades ali no bairro.

Outra notícia ruim foi o assassinato de um dos rapazes que tocava no REGGAEBEM por causa de roubo de um celular, o que aconteceu em julho deste ano. Além disto, outro havia sido preso por tráfico de drogas.

A casa do senhor João e dona Sebastiana continua hospitaleira e nas ruas vê-se algumas melhorias: as da parte superior, onde tem fotos de crianças jogando bola, foram asfaltadas perdendo um pouco aquele ar rural deslocado e as ruas de acesso também foram recuperadas e as sinalizações deram mais segurança aos moradores.



Dom Bosco, outubro de 2010



Dom Bosco, outubro de 2012

Mas o lixo continua acumulado nas ruas e nas encostas, a creche, que seria também espaço de socialização, prometida pela atual administração municipal, não foi construída, vagas nas escolas continuam muitas vezes em locais distantes, etc., o posto de saúde nem sempre tem médicos e medicações e o transporte em nada foi melhorado. Não se esperava mesmo construção de praça de esporte.

Nesse mesmo dia, fui apresentada a um voluntário que atua na Capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição no trabalho de evangelização. Disse-me ele que através do ensino gratuito de violão, tenta atrair os jovens para a catequese, mas que não conta com o auxílio paroquial. Além disso, disse que mesmo existindo verba na pastoral de São Mateus, nada é destinado à de Dom Bosco.

Sem pessimismo, não vi mudanças positivas no bairro, a não ser algumas ruas estarem asfaltadas. Mas as pessoas, os jovens inclusive, continuam desmotivadas e com as mesmas poucas perspectivas de mudanças em suas condições atuais. Não estarem acontecendo as reuniões do grupo de mulheres encontrocomasamigas.com é triste, pois nas reuniões as mulheres tinham espaço para falar e reivindicar e era onde podiam fugir de timidez e medo de se expor. Estava se construindo um espaço político. O atendimento odontológico oferecido pelas Faculdades Estácio de Sá não produziu os resultados prometidos no início de 2011 e até hoje não foram colocados realizados os tratamentos de dentes Paula e Marta, que eram das primeiras da lista de espera, regulamentação dos documentos da casa de Marta não aconteceu nem uma reforma mínima de colocação de chuveiro e pia de cozinha foi realizada.

REGGAEBEM encerrou as atividades e nenhuma outra o substituiu e muitos dos jovens que pertenciam ao grupo tiveram seus destinos prejudicados, não que se possa culpar a ABAN por esses resultados infelizes, mas pode-se pensar que ocorreu uma falha no atendimento proposto a esse segmento dos moradores. Mortes por demora de atendimento médico, assassinatos, violência acentuada nos fins de semana.

Educação e religião permanecem como fantasmas, mas tendo quem nelas acreditem. Uma nebulosa as envolve nas condições atuais de suas presenças na vida dos moradores: impalpáveis, argumentativas, historicamente construídas como dominadoras, preocupantes, assombradas. Qualquer pessoa é capaz de afirmar que falta ao bairro Dom Bosco, principalmente e enfaticamente para os jovens,

educação e religião, apesar de elas não estarem ausentes dali. Com baixo índice de resolatividade, elas se tornam espelho das carências da população e das demais instituições normativas e redistributivas da sociedade.

O argumento da ABAN, que escutei muitas vezes na justificativa da demora ou não realização de alguma obra previamente agendada é que ela não é uma instituição assistencialista, isto querendo dizer que depende também dos beneficiários as atitudes compatíveis com a obtenção do que era desejado. Assim, como a articulação política e a negociação não são posturas comuns na comunidade, nada precisa ser feito. Quando, alguns participantes perdem a paciência e exigem aquilo que foi negociado, como testemunhei num caso em que as telhas entregues, após pagamento em dignas, na residência de uma senhora, estavam muito velhas e quebradas e não poderiam ser utilizadas, e essa senhora não foi delicada em sua reclamação, a justificativa é que a senhora em questão tinha problemas mentais e era muito agressiva.

Qualquer objeto conseguido como doação continua sendo colocado a venda por preço baixo, mas mesmo assim existem aqueles que não podem pagar ou que não encontram o que precisam no depósito de materiais recicláveis ou no bazar de roupas e utensílios. Mas eles só podem comprar nesses estabelecimentos da ABAN, mediante o emprego da dignas, moeda social de circulação interna, pois todo o pagamento por serviços prestado, que, em tese, serviria para a emancipação do trabalhador serve, ao fim, como instrumento de aprisionamento por lealdade, ou coisa parecida. De forma semelhante ao que existia nos barracões das fazendas que endividavam os trabalhadores e ponto de eles nunca poderem se afastar daquele emprego. Essa situação de subalternidade continua existindo nos dias atuais, próximo de instituições representativas da modernidade e da cidadania. Ali, permanecem ligações pré-modernas e hierárquicas, sem a promessa de progresso.

No conjunto espaço/temporal observado, a situação do bairro parece estar estabilizada, vista neste curto tempo desta pesquisa. Todavia, numa visão mais ampliada e mais fundamentada nas teorias de compreensão dos problemas da contemporaneidade, vê-se que segue seu curso o processo de esvaziamento e deslocamento da população do bairro. O que acontece se assemelha a um sistema canibal de retroalimentação: as energias das pessoas se estão consumindo sem

reparação, e vão se esgotar de acordo com a velocidade dos projetos de especulação imobiliária sobre as terras do bairro. Campo propício à invenção religiosa.

JOVENS SEM RELIGIÃO

O que aparece nos dados dos censos como sugestão de escolhas livres e apostas em verdades cambiantes e instáveis pode ser, ao contrário, uma recusa, uma barreira à penetração dos jovens do bairro nas igrejas tradicionais. A generalização para outros locais fora desse bairro poderia ser precipitada, mas não seria improvável. No que diz respeito, por exemplo, ao catolicismo, a capela do bairro não só não tem, institucionalmente, nenhum projeto de atividades visando o público de jovens, como parece temê-los o que, paralelo que pode também ser feito em relação à educação, insinua que os jovens estão fora de lugar. Pedro Ribeiro de Oliveira (2012) fala sobre isso.

Gosto muito de um conceito pouco usado na sociologia, que é o de desafeição religiosa. Ou seja, a pessoa que desafeiçoa já não gosta mais de uma igreja. Quando uma pessoa se identifica no censo como católica, mesmo não praticante, ela está querendo dizer que a sua referência é aquela igreja, às vezes até por conta de uma relação afetiva com a mãe, por exemplo. Tenho impressão de que esse conceito seria central para entendermos os sem religião⁸¹.

Os adolescentes se sentem deslocados em relação aos demais moradores e mesmo aos seus parentes no que diz respeito às religiões tradicionais e esse deslocamento se expressa, algumas vezes enquanto repulsa, ou rejeição ou como religiosidade mal formulada. Todavia, mesmo essa forma sorrateira guarda vínculos

⁸¹ Acessado em 8 de novembro de 2012. Disponível em <file:///H:/textos/A%20desafei%C3%A7%C3%A3o%20religiosa%20de%20jovens%20e%20adolescentes.%20Entrevista%20especial%20com%20Pedro%20Ribeiro%20de%20Oliveira.htm>

com a religiosidade institucionalizada. pois a consideram um bem comum que deve estar acessível independentemente de ser ou não usada quando e como quiserem.

Estevão, um dos que tocam música na missa das sete horas na Capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição disse que o padre gosta quando eles se apresentam na missa, pois os fiéis rezam e cantam com mais força, mas que eles não podem escolher as músicas, nem é qualquer um deles que pode fazer parte da banda. Assim, são somente alguns poucos, já conhecidos, que fazem parte da liturgia católica. Isso sim parece que pode ser generalizado, haja vista a proposta de apostolado da Jornada Mundial da Juventude 2013⁸², sendo os demais excluídos de qualquer investimento fora do âmbito da fé apesar do objetivo de “dar a conhecer a todos os jovens do mundo a mensagem de Cristo”.

Mesmo em outras paróquias, como a de São Pedro, por exemplo, existe uma seleção que leva em conta o comportamento dos que participam de projetos sociais. De acordo com depoimentos de educadores sociais e voluntários dos trabalhos nessa paróquia, os jovens com problemas mais sérios são deixados de lado.

Em contrapartida, para alguns deles adolescentes, a Igreja é muito fechada e não compreende as coisas de hoje. Contaram-me que um padre que rezou a missa *era tão velho que não tinha nem celular*. Essas falas devem ser compreendidas como desabafo, sem muito fundamento, pois a paróquia de São Mateus tem apostolado jovem, o que leva a duas interpretações opostas: os moços têm prevenção contra os padres ou então é verdade que os padres que vão rezar na igreja do bairro estão desatualizados e incapacitados de se relacionarem com os jovens.

André e Estevão junto com outros rapazes que não entrevistei tocam, uma vez por mês, na missa que acontece aos sábados, mas mesmo eles dizem que não existe na igreja o mesmo espírito do REGGAEBEM, pois eles vão para tocar o que já está mais ou mesmo estabelecido e não tem muita condição para criar arranjos

⁸² A Jornada Mundial da Juventude (JMJ), como foi denominada a partir de 1985, continua a mostrar ao mundo o testemunho de uma fé viva, transformadora e a mostrar o rosto de Cristo em cada jovem. São eles, os jovens, os protagonistas desse grande encontro de fé, esperança e unidade. A JMJ tem como objetivo principal dar a conhecer a todos os jovens do mundo a mensagem de Cristo, mas é verdade também que, através deles, o ‘rosto’ jovem de Cristo se mostra ao mundo. A Jornada Mundial da Juventude, que se realiza anualmente nas dioceses de todo o mundo, prevê a cada 2 ou 3 anos um encontro internacional dos jovens com o Papa, que dura aproximadamente uma semana. A última edição internacional da JMJ foi realizada em agosto de 2011, na cidade de Madri, na Espanha, e reuniu mais de 190 países. A XXVIII Jornada Mundial da Juventude será realizada de 23 a 28 de julho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro e tem como lema “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mt 28, 19). Acessado em 23 de dezembro de 2012 e disponível em <http://www.rio2013.com/pt/a-jornada/o-que-e-jmj>

novos. Cumpre lembrar que esses jovens percursionistas do REGGAEBEM também tocavam pagode em casas noturnas fora do bairro e os ensaios do REGGAEBEM eram também um momento de experimentação e trocas de sugestões entre eles, o que não acontece com a mesma ênfase nas atividades junto à Igreja.

Aqui se coloca uma situação que desvela parcialmente o desempenho das igrejas junto aos jovens quando se trata de atividades voltadas para essa parcela da população: as atividades religiosas da Igreja Católica do bairro são destituídas de apelo mais emocional e pouco acrescentam ao desejo deles de obter através da musicalidade os meios de se expandirem para fora dos limites do bairro, enquanto grupo musical. Isso não seria mesmo de se esperar, mas também nada impediria de ser mais um momento, nos ensaios, de trocas de experiências musicais, como arranjos e instrumentação. E também poderia ser um instrumento de evangelização. O que quero dizer é que não são os jovens que são sem religião, são, ao contrário, as religiões que estão bem sem eles e não cultivam formas de interações e de permanência nos quadros dos leigos das suas igrejas.

O REGGAEBEM era um grupo enquanto idealização e possuía uma base de relacionamentos concretos que lhes davam identidades positivas e atrativas, de rejeição e adesão, de pertencimento e apartação, um espaço político enfim e de convivência também, como na citação de José Machado Pais (2008) na qual

Os grupos, pelo contrário, afirmam-se por comportamentos que buscam expressar e legitimar identidades, numa luta pela significação. Com efeito, as identidades grupais entrecruzam-se com identidades pessoais em processos de identificação que reflectem a intersecção de um «eu» com um «nós», em contraoposição com outros, olhados como «eles». (Pais, 2008, 38)

Se for pela frequência às missas nos finais de semana na Capela de Nossa Senhora da Conceição, pode-se deduzir que não existem adolescentes católicos, pois não vi nenhum dos grupos observados nesta pesquisa ou não. Nos dias em que ali estive não havia banda tocando. Talvez tenha sido mera coincidência não tê-los visto nas três vezes em que fui observar as missas, pois, posteriormente, dois adolescentes disseram-me que vão à missa esporadicamente na Capela do bairro ou na Igreja de São Mateus. Um mesmo rapaz que disse não ter religião, depois disse que vai à missa.

Outros devem fazer o mesmo percurso, mas como a missa não é atividade rotinizada em seus cotidianos e vão a ela quando podem e quando querem, lá não é mesmo um lugar para encontrá-los. A rua é o melhor lugar para isso. Esse é outro ponto confuso nos depoimentos: em alguns momentos falam que não vão à missa, depois dizem que vão de vez em quando, e logo depois que eles não estavam se referindo à missa católica, mas a culto evangélico. Não existe uma identidade religiosa dentre os adolescentes do Chapadão. E assim eles não se constrangem em misturar numa mesma corrente no pescoço ou nos braços de imagens de diferentes colorações religiosas.

Mas não é nessas exterioridades que se confirma o potencial inventivo nas questões de fé individual e crenças coletivizadas. É mais na homogeneização dos ritos e horizontalidade dos mitos e na indiferença aos dogmas. Isso quer dizer que qualquer ritual religioso pode ser, para eles, objeto de respeito e, ao mesmo tempo de indiferença se não vier acompanhado de um quantum de emoção compartilhada com amigos ou com suas próprias representações históricas. Eles se lembram de eventos passados ou eles inventam suas referências religiosas, como por exemplo, quando disseram que no bairro existem muitas pessoas que contam que veem seres que já morreram e que os mortos indicavam caminhos que deveriam ser seguidos por essa ou aquela pessoa. Nesses videntes, figuras que são respeitadas ou temidas, cruzam-se conhecimentos mínimos de várias religiões em bricolagens rústicas, mas plenamente satisfatória às ânsias de compreensão do que lhes é invisível.

E existe também um uso invertido da sacralização do universo psicológico de alguém. Em geral, são as pessoas mais velhas que portam essa capacidade de ver seres de outras esferas, mas um menino de cerca de dez anos relata várias experiências de conversa com mortos e elabora analogias que de alguma forma satisfazem a necessidade ou curiosidade de quem conversa com ele sobre esse dom. Se alguém perguntar se isso faz parte da religiosidade local, pode-se dizer que sim porque existe uma intencionalidade de reatar laços com o mundo invisível. Mas se você perguntar que religião é essa é provável que se obtenha a resposta de não ser religião nenhuma.

Quando lhes é perguntado por que o que o padre faz ou deixa de fazer desencadeia reação tão forte, Gilmar me respondeu que é porque *a Igreja não é dele, a gente também pode ir lá (...)* e *a gente não é bicho e padre não quis batizar*

o filho da Zana. Nesse caso a religião é assimilada como impedimento, como barreira física que os impele a ultrapassá-la, mas que deveria não existir. A importância do batismo para eles é por ser uma prática social de apresentação oficial da criança ao mundo e não somente um procedimento de adesão aos princípios religiosos. Privá-los disso é um ataque às suas identidades coletivas e pessoais.

O que se vislumbra nesse caso de questionamento das práticas religiosas é que mesmo a Igreja Católica conserva muito do status tradicional para a comunidade do seu entorno. Continua como parâmetro de controle das inovações e das convenções sociais e dela se exige o abandono de posturas ortodoxas e, ao mesmo tempo, que ela se permita o hibridismo das práticas sociais contemporâneas. Mas que religião é essa que está sendo colocada como parâmetro de controle das inovações e das convenções sociais?

Existem muitas maneiras de não ter religião e nem todos os mitos estão na bíblia. Quando se toma por referência religiões mais próximas às tradicionais, com um corpus doutrinário mais definido, em muitos momentos me pareceu que para os adolescentes essas religiões são mais ou menos assemelhadas e o que as diferencia um pouco é a maneira como eles são acolhidos pela comunidade religiosa.

Reforço que para esta pesquisa é indiferente à filiação religiosa, pois ela se interessa principalmente por essas interações que ora aproximam, ora afastam os jovens do campo religioso propriamente dito. Nesse campo de atuação instável seria possível a invenção de uma religiosidade resistente, criativa e pouco visível, ou melhor, difícil de ser descrita, mas que não surge, certamente, por atos decisórios ou inteiramente conscientes ou ainda de acordo com as necessidades dos rapazes. Neste grupo de adolescentes, fora ser a religião tema para expor suas insatisfações, o resto é quase silêncio. Preservam assim suas criações, aquelas que não explicam.

Em outras atividades, todavia, são particularmente exibidos. Falam pouco sobre religiosidade, mas são desinibidos quando se referem à área musical, por exemplo. Daí a opção metodológica de fazer a musicalidade um campo de observação, uma vez que não houve, durante o período inicial da pesquisa, atividades no bairro ligadas à área religiosa a não ser o proselitismo católico da ABAN, para o qual os jovens desenvolvem certa imunidade. No início somente dois

jovens disseram que participavam esporadicamente de cultos, católico e evangélico, mas não quiseram conversar sobre essas experiências, assim como também, naquele momento, não conversaram sobre outro assunto.

Para contornar esse estranhamento inicial e encontrar adolescentes que se dispusessem a conversar sobre suas religiosidades ou pelos menos que fossem vistos em seus momentos de recolhimento religioso, a tática foi observá-los em outras atividades, o que, além de garantir a espontaneidade dos diálogos, deu prazo para que fosse avaliado se o não falar era máscara de religiosidades escamoteadas, de práticas envergonhadas, ou de ausência absoluta ou relativa de referenciais simbólicos diretamente ligados às religiões instituídas.

Posteriormente, quando consegui maior proximidade com dois deles, sugeri que eles fizessem entrevistas com seus colegas sobre a participação no REGGAEBEM desde a sua fundação e eles promoveram encontros fixados em vídeos onde também falavam um pouco de suas experiências passadas com as religiões. Esses depoimentos enriqueceram bastante o conteúdo desta pesquisa e permitiu fluidez nos depoimentos e um campo expressivo mais intenso do que as conversas individualizadas. E aí sim eles falaram de suas experiências religiosas.

Mas eram falas alusivas a uma religiosidade muito pessoal e com baixo poder de articulação de suas crenças contingentes a um discurso religioso mais transcendente. Ao assistir os vídeos no qual os jovens se transformaram em coautores desta pesquisa com as entrevistas, pensei nas hipóteses tanto de uma religiosidade mínima⁸³, como mesmo de inércia religiosa (quando não se movem para buscar as religiões, não discutem e nem criticam)⁸⁴, ou ainda se as declarações que desviavam o foco do assunto religião não seria uma forma de disfarce pela falta de vocabulário religioso.

⁸³ No conceito de religiosidade mínima brasileira, proposto por Drogers (1987), Deus assume lugar predominante. Deus atende a petições e desejos e serve de socorro aumentando a segurança de quem confia nele. Deus rege os acontecimentos e pode realizar o impossível (1987:76). Outro conceito central é a fé, mencionada espontaneamente em exemplos acima, e sinônimo de otimismo, confiança, segurança (Drogers 1987). A religiosidade mínima brasileira parece um universo de significados associado ao ethos religioso não confessional. *Religião e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 62-86, 1987.

⁸⁴ Não acho que o termo explique satisfatoriamente a situação, pois eles não estão inertes literalmente, mas suas atitudes sugerem a imobilidade da espreita de uma caça, por exemplo, onde se permanece quieto, mas à espera de algo. O mesmo aconteceria se fosse substituído por indiferença religiosa. Mantenho o primeiro termo até melhor solução que não seja a categorização das atitudes religiosas de afastamento das religiões tradicionais.

Se entendermos a religiosidade como a percepção de uma dimensão sacra do mundo, isto é, a percepção de algo que escapa a nossas possibilidades cognitivas e representativas, e do qual não podemos falar senão por meio de uma linguagem outra que não aquela marcada pela produtividade, parece ser possível captar na cultura pós-moderna um mesmo anseio por experiências-limites nas quais possa haver o encontro com a absoluta alteridade, encontro que nos fará *novas criaturas*. (OLIVEIRA, 2008,p. 29)

Essa linguagem não produtiva é que parece inexistir no trato com a dimensão sacra entre os adolescentes. Por outro lado, despontava a possibilidade de os jovens que silenciavam ou se tornavam evasivos não terem mesmo nenhuma religião dentre as tradicionais e fazerem parte dos índices do censo de 2010 que, quando publicados em meados de 2012, marcavam o aumento de jovens que se declararam “sem religião” nos locais de fronteiras sociais e econômicas e de migração intensa e desordenada. Mas, quando fiz a pesquisa de campo correspondente ao texto deste capítulo, em 2010, ainda não se podia lançar mão dos dados do último censo, e assim a congruência entre os achados não se constituiu em suporte de argumentos auto evidentes.

Hoje, sim, sabemos que os “sem religião” são 8% da população brasileira (15,3 milhões de pessoas em números absolutos). Esses índices acentuam o crescimento dessa categoria nas zonas de migração interna, periferias de metrópoles e fronteiras de ocupação Norte e Centro-Oeste no país. O mais eloquente é que os “sem religião” estão entre os segmentos mais jovens dentre os brasileiros. Enquanto o a faixa populacional de 15 a 39 anos corresponde a 48,76% da população brasileira, entre os “sem religião” essa faixa é de 55,82%. Também são o maior segmento entre pretos e pardos. A média de pretos na população é de 7,5%, entre os “sem religião” é 11,08%. A de pardos entre a população é de 43,43% e entre os “sem religião”, 47,00%. E, por fim, são poucos os alfabetizados acompanhando a média nacional: ensino fundamental incompleto, no Brasil é de 49,25% e entre os “sem religião”, 48,57%. Desta forma, pode-se afirmar que os “sem religião” são jovens, pretos ou pardos, pouco escolarizados e moradores de periferia urbana⁸⁵.

Os dados do IBGE, agora, em 2012 já publicados, obviamente não dão conta do dinamismo das mudanças e estão sempre centrados no passado, convencional

⁸⁵ IBGE, 2012, pp 90-93 e NICOLINI, 2012, pp 29-39

enquanto parâmetros de comparação, o que é óbvio. Para haver comparações são deve haver pelo menos duas situações diferentes. O problema de análise de dados estatísticos é tentar que o segundo elemento esteja no cotidiano, no concreto dinâmico das devidas limitações espaço-temporais: o aqui e o agora são curtos de alcance visual, amplos de sensações e afetações, e carentes de teorias e metodologias. Situação nova de pesquisa também.

Pelo que eu deparei dos depoimentos formais e informais, alguns adolescentes vivem mesmo sem religiões, outros são indiferentes sim, outros não falam de suas religiosidades porque não possuem a linguagem religiosa o que os inibe de externar suas opiniões sobre o assunto. A negatividade consequente às constatações acima também está presente no solo onde as transformações se efetivam e balizam os limites da expansão e/ou retração de religiosidades informais, maleáveis, flexíveis e intensas e que, insistentemente, mantêm-se pouco conhecidas.

Existem, além disso, outras situações que impedem a livre manifestação de pertencimento religioso. Uma delas diz respeito ao bloqueio no acesso e o constrangimento que alguns adolescentes experimentam quando vão às igrejas. Seja pelas roupas que usam, pelo modo de falar e de se comportar, seja pela má fama que os precede, o que sentem é que as igrejas não os querem por lá. Pode ser que, então, se dizem sem religião em represália às barreiras simbólicas que lhes são impostas, mas isso nem sempre significa que eles estejam apartados de vida espiritual. Ou seja, são somente ressentidos com o não acolhimento por parte das igrejas.

Uma garota, Tayná, disse que na igreja evangélica que frequenta a roupa que usa não tem importância, que pode ir de qualquer jeito. Mas que, depois de algum tempo frequentando aquela igreja, ela mesma sentiu necessidade de se vestir como os demais, pois as roupas que usava anteriormente a fazia sentir-se diferente e ela não queria mais isso. Todavia, nem todos estão dispostos a reconsiderar seu vestuário e outros usos em função da filiação religiosa, não só pelo pouco tempo em que permanecem em cada uma delas, mas também porque querem ser aceitos como se vestem, pois suas roupas são sinais importantes de identidade, de escolhas e das possibilidades financeiras. Vestir-se de outro jeito demanda investimento de várias ordens e eles preferem não fazê-lo e se afastam das igrejas. Artur disse que nem passava perto da Igreja (Capela da Imaculada Conceição) pois ali dentro tinha que

tirar o boné, não entrar sem camisa e de chinelo. E tem que ficar quieto, não olhar nem se tem uma gatinha, as coroas parecem que querem comer a gente, não sei de raiva ou... Sei lá!

A sensação de incômodo permanece mesmo quando são convidados a tocar na missa de sábado. Dizem que comparecem porque gostam e para ajudar o padre e não como tarefa ou obrigação a não ser de maneira muito tangencial. Esta é uma informação que parece superficial, mas que diz que a religião deixou de ter um papel importante para passar a ter um papel secundário, pouco relevante.

Considerando as explicações acima, elas são congruentes com uma visão globalizante dos jovens de bairros pobres, moradores de regiões cobiçadas em termos imobiliários e vistos como ameaçadores ou incapazes de autonomia intelectual e social, ou ainda simplesmente desinteressados de políticas públicas e mesmo das ações locais condicionadas pelo entorno geográfico, político ou educacional. Parece-me ser esse um nó da rede de descompromissos e irresponsabilidade que amarram as concepções teóricas e ideológicas de ações voltadas para a juventude: os jovens e suas famílias são despidos dos seus envoltórios históricos, sociais e culturais e descolocados do papel de protagonistas naquelas propostas que nem eles mesmos e suas famílias conhecem o alcance temporal e suas derivações existenciais.

Os jovens que convivi no período da pesquisa de campo percebem as instabilidades que os cercam e as incompreensões da sociedade sem maiores conflitos, ou talvez sem manifestar suas insatisfações, sendo que o diferencial de se viver assim está na maneira como se colocam frente às cobranças pessoais e coletivas a que estão sujeitos. Por exemplo, aqueles que não declaram suas filiações religiosas, também não discutem os caminhos pensados para suas vidas, outros até falam deles, mas de forma idealizada, como de um sonho.

Com efeito, quando a incerteza aumenta para além de certo limiar e se associa não apenas com a ideia de futuro, mas com a própria realidade cotidiana, pondo em causa a dimensão do que é considerado óbvio, então o “projeto de vida” tem seu próprio fundamento subtraído. Além disso, quando a mudança, como ocorre em nossos dias, é extraordinariamente acelerada, e o dinamismo e a capacidade de *performance* são imperativos, quando o imediatismo é um parâmetro para avaliar a qualidade de uma ação, investir num futuro a longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação. (LECCARDI, 2005, 36)

Mas, seja qual for a malícia usada para se protegerem das intrusões de estranhos sobre alguma parte de suas vidas pessoais, aqueles com quem conversei sobre as explicações que a direção da ABAN forneceu sobre o encerramento dos ensaios e das apresentações abriram-se em reclamações que corroboram o que estou tentando colocar em debate no campo religioso: mesmo quando existem alguns projetos de atividades com adolescentes, eles estão aquém do que os adolescentes, aqueles que ainda não desistiram de se colocar como protagonistas de suas escolhas, visualizam para si próprios. A religião não lhes oferece salvação nem mitiga suas necessidades cotidianas de liberdade ou de segurança.

Estevão me disse que as religiões servem somente para a arrecadação de dinheiro que não vão ser gastas com os pobres. Mauro reclama que o padre cobrou para batizar a filha. Gilmar reclamou que um padre, que não era dessa paróquia, disse que ele não era bem-vindo à missa, pois, sendo homossexual, dava mau exemplo aos demais garotos da igreja. Mais, Débora não vai à Igreja, pois as roupas que usa espantam as “velhas” do bairro que ficam olhando para ela com raiva e ela sente vergonha.

Se e quando passam a praticar delitos ou usar drogas, a religião então quase não lhes serve, servir no sentido de numeração de vestuário, grande, médio ou pequeno, mas não sei se a religião é grande ou pequena demais para envolvê-los. De qualquer maneira, nesse momento, os vínculos estão muito esgarçados, quando não rompidos, e criando um campo de experimentações consideráveis em suas multiplicidades, pois muitos dos jovens que não declinaram o pertencimento religioso dizem acreditar em Deus e, que quando estão em situação difícil ou inesperada voltam-se para a busca de proteção divina. Existem ainda aqueles que não se reportam aos deuses nessas ocasiões e então as intensidades nas relações com a dimensão do sagrado é variável criando a ilusão, vista de outro patamar, de caos improdutivo.

Mas pode ser que estejamos presenciando a gênese de uma religiosidade adaptada aos tempos da virtualidade midiática, desconhecimento da história e despreendimento da ideia de futuro enquanto realização da potência do presente. As várias maneiras de ser sem religião acompanha em parte a categorização feita por Silvia Fernandes (2012) quando diz que

Nós identificamos em nossas pesquisas cinco tipos de pessoas sem religião: os de “religiosidade própria” são os que pertenceram a uma religião tradicional e se desvincularam mantendo suas crenças originais e, muitas vezes, rearranjando essas crenças com elementos do universo *new age* e práticas milenares, tais como pedras da sorte, cromoterapia etc.; há os sem-religião desvinculados, que não fazem composição religiosa, mas mantêm a crença em Deus. Esse tipo inclui ainda os agnósticos. Há os sem-religião críticos das religiões encarando-as como um modo de alienação do homem; outro tipo é o sem-religião ateu e, por fim, identificamos os sem-religião tradicionalizados simplesmente pela falta de tempo de frequentar Igrejas. Esse tipo faz uma autoavaliação que não permite que ele se enquadre em nenhuma religião por não frequentá-la. Eles veem incoerência em se denominarem de uma religião determinada uma vez que não a praticam, mas acreditam em uma dada religião e em seus valores. Assim, o aumento dos sem-religião – menor do que o esperado – representa a existência de pessoas em redefinição de identidade. Lembramos que essa condição não se apresenta de modo definitivo e, provavelmente, muitos dos que se declararam ser sem religião no censo de 2000 hoje já mudaram sua identidade religiosa, pois identificamos em uma de nossas pesquisas uma reafirmação de vínculo também entre os sem-religião⁸⁶.

Esta citação é importante não só pelo que afirma, mas também pelo que deixa em suspenso. Para a autora, para cada tipo corresponde uma identidade e eu, nessa pesquisa, percebi que, acordo com as situações de determinado momento de suas vidas, eles podem oscilar entre as categorias citadas por Fernandes. Por exemplo, Carlos disse, num sábado do mês de outubro de 2012, que sua avó rezava por ele e ele então se sentia protegido mesmo não indo a igreja nenhuma. Houve um dia em que um padre conversou com ele, lá no Educandário (Dom Orione), sobre as músicas que poderiam ser tocadas num evento que estava preparando e ele então passou a ir à igreja, naquele momento e enquanto aconteciam as apresentações, mas depois, deixou de frequentar a igreja. Neste caso vemos que Carlos confunde a frequência à igreja com fé e limita sua relação com o sagrado à intermediação de um padre e da instituição. A oração da avó, em todo e qualquer momento é que lhe garante a proteção de Deus.

Outro rapaz disse que não ia à igreja, pois achava que Deus não estava lá. Para ele, lá era uma casa de maldade e não de Deus, pois os padres só queriam

⁸⁶ Acessado em 9 de outubro de 2012. Disponível em:

[file:///H:/textos/%E2%80%9CA%20\(re\)constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20religiosa%20inclui%20dupla%20ou%20tripla%20perten%C3%A7a%E2%80%9D.%20Entrevista%20especial%20com%20S%C3%ADlvia%20Fernandes.htm](file:///H:/textos/%E2%80%9CA%20(re)constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20religiosa%20inclui%20dupla%20ou%20tripla%20perten%C3%A7a%E2%80%9D.%20Entrevista%20especial%20com%20S%C3%ADlvia%20Fernandes.htm)

dinheiro e não ajudavam ninguém e que Deus não era isso. Quer dizer, ele não negava a presença de Deus, mas, quando perguntado, a primeira resposta (aquela que geralmente fica registrada em questionários de pesquisa, como os de Censo 2010 e outras pesquisas de campo) é que não tinha religião. É uma forma de protesto afirmar-se contra o que acha que não deveria acontecer. Então, declarar-se sem religião pode ser pensado como protesto e resistência. Ou pirraça. Ou ausência argumentativa.

Portanto, não é de espantar que, no censo de 2010, os sem religião tenham numericamente aumentado nas regiões pobres fora do centro das grandes cidades. No bairro Dom Bosco, os dados desta pesquisa, anteriores aos divulgados pelo IBGE, já apontavam essa direção, mas só algum tempo depois as condições para o aumento dos números deles pareceu-me compatível com o que eu via: não é exclusivamente produto de escolhas junto ao mercado ampliado de bens simbólicos, mas opera por inversão do livre-arbítrio: alguns deles são expulsos das igrejas ou desestimulados, direta ou indiretamente, de frequentarem os cultos.

As mulheres do grupo *batepapocomasamigas.com* que se reunia na ABAN e que tinham filhos adolescentes que participavam desta pesquisa, contaram-me que um padre, há algum tempo atrás, tentou se aproximar mais dos jovens atraindo-os para atividades na Igreja. Os jovens então propuseram, e foi aceito, que houvesse uma missa cuja liturgia mais adaptada à maneira juvenil: música que eles mesmo comporiam, leitura de textos escritos ou escolhidos por eles, danças coreografadas, etc. Mas, as “beatas”, nas palavras das mães, não concordaram com missa de “funqueiros” e “drogados”. Aos poucos a ideia dessa missa foi sendo abandonada. Com relação às demais denominações cristãs, pelos depoimentos obtidos não parece que eles sejam convidados a participar dos cultos na qualidade de jovens ou adolescentes.

Aliada a essa rejeição das pessoas do próprio bairro aos “funqueiros e drogados”, se junta a estrutura de organização paroquial que não privilegia a situação do bairro: não existe um padre com designação específica para ali e as missas e outras práticas doutrinárias são executadas sem maiores compromissos com demandas da juventude de modo geral.

O fato de estar privilegiando uma avaliação do papel da Igreja Católica especificamente não quer dizer que não esteja incluindo aos demais pertencimentos

religiosos, incluindo as religiosidades afro-brasileiras. Estamos tentando entender porque os jovens se fixam tão pouco nessa ou naquela religião e, como sujeitos desse capítulo em particular, não pertencem a nenhuma. Apesar disso não conseguem estabelecer transcendência sem o instrumental tradicional, desta ou daquela igreja. Eles se dizem “sem religião”, mas alguns ainda não romperam com ela completamente.

No mês de outubro de 2012, na fase final da redação desta tese, retornei ao bairro depois de ler artigos sobre os dados relacionados à religiosidade brasileira obtidos no Censo de 2010⁸⁷ interessada em me convencer se o que eu presenciara no bairro em termos de rejeição ou de indiferença estaria ou não incluído nas interpretações dos dados do Censo. E também estava curiosa sobre a situação do REGGAEBEM, se havia alguma novidade a respeito de um possível retorno, ou coisa semelhante. Também queria saber se o grupo de mulheres com as quais nos reuníamos às sextas-feiras ainda estava unido.

Todos os pontos acima tiveram respostas negativas. Disseram-me que a ABAN estava quase sem atividades no bairro Dom Bosco, que para o REGGAEBEM não existia mesmo retorno e as mulheres também não se reuniam mais. Mas também me causaram espanto e certo constrangimento metodológico as diferenças nos depoimentos obtidos em diferentes momentos desta pesquisa, quando fazia o trabalho de campo, no início do ano de 2010 até 2011, e agora, quando retorno ao bairro em busca de informações sobre o breve período em que frequentei o bairro Dom Bosco sendo que para mim seria muito deselegante não colocar essas condições atuais aos que privaram comigo da experiência de campo.

Depois disso, aos dados do censo e às tipologias que dele fizeram os sociólogos da religião, acrescentei uma subcategoria, como aquela que inclui os que não têm acolhidas nas igrejas e as resposta a essa situação: alguns não se importam e convivem sem problemas com a falta de religião, outros se ressentem e outros migram para outras religiões como se fosse uma represália à “expulsão” acontecida. Essas respostas diferem somente na intensidade dos sentimentos. De alguma forma

⁸⁷ RIBEIRO de OLIVEIRA, Pedro. Acessível em:

<file:///H:/textos/A%20desafei%C3%A7%C3%A3o%20religiosa%20de%20jovens%20e%20adolescentes.%20Entrevista%20especial%20com%20Pedro%20Ribeiro%20de%20Oliveira.htm>

eles continuam ligados à nostalgia da religião de configuração tradicional: parece-me que nos seus pensamentos, os sentimentos de insatisfação ainda não se materializaram em ações. Então *não é apatia, é desorganização política*, no sentido de um conjunto de ações voltadas para a realização de objetivos específicos.

Vou expor sumariamente essa efervescência de múltiplos sentidos através dos sentimentos percebidos no que diz respeito ao REGGAEBEM. Se anteriormente em nossas conversas sobre experiências religiosas eles se mostravam evasivos e desinteressados, no segundo momento foi possível contemplar que as evasivas do primeiro momento significavam que ainda tinham esperanças no retorno do REGGAEBEM e agora ela não mais existia. Estavam mais revoltados e menos contidos. Talvez esperando que eu pudesse fazer o caminho inverso: se antes eles não se abriam muito para que as críticas à coordenação do REGGAEBEM não se colocassem como obstáculos à comunicação com Renato e demais componentes da ABAN, agora que pareciam desejar que, por meu intermédio, as mesmas pessoas ficassem sabendo o que eles pensavam sobre o encerramento das atividades do REGGAEBEM. Sem nenhum consentimento, me colocaram como mediadora de conflitos e como executora dos desejos do grupo.

É complicado escutar quando não se tem nada a oferecer para amenizar a revolta, mas, nesse caso, seria inútil qualquer intercessão que não partisse deles próprios. Não só porque as demandas eram isoladas e eles não se organizavam para protestar ou pelos menos obter explicações mais condizentes, mas também porque, as minhas observações indicavam que Renato e demais dirigentes tinham outros projetos mais urgentes: o REGGAEBEM não tinha mais importância estratégica que antes possuía de fornecer visibilidade política e retorno financeiro garantido pelas doações e parcerias.

As diferenças entre os dois momentos foram claras. Antes, eram evasivos, mas não eram agressivos, mas não davam espaço para que o desenrolar de argumentos e posicionamentos acontecessem. Pareciam desinteressados e alheios ao tema. Agora, as respostas foram mais incisivas. Penso que anteriormente eles temiam que eu transmitisse ao Renato o que eles tinham a dizer sobre o REGGAEBEM e isso contaminar as suas decisões sobre o grupo.

Agora que as esperanças sobre o retorno do grupo acabaram e que eles não temem mais as reações aos seus depoimentos, as maneiras de falar foram outras. Foi

só então que eu percebi o fenômeno de “expulsão” de igrejas cristãs, sejam elas tradicionais (católicas ou evangélicas), ou pentecostais, ou ainda dos projetos sociais. Os jovens não servem para o que algumas instituições imaginam que lhes seriam necessárias. Quando se esclarece tal divórcio, abandonam-se os jovens a sua própria sorte, não tendo sido criado um espaço permanente de negociações e os jovens, religiosos e não religiosos, escapam da compreensão e das preocupações institucionais. Deixam de existir enquanto sujeitos e permanecem como fantasmas amedrontadores.

Em parte, foi isso que aconteceu na ABAN. Os percussionistas aguardaram por meses a convocação para o início da nova fase do REGGAEBEM, mas isso não aconteceu até neste final do ano de 2012. André disse-me que não era verdade que nos ensaios existia tanta bagunça como havia sido colocado. Disse ele que *o povo era agitado*, mas isso só quando não estavam tocando, que a faculdade de música da UFJF oferecia os bolsistas e então o que havia acontecido era mesmo um desinteresse por parte da ABAN em manter o grupo já que os objetivos dela estavam agora voltados para o trabalho com idosos e não com eles, do REGGAEBEM.

Estevão disse em tom de mágoa que enquanto a visibilidade social da ABAN dependia das apresentações do REGGAEBEM, o grupo teve posição destacada mas depois, os investimentos em outras áreas dariam retorno financeiro e mesmo político mais acentuado, ou seja, que a captação de recursos externos era mais fácil de ser obtida através dos projetos com idosos que não são vistos como perigosos e nem como geradores de conflitos: quem faz doação não quer se preocupar se está “sustentando marginal”.

Outros mais ou menos repetiram essas falas de queixas e revolta. Procurei, nestes momentos de desabafo, direcionar as conversas para uma possível substituição de endereços, ou seja, se o REGGAEBEM não poderia se deslocar para a Igreja ou outro local ligado a alguma religião, ou mesmo alguma escola. Mas parece que não, pois a paróquia de São Mateus não possui ações direcionadas aos jovens do bairro Dom Bosco e não estaria em posição de investir na compra dos equipamentos de sons necessários ao grupo musical. Os instrumentos são propriedade da ABAN.

Na verdade, os jovens questionam a posse dos instrumentos, uma vez que eles já existiam anteriormente à chegada dessa administração à ABAN, sendo que as irmãs de caridade que dirigiam as atividades ofereciam aula de música para a comunidade com esses mesmos instrumentos que estão lá ainda hoje. Dizem que, portanto, os instrumentos não deveriam estar inacessíveis, apesar de reconhecerem a necessidade de responsáveis pelo cuidado e manutenção dos instrumentos.

Não poder tocar, abrir mão dos momentos em que se encontravam, perder os referenciais da linguagem musical, e não poder contar com substitutos como a religião ou mesmo os esportes, mutila o campo simbólico e priva os jovens de linguagens para além do cotidiano de privações. A dureza de suas vidas perdeu uma possibilidade de evasão saudável e um recurso contra as armadilhas da ausência de projetos de futuro.

As lamúrias e as inquietações quanto ao encerramento do REGGAEBEM buscam novos focos e variam de intensidade desde aquelas de jovens que quando perguntados sobre o REGGAEBEM pareceram tão magoados que responderam com um “*deixa prá lá*” e “*o Renato é que sabe*”, e não se sentem mais protegidos pela identidade de grupo. De certa forma o REGGAEBEM era um espaço de religiosidade, daquilo que Piette chama de “um peu plus”, ou

le moment senti et ressenti d’assentiment proprement dit, son advenue micro-quotidienne, son vécu mental. L’acte de croire comme moment d’assentiment est ce reste, quasi impossible, quasi inatteignable, de la logique sociale. Il y a le risque qu’il soit contourné en sciences sociales. Risque que ce moment soit dissous dans le rituel, dans les représentations, dans les énoncés ou dans les logiques sociales. (PIETTE, p.1 - Quand croire, c’est faire et un peu plus)⁸⁸

Dois anos após a paralisação dos ensaios, mesmo sabendo que não é intenção da ABAN o retorno às atividades do REGGAEBEM, alguns ainda esperam. Daniel até propõe soluções: pedir a alguma empresa que conserte os instrumentos, conseguir da Faculdade de Música/UFJF algum estagiário para acompanhá-los, ou mesmo, na fala de André, reativar a parceria com a Polícia

⁸⁸O momento sentido e ressentido de consentimento propriamente dito, são acontecimentos micro cotidianos, são experiências mentais. O ato de crer como momento de consentimento é esse resto, quase impossível, quase inalcançável, da lógica social. É o risco que deve ser contornado nas ciências sociais. Risco de que esse momento seja dissolvido no ritual, nas representações, nos enunciados ou nas lógicas sociais. (Piette, p. 1)

Militar para poder contar com os ensinamentos dos músicos da banda e a orientação dos policiais, como já aconteceu quando o policial Lúcio Cardoso liderava as atividades do REGGAEBEM, há alguns anos atrás, quando o REGGAEBEM começou a funcionar. Para os jovens que conversei sobre isso, o retorno da PM ao bairro como educadores seria muito bem-vindos uma vez que anteriormente, dizem, muitas pessoas saíram dos vícios ou neles não entraram, em função da orientação do Lúcio, sendo citados também estagiários da Faculdade de Psicologia da UFJF.

Então, pude ver que eles não eram tão arredios quanto parecia, mas que estavam muitas vezes reagindo aos estímulos negativos dos abandonos continuados. No desenvolver da pesquisa, consegui ouvir algumas falas inesperadas e nelas a declaração de não religião *não significa que eles escolheram não ter religião, mas é como se as religiões não os quisessem ou não fizessem esforços para mantê-los*, de forma semelhante à situação atual dos jovens que era do REGGAEBEM. Outra forma de abandono.

Parece-me que os investimentos voltados para a reflexão sobre a juventude saíram de moda. Jovens pobres, negros, não sendo considerados como estando nas condições de vulnerabilidade social, e esses também, têm ainda menos espaço de reivindicações e estão apagados como sujeitos nos programas e projetos de políticas públicas.

ALGUMA TEORIA

Até o final do ano de 2010, os percussionistas do REGGAEBEM foram observados nos ensaios e nas entrevistas que eles fizeram com os colegas que já haviam abandonado o REGGAEBEM, além dos contatos pessoais e visitas às suas famílias. Junto a eles me posicionei de forma distanciada, com um pouco de reserva e de “cerimônia”, pois os jovens não permitiram mesmo relações mais próximas e eu não esperava me tornar “nativa”. Não houve hostilidade, pelo contrário, mas atitudes esperadas frente a situações de convívio “forçado” com desconhecidos. Poderia aguardar a reversão desta situação de distanciamento na convivência intensa e nos afetos despertados nela. No caso da minha pesquisa, isto não seria aconselhável, não só porque este “tempo antropológico”, das longas pesquisas

etnográficas tradicionais de campo está comprometido pelo escasso tempo acadêmico, mas também porque, metodologicamente existem outras maneiras de atenuar as dificuldades iniciais de um trabalho intersubjetivo que focalize a religiosidade dos adolescentes enquanto vivência cotidiana organizadora:

Trata-se de observar o maior número possível de situações ligadas ao campo escolhido centrando seu olhar observador sobre as sequências e as formas de ações que ali se desenrolam, quer dizer, o “religioso” em se fazendo. Sem aí participar, o pesquisador observa de perto as diferentes formas de engajamento dos atores e a utilização de diferentes tipos de recursos e de objetos em uma mesma situação ou, em sucessão, em diferentes situações. O objetivo não é de explicar as ações observadas como uma cultura ou uma totalidade coletiva que a reduzem necessariamente a sutileza (Piette,1999, p. 17)

Márcio Goldman (2006,32) é mais direto quando afirma que o problema central não é tanto “virar nativo” que seria impossível ou ridículo, mas que, em todo caso, é uma ideia fútil e plena de inutilidade. Em outro artigo ele transcreve a seguinte citação:

Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem, até onde somos capazes de suportar a palavra nativa, as práticas e os saberes daqueles com quem escolhemos viver por um tempo. E, por via de consequência, até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências. Em outros termos, o problema é até onde somos capazes de realmente escutar o que um “nativo”, tem a dizer, de levá-lo a sério — o que não significa, evidentemente, nem concordar com ele, nem constatar que ele concorda conosco, nem, muito menos, forçá-lo a concordar conosco (Goldman apud Viveiros de Castro, 2006,27).

Ambos sugerem que a ideia é não enquadrar a multiplicidade e diversidade de ações e recursos numa cultura ou totalidade prévia, desvinculadas da experiência direta. Piette (1998) cuida de uma “etnografia da ação”, e logo, da fala, em se fazendo, no momento da pesquisa. A escolha desta metodologia para estudar os adolescentes libera a pesquisa dos compromissos acadêmicos de métodos rigorosos do fazer antropológico: não pressupõe hipóteses iniciais, nem exige a diluição de alteridades e permite o uso da teoria de maneira situada ao desenrolar da pesquisa, abrindo-se aos imprevistos sem constrangimentos epistemológicos. Pois os

adolescentes, enquanto “objeto”, aceitam de forma fácil o tratamento acadêmico, mas este não é o caso quando percebidos enquanto “sujeitos” em situação de interação intersubjetiva intensa – entre eles, as pessoas do seu entorno e a própria pesquisadora. Então, a escuta e a descrição dos discursos relativos ao universo cultural, linguístico e religioso, como eles falam de si e do que fazem, é uma via possível para a compreensão de suas ações, pela via etnográfica do fazer cotidiano.

Parafraseando Albert Piette (1999), as descrições dos encontros com os adolescentes em princípio informa ao leitor o que se passa “concretamente” e organiza a pesquisa. Tal suporte empírico admite interrogações alternativas que resistam às interpretações disponíveis sobre juventude e religiosidade. (Piette, 1999, p.8).

Uma etnografia da fala, pois a fala é a constância de todas as relações: os adolescentes falam muito, o tempo todo, em qualquer atividade. Para tentar organizar essa polifonia e respeitar as polissemias, o trabalho descritivo, depois das observações dos ensaios, colocou os adolescentes como sujeitos autopesquisados, que interpretam fatos de sua comunidade e fora dela sobre uma base de observação que tanto foi a descrição de fotos, relato oral de acontecimentos, dos seus sonhos e perspectivas de vida.

Trata-se de uma derivação da proposta de Piette no sentido de o observador não observar somente, mas observar as observações dos observados. Esta pesquisa seria então uma tradução, voltada para a compreensão dos valores religiosos êmicos. Poderia encaminhar-se para a generalização da categoria “experiências humanas religiosas” ou ainda vislumbrar formas inovadoras de vivência religiosa que se aproximam do *new age* e do hibridismo com as tecnologias atuais de comunicação, na esteira das destradicionalizações, secularização e da privatização do religioso.

Analisando as falas de alguns jovens sobre assuntos gerais, pude perceber referências à religião, mas quando se procura aprofundar o diálogo, a conversa segue outro rumo. Ou então, se fala da religião dos outros: *os meus colegas só buscam religião na hora do aperto e para mais nada. Não agradecem e não veem a presença de Deus em suas vidas. Ou A IURD manda ônibus para buscar o pessoal do bairro e eles vão para zoar, pelo lanche e também pela cantoria, como lazer. Fora disso não pensam em religião.* Outro rapaz falou de sua experiência numa dessas idas aos encontros de evangelização de escolas neopentecostal: *eu voltei*

limpo, e não vou mais fazer nada de errado. Parece que a gente é lavado por dentro. Dois meses após esta declaração, ele me disse que não havia voltado mais àquele grupo de orações, mas que ele não pensava mais que era a religião que o havia limpado. Que ele poderia fazer o mesmo sem religião. Então, mesmo a normativa da religião não é vista como muito importante.

Não sei se posso dizer que as religiões são “autorais” porque eles não estão a fim de serem autores, e não sei ainda se “a escolha religiosa pessoal pode ser um elemento produtor de identidade impulsionador no processo de emancipação dos jovens” (Novaes, 2006,159). Penso sim que emergem religiosidades sem mitos, sem ritos e sem sacerdotes, nas quais o instituído no campo religioso se esfacelou frente à carência de educação religiosa, familiar e eclesiástica. Nas conversas em que surgem, em questões de fé e crença, são marcantes a não diferenciação doutrinária entre as religiões cristãs. Também o conhecimento sobre as de feições religiosas africanas não vão além do critério de separação entre as que fazem o bem e as que fazem o mau. Também elas funcionam como mitigação das provações cotidianas com pouquíssimos traços de transcendência das vicissitudes da vida imersa na pobreza. *Depois da morte* é uma expressão que não me lembro de ter escutado, mas *Deus vê* e *Deus sabe* são comuns nos diálogos quando se referem ao que é considerado injustiça.

Deus e poucos santos são em muitos casos antídotos para as incertezas e principalmente contra o medo. Medo da morte, medo de não resistir ao uso de drogas, de não conseguir emprego, etc. Enfim, quando morre um amigo e companheiro, como no caso de Di, percussionista do REGGAEBEM, assassinado em junho deste ano pelo roubo de um celular velho para obter dinheiro para comprar uma pedra de crack, o medo perde suas amarras e irrompe brutal, material e inapelavelmente dificultando ainda mais um olhar feliz sobre o futuro.



Rapaz assassinado em 22/06/2012

<http://megaminas.globo.com/2012/06/26/moradores-de-bairro-de-juiz-de-fora-estao-assustados-com-a-violencia>

Conhecer um pouco os sentimentos entremeados ao medo e à perplexidade é também uma forma de reflexão sobre a transcendência e a imanência no mundo contemporâneo. E também uma maneira de perceber a sociedade que olha para os jovens do Chapadão.

Ensaio sobre o medo e a morte

A noite acendeu as estrelas porque tinha medo da própria escuridão.

Mario Quintana

Numa tarde de agosto de 2012, me envolvi na seguinte cena: estava parada junto ao meio fio do passeio da Av. Rio Branco, no bairro Bom Pastor, em frente ao Hospital de Pronto Socorro, esperando o sinal de trânsito autorizar a passagem. Junto a mim, na mesma linha da margem do passeio, dois jovens negros, sem camisa (estavam com ela nas mãos), com bonés, conversavam entre si, também aguardando o sinal verde para prosseguirem. Senti um puxadela na minha roupa

vindo das minhas costas. Virei-me e deparei com uma senhora de cerca de sessenta anos ostentando bom padrão econômico que me fez um sinal para vir para onde ela estava, uns dois passos atrás, e me cochichou muito baixinho, que eu “*devia ter cuidado com aqueles rapazes, porque a gente nunca sabe quando eles vão nos agredir para roubar*”. Os rapazes nem perceberam as suas apreensões e quando o sinal por fim nos deu passagem seguiram conversando despreocupadamente sem darem conta que eram alvo dos preconceitos da vizinha, e entraram no hospital em frente.

A senhora continuou falando e eu segui com ela para alcançar o ponto de embarque de ônibus me mantendo em silêncio, pois é difícil compreender tamanho medo de quem não fez nada para provocá-lo, a não ser, ser negro. Esperei compreender, não o consegui, mas o que me pareceu mais surpreendente ainda foi quando ela disse que era para ter medo deles porque eles não tinham fé e estavam “*afastados de Deus*”. Isso sem conhecê-los! Eles não estavam vestidos de maneira que se pudesse avaliar sua classe econômica. Pelo contrário, apesar de estarem sem camisas, suas bermudas e chinelos não supunha pessoas pobres. No caso, a religião serviu de rótulo para a absurda rejeição. Medo? Pânico? Não me pareceu nervosa nem agitada. Simplesmente preconceituosa e como tal, carecendo de fundamentação, a não ser essa não-religiosidade presumida.

Quando comentei com colegas o que havia presenciado, elas, não estando próxima de um público semelhante aos dois rapazes do passeio, como eu, disseram-me que a atitude da senhora não era assim tão incongruente e o que era diferente era ela ter assumido tal postura. Se fosse possível, muita gente se afastaria de jovens negros e pobres. Que esse incômodo só é amenizado quando se conhece pessoalmente os negros⁸⁹, portanto pela via das afetividades. A maneira de pensar das minhas colegas pressupõe a reciprocidade do medo. Para Zygmunt Bauman (2005) esses temores relacionados à segurança desempenham papel crescente nas estratégias globais emergentes e na lógica das lutas pelo poder.

O equilíbrio frágil, inapelavelmente precário dos ambientes das terras de fronteiras baseia-se, como é sabido, “na vulnerabilidade mutuamente assegurada”. Daí os alarmes sobre a deterioração da segurança que amplificam os já amplos suprimentos de “temores relacionados à segurança”, ao mesmo tempo que conduzem as preocupações do público e os

⁸⁹ CF Sales, Mione Apolinário (2007,29)

escoadouras da ansiedade individual para longe das raízes econômicas e sociais do problema, na direção de preocupações com segurança pessoal (corporal). (Baumam, 2005, p.14)

Artur, rapaz do Chapadão, disse que não gosta de sair do bairro. Aliás, ele disse não gostar nem de ir à igreja, pois ele não gosta do escuro da Igreja São Mateus. Foi um dos entrevistados que mais distanciamento demonstrou em relação às atividades religiosas realizadas no bairro dentre rituais litúrgicos e outros de caráter mais social. Disse que religião dá medo também por falar tanto de pecado e ele fica sem saber o que fazer. Para ele a religião não é lugar de refúgio e de acolhimento, mas de cobranças irrealizáveis. Que ele tem muito medo da sua própria morte e a da sua mãe e aí ele não gosta de ficar repetindo a mesma coisa, que para ele é o que a igreja faz para *“colocar a gente no que eles dizem ser a verdade”*.

É uma situação conflituosa: não esperam nada das igrejas, além de uma satisfação emocional imediata e pontual, mas, por outro lado, não se desligam afetivamente das religiões porque não tem instrumentos de operacionalizar a religiosidade residual, latente, arquetípica.

De uma maneira insinuante, a paralisação dos ensaios do REGGAEBEM também parece operar nesse limbo informe de emoções. Quando os observava tocando, parecia-me que eles estavam um pouco “ausentes” e tão distraídos que era necessário um movimento brusco do ensaiador para trazê-los para o chão que seus pés pisavam. Perguntei a André se isso correspondia a alguma sensação experimentada por ele, se seus colegas já haviam comentado sobre isso, de estar em outra dimensão de sentimentos.

Ele me disse que não era frequente essa “viagem”, mas que já havia acontecido com ele algumas vezes, também quando entrava no palco para cantar no conjunto de pagode “Os filhos de João”. Disse-me que sente algo parecido quando volta à tarde quando tem sol: uma mudança brusca de percepção, que mistura o presente com um passado que ele não sabe onde existiu. As palavras não foram literalmente as que estão neste parágrafo, mas uma das tarefas de um aprendiz de etnógrafo é dar voz ao que está silencioso, desculpem a pretensão de tê-lo pelo menos tentado. Dois colegas escutavam e concordavam com os gestos, evasivas, rodopios enfim o parangolé que André usava naquele momento para dar corpo às

suas emoções de forma rápida e incipiente. Uma forma inominada de êxtase religioso?

Isso me parece poder se aproximar do conceito de religião usado por Ronaldo Almeida (2009)

(...) religião, termo genérico e abrangente que, apesar de ser aplicado a um conjunto de experiências, revelações, ritos e doutrinas, de certa forma aponta para um eixo comum: a busca de contato com outro plano que transcende as vicissitudes do cotidiano e lhes dá sentido (...). Este é o plano do sagrado que, na multiplicidade de suas formas históricas e culturais, desde aquelas praticadas em pequenas comunidades até as religiões universais – assim chamadas por sua difusão e grau de institucionalização – oferece um sentido ordenador mais amplo (Almeida, 2009, p.20)

Esta citação é importante para a fundamentação de argumentos uma vez que traz para o debate a complementação histórica e cultural das práticas contemporâneas. Se existe uma maneira pessoal e intransferível de percepção da dimensão do sagrado, ela foi inserida pelas gerações anteriores de experiências místicas alternativas às das igrejas tradicionais.

Retornando às experiências concretas do cotidiano, quanto aos moradores de outros bairros e do centro da cidade ou mesmo de shoppings centers, qualquer lugar fora do bairro, Romário disse “*ficar de greta*”, pois em alguns desses lugares eles são só olhados “*de banda*”, mas que em outros, é briga certa, quando vão, por exemplo, ao bairro São Pedro. E teme os policiais fora dali. Conta que uma vez levou uma batida e “*nem estava sujo*”. Mas, em outra ocasião, quando um amigo dele que estava levando umas trouxinhas para entregar numa festa, “*levou uma dura do homi (sic), mas eles ficaram com o dinheiro dele e a droga*”. Disse também que os policiais se comportam de maneiras diferentes quando se encontram no bairro ou fora dele, pois quando estão no bairro eles não são tão maldosos como quando estão fora dali. Mas que mesmo assim os policiais são figuras amedrontadoras. O medo no bairro assume inúmeras feições.

Vive-se no bairro Dom Bosco num medo permanente e isso altera as relações pessoais e os projetos de vida.

A cultura do medo constrói, assim, uma barreira invisível que separa as pessoas e as isola, fazendo-as temer a tudo e a todos e nunca confiar no outro. Entre os jovens, esse embaraço ganha contornos mais nítidos, associado que está a um distanciamento maior e cada vez mais alongado

do poder de consumo, que vai desde o tempo e a qualidade da educação formal, à questão da inserção no mercado de trabalho precoce e cada vez mais difícil, até a aquisição de objetos de moda. O que amplia a distância entre as classes, com a exclusão e banalização dos miseráveis, ao mesmo tempo em que, também, demanda um estranhamento geral, já que jovens de classe média baixa, e às vezes alta, são cada vez mais apontados como executores de atos de delinquência juvenil. Atos que vão desde a participação em roubos e furtos, espancamentos de outros jovens, envolvimento com droga, não apenas como consumidores, mas também como integrantes do tráfico, à prática do estupro, sequestro e morte. (Koury,2011)

Como destaque na fala acima existe uma rede que envolve as pessoas que não deixa ninguém escapar impune. Só que a punição dos jovens é desproporcional aos delitos praticados. No Dom Bosco existe muita violência e a regras de moralidade parecem mais frouxas. Nos dias atuais as diferenças são menos visíveis, a não ser na ostensividade das roupas e do modo de falar em público, no mais, quer dizer que nas regras de moral da sexualidade, como troca frequente de parceiro, disputa pelos companheiros das amigas feita às claras, baixo controle de natalidade e de prevenção de doenças, isso não é muito mais diferente nem causa tanto espanto.

Na verdade, as mulheres pobres foram precursoras de uma moralidade mais livre no que diz respeito às conquistas de gênero, isso não correspondendo à liberdade econômica e mesmo social: elas não são mais livres, mas experimentaram o gosto da igualdade sexual e parece-me que não gostaram dele. Queriam mesmo era que suas famílias seguissem o modelo tradicional, pois a ausência dos maridos as sobrecarregam sem grandes benefícios pessoais e familiares, mas não é nenhum fim de mundo. Mas, quanto ao medo,

Todos os jovens, portanto, tornam-se sob suspeição. Os mais pobres, comumente, são os considerados marginais ou bandidos *per si*, pelo simples fato de serem pobres. O que equivale à visibilidade concreta da barreira social que está presente de modo claro, separando os que têm algum acesso aos benefícios sociais, culturais e econômicos de um cidadão e os que simplesmente ousam existir (a maioria da população). Os demais, das classes médias (baixa, média e alta e suas variações em torno de cada faixa) e da classe alta, são suspeitos uns em relação aos outros, provocando um medo generalizado sobre as ações possíveis que envolvam cada jovem em particular como vítima ou autor de um ato de maldade. (Koury, 2011)

É um emaranhado de irresponsabilidades e de impunidades. A impunidade é uma questão muito presente no dia-a-dia do bairro, sendo em si mesma fonte de conflitos barulhentos e angustiantes. A justiça ali também é muito frouxa e hermeneuticamente flexível. Quando uma mulher foi esfaqueada no abdome atingindo e matando o feto de sua gravidez e a colocando em risco por vários meses, o culpado não foi preso, nem expulso do bairro, e se houve algum tipo de constrangimento face-a-face ao agressor passou despercebido e deve ter sido de pouca monta. Apesar de uma indignação contida e sussurrante correr por bocas e ouvidos, no mesmo dia o agressor era visto em sua casa assistindo televisão sem temer represálias e acusações insuportáveis. A culpabilidade recaiu, todavia, com força sobre a vítima que não deveria, grávida ou não, estar à noite “*na baderna*” deixando os outros filhos com a mãe e bebendo e fumando sem controle.

Quando isso transborda os limites do bairro, via televisão e rádio sempre prontos e noticiar o que acontece ali, a sociedade é permanentemente lembrada desse lugar onde se mata sem que haja punição, o que não é fora de propósito, desde que não fosse esquecido que a polícia ali não age da mesma maneira que em locais menos estigmatizados: não houve investigação policial, nem inquéritos, apesar de noticiado e de haver obrigatoriamente ocorrência policial quando ocorreu a hospitalização.

Torna-se pois muito urgente não considerar a violência, e sim determinar, aqui e ali, quais são as situações que, ao menos para seus protagonistas, são consideradas violentas, como vetores de risco, quais e para quem. Mais tarde, caso tenhamos bastantes exemplos diferenciados e abordados de maneira comparáveis, talvez seja possível identificar os fatores reconhecidos como sendo constitutivos de situações de violência, e questionar as diferenças, as distâncias de uma sociedade para outra. (PIAULT, 2004, 25)

É correto presumir que a denúncia do crime não poderia partir do interior da comunidade do bairro uma vez que, já apresentei esse fato anteriormente, a rede de informação alternativa interna, a fofoca, não deixa nada escondido e a pessoa que fizesse a denúncia correria o risco de ser desprezada, ou coisa pior, pela comunidade. Impera assim uma rede interna de informações de pessoas amedrontadas e inseguras de forma mais aguda ainda que o medo e a insegurança dos que estão fora dali.

A insegurança, a desconfiança e o medo podem ser expandidos para os moradores do bairro de forma geral. Não se pleiteia sociedade sem medo, seria impossível. Não se pleiteia que os moradores do bairro Dom Bosco sejam santos, isso seria ridículo. O que seria desejável é que fossem vistos sem as máscaras do preconceito e que os aparelhos e instituições fossem ao menos básicos e igualitários. Os jovens não tem ali a contrapartida pela obrigatoriedade da educação, pois a escolaridade não lhes garante mais um futuro risonho, assim como o atendimento de saúde não garante a prevenção de doenças e qualidade de vida, assim também como não estão presentes locais de esporte e de socialização.

Mas o medo nem sempre pode ser nomeado ou mesmo descrito. Muitas vezes ele está difuso ou escamoteado em doenças, pesadelos constantes, desejo de sair dali, dificuldade de relacionamento. Uma senhora me disse que a vontade de ir para outro bairro é muito grande, pois ali ela tem que conviver com muita *indecência* (sic) e que ela já tinha comprado um lote e se inscrito no programa de casas próprias do governo. Outra mantém os filhos trancados dentro de casa quando precisa se ausentar, algumas garotas tem medo do pai, pois eles são mais exigentes com elas, com receio de gravidez e aumento de despesa com a chegada de um bebê.

Mas o maior medo, no segmento das mães, avós e pais são que os filhos não consigam evitar o consumo e o tráfico. Como muitas vezes são os pais também envolvidos como consumo de drogas, nesse caso o medo é deslocado para denúncias ou a chegada de policiais ou então perder a droga para o grupo rival. Medo de perder suas moradias nas chuvas, de não pagar o aluguel, de ficar sem água, sem emprego.

Especificamente quanto aos jovens, em quase todas nossas conversas, direta ou indiretamente, se falava dos seus medos: de não conseguir emprego ou de não conseguir pagar pensão dos filhos. Os rapazes me pareceram com mais dificuldades para enfrentar as situações do dia-a-dia que as garotas no que diz respeito à gravidez, por exemplo, que foram numerosas entre os jovens. Uma moça de 15 anos grávida não desperta nenhum constrangimento maior, mas cria insegurança acentuada entre os rapazes com quem ela convive: quem será que a mãe vai dizer que é o pai? A gravidez fora do casamento é um problema bem maior para os rapazes do que para as moças, diferentemente do que eu pensava antes desta pesquisa, mesmo tendo participado de projetos sobre prevenção da gravidez na

adolescência⁹⁰ e outros cuidados com a saúde, o foco sempre estava em instrumentalizar a não concepção ou, quando ela já havia ocorrido, na mãe e na criança. Para os pais, quase nada a não ser cuidados com a prevenção de gravidez e de doenças. Contaram-me que houve um caso de um rapaz desaparecer por muitos anos, pois não queria assumir o filho.

Também o medo de não conseguir se afastar do mundo das drogas. *E se eu não conseguir nada, vou ter que me meter com as pedras (crack)*. Muito medo de ser preso, de ir para o CERESP, mas, coisa admirável, eles não têm rejeição aos que de lá voltam, nem falam com desprezo dos que lá estão. Consideram como falta de sorte, somente sem nenhum julgamento moral ou ético, desde que a prisão seja motivada por algum tipo de envolvimento com droga. Já para os outros delitos e crimes as opiniões divergem, pois existe uma moralidade interna difusa nas avaliações das atitudes dos moradores dali. O roubo é condenado entre eles, mas visto com menos rejeição fora dali; as brigas entre casais atraem os observadores e comentadores que dificilmente se propõem a apartar o casal, mas chamam com facilidade a polícia. Medo de que algo aconteça com suas mães. Essa sensação de insegurança permanente, de solo instável e de limites sufocantes, compromete a visão de mundo e de futuro.

Como informa Dubet (2006, p. 25), existe uma espécie de *conformismo frustrado*, em que os jovens de classes mais pobres se sentem perdedores: seja pela dificuldade de mobilidade social, mesmo quando incluídos em políticas sociais de inclusão social, como o Pró-Uni, o Bolsa Jovem, o Pró-Jovem, etc. Esses programas apresentam-se como uma alternativa, quase sempre frustrada, por não levarem em conta a defasagem da formação do jovem pobre com as demandas do mercado, inclusive com a lógica de ensino técnico e universitário brasileiros, gerando estigmatizações e os acusando de não competitivos e de difícil enquadramento. (Khoury, 2011)⁹¹

Enfim não é possível a homogeneização de enquadramentos artificialmente construídos. O que complica porque as dimensões da vida contemporânea estão arrumadas em sistemas, e esta forma de organização é quase impossível de ser pensada em termos de individualidades. Os sistemas lidam com dificuldade com as diferenças e as singularidades. Essa situação prejudica demais jovens de

⁹⁰ PEAS/ Programa Afetivo Sexual – SEE/ MG

⁹¹ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922011000300003&script=sci_arttext

comunidades pobres porque eles se fizeram, muitas vezes, na busca daquilo em que eles são diferentes em termos de habilidades pessoais na prestação de serviços.

As religiões também não absorvem de imediato essas formas de criatividadees miúdas e frágeis que vão modelando aos poucos as suas doutrinas e os seus rituais. Mas não conseguem ficar imunes apesar de demorar a perceber o que já mudou. Está sempre correndo atrás das práticas que já estão no senso comum dos cotidianos complexos e efervescentes. Assim como custei a perceber que existiam adolescentes que tinham alguma religiosidade, mas que não compartilhavam suas experiências facilmente. Um dia isso aconteceu.

Capítulo 3

RELIGIOSIDADE INDOLENTE

Anjos e mensagens do além

Dona Jorgina, um dia, viu um anjo cheio de luz que lhe indicou um caminho para o alívio de suas penas na Terra. Um garoto diz que a avó de outro menino, avó que já morreu há algum tempo, mandou lhe dizer que se afastasse da beira do rio. A Santinha não fica debaixo de telhado. Uma senhora disse que Deus lhe chega pelos programas de televisão. Adolescentes dizem que as igrejas só querem o dinheiro dos fiéis e não sabem nenhum dos dez mandamentos. Pecado? Pecado mortal? E pecado venial? Nunca ouviram falar. Bíblia, o pastor lê no culto e são poucas as

casas em que ela existe. Se se pergunta se eles rezam, dizem que sim, no livro do padre Marcelo. Ou quando podem.

Dessa barafunda, lentamente, foram surgindo alguns adolescentes que declararam ter religião, estavam na mesma faixa etária dos descritos no capítulo anterior, sendo que em alguns momentos houve alternância de posições: se diziam com religiões para depois dizerem que não iam a nenhuma igreja.

Mas, apesar de tão tênues e tão indolentes, eu percebia que essa fé descrita assim sem força doutrinária e com baixo nível de intensidade devocional fora capaz de uma permanência cultural relevante, capaz de influir na grande construção doutrinária e material do império católico e sustentar a expansão de inúmeras igrejas pentecostais e menor porte mas de não menos determinação. A fé popular é poderosa em sua timidez.

Então, esse amorfismo aparente e essa liquidez nas adaptações podem dar flexibilidade, plasticidade e longevidade ao que aparenta estar em decadência ou se dissolvendo. Neste capítulo tento compreender a força estranha de uma fé simplificada. Ou será, talvez, uma fé que não se deixou comprometer, que persistiu quase incólume aos ventos da modernidade e seus princípios de linearidade histórica, progresso e industrialização?

Essas reflexões ocorreram depois de algum tempo de trabalho de campo e seria interessante que aqui retomássemos a imagem do Chapadão desenhado nas cinco ruas firmadas sobre antigos atalhos percorridos desde a década de vinte do século XX quando então surgem as primeiras referências ao grupamento que cresce em decorrência das migrações rurais, regionais e mesmo da própria cidade. É a parte mais empobrecida do bairro Dom Bosco e formada por aglomerado de pessoas que, algumas, não buscam trabalho ou já são aposentadas e outras estão desempregadas, ou são empregados domésticos, biscateiros, camelôs, mendigos e catadores de sucata, mas também operários e funcionários públicos não qualificados, artesãos e professores, tanto do ensino público como de outras áreas como os de música, de informática e de capoeira. Esta população é marcada como “perigosa” por meio de mecanismos menos ou mais visíveis, como o preconceito em relação ao endereço de moradia e o destaque dos meios de comunicação para os atos de violência que acontecem ali. Além de estarem marcados com estereótipos e preconceitos, convivem com a instabilidade de suas relações materiais e simbólicas

ameaçadas pela redução flagrante de suas fronteiras geográficas, visto sua posição central numa região de alta especulação imobiliária, a política de higienização social e os desastres ambientais quando as chuvas fazem escorrer pelas encostas as moradias, os atalhos e as esperanças. Em termos filogenéticos, nada de surpreendente nisso como tratado acima quando criamos imaginativamente um possível trajeto até os dias atuais, mas, em termos individuais, um estado de permanente alerta e instabilidade emocional.

Ressalte-se também a feição comunitária do agrupamento, mesmo que suas articulações estejam meio enfraquecidas no que tange às considerações tradicionais do que seja vida comunitária: a identidade de desejos e ambições é parcial, assim como são variadas as origens e os destinos prováveis; não existe uma produção comum de subsistência e as redes de solidariedade são frágeis e pontuais. A coesão do grupo nem sempre advém de parentesco, apesar de que as ligações parentais serem numerosas, mas da mediação de conflitos e da complementação e/ou substituição de serviços públicos, tais como cuidados com as crianças e com a saúde, prevenção e restrição às drogas, por exemplo. Quanto aos adolescentes é mais intensamente sentida a carência de aparelhos sociais e culturais de suporte: a rua e as casas são os espaços de lazer, de cultura e de convivência e eles se ressentem dessas carências.

Existem, não obstante, mediadores que funcionam como catalisadores e organizadores das rotinas e dos projetos: os jogos de bola, as conversas sobre religiões e saúde e, principalmente, fofocas. Entre os adolescentes, os jogos de bola predominam entre os homens, apesar de um número expressivo de mulheres, crianças e adolescentes, mas não adultas, que os praticam, assim como o trânsito de informações sobre acontecimentos gerais e pessoais. Essas mediações parecem, sociologicamente, irrelevantes, mas, no contexto de instituições poucas e frágeis dão suporte às relações sociais e ao fazer cotidiano: reapropriação dos espaços sociais com finalidades lúdicas, reutilização de materiais em substituição à bola tradicional quando deteriorada. Chutam-se tênis, chinelos velhos, que são também marcas do desenho do jogo, embalagens vazias, etc., inventam diversões onde existe degradação de vários níveis e, além disso, mantêm quase intocadas as brincadeiras e outras ações que desde tempos remotos povoam o lazer e o fazer juvenil.

Nessa área geográfica desguarnecida as pessoas vivem e os adolescentes constroem suas biografias sem nem pensarem intensamente em religiões de perfil bem delineado, mas vivendo um cotidiano impregnado de uma religiosidade ancestral e ao mesmo tempo contemporânea às inovações tecnológicas, principalmente as comunicacionais, que os transportam para outras realidades e escassos sonhos.

Este estudo, que visualiza a adolescência e mesmo a juventude sob o filtro da religiosidade, aprendeu a lidar com o movimento, as invenções e as repetições em suas múltiplas configurações. Pouca coisa resta estável por muito tempo ali, sem que isso precise ser visto pelo lado das negatividades, pois a instabilidade não somente faz parte do mundo contemporâneo (Bauman, 2005, p.144) como deve ter sido uma das condições comum à sobrevivência dos ascendentes de boa parte da população do bairro e assim se perpetua até hoje, supõe-se. As religiosidades recriam-se constantemente plasmadas na horizontalidade das relações pessoais, na fraqueza e flexibilidade das instituições religiosas e no isolamento moral infringido pelas fronteiras impostas ao convívio com o restante da cidade.

São essas condições propícias para o aparecimento de transformações religiosas que geram e perpetuam vivências algo diferenciadas dos demais grupamentos urbanos. Parece-me de pouca importância inquirir sobre aquilo que mudou e como mudou. Importa-me sim perceber qual o significado que é dado à religiosidade enquanto uma das linguagens que de, alguma forma, marca as peculiaridades adolescentes.

Movências e deslocamentos. Inovações e angústia do desconhecido: instabilidade também teórica e metodológica. Para esse mundo cambiante, mais intenso para a juventude, Perrault (2005) propõe *referências que permitem abordar e pensar a religião entre os jovens: 1) o recuo de um certo cristianismo, 2) a “recomposição-inovação” do religioso e 3) a individualidade, a subjetividade, os itinerários pessoais*(Perrault, 2005, p.165)

Essas referências deram certa estabilidade teórica aos câmbios desta pesquisa: as mudanças aconteceram de semana para outra, de semestre para outro. Refazer as inserções teóricas e metodológicas das configurações móveis e moventes

foi uma das tarefas mais constantes e de maior importância desta pesquisa. Se o que antes era não é mais agora, o que mudou repete o que era. Presente liminar e expansivo, amebóide.

Superado os tempos iniciais de surpresas e indecisões, percebi que esse era o contexto da pesquisa, esse andar em bases flutuantes. Para além dos processos de guetoização, gentrificação e juvenilização da pobreza, agenciamento compartilhado com as políticas públicas e que dizem respeito ao confinamento simbólico, à valorização da terra e ao empoderamento juvenil advindo da recepção de políticas públicas em seus nomes, este capítulo cuida das maneiras como os jovens, que declararam suas filiações religiosas, exercitam suas relações com o sagrado e o simbólico e como estes exercícios desnudam algumas das redes de relações que envolvem e sustentam os adolescentes nos dias atuais.

Os jovens inventam seu percurso biográfico com improvisações pouco convencionais sobre um estrato de convenções: não negam, não discutem, discutem quando querem e da maneira que querem, ou desconversam e desviam o assunto. Mas o transcendente, o sagrado, parece que sempre esteve lá, camuflado, no meio dos redemoinhos e improvisos de suas vidas, pois aparece às vezes assim como desaparece antes que se perceba sua presença. Projetar um futuro é um trabalho insano quando não se tem os insumos mínimos para realizá-lo, e, nesse contexto a religião parece perder a força de agulhão para conquistas materiais, mas também a força para a salvação eterna. Então ela recua sobre si mesma.

Parece-me que é o futuro, o porvir, o desejo, que está atenuado e a religião vai a reboque. Futuro improvisado, religião enfraquecida. Não estão ausentes, mas são percebidos na dimensão cíclica da vida e não na linearidade dos projetos e processos da ambição moderna de futuro. Não fazem provisões para longas viagens. Nem poupança, pois disseram que *sempre que se junta um pouco de dinheiro, adoece alguém e lá se vai o dinheiro*⁹².

Penso que as biografias mapeiam um conjunto de situações sobre a religiosidade dos adolescentes em geral no contexto da pesquisa. Isso porque a

⁹² Foi dito por Wal, de 43 anos, que frequentava no grupo de conversas e que contava que seu marido havia comprado uma televisão “grande” como dinheiro de um acerto no serviço dele. Falou que quando aparece um dinheiro inesperado tem que gastá-lo logo, antes que alguém adoeça e o dinheiro vai para remédios, carro, etc.

variabilidade religiosa, o trânsito fácil e inconsequente entre as muitas instituições não é necessariamente característica de todos os adolescentes ouvidos sendo que isso mais parece um sintoma de instabilidade social do que de liberdade religiosa. Daí um religiosidade pragmática, imanente, transgressora e mutável.

Num campo difuso de relações e de comportamentos esperados e inesperados, a religiosidade escapa às regras doutrinárias, mas não escapa às amarras das confrontações, estimulações e indefinições entre eles, adolescentes, e as demais pessoas de contato.

Todavia, daí nem sempre emerge conflito explícito e quando surge é menos por motivos religiosos, e mais atrelado às fofocas e discussões na área da sedução e da sexualidade com seus correlatos – casamentos, filiação, pensões devidas e posse dos filhos, problemas relacionados à promiscuidade e à proximidade excessiva com os vizinhos.

Abro parênteses para dar visibilidade aos desejos de algumas mulheres de buscar nos companheiros ausentes acolhimento para os filhos, principalmente quando eles vão chegando ou já chegaram à adolescência. Também acontece que alguns adolescentes, logo que se veem com um mínimo de discernimento e certa autonomia buscam a companhia dos pais ausentes de casa. A ausência de um dos pais quase sempre é difícil de ser amenizada.

Num contexto de oscilações, equívocos e carências a religião ainda é, para uns poucos, segurança que instrumentaliza o cotidiano incerto e limitado, como o é o de quase todas as pessoas: um caminhar nas planuras labirínticas horizontais de perspectivas limitadas. A religião de certa forma rompe os muros e amplia a visão, mas essa visão que se deseja ampliada pode muito pouco quando não se projeta num futuro. Segundo Agamben

Para entender o que significa a palavra "futuro", é preciso, antes, entender o que significa uma outra palavra, que não estamos mais acostumados a usar, senão na esfera religiosa: a palavra "fé". Sem fé ou confiança, não é possível futuro. Só há futuro se pudermos esperar ou crer em alguma coisa. E "fé" é simplesmente o crédito do qual gozamos junto de Deus e do qual a palavra de Deus goza junto de nós, a partir do momento em que acreditamos nela. (AGAMBEN, 2011)

Não pensando, os adolescentes, em termos de posteridade, uma religiosidade fragilizada parece refluir sobre si mesmo, criando um vácuo que se esvazia de dogmas, ritos e doutrinas e acentua o recuo do cristianismo, principalmente o catolicismo enquanto autoridade moral. É essa religiosidade que percebi entre os adolescentes do Dom Bosco, sem juízo final, meio messiânica, como na fala de Ju (15 anos): - “tenho certeza que alguma coisa vai acontecer, Jesus não vai me desamparar”, meio mágica, como na fala de Eliza (15 anos) que disse que “estava tão triste e aí eu saí pra rua e vi passar uns anjos cheios de luz que me disseram que tudo daria certo. E eu daquele dia em diante, minha vida foi outra”.

Os dois primeiros capítulos desta pesquisa foram escritos numa perspectiva de quase ausência de referências discursivas às religiosidades particulares pelos jovens que participaram de entrevistas registradas em sons e áudios e de conversas ao longo do trabalho de campo dos anos 2009 e 2010. A partir de um dado momento, e eu não sei dizer com clareza qual foi e o que o motivou, eles se mostraram mais receptivos ao tema, e aí passaram a se referir às próprias experiências religiosas, ou à ausência delas, quando se dizem sem religião. Talvez eu lhes parecesse mais confiável, talvez tenha enfim encontrado quem se dispusesse a conversar comigo sobre assuntos ligados às religiosidades e suas coisas sagrada. No entanto, existiu sempre alguma forma de esforço em conversar sobre elas como se não fossem muito importantes e estivessem a contrapelo das demais atividades, marcadas estas por ações rotinizadas e modeladas por outros princípios que não os das virtudes teológicas fé, caridade e esperança.

Sempre falantes quando se tratava de discorrer sobre novas tecnologias informacionais, música, futebol, “baladas”, e afins, eram quase nada comunicativos quando o assunto girava em torno de religiões. A rejeição era semelhante às referências à sexualidade como acontecia nos grupos de formação que a ABAN oferecia aos jovens do REGGAEBEM: não fugiam do assunto, mas as falas eram ou difusas e inconsistentes, ou traziam respostas prontas, já esperadas, irrefletidas.

Enfim, as conversas sobre religião se tornaram mais desembaraçadas. Não que os depoimentos sobre a vivência religiosa fossem mais substanciais, mais consistentes (não se pode isso esperar, haja vista o pouco conhecimento catequético e evangelizador que eles possuem), mas porque se falava sem receio de conflitos e de constrangimentos e afirmavam agora o pertencimento a essa ou aquela religião.

Muitos ficaram somente nessa declaração de pertencimento, sem convicções e sem expansões argumentativas, mas outros foram mais consistentes.

Nesse capítulo as conversas foram diretas, sem necessidade de mediadores no que se relaciona aos registros, e as gravações foram mais individualizadas. Manteve-se o recurso de entrevistas conduzidas pelos jovens, mas estas já não foram tão centrais quanto às do segundo capítulo, que se mantiveram como recorrência e articulação, sem perder, todavia, a importância como complemento às informações e interpretações.

Há que se esclarecer que já no final do trabalho desta tese foi publicado o Censo Demográfico de 2010 que expôs as transformações no campo religioso brasileiro com destaque para o que está acontecendo com os jovens pobres de periferia das metrópoles na direção da sua caracterização como “sem religião”.

BREVES INFORMES BIOGRÁFICOS

Os adolescentes deste capítulo são aqueles que se dispuseram a falar sobre suas experiências espirituais ou então são pessoas de outra faixas etárias que, com suas falas, teceram redes de relações nas quais as descrições dos percursos biográficos se tornam mais nítidas e estáveis. Não se trata de erigi-los como modelos para comparações, nem da elaboração de tipos-ideais weberianos, mas de casos registrados aleatoriamente num conjunto de biografias surpreendentes destinados a suprir substantivamente as reflexões sobre a religiosidade de adolescentes.

Abaixo os dados de suas biografias, esclarecendo que André e Daniel participaram das gravações audiovisuais que aparecem com ênfase maior no segundo capítulo e que depois se colocaram como participando de alguns rituais religiosos. São os mesmos adolescentes, mas com participações diferentes em um ou outro capítulo. Neste, vamos cuidar das falas dos adolescentes e suas religiosidades assumidas, mas em outro momento eles foram destacados porque pertenciam ao REGGAEBEM.

Daniel

É um rapaz de 16 anos, estuda na Escola Municipal Santa Cecília à noite, na 7ª série, e de dia diz que fica à toa. Diz que gosta muito de esportes, mas o projeto em que ele praticava futebol foi encerrado. Ele lastima esse encerramento porque diz que agora não tem mais nada para fazer. *Ai, a gente fica sentada aí, sem ter nada para fazer acaba mexendo com coisa ruim. Não trabalho, mas já trabalhei, mas os caras deixaram a desejar e não me pagaram. Trabalhei três meses, eles não me pagaram, no quarto não voltei não. Já mandei um mundão de currículos e nada. Quando tem algo para fazer, futebol ou aula de informática, ou qualquer coisa a gente acorda e sabe que tem a parada lá. Quando não tem nada a gente não tem nem vontade de levantar da cama.*

Para Daniel os jovens vão para as drogas porque eles desde cedo convivem com drogas e se acostumam. Começam pegando escondido ou ganhando de alguém para experimentar. *Mas não que forcem, aí eles vão no embalo: vai que é bom, é legal. Numa festa, se a pessoas quiser, porque ela já vem querendo, ninguém manda não. Depois não tem mais volta. Fumei cigarro uma vez e achei ruim. O esporte pode mudar isso, mas música também, jardinagem.*

Se a mãe acorda de manhã mandando você arranjar serviço, o cara já levanta e vai fumar um baseado. Se o pai cobrasse seria mais fácil. Eu não brigava em casa não, mas minha mãe agora mudou e eu moro com minha avó. Eu ajudo a cuidar dos meus irmãos e ajudo em casa, toda sexta feira tenho que fazer compras. Eu não trabalho, mas tenho uns rolos aí. Vendo umas tretas aí. Não encontrei serviço. Acho mais fácil vender.

Diz que se conseguisse um emprego ou algum projeto de esporte pararia com a venda de drogas. *Todo mundo que entrou nessa vida, entrou porque aconteceu alguma coisa, né véio, ou não arruma serviço, se desse eu não estaria vendendo droga. Em vez do pessoal ficar na janela e falando que “o filho da (...) está vendendo droga até tarde” eu falo: arruma um serviço para mim.*

Falas que transparece alguma incoerência. No início ele afirmou que não usava drogas, mas depois disse que *meus amigos, são gente boa, são adultos, jovens, a maioria usa e vende, mais usa do que vende. Não adianta dá conselho. Quem vende também usa, mais consome do que vende. Quando deve, sempre tem*

que ter para pagar. Se vacilar muitas vezes, ou paga ou vai te matar. Ou rouba para poder pagar. Em qualquer lugar tem gente vendendo. Tenho medo, quando a gente é de menor a gente tá tranquilo, mas vai ficar falado, meio cabreiro, a polícia já fica conhecendo a gente. Sem querer se tiver dinheiro é traficante. Se eu saio de casa eu saio sem dinheiro, só pratinha pois os caras ficam com a droga ou dinheiro para eles, eles queriam saber tudo. O que eu tinha eles ficaram para eles.

Enquanto pequeno traficante do bairro, fala também da relação dos jovens com a polícia e começa com relatos anteriores da ação dos policiais num tempo anterior ao início de suas atividades como traficante, e entremeia com relatos de envolvimento de outras jovens que nem usam droga, mas que são confundidos com usuários, assim como com ladrões também. *Quando saio do bairro, mesmo para pagar uma conta para a mãe da gente, não dá para levar dinheiro, pois os policiais não querem nem saber, tomam o dinheiro da gente.*

André

Dizia ter esperança de, ao fazer um curso de canto, poder melhorar o desempenho do pessoal e dos grupos, e, como pertencia aos dois grupos ligados à música, o RB e o pagode, via benefícios para ambos os grupos com seu aprimoramento musical. Reconheceu diversas vezes que, mesmo seu pai estando indiretamente ligado ao campo da música e o incentivo da mãe, o desejo de estudar e de aperfeiçoar-se chegou foi durante os ensaios do RB quando ele se sentia que, no grupo, poderia vir a ter uma participação diferenciada e enriquecedora com a introdução de voz, uma vez que o grupo era exclusivamente de percussão. A incorporação de melodias e letras abriria oportunidades até profissionalizantes e não somente de exibição como acontecia para dar visibilidade às ações sociais da ABAN. Quer dizer, existia para ele, então, um projeto, uma visão de futuro, e um empenho em perseguir os meios de se chegar ao algo. Meio de se apropriar de oportunidades.

André, em 2010 tinha 15 anos, cursava a sexta série de uma escola estadual. É o filho mais moço de três irmãos e disse-me que gosta de ler, especialmente poesia e jogar futebol. Para ele ir à escola “era legal”, mas que não via muito sentido no que aprendia na escola. Nunca havia tido aula de ensino religioso. Num

primeiro momento não me disse se pertencia a alguma religião. Posteriormente, declarou ser católico e que às vezes vai à missa. A maneira de ser católico desse rapaz é focalizada no próximo capítulo desta pesquisa. Sua família é constituída pela mãe, por ele, um irmão e uma irmã (casada e mãe de uma menina que moram na rua acima da casa da mãe). Sua mãe é muito cuidadosa com os filhos, sua casa é muito alegre e André tem muito respeito pela mãe e pelo pai, que não mora na mesma casa. Por ter se declarado posteriormente religioso a interpretação de seus depoimentos será transferida para o terceiro capítulo que estuda a religiosidade dos que se assumem religiosos. Sua família não é muito pobre, nem sua casa é ruim, apesar de inacabada.

Conheci André como percussionista do REGGAEBEM, tocando tarol. Eu o vi como uma pessoa serena. Alto, espigado, cabelo ao sabor do momento (quanto à cor, oscilando do castanho amarelado ao branco oxigenado; quanto ao penteado, oscilando da cabeça raspada às variações moicanas). Veste-se com cuidado, sem excessos no visual e não tem tatuagens. Enquanto o REGGAEBEM estava ativo foi um dos seus percussionistas e depois se empenhou com força para que o grupo não acabasse. Continua ligado à música num grupo de pagode, como vocalista, com apresentações em alguns bailes em outros bairros. Nesta situação de saída do bairro disse-me que não existem brigas nem rivalidades nas apresentações que realizam. Neste grupo de pagode não existem meninas nas apresentações externas apesar de nas apresentações no próprio bairro elas estarem presentes.

Sua casa situa-se numa das entradas do Chapadão, logo no topo de inclemente ladeira. É uma casa alegre, sempre cheia de pessoas, com música e sons de vozes. Parece ser uma casa confortável, apesar de carecer de acabamento externo. Quando procuro por ele, muitas vezes sou atendida por sua mãe, quase sempre às voltas com cuidados à neta pequena. O pai não mora com a família que consta de cinco pessoas: mãe e três filhos, a mais velha casada e moradora da rua de cima à casa da mãe. Naquela casa perpassa um dilema inconsciente (em termos reflexivos) que acompanhou quase todo o tempo desta pesquisa, sendo ao final pendido para o imediatismo da sobrevivência e não para uma aposta de futuro. Explico: André havia expressado o desejo de fazer curso de canto, mas não tinha dinheiro para custeá-lo e era um custo de baixo valor.

Algumas estratégias foram tentadas para acesso a uma ocupação que lhe rendesse o suficiente para tanto, mas nada foi conseguido, em parte porque ele mesmo não se empenhou em consegui-la por entender que qualquer atividade que conseguisse junto à ABAN, por exemplo, seria temporária e incapaz de sustentar o curso em questão. Subjacente à dificuldade de ocupações remuneradas, a mãe insistia na necessidade de um trabalho regular para, como me disse ela, André pudesse ter algum dinheiro nos fins de semana e comprar algumas roupas, já que era vaidoso e precisava de dinheiro para conduções e outras despesas e ela muitas vezes não tinha para lhe dar. Disse-me que se ele conseguisse um dinheiro para uso próprio já seria lucro para ela já que evitaria sacar do dinheiro coletivo. Os adultos daqui também investem pouco em projetos futuros, isto significando baixo nível de investimento tipo moratória. Por outro lado, ela (e o pai também) incentiva a música de André, pois como ele disse *na minha casa todos estão ligados em música, mas eles não acreditam muito não* (em viver de música). *É muito difícil no tempo de agora, tem que sair para outra cidade para buscar, pois o mercado aqui, infelizmente é muito fraco, nesse aspecto de música e eles não acreditam muito não.*

Gosta de ler (prefere poesia), joga futebol (que disse que poderia ser também outra opção de vida, além da música), não bebe e não fuma, mas não investe muito no ensino escolar, estava no nono ano com dezesseis anos. Quanto à frequência à escola disse que somente ia para sair com o segundo grau completo, não tendo ambições que impliquem em maior escolaridade, expandindo esta afirmação para os demais companheiros dizendo que nenhum deles pretende cursar terceiro grau. Disse que seus amigos não têm pretensão de serem médicos, por exemplo, e nem operário, segurança, etc., mas que eles ficam somente no campo do esporte e da música quando se trata de pensar no futuro, pois nesse caso tudo vai depender deles próprios sem dependerem dos estudos escolares. Disse André que se as mães não forçam o estudo eles não vão à aula. Será que esta questão não está ligada à dificuldade de projetar, de se enxergar num futuro um pouco mais remoto que alguns anos? *Lógico que eu tenho meu objetivo, mas é impossível ver lá adiante, ainda mais nessas condições que vida que a gente tem. Tem que correr atrás e não sei o que vou conseguir. Meu sonho é música, mas vejo dificuldade de chegar lá. Mas meu sonho não está tão longe, ele está próximo e eu vou viver dele desde agora.* Isto no mês de julho. Em dezembro estava trabalhando e acordando às

quatro horas para apanhar o ônibus da empresa e trabalhar até às duas horas da tarde.

Refere-se aos moradores do Chapadão sem subterfúgios: as crianças não obedecem, não têm disciplina, os pais são ausentes, e são poucas as famílias que acolhem as necessidades dos filhos para além de comer, vestir e ir à escola. Mas, mesmo assim, para ele ali é uma comunidade feliz: *em outros bairros parece que à noite não tem ninguém na rua, aqui nos finais de semana está sempre cheio, aqui é uma comunidade alegre, é um ajudando o outro, as pessoas são mesmo muito amigas não só em caso de doenças, mas quando, às vezes, se tiver um menino usando drogas, as pessoas vêm, dá um toque, fala. Por exemplo, deu um acidente, quando a família não tem um carro para levar ao médico... aqui são muito amigos.*

Os sábados à noite aqui são muito violentos, muito agitados. É difícil saber se essa violência é provocada só pelas pessoas do bairro, porque tem coisas que acontecem no bairro que não são pessoas daqui que fizeram. Às vezes tem coisa que acontece aqui perto que não são pessoas daqui, mas às vezes é gente daqui, mas as questões ficam para as pessoas daqui.

Tem uma visão interessante quando se refere ao estudo de música que contrasta com o ensino escolar. Para ele, na música, por exemplo, é preciso buscar aprimoramento mais teórico, pois não basta somente ficar batendo caixa sem passar para outros conhecimentos: *tem que ter teoria, tem que ter outros instrumentos, outras coisas mais, não é só bater caixa. O público quer escutar a melodia. Se a gente tocar só o bатуque por muito tempo, o público vai enjoar.*

Foi um interlocutor importante nesta pesquisa. As críticas que fez à ABAN na figura de seu presidente Renato em relação à extinção do REGGAEBEM foram bastante lúcidas e compartilhadas por alguns de seus colegas em outros depoimentos. Por exemplo, a referência à presença Lúcio nos primeiros tempos do REGGAEBEM é comparada à ausência atual de pessoas que se ocupem com as necessidades deles, reconhecendo que o afastamento dos pais de suas casas e a entrada de padrastos que não assumem a função paterna, gera um hiato de responsabilidades e que eles, os adolescentes e mesmo crianças “têm que se virar sozinho”.

Disse que *eles davam palestras sobre drogas, saúde e ajudou muita gente. Quando o Lúcio veio para o REGGAEBEM melhorou até a vida das pessoas, crime, drogas, os adolescentes até tiraram proveito dele. Ele tinha experiência, entendeu? Agora a gente perdeu o contato com ele e quem tem é a ABAN, Lúcio Cardoso.* São ressalvas aos argumentos do Renato quanto ao encerramento das atividades do REGGAEBEM por não concordar que as atividades estavam esgotadas, que não funcionava e que as pessoas faziam o que queriam. André diz então que faltam sim pessoas dedicadas a liderar e a conversar com eles, pois nunca são escutados.

Em seus deslocamentos pela cidade, diz que não existem problemas: *a gente é muito tranquilo quanto a isso. A gente é tratado como pessoas normais, vai em qualquer lugar, a gente é bem recebido em qualquer lugar. Mas em relação à saúde não é tranquilo, depende do lugar onde a gente for. Eu joga no Tupi, eu toco pagode, às vezes eu vou passear mesmo, ou vou na casa de um parente, sem problema nenhum, podemos circular por qualquer lugar e a questão de restrição por causa de gangues concorrentes é só com os meninos que brigam. A gente chega em outro lugar, só pela nossa aparência, pela roupa que a gente está vestindo, a pessoas já percebe que não tem problema nenhum. Os meninos que brigam são funkeiros, com roupas mais chamativa, boné no olho, aí as pessoas já veem que têm uma atitude mais agressiva. As gente fica tranquilo vai nos lugares, aí o pessoal já vê aquele ali é tranquilo, não tem problema não. As pessoas de fora que chegam aqui são bem recebidas.*

A parcela da população do bairro envolvida com situações de brigas não é tão grande como parece, mas são eles que fazem prevalecer a visão negativa do bairro. André diz que *nós estamos cercados por shopping, de bairros de gente que tem uma renda alta, de pessoas ricas, a gente que está aqui a poucos minutos de centro, tem mais um hospital que está construindo, as pessoas acabam criticando por isso aí: a gente está ocupando um lugar que não pertence à gente. Pode até ser isso, para eles falarem do jeito que eles falam... Parece que o pensamento das pessoas é que no futuro não tenha isso aqui mais não. Não duvido muito não. Se eles forem tirar todo mundo daqui, vão querer pagar indenização, tudo direitinho? Vão oferecendo casas para as pessoas, vão tirando um a um, devagarzinho... Mas*

não vai dar não, porque aqui é muito antigo. É preciso conhecer a história do bairro, porque aqui as pessoas chegam e saem e não têm essa visão do bairro. Aí, o Dom Bosco tem muito crime, o Dom Bosco tem muita droga, é muito violento nos finais de semana, o Dom Bosco é ruim. E ninguém sabe como surgiu. De acordo com a visão que eles passam é lógico que vai vir o medo (para as pessoas de fora que vão ao bairro), porque a visão que eles passarem é que Dom Bosco é extremamente violento.

No tocante à sua religiosidade, diz André: *Vou à missa aqui no bairro e às vezes no São Mateus. Vou com minha mãe, às vezes vou sozinho, na maioria das vezes. Na Igreja daqui, tem a banda que eles chamaram para tocar no quarto sábado, às sete horas da noite. O padre deveria ser pessoa importante, mas eles ficam lá no seminário, lá em cima no instituto. Aí eles ficam dois anos aqui e como a gente não tem muito contato, eles nem sobem aqui no bairro, ficam dois anos e nem aqui eles veem. E só veem celebrar a missa e voltam.*

E diz que quanto à música: *Nós tocamos pagode, mas o pessoal (da banda) gosta mesmo é de samba que é alegria mesmo. Tocamos pagode porque o público quer ouvir. Todo mundo gosta um pouco de pagode. Se tocar só samba fica enjoado, assim se você tocar só pagode. O samba é a realidade da música, o pagode é muito romântico, melado mesmo.* Essa conversa deu abertura para discussão sobre história da música/samba/sertanejo e mudanças ao longo do tempo e também sobre o que ele percebia como antigo e permanente no Chapadão. Apesar de novo, ele teve discernimento suficiente para colocar a religião entre as atividades que se mantêm ao longo do tempo, junto com a música e os blocos de carnaval. Essa sensibilidade histórica deve-se não só ao pertencimento ao grupo de pagode que tem em seus quadros pessoas mais velhas e que fazem a ponte entre as gerações de músicos na comunidade e das demais atividades correlatas.

Por exemplo, é interessante percebermos como a música esteve atrelada à questão de transportes públicos. De acordo com André, ele ficou sabendo que os blocos de carnaval desfilavam cedo no centro da cidade porque não existia horários tardios de bonde para o sopé do morro da Serrinha, antigo nome do bairro Dom Bosco. O mesmo acontecia com os horários de bailes e festas e até as procissões católicas eram condicionadas aos últimos horários noturnos.

Quando André diz que vai à Igreja o que ele faz ali mudou em comparação com a ida de pessoas de outras gerações. Não só porque não existe mais obrigatoriedade de espécie alguma para estar ali, mas também porque os vetores das relações religiosas também se deslocaram e se tornaram mais próximos do imaginário social. Disse-me que vai à Igreja para conversar com Deus, mesmo sem conseguir desenhar a face de Deus. Quando interrogado sobre como seria Deus, ele respondeu *Não sei, parece que Deus é só a palavra Deus* e ele O coloca na horizontal, ao nível dos seus olhos, mas não despreza a perspectiva e os pontos de fuga: Deus é o outro, mesmo até que não responda aos questionamentos. Parece que Deus é um depositário da fala e um organizador do pensamento. Anteparo das palavras cujos significados retornam ao emissor como a fala de Deus.

Então, aquele Deus legislador e moralizador, distante e desconhecido, quer dizer, pouco apreensível, passa ser desenhado na intimidade de um imaginário singular e sujeito às implicações do mundo tecnovisual. Um Deus virtual e inscrito na percepção individual. Quando André disse que ia à Igreja para conversar com Deus e *acertar os ponteiros*, pareceu-me que ele falava de um parceiro de games e o edifício como o ambiente gótico de celebração da disputa.

Desde algum tempo havia percebido que a arquitetura de algumas igrejas católicas despertava campos imaginários alternativos. As torres sugerem os castelos medievais dos contos de fadas, as pequenas janelas são aberturas para pedidos de socorro de pessoas prisioneiras, os sons dos sinos enviam mensagens para além da lentidão dos deslocamentos provocados por sistemas musculares, humanos ou animais. Mas na fala de André isso se torna mais tangível e afeito às velocidades das redes midiáticas de comunicação. Deus tecnologizado, mas sem, incrível, a tecnologia, e só na imaginação. Onde a introjeção da tecnologia como estruturadora dos sentimentos, das emoções e das leituras de mundo.

Lucas

A história de Lucas foi obtida de forma muito indireta, pois ele morreu aos vinte e um anos, assassinado na saída de um baile. Falam sobre ele sua mãe e uma vizinha. Sua história não teria muito a acrescentar no tocante ao tema desta pesquisa

propriamente dito, se não trouxesse informações sutis que escapam até de conversa mais informais e que descrevem relações mais íntimas do grupo diferentes das fofocas, anteriormente citadas. Também expõem atritos intersubjetivos que esvaziam os sentimentos de amizade ou mesmo de companheirismo e solidariedade e onde as religiosidades são referências de pertencimento ou de afastamento dos parâmetros comuns de comportamento e de atitudes.

Parâmetros mais utilizados pelas pessoas mais velhas, mais presas às religiões tradicionais, mas que são, todavia, ainda reguladores das avaliações voltadas para as atitudes dos adolescentes, principalmente. A morte de Lucas cruza e mistura os dados pertinentes à convivência em Dom Bosco: religião, educação, afetividade, drogas na perspectiva de fonte de renda válida, cuidados com as crianças, e muitos outros que aparecem na forma de cenas de filmes e não de fotos. Quer dizer já trazem em si mesmos o enredo, o roteiro, os personagens e o desenrolar da trama (drama).

Lucas era o quarto filho de Aparecida, moradora antiga de Dom Bosco. Além dele, Lucas, Aparecida tinha outras cinco crianças, sendo que dois eram do mesmo pai (os mais velhos), e os outros de pais itinerantes, mas Lucas foi registrado com o nome do pai, que sumiu de casa após denúncia de roubo e venda ilegal de medicamentos. Desde então, nunca mais se ouviu falar dele e Lucas, quando pequeno, falava sempre do seu retorno como herói e pessoa poderosa.

De acordo com sua mãe, em depoimento atual, ela disse que ele gostava da escola, mas tinha rendimento escolar muito baixo, tanto que aos onze anos estava ainda no segundo ano do ensino fundamental, numa sala de alunos que não aprendem, junto com sua irmã Paula, um ano mais nova que ele. Os dois não se separavam por nada: parceiros nas brincadeiras e nas dificuldades. A mãe relata que pouco se ocupava deles em condições normais: – *Tinha que dar meus pulos e os vizinhos olhavam mais ou menos e eles não me davam trabalho. Nem queria saber de novidades deles. Se alguém me contasse algo de mal feito deles, levava o troco. Se quisesse olhar, tava bom, mas me chatear quando chegava em casa, nem pensar.*

Foi detida várias vezes por tráfico de drogas. Quando ela estava ausente, os vizinhos cuidavam para que as crianças não ficassem com fome. Hoje ela é mais contida, depois da tuberculose que a acometeu juntamente com três dos seus filhos. Disse-me ela que não foi a doença que a sossegou, mas ter passado a ser de Jesus.

Surge então questão da religiosidade como controle. Não necessariamente controle social, moralizador. No caso de Aparecida, questões relacionadas a uma melhor convivência com os vizinhos não a instigavam. Mas sim como mediadora de crises pessoais, justificativa para o cansaço que a abateu e para o qual não tinha meios de luta.

A casa em que moram hoje está completamente degradada: a chuva nela penetra via goteiras, enxurradas e infiltrações nas paredes, a escada que lhe dá acesso é escorregadia e sem proteção. Nos poucos cômodos (quarto/sala e cozinha-o banheiro é do lado de fora), amontoam-se moradores habituais e os eventuais, dormindo com roupas úmidas e insuficientes. Não existe lugar para a lavação das roupas, nem para secar os escassos cobertores. Existe ainda um pequeno cachorro. Um cheiro forte, luz insuficiente e desorganização geral me deixam temerosa de não conseguir compreender o significado de tudo aquilo e de me afastar de Aparecida, mas ela não se preocupa com seu ambiente.

Aparecida lamenta ter estado doente (não sabe se está totalmente curada, pois não concluiu o tratamento), pois, apesar dos riscos do tráfico de drogas que fazia, sempre conseguia manter os filhos e a casa. *Agora*, disse ela, *só tenho a cesta básica que ganho*. Hoje seus filhos estão dispersos, sendo que a filha é a que está mais próxima e Lucas morreu assassinado.

Mas essa não é a única versão da vida de Lucas. Marina, senhora vizinha da família falou sobre ele e seu depoimento foi recomposto na escrita deste texto pois ela não quis gravar nem voz nem imagem.

Nasci, cresci, casei, descasei morando neste bairro. Tenho hoje 55 anos, três filhos casados e cinco netos. Conheci Lucas quando ele deveria ter uns quatro anos, quando sua mãe veio morar mais próxima de minha casa. É, mais ou menos, há uns 20 anos. Era uma criança muito querida, falante, dava conta de tudo, sempre com a irmã. Rostinho muito redondo, olhos esverdeados, cabelo crespo cortado rente, pele clarinha, daquela cor meio sarará, pele clara, olhos claros, o resto negro. Naquela época o bairro era mais calmo, muito mais, e ele vivia por aí, pois sua mãe às vezes ia presa por qualquer coisa: roubava, levava droga, batia em todo mundo. Conta-se que mandou matar dois dos seus maridos. Era temida em

alguns momentos, quando estava se defendendo, e amável e solidária em outros momentos na rotina dos dias menos atribulados.

Cuidava razoavelmente dos filhos: sempre limpos, alimentados, roupas boas, calçados. Mas não sabia por onde andavam, com quem estavam. As crianças eram largadas para quem quisesse olhar. Quando Lucas começou a frequentar a escola, ia quando queria.

Não conseguiu ler nem escrever até os onze anos e quem me disse isso foi uma amiga que fez estágio na turma dele e depois não sei se aprendeu. Mas a escola foi madrasta para ele. Como é que uma criança tão ativa, tão inteligente, não ia aprender a ler? A escola parece que não se preocupa com o destino das crianças, parece não ter nada com isso. Se a criança não aprende, de quem é o problema? Da família, pois não? Mas que família tinha Lucas? Só por ter essa família era suficiente para ele não aprender? E o resto que ele aprendia? Só não aprendia o que era da escola. Ia até na Igreja, frequentava missa direitinho. Depois, muito tempo depois sua mãe passou para ser evangélica, e não me lembro se ele ia com ela. Teve uma época mais complicada para mim e eu estive afastada do bairro, quando voltei, ele já era outro.

O que não prestava aprendeu tudo. Não sei de foi a mãe que o colocou nas drogas, se ele não tinha outro jeito de sustentar seus desejos. Sem saber ler e escrever, podia arrumar emprego? Não podia. Mas por volta de quinze anos ele já estava lá. Nunca fiquei sabendo dele drogado, mas só vendendo. E muito. Logo era um assassino cobrando com a morte dívidas do vício. Aos dezessete anos era foragido e considerado bandido perigoso, perseguido pela polícia e tudo. Tinha matado um rapaz, e logo depois outros dois. Foi preso em uma cidade próxima onde estava escondido, ficou preso algum tempo, mas saiu e morreu aos vinte e um anos com tiros na saída de um baile funk. Dizem que quem matou ele também já morreu sob encomenda da mãe. Doeu muito a morte dele. A gente gostava dele. Não do que ele estava fazendo naquela época, mas do que era antes. A gente viu crescer, cuidou e depois aquilo. Ele não sai da minha cabeça e fico querendo contar a história dele para os meninos que estão começando no vício aqui no bairro e que são tão jovens como era Lucas quando começou. Mas eles não querem ouvir, eles não acreditam que faltar à escola, ficar ao léu, não ter compromissos, é

porta para a morte. Ou a prisão. Mas, fico me perguntando se ele tivesse estudado, seria diferente. Com a mãe que tinha, não sei.

Hoje, a mãe se afastou das drogas, seus outros filhos parecem estar bem, não moram mais aqui, só a irmã, que usa droga. Aparecida continua brava, sem papas na língua, brigona, mas a gente não vê mais ela com problemas com a polícia. Dizem que continua a distribuir pequenas quantidades de cocaína para alguns amigos, mas não sei como está hoje, na era do crack. Não consigo mais ser amiga dela. Acho que ela é culpada e que nos deve o cuidado que tivemos com ele e que ela não teve. Ficou a mágoa.

A vida rola, Lucas se foi, mas a vida foi muito dura com ele e com aqueles que ele matou. A juventude não dá valor nem à vida, nem o amor que recebe. Só conta o que não teve. Mas também...

As palavras referidas à Marina não são transcrição literal de suas palavras, uma vez que a sua fala foi muito truncada e repetitiva. Tentei dar uma feição mais organizada literariamente para que pudesse me lastrear na percepção das nuances e nas entrelinhas. Importa-me ressaltar a questão da educação escolar na construção da identidade e nas futuras relações sociais das crianças e a questão da religiosidade que mesmo não tendo posição de relevo na fala de Marina no que tange ao número de referências, persistiu como pano de fundo durante toda a sua fala. Os parâmetros de bom comportamento era ele *até frequentar a igreja*, numa visão de fé moralizadora e controladora. Para ela, tendo faltado família, educação e religião, Lucas ficou desamparado. Os vizinhos e amigos não são suporte suficiente para mudanças no direcionamento das ações quando elas descambam e se insurgem contra as regras de conduta consideradas normais.

Mas o que é interessante é a permanência do afeto mesmo ele tendo se transformado num assassino, e tendo quebrado outras regras de convivência. Com exceção das críticas à educação que Lucas recebeu na escola, não existe julgamento: as pessoas são o que são, sem escape: o filho de Aparecida não poderia ter se tornado outra coisa. Muito fatalista, a responsabilidade recai sobre a “família”.

A vida de Aparecida e dos seus filhos não é vivida como tragédia apesar de, ao longe, possuir atributos que justificariam tal classificação. Ela não é julgada por ser traficante, por não ter educado os filhos, etc., mas é julgada por ter deixado seu filho morrer envolvido no tráfico. Não existe, portanto, um julgamento moral, mas sim algo em torno de um julgamento profundamente afetivo que se manifesta em afastamento da vizinha em relação à Aparecida. Para ela a religião chegou tarde, sem ter sido recurso que pudesse orientar Lucas em outra trajetória.

O meu olhar, principalmente sobre a maneira de Marina desabafar e falar de Aparecida e seu filho, vislumbrou (existe alguma outra palavra que dê conta da rapidez de um piscar de olhos, de abaixar a cabeça, de diminuir o tom da voz, ou de fixar na pesquisadora um olhar de súplica?, ou talvez seja melhor “sentiu” pois o sentir vai além dos cinco sentidos e incorpora também dimensões hápticas da percepção da fragilidade e a da tensão da interlocutora) nos detalhes, nos gestos ou na ausência de gestos (quando as mãos quedam inertes), a fragilidade e a dependência frente às inescapáveis armadilhas da vida, mas também a cobrança indeterminada e difusa às principais instituições de sustentação da sociedade: escola, família, igrejas e órgãos de segurança.

Jéssica

Tinha 15 anos em 2010 quando encontrei com ela pela primeira vez e continuamos desde então a uma conversa que aparentemente não passa de falas de cortesia, mas que aos poucos fornece alguns dados biográficos, as maneiras de interação social e religiosa e, o que para mim foi muito importante, um olhar descomprometido sobre o bairro e as maneiras de ali viver. Em uma de suas falas, surpreendentemente para a moralidade extramuros, Jéssica disse não achar que o comércio de drogas era ruim, pois os primos dela viviam disso e não eram más pessoas, que ajudavam sua mãe, e só usava droga quem queria, pois ninguém era obrigado a isso.

Disse ser católica, mas disse que nem sabe por que, já que em sua família (mãe, pai itinerante e cinco irmãs) ninguém conversa sobre religião. Não foi

batizada, nem fez a primeira eucaristia, e tenta explicar esses não-eventos dizendo que sua mãe não se interessou: parece que existe uma reação da mãe ao fato de um padre não ter batizado a primeira filha sob alegação de relação pecaminosa dos pais sem casamento. Quando vai à Igreja disse sentir vergonha, pois não comunga e as pessoas do bairro sabem que ela não é batizada e ela se sente estranha aos cultos, apesar de se sentir bem quando participa de alguma ação social realizada por voluntários nas Igrejas.

Fabiana

Fabiana não sabe bem o que é religião. *Sei lá. Sou evangélica.* Diz que vai à igreja toda sexta-feira. *Vou para escutar e me limpar, cura e libertação, em palavras mais compatíveis com o discursos de algumas igrejas evangélicas. E também que a religião me ajuda nas horas difíceis e os pastores dão apoio para gente. Com coisa material, não, dinheiro, não, mas assim com a palavra, às vezes a gente está triste, o pastor vem e aquela palavra dá para você. Às vezes cê tá querendo fazer uma m... (são coisas que acontecem dentro de casa, problemas familiares, por causa de namorado). Os pastores ajudam dando apoio, você vai na igreja, escuta a palavra ...* Falou que acredita em Deus e que não saberia viver sem Ele.

Julia

No agrupamento das famílias atendidas pela ABAN existe uma garota de doze anos (em 2010) que não consegue avançar nos estudos do ensino fundamental. Falta às aulas, não estuda em casa. Disse-me que não consegue aprender e mal sabe ler e escrever. Conversando com sua mãe e observando sua moradia vejo que seria de se admirar se alguém naquelas condições pudesse aprender algo que não fosse assistir às brigas dos pais, aos ataques epiléticos e crises esquizofrênicas da mãe, às atitudes desrespeitosas do irmão mais velho, num ambiente de cerca de nove

metros quadrado ocupados por uma cama de solteiro (a da menina), uma cama de casal, fogão, mesa, armário de cozinha e armário de outros usos, garrafas, vassoura, roupas pelo chão, inúmeros bichos de pelúcia e bonecas, a única janela fechada com papelão, televisão ligada (no dia em que fiz a primeira visita a esta casa encontrei a menina sentada na cama com um caderno apoiado nas pernas, seu pai sentado nos pés da sua cama, assistindo televisão – estava desempregado, e a mãe acordou na hora em que chegamos). Tudo sujo, escuro, sem ventilação, sem água (cortada por falta de pagamento). O quarto em questão tem uma antessala usada como depósito de sucata.

Sua irmã mais velha cuida dela, mas não consegue estimulá-la para estudar e a própria menina me disse que tem depressão. Sua mãe me disse que ela, por participar dos problemas insolúveis da família, tentando encontrar opções para os problemas, fica impedida de ser criança, de fazer o que as demais fazem. Esta descrição sumária da vida da garota condiz o uso ampliado do conceito de adolescente, pois em termos de escolarização pode ser considerada criança e, em termos sociais, ela tem comportamento de adulto (proteção da mãe, conselhos, escolhas, etc.). Seu amadurecimento não está se dando na “normalidade” psicológica esperada, mas outros adolescentes vivem esta situação com menos desgaste do que ela, indicando várias formas de sofrimento. É católica, mas não participa dos sacramentos, vai à missa de vez em quando e já fez parte de grupos de ação social da igreja, mas se afastou. Não ter feito a primeira comunhão faz com que a participação seja menos intensa.

A mãe disse que ela é devota de Nossa Senhora Aparecida e por isso não gosta nem de ouvir falar em religiões evangélicas que “maltrataram” sua santinha. Esta devoção desta garota na idade dela me surpreendeu e eu perguntei à mãe como ela a havia adquirido. A resposta veio que tinha sido por intermédio da avó que também é devota de Nossa Senhora Aparecida – “santinha”. Ao analisar a devoção dessa garota vê-se que a fé e as crenças são culturalmente construídas e devem ser ensinadas de alguma forma, e como a igreja se exime dessa tarefa, ela fica por conta da transmissão oral de outros crentes. Então é uma fé mais emocional, livre de compromissos histórico e hagiográfico. Resquícios de mitos sem rituais.

JOVENS COM RELIGIÃO

Em uma conferência proferida por José Machado Pais na Universidade Federal Fluminense/UNIRIO em 25 de novembro de 2011, os jovens são posicionados por ele no contexto de crise da cultura ocidental. Para o autor, os jovens estão numa enrascada, palavra cuja raiz *rasca* remete à polissemia do termo, pois tanto significa descarado, ordinário, píffio, sem valor, quanto significa que estão em perigo, em crise, enrascados, sem saída⁹³. Adverte também para a polissemia do termo juventude, salientando que existem representações que são produzidas sobre ficções, assim como aquelas que estão mais próximas do que seja a vivência real do ser jovem, sendo que ambas estão fortemente imbricadas na composição da juventude quando vista ao longe e com as cores do mundo propagandístico do consumo e das tecnologias sociais e culturais. Os jovens são então “inventados” com vários perfis e figurações performáticas.

Como o autor, pretendemos que também existem no Brasil visões polissêmicas da juventude e que ela está também numa situação enrascada. Não querendo isso dizer que estudá-los sob a ótica das dicotomias, com termos contrastantes de modelos inertes e bem delimitados possa ser uma posição propícia para melhor descrevê-los. No aspecto religioso é mais profícuo vê-los na fluidez de movimentos de velocidades e sentido variáveis, criando novas estratégias religiosas e sociais de apropriação dos aparelhos institucionais para suas demandas. Com algumas religiões isso tem sido mais fácil, para outras não só mais difícil para francamente hostil aos jovens cujo comportamento se conflita com as normas morais e devocionais. A cada modo de acolhimento e a cada maneira de pertencimento se impõe as novas maneiras de ser religioso, inclusive de não ser religioso. Não tem sido sempre assim a história dos movimentos de aceitação e rejeição dos povos nômades e nativos ao império cristão?

⁹³uff.tube.uff.br/vídeo/55UUNHHU5UOA/conferencia-com-Prof-Dr-Jose-Machado-Pais. Acessada em 12/2/2012

Na época dos descobrimentos, os europeus se referiam aos nativos das terras conquistadas como sendo aqueles que não tinham rei, nem deus, nem lei⁹⁴. Enfim, os bárbaros. Hoje, essa ideia ainda persiste exposta algumas vezes de uma forma clara e inequívoca como escutei uma vez de uma professora da UFJF que afirmou que as mortes nas favelas eram devidas à dificuldade de simbolização das pessoas carentes da periferia. Outras vezes ela surge dissimulada, protecionista, colonizadora quando usa termos como vulnerabilidade social para justificar ações de prevenção a crimes e outros ilícitos. De qualquer maneira, variando nas intensidades dos julgamentos, estão falando de um “outro” como os nativos de nações distantes, independentes se eles estão ali atrás da cerca de nossas casas. Mas mesmo essa maneira de ser um diferente tão próximo está mudando. Obviedade, redundância linguística e social.

Então não basta afirmar mudanças, mas sim posicioná-las em regime de urgência de compreensão. Jovens de bairros pobres, carentes de educação, sem referências pessoais e políticas, vendo-se com leque de oportunidades profissionais restrito, desejantes de objetos e situações inalcançáveis, sem projetos de futuro, e, além disso ainda, sendo excluídos, de várias maneiras, em vários níveis, de pertencimentos religiosos ou então lhes sendo indiferentes, merecem ser olhados com seriedade e avaliados em suas tendências de escapes psicológicos e sociais.

Os jovens do Chapadão não são diferentes somente por serem pobres e ameaçadores para os demais segmentos sociais, mas por *concentrar e potencializar as diferenças que estão difundidas na sociedade em geral*. O conceito de saturação desenha parte da dinâmica social daquilo que não é totalmente igual nem totalmente diferente do que existe nos demais segmentos sociais. Saturação seria então um

Processo, quase químico, que dá conta da desestruturação de um dado corpo e que é seguida pela reestruturação desse corpo com os mesmos elementos daquilo que foi desconstruído. Trata-se portanto de uma estrutura antropológica que se encontra na filosofia, na literatura, na política e também na existência cotidiana, que é essa relação íntima e constante entre a “*pars destruens*” e a “*pars construens*”. Aquilo que, em todas as coisas, se

⁹⁴De acordo com Pero de Magalhães Gândavo (1576) a língua que os índios (*promíscuos, preguiçosos e violentos*) usavam *carecia de três letras, não se acha nela F, nem L, R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei.* Acessado em 22 de outubro 2012
Disponível em http://www.senado.gov.br/senado/ilb/BrasildasLetras/mod1_02.html

destrói e se reconstrói. Vida e morte ligadas numa combinação íntima e infinita (Maffesoli, 2010, 12).

Nada ali é muito diferente do restante da cidade, mas ali, como também em outros bairros com as mesmas características do Chapadão, as carências materiais fortalecem e mantêm fronteiras não somente simbólicas. Fronteiras que consomem distinções entre público e privado, entre material e simbólico: o poder de um policial é simbólico e marcadamente material, uma vez que a arma que usa é bem sólida e visível e as prisões mudam a materialidade da vida de quem é apanhado por eles, como expôs Daniel⁹⁵ quando se referiu às revistas policiais a que estão sujeitos quando saem do bairro. Descreve essa área confusa que se acentua também pela presença de drogas na escola e afastamento dos locais de acolhimento. Oxímoros⁹⁶ sociais, plenos algumas vezes de poesia. Pessoas não batizadas que se consideram católicas, a imagem de Nossa Senhora que fornece espaço para a degradação humana pelo uso de drogas. Padres e pastores que se exilam na artificialidade das liturgias desencarnadas dos espíritos que lhes deram origem.

Campos férteis para criação e ressignificação das modas e das linguagens; das normas de sociabilidade sendo que os limites das relações são constantemente negociados. Eles não vivem reiterando os determinantes de seus presentes ingratos e futuros mais ainda, não são tristes nem ameaçadores e são solidários e amigáveis entre si. Mas tudo sob alguns limites colocados ou negociados internamente que escapam muitas vezes da percepção de olhares estrangeiros. Suas religiosidades não são diferentes porque lhes faltam lastro e lustre das tradições e nem porque são híbridas, mas também por serem reconstruções que convivem com a crise dos próprios dogmas e da ortodoxia de várias religiões.

⁹⁵ Nome fictício de um pequeno traficante do bairro, 16 anos, 7ª série, fora do mercado de trabalho, descrevendo a ação dos policiais num tempo anterior ao início de suas atividades como traficante

⁹⁶ Oxímoro — figura de linguagem que consiste na fusão, num só enunciado, de dois pensamentos que se excluem mutuamente. Em seu Dicionário, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira diz que oxímoro é figura que consiste em reunir palavras aparentemente contraditórias. Cita como exemplo “covarde valentia” (Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa, p. 47) e “inocente culpa” (Cecília Meireles, Obra Poética, p. 487) (Ferreira, 1975. p. 1013). Só que o oxímoro não é formado apenas por palavras que se contradizem e anulam, mas também por frases contraditórias ou incongruentes, como se lê no Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa no qual há este exemplo: “Humilhei-me tanto que me elevei tão alto...” [2].

Crises religiosas e equívocos conceituais. Os jovens, desde que foram classificados como adolescentes, quer dizer, uma faixa etária ontologicamente própria, foram vistos tanto como portadores das boas novas, mas também concentradores das mazelas sociais. Eram a parte mais ágil da sociedade, que podia fazer o que as demais não podiam ou não queriam. A sociedade convivia com a inquietude dos jovens, enquanto que as religiões eram estáveis, indiscutíveis e por isso ofereciam certos parâmetros pelos quais os jovens poderiam ser categorizados. Não existia a rotinização e a banalização da morte, fora das guerras e do poder do Estado. Não existia o consumo de crack.

Hoje, além das relevantes mudanças sociais, culturais e educacionais, as religiões estão também em acelerado processos de mudanças. É muito recente a via carismática do catolicismo, o afrouxamento de normas de conduta em religiões de limites rígidos tradicionais: as novas tecnologias informacionais e os produtos da biotecnologia, as pesquisas no campo da genética e da medicina em geral, as crises educacionais e as guerras religiosas em outros países, mas interiorizadas pelos meios de comunicações, tudo isso (e muito mais) fazem com que a religiosidade dos jovens, tomada como sintoma da crise de dogmas e da vigência de invenções inominadas, possa desvelar caminhos de acesso ao conhecimento sobre eles, enquanto estranhos que moram junto aos muros de nossas casas e que nos ameaçam.

A juridização e a economização integral das relações humanas, a confusão entre aquilo que podemos crer, esperar, amar e aquilo que somos levados a fazer ou a não fazer, dizer ou não dizer marca não apenas a crise do direito e dos Estados, mas também e sobretudo a da Igreja, já que a Igreja não pode viver senão se mantendo, enquanto instituição, em relação imediata com o fim da Igreja. E – não devemos esquecer –, na teologia cristã, há uma única instituição que não terá fim e dissolução: é o inferno. Aqui se vê bem – me parece – que o modelo da política de hoje – que aspira a uma economia infinita do mundo – é propriamente infernal. E se a Igreja despedaça a sua relação original com a “*paroikia*”, ela só pode se perder no tempo. Eis porque a pergunta que coloco, sem certamente ter alguma autoridade para fazê-la senão a de um hábito obstinado de ler os sinais dos tempos, se reassume nesta: a Igreja se decidirá a aproveitar a sua ocasião histórica e a retomar a sua vocação messiânica? Pois o risco é que ela mesma seja arrastada para a ruína que ameaça todos os governos e todas as instituições da terra (Agamben,2000). Disponível em <http://provocacoesteologicas.wordpress.com/2010/04/14/>. Acessado em 25 novembro de 2012

Dentre as transformações na crise da sociedade ocidental de maneira geral e no Brasil estão aquelas relacionadas a um dos expoentes desta cultura, qual seja o cristianismo, com crescimento das filiações ao ramo evangélico, principalmente em países sul americanos e africanos, e a contração no pertencimento ao catolicismo dentre outros indicadores de instabilidade nas crenças, dogmas e afiliações tradicionais. Não são somente os jovens que estão enrascados. As religiões, mesmo aquelas com crescimento nas afiliações, estão em permanente conflito frente às adaptações de suas rotinas às tecnologias atuais comunicacionais e científicas, com prevalência das instigações colocadas pela genética e biotecnologia, dentre outros questionamentos e novas situações. Essas colocações invadem também o universo de ação e pensamento dos jovens do bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora, mesmo que de forma idiossincrática e historicamente modelada.

Via novas tecnologias, a propagação veloz de símbolos e valores permite que jovens, de diferentes locais do mundo, tenham um mesmo universo de referência. Aceleraram-se os processos de contato e se ampliam as possibilidades de hibridismo cultural. Diversidades e identidades se manifestam em um mesmo país, entre países, regiões e continentes. Se é verdade que a cultura é o lócus de constante invenção e reinvenção de formas e canais de comunicação, as mudanças culturais que marcam diferentes gerações podem ser vistas como oportunidade de renovação do repertório político. Não há hoje participação social que não tenha algum grau de dependência das novas tecnologias de informação e comunicação. (NOVAES, 2008, pp.17)⁹⁷

Nesse cenário, político para a autora acima e religioso para esta pesquisa, as indagações sobre as performances religiosas dos adolescentes podem partir das negações imputadas a eles no que tange às crenças tradicionais: os jovens com os quais convivi durante o trabalho de campo desmistificaram o pecado, como recolhi nas conversas e nos depoimentos arquivados. Para eles, *pecado é roubar e não carregar* (Gui), *pecado é não ter dinheiro para comprar o que a gente quer* (Jéssica), *a gente apanha dos omi (sic) sem ter feito pecado nenhum* (Gegê), *pecado é o Di ter morrido por causa de R\$ 5,00, o valor de uma pedra de crack* (André); não sustentam o salvacionismo nem o moralismo religioso e não apelam com tanta frequência para a fruição da vida eterna num paraíso. Para eles Deus é uma imagem

⁹⁷ Disponível em <http://www.cultura.gov.br/audiovisual/fictv/files/2008/12/juventude-juventudes.pdf>

embaçada que faz mágica: afasta o medo, como Eduardo assume: - *Eu moro lá em cima, não tem luz e quando eu subo aqui no escuro, quando vou no hospital, aí eu subo falando com ele, para me proteger.* Esse garoto teve uma doença séria e, tendo se recuperado, não se lembrou de Deus tê-lo ajudado durante a enfermidade. O medo do escuro, assim como o de cobra (como disse uma mãe, descrita no primeiro capítulo), num local que não tem cobras esses pânicos não são ilógicos, mas exteriorizam a insegurança das pessoas frente às vivências carentes de alívio.

Eles creem. Independente de qualquer interpretação que queiram imputar-lhes, qualquer explicação que queiram subsidiá-los, sem formatos, sem dogmas, sem doutrinas e com o panteão de divindades muito restrito, plasmam a materialidade do cotidiano em resquícios de religiosidade e pouco a tem ver com transcendência da alma e vida após a morte.

Em agosto de 2011, em um encontro espontâneo, não agendado anteriormente, acontecido na casa do senhor João e dona Sebastiana, estavam presentes alguns dos rapazes, André, Edmar (filho de sr. João), Edvaldo (idem) e Marcelo. A conversa entre nós tomou o rumo a partir de uma avaliação sobre uso de mídias nas apresentações que aconteciam com o pagode. Isso porque André queria a filmadora para registrar o evento que aconteceria na próxima semana em um clube no bairro São Benedito, mas os demais disseram que não seria “legal”, pois havia acontecido em ocasiões passadas que ele ficara distraído das músicas em função da filmagem. André rebateu essa acusação dizendo que o vídeo iria servir de material de divulgação do grupo e que os colegas não pensavam em “usar a mídia” para garantir novas apresentações.

Mas o que percebi como inovador nesta conversa foi a citação de um DVD como exemplo de divulgação de uma igreja que um colega (não presente naquele momento) havia produzido. O vídeo citado não foi mostrado, mas as opiniões sobre como deveria ser um vídeo me informou mais sobre o universo religioso do que sobre pagode.

Para os que haviam visto o vídeo, ele havia sido exibido uns dias atrás, André (católico, falando do que seus colegas disseram quando serviam na igreja que havia produzido o DVD) disse que a igreja queria atrair as pessoas do bairro somente com música, mas que o pastor não queria outras músicas, só as que estavam no DVD; que eles tinham de limpar a igreja, distribuir panfletos e ajudar

no culto e receber o dízimo, mas que não recebem nada pelo serviço. Pela forma de rejeição ao trabalho daquela igreja percebe-se que não é uma igreja que atraia os rapazes somente pela força das crenças e dos ritos: uma forma de estar fora é não ser admitido pelos parâmetros existentes em determinada instituição. Um afastamento, uma negação. Se for negócio o recebimento do dízimo pelo pastor, poderia ser para eles também poder de receber algo pelo trabalho.

No que tange à marcação temporal as experiências religiosas atuais escapam a periodizações formais e remetem a indagações fractais, iterativas: a) as vivências religiosas, no Brasil, foram sempre performáticas como agora, numa efervescência que, diluente dos dogmas e ortodoxias, foi chamada posteriormente de sincretismo nos estudos acadêmicos sobre escravidão e religiosidade popular? b) hoje, ao invés de serem posicionadas no movimento barroco da pós-modernidade, mantém um *continuum* de procedimentos que qualificam a cultura religiosa brasileira como pré-moderna? c) Essa tensão entre radical e seus afixos (pré/pós) é importante? Se for, o que diferencia a invenção religiosa atual das práticas eternizadas de hibridismo religioso? d) o fato de termos sido colonizados por cristãos católicos, em contextos de ruralidade e de privacidade, facilitou a maleabilidade e a sinuosidade das práticas populares na construção do Brasil contemporâneo?

Quanto à última questão, Brandão (2004) diz sim; para as demais, as respostas oscilam entre os campos da história e da antropologia e algumas delas estão subsumidas na tese desta pesquisa, e serão referenciadas ao longo deste capítulo. Mas, a questão colocada pelo autor deve ser tratada de imediato, pois ela abre um veio interessante que ampara o desenrolar dos meus pontos de vista sobre os adolescentes e suas vivências religiosas. Para Brandão, a religião católica admite certa frouxidão que facilitou a abertura religiosa e incorporação ritualística de outras fontes de fé (BRANDÃO, 2004, p. 21)

Nesse sentido, o Catolicismo parece ser a religião com a mais aberta capacidade de ajustamento aos "novos tempos", embora seja a confissão religiosa que mais "perde fiéis para as outras". Quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crença e de prática da fé existentes também fora do Catolicismo.

Este é um depoimento importante quando se deseja situar historicamente as mudanças no exercício das práticas religiosas católicas, desde que se possam

estender as suas colocações ao período histórico da colonização brasileira pelos portugueses ou mais anteriormente ainda. Fora do catolicismo seriam também as religiões africanas e indígenas. A partir daí, de acordo com a dose de uma ou de outra (ou de todas), a religiosidade popular assumiu formas variadas considerando-se também a historicidade das novas sínteses e dispersões em contínuo lembrar e refazer.

Os estudiosos sempre reconheceram, no Brasil, desde os tempos coloniais, a curiosa mistura por meio da qual uma Igreja católica plenamente atuante na vida pública graças ao seu vínculo com o Estado, capaz portanto de promover a legitimidade do poder ou gerenciar a economia moral da propriedade privada, ainda que essa se referisse a outro ser humano, o escravo, foi igualmente capaz de acomodar-se ao ethos da sociedade em que se inseria e assim incorporar sistemas de crenças particularistas e locais, adaptar-se a devoções de cunho privado e mesmo incentivá-las, como no caso das confrarias e irmandades, ou criar práticas religiosas e devocionais de marcada característica intimista, como a que se traduz, por exemplo, nos ex-votos populares encontrados por toda a parte no país (Montes, 2000, 101)

O censo de 2010, tendência antevista também nos anteriores, aponta para a minimização de filiações às crenças de origem africanas em comparação com as demais religiões que existem atualmente no Brasil. Elas estão em situação de desequilíbrio numérico, mas nem por isso se pode pensar que sua importância cultural seja proporcional aos índices estatísticos. É importante compreendermos esse conflito entre o ser e não ser filiado às religiões de origem africanas uma vez que ele enraíza o desprendimento e o descompromisso com um único Deus dogmaticamente imutável e eterno que facilita o trânsito entre as diversas religiões no Brasil.

As religiões afro-brasileiras, quando pensadas no longo processo de recriação cultural, permanência histórica e reconhecimento social, se colocam para além dos determinísticos condicionantes contextuais sincrônicos e diacrônicos, e se articulam na fluidez das hibridações e a na imprevisibilidade dos percursos, quase despercebidos enquanto tal nas práticas cotidianas, dispersas em detalhes pouco destacados. Construíram-se numa miríade de práticas individuais e sociais diversas, em comunidades maiores ou menores, e, em quase todo o tempo da história brasileira, foram alvo de perseguições físicas e de desqualificação simbólica.

Assim, se a religião é uma das formas de ver o mundo, ela pode fornecer matrizes para construção deste mesmo mundo impregnando-o de signos e valores que ultrapassam o próprio sistema religioso. Portanto, seria possível "ler" a cultura brasileira a partir dos códigos do sistema religioso afro-brasileiro e, ao mesmo tempo, "ler" os códigos deste sistema a partir dos valores da cultura brasileira. (Amaral, 2011)⁹⁸

Resistem, todavia em ritos populares, algumas vezes transfiguradas em práticas culturais esvaziadas de seus atributos religiosos e inseridas no cotidiano profano que não os identificam como pertencendo ao universo cosmológico de origem africana. Mas este pulo para as dimensões cotidianas da vida profana, este esvaziamento dos misticismos de rituais não acontece sem desdobramento: permanece algo de mágico nos novos procedimentos e algo de profano nos rituais, vide o significado cultural de uma feijoada.

Essa amenização dos contornos religiosos das práticas coletivas e individuais é uma das ferramentas de compreensão da vivência religiosa dos adolescentes do Chapadão. Permanecem indícios como detalhes e como derivações nas benzeduras, nos tratamentos de doenças com chás, emplastros e dietas. Na solução de problemas pessoais através de invocações de espíritos e de patronos. São práticas sociais somente e, mesmo considerando a aura de magia e de respeito, são somente resquícios e como tal descartados fora do seu uso imediato. Maria Ingrácia, uma senhora muito velha, benzedeira do bairro, disse-me que vem gente de longe para as benzeções, mas que poucos retornam e que ela cumpre a obrigação para com os santos, mas não sabe se foi bom para o enfermo. *Antes, disse ela, era tudo daqui mesmo e a gente dava uma coisa, dava outra, e seguia o rumo do acontecido. Agora, as quizilhas estão fora daqui e nunca se sabe.*

Voltando à especificidade desta pesquisa, o uso social da memória aqui é difuso, não existindo “lugares de memória” para além das memórias das pessoas idosas, pouco escutadas, das memórias localizadas em algumas poucas instituições, quando, por exemplo, emergem imprevistamente nas referências históricas dos times de futebol ou grupos de carnaval. O único “espaço” que encontrei no qual

⁹⁸Disponível em:

<http://br.monografias.com/trabalhos913/religoes-afro-brasileiras/religoes-afro-brasileiras.shtml>

ocorreram referências explícitas ao passado no bairro foi quando falaram da santinha que não aceita ficar sob telhados.



Inclusive aqueles adolescentes que dizem que não se preocupam com religião contam e recriam a história da santa que é a imagem de Nossa Senhora das Graças. Entre algumas pessoas católicas, de maneira que me foi surpreendente, desqualificam a referência à imagem e disseram, como Dona Celina, que a santa passou a ser dos “esculhambados”. Essa fala dela procede na medida em que o local onde a imagem se encontra é um dos preferidos para consumo e tráfico de drogas: ele dá uma visão panorâmica das entradas no lugar. Para Dona Celina a presença deles ali é uma afronta. *Os moços hoje não querem trabalhar. No tempo antigo a gente ia trabalhar a pé, não tinha nem estrada, nem condução, não tinha tempo para essas coisas de agora. É uma esculhambação só. Esses esculhambados daqui não respeitam nem a santa!*

Somente outro sintoma de mudança na maneira de se viver no mundo atual? Quanto à religiões, a falta de respeito e o descrédito quanto ao castigo e ao pecado? Ou simplesmente uma abstração da presença de imagem para uso do local? O que seria para eles um local que é sagrado para os demais? Reforçando este pensamento, lembro que no início do mês de novembro de 2011, na véspera do dia de finados, uns rapazes preparavam na rua de acesso uma apresentação de pagode para o dia seguinte sem nem se lembrarem, ou se importarem, com o dia dedicado à memória dos mortos. Indagados sobre a data disseram-me que era *dia dos mortos coisa de gente velha, coisas da minha avó*. Múltiplas interpretações podem advir daí, mas todas elas falam da destradicionalização das rotinas urbanas. Segundo Montes (2000)

O progressivo processo de modernização da sociedade brasileira que ocorre nesse período traz inevitavelmente consigo o corolário conhecido da laicização, e a conseqüente “perda da centralidade” da religião na economia dos sistemas simbólicos graças aos quais os indivíduos atribuem significado à sua existência. À medida em que, numa sociedade cada vez mais complexa, a experiência da vida social se torna múltipla e fragmentária, as instituições que pretendiam formular sistemas de interpretações abrangentes, capazes de enfeixar numa totalidade única a compreensão da realidade, derivando daí os preceitos adequados à orientação da conduta nas diversas dimensões da vida privada, vão perdendo gradativamente sua força normativa. É nesse contexto que os indivíduos são chamados cada vez mais a depender de si mesmos na eleição dos valores necessários ao desempenho dos variados papéis sociais que passam a ser deles adquiridos, com base no leque de escolhas progressivamente mais amplo que a vida social lhe oferece como modelos alternativos de conduta, traçando a partir daí seu próprio projeto. E as igrejas, como as demais instituições, não escapam a essa regra. (Montes, 2000, pp141)

Se os “modelos alternativos de conduta” abriram-se num leque infundável de possibilidades elas perdem também suas formas pelas quais foram reconhecidas através da história. Muitas religiões podem ser lidas como projetos de sociedade e incorporam em si as condições ambientais e históricas do lugar em que se situam e que hoje não encontram mais expressão isenta de conflitos mesmo que não violentos e progressivamente realizados a ponto de se perderem suas origens e causalidades.

Se o “espírito” era “moderno”, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da “mão morta” da sua própria história – e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a sua fluxo. Essa intensão clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” – isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”. (Bauman, 2001.p.9)

A metáfora da fluidez dos líquidos e dos gases, elaborada sobre princípios da Física, quando lida na perspectiva brasileira é bem elucidativa. Pois o conjunto de crenças, conhecimentos, práticas morais e éticas, nas relações humanas e com a

natureza se liquefizeram quando aportaram no Brasil, originadas de várias partes do mundo.

Por outro lado, as assertivas sobre a performance inventiva dos adolescentes no campo da religiosidade também se exercitam enquanto instituinte operacional de mudanças religiosas impensáveis anteriormente e que também levantam leque de indagações mas que podem ser sintetizadas em apenas uma questão: em que os jovens de hoje se diferenciam das gerações anteriores? Maffesoli (2010) propõe uma digressão semântica

Talvez seja isso que é chamado, sem que se tenha muita consciência, de *societal*. Não é mais o simples social de dominante racional, tendo por expressão o político e o econômico, mas sim uma outra maneira de estar junto, em que o imaginário, o onírico, o lúdico, justamente, ocupam um lugar primordial. (...) Isso significa, pelo contrário, que não se pode mais negar a importância do poder espiritual, o retorno vigoroso da cultura, o prevalecimento do imaterial, a presença do invisível (...) (MAFFESOLI, 2010, pp. 27-29)

Se o que é invisível, imponderável, inexplicável faz parte do reencantamento do mundo, se a religião enquanto o conhecimento mais antigo acumulado pela humanidade é mantido inacessível para os adolescentes por falta de ensinamentos e de vivência religiosa, o mundo se reencantará para eles também? Ou deverão ser pensados como vidas desperdiçadas (Bauman, 2005) sem função, sem lugar e sem propriedade? É nesse nicho de reencantamento que eles podem ter papel reconhecido na sociedade, mas paradoxalmente ali eles também não estão.

Nesse campo de imaginário, o onírico, o lúdico, e acrescento como seus correlatos a música, a dança, os esportes, as redes sociais e a tecnologias computacionais, a prestação de serviços vários, etc. são na época atual áreas de empregabilidade em ascensão e que poderia ocupar aqueles adolescentes e jovens que não possuem os conhecimentos educacionais que os encaminhe para atividades remuneradas nos campos de maior sofisticação acadêmica que a educação pública não lhes forneceu. Mas ali também não têm espaço de atuação. Para eles restam as profissões de maior empenho físico como servente de obras, faxineiros, empregadas domésticas ou do comércio de supermercados, etc. que lhes dificulta o exercício das atividades em que eles se dizem esperar reconhecimentos, áreas em que eles se dizem bons no que fazem: a música, as artes, o futebol, a capoeira, o grafite, as

danças de rua⁹⁹, a reelaborações dos vestuários, dos penteados, das linguagens e das modas em geral.

E das religiões, que para eles estão numa área de ação liminar, fronteira, tais como a negritude sem etnicidade (SANSONI, 2004), famílias sem pais (FONSECA,1995), religiosidade sem religião (ou com vários estilos de combinações pessoais).

Retornando a Brandão,

Para além da religião, o tempo cultural em que vivemos e para onde nos dirigimos, inclui cada vez mais um número maior de estilos de espiritualidades, de outros sistemas de sentido, de combinações pessoais e coletivas de saberes e valores que não apenas permitem, mas obrigam a própria pessoa-religiosa a interações de sentido, a integrações de escolhas, a indeterminações de seu próprio destino como um indivíduo e uma identidade. Eis um dilema: tudo muda, mas tudo permanece mais ou menos igual. Anunciou-se em séculos e décadas passadas o "fim da religião" e a "morte de Deus"! Ei-los vivos por toda a parte e gozando de boa saúde. A religião convive com ciências e as ideologias e não parece perder terreno, mas antes revigorar-se e abrir-se a um mundo de idéias e de desafios humanos sem dúvida mais difícil do que os "mundos culturais" que nos antecederam. Ao contrário, os imaginários do sagrado parecem hoje mais resistentes às crises da pós-modernidade do que as ciências e as ideologias. O surgimento de tantas outras formas de pensar, de sentir e de traduzir isto de muitas maneiras, tem criado inúmeras novas alternativas de conversão e "descoberta", de adesão religiosa e de afiliação confessional. Isto acontece dentro e fora dos círculos mais marcados pela religião, como vimos aqui. Este fenômeno de retorno ao sagrado, revestido agora de uma extraordinária plasticidade, de um antes impensável poder de criação e de diferenciação, envolve pessoas, grupos sociais e comunidades culturais as mais diversas. Poucas seriam as regras que poderiam ser dirigidas com algum acerto a uma única categoria de atores sociais. (2004, 25)

Usam das religiões a gramática, talvez, menos o léxico, e pouco do campo semântico institucional. Uma fé “frágil” no sentido de baixa institucionalização e de um “cristianismo descristianizado”.

⁹⁹ Essas danças não apareceram nas conversas com os adolescentes deste e não vi ninguém dançando *street dance* nas minhas visitas ao bairro. Mantenho a referência por ser comuns em outros lugares desta cidade e muito citadas nos estudos sobre a juventude de vários autores, como Pais, Dayrrel, Magnani, etc.

Uma fé frágil corresponde de fato a uma fé sempre mais individual e desestruturada, “feita sob medida” com relação às necessidades e exigências individuais, que certamente é consentânea a interesses existenciais legítimos, mas que geralmente aparece como uma variante ou uma adequação à diferenciação mercadológica com que o mercado tem estruturado as preferências individuais (Girard, 2010,17).

Variante e adequação. Talvez seja a chave de entendimento de como se recompõe a religiosidade, desde que situemos na longa duração da história brasileira. Isto não é um fenômeno recente dentro do processo de secularização da era moderna e contemporânea. A história das religiões no Brasil lida constantemente com estes conceitos e com eles recriou a religiosidade pouco apreensível em cânones e dogmas, referencial de mudança esteve sempre condicionado ao “mercado” de bens simbólicos e materiais de cada época. Mas que, ao longo da história brasileira, ao fim e ao cabo não foi tão frágil, pois sua incrível maleabilidade transformou-a em alguns momentos em resistência para o fluir das demais religiosidades. É o que se pode sentir quando as religiões tradicionais, fortes e resistentes, se veem condicionadas ao sincretismo das crenças horizontalizadas das religiões populares. Frágeis, mas não inertes. Líquidas, escavam precipícios.

RECUO DE CERTO CRISTIANISMO

Que cristianismo está em recuo? Hesito entre os termos “recuo” e “vazio”, tendendo mais para o último termo quando percebo que o lugar da ortodoxia ficou estremecido pelo afastamento de funções antes exercidas pelo cristianismo, com ênfase no catolicismo, como organizador social e cultural tal como acontecia nas gerações passadas. Sem que isso suscite comparações sobre “os velhos tempos” como época em que as coisas eram maravilhosas em detrimento do momento atual em que tudo está ruim. Há cerca de sessenta anos atrás as missas já eram chatas, os padres não eram escutados nas pregações, as missas “das crianças” não eram adaptadas para elas, etc. Mas eram lugares de encontros, de circulação das modas, das irreverências juvenis, das ousadias, das fofocas e dos flertes. Esse papel elas não mantêm mais.

Quando buscarmos os motivos do recuo ao cristianismo tradicional, as discussões deveriam se voltar para o papel dos leigos, do público, dos jovens de décadas atrás. Isso é até reconhecido por autores como Ribeiro de Oliveira (2012)

A força da Igreja, de qualquer igreja, está no que os protestantes chamam de congregar, ou seja, juntar pessoas que possam participar e sentir-se igreja. Creio que a experiência mais bem sucedida na Igreja Católica foram as Comunidades Eclesiais de Base, seguida dos grupos de oração, grupos de pastorais, que hoje chamam de novas comunidades. Esses programas buscam juntar pessoas leigas que se reúnem, celebram, leem a Bíblia para, a partir disso, influenciar no mundo. Aí está a força de uma igreja, a força pentecostal. A força pentecostal das igrejas evangélicas não é o número de pastores, mas o número de obreiros, que são pessoas leigas, que têm um entusiasmo pela religião. Trata-se da força de expandir da igreja para o mundo. Isso quer dizer: uma igreja é forte quando tem grupos de leigos que se reúnem para atuar no mundo. Hoje o que vemos é a força de atrair para dentro, ou seja, o bom católico é aquele que está na igreja. Isso aí é o definhamento da instituição. Na hora que os responsáveis pela igreja no Brasil levarem a sério esses dados geracionais, ou seja, a desafeição religiosa de jovens e adolescentes, espero que deem um recado a essa pastoral maluca que eles têm, que gasta todos os recursos para construir seminário e formar mais padres (OLIVEIRA, 2012)

Nos depoimentos obtidos junto aos jovens, o papel de organizador social e cultural dos tempos idos não é muito bem percebido hoje, mas surge na forma de um incômodo indeterminado – como quando o padre não quis (ou não pôde) batizar uma criança sem documentos –, uma carência de suporte para se posicionar frente à inapelável fragilidade e frente à perenidade do mundo (Bauman, 2005, p.155), a inconsistência das relações humanas e a insustentabilidade dos projetos biográficos.

Sem o auxílio de religiões a transformação dessas instabilidades em força de vida se dá com mais dificuldade, quando chega a acontecer. Considerando a dispersão do religioso, os jovens ficam mais confusos. E, enquanto tal, o futuro vem nas improvisações discursivas e nas repetições de fórmulas e ditos populares, assim como se aceitando qualquer das poucas oportunidades existentes no campo do trabalho e das relações sociais.

Nem todos os adolescentes são assim, imediatistas. Coincidentemente, também quanto ao futuro, aqueles que possuem estabilidade atual, conseguem ver o futuro num projeto de vida: quando a defasagem e aprendizagem não os afastam da possibilidade de planejar, eles se movimentam no sentido de uma profissão estável e reconhecida: um deles fez curso de técnico em plataforma de petróleo, outra fez

curso técnico em nutrição, é muito comum os cursos de informática e de computação, assim como os cursos técnicos de enfermagem e de comércio. O futuro como projeto depende então da escolarização e o apelo à religiosidade é um apelo de fortalecimento (*Deus vai me ajudar*) individual e familiar. Nesse tipo de previsão de futuro, raramente os adolescentes estão sozinhos: sempre é um projeto do coletivo familiar.

Outros pensam o futuro como sonho, quase sempre sonhos individualizados, solitários: a menina que sonha em ser médica sem ter conseguido chegar aos 17 anos ao fim no ensino fundamental, o garoto que sonha em ser jogador de futebol sem nunca ter jogado fora do bairro (dizem que neste caso é possível a existência de olheiros de grandes clubes), as meninas adolescentes mães que dizem que vão continuar estudar (isso é extremamente comum, e elas afirmam que os filhos não irão atrapalhá-las muito, “*só um pouquinho enquanto ela está muito pequena, depois que ela for para a creche, eu volto a estudar*” (Ju, 14 anos). Provoquei um pouco mais e perguntei quem iria sustentar ela e a filha para poder continuar o estudo. Não fiz por maldade, mas Ju, abaixou a cabeça, torceu as mãos, depois olhou para o vazio e não me respondeu com palavras. Só balançou os ombros e sorriu sem graça. Outras adolescentes com filhos foram mais irreverentes, dizendo *a gente dá um jeito, ele vai para a creche e minha mãe vai ter de me ajudar*. Até recentemente creches era importantes para mães trabalharem, hoje é para as mães estudarem.

Mas elas não têm nem creche para seus filhos, nem educação efetiva, nem empregos nem outras ajudas possíveis. A escola que poderia suprir o vazio também está afastada das discussões mais próximas a essas necessidades do mundo contemporâneo, e existem dúvidas sobre se ela poderia presidir esta discussão tendo em vista seu também afastamento do campo da moralidade institucional, como as religiões também se afastaram dela.

O interessante é que nem a religião e nem a escola, mesmo em suas limitações de eficiência e de consistência acadêmicas, deixam de ser privilegiadas enquanto mediadoras convencionais, ocupando talvez um nicho menor no conjunto de suas falas e expressões, mas são mediações permeadas por mágoa e rancor. Os padres que não visitam os paroquianos, a escola que não ensina, os sacramentos não são realizados, a disjunção entre aprendizagem e trabalho são criticamente

colocados não como cobrança somente, mas como ausências a que devem se conformar e, ao mesmo tempo, terem suas importâncias minimizadas para que o que resta ainda possa proporcionar uma mediação diferenciante quanto ao futuro. Ainda são instrumentos de prospecção do desconhecido. *Sem escola a gente não é nada. A gente não aprende nada, mas precisa do diploma se não dá nem para ser varredor de rua. Se Deus quiser. Com a graça de Deus. O Senhor vai me ajudar. Sem Deus eu não sou nada. Deus é que sabe.*

Isso não quer dizer isso que a religião possa ser confundida com algo semelhante a muletas usadas para o enfrentamento de um futuro improvável, pois tal metáfora pressupõe alguma deficiência humana (longe vão os tempos em que fazia parte do vestuário da moda) e eu não pretendo me fixar fatalistamente em qualquer debilidade ontológica. Penso que a religião não “funciona” como muletas para as pessoas que convivi durante a pesquisa. Ela parece mais instrumento de convergência de mundos desfocados, que oferece maior segurança para que escolhas sejam feitas, uma vez que a baixa qualidade em geral de suas vidas no que tange à baixa escolaridade, à flutuação do mercado de trabalho, ao comprometimento da saúde e outras mazelas inerentes à pobreza e à reclusão às fronteiras sociais e culturais, limita as opções e a fruição das benesses porventura existentes. Usam a religião como espaço intervalar que minimamente facilita a incerteza dos dias atuais. Visão 3D.

Nesse vácuo, as pessoas tateiam em busca de um mínimo de tranquilidade. No caso dos jovens a religião tradicional pouco instrumentaliza essa busca. Não porque ela não possa fazê-lo, mas lhe custaria a perda do distanciamento que ela mantém desde longo tempo dos problemas da comunidade do bairro, especificamente na sua parte alta. Numa conversa com André em julho de 2011, ele relatou que os padres da Capela Imaculada Conceição quase não têm contato com a população além da missa semanal, pois eles ficam no seminário e de dois em dois anos são substituído sem que tenha se formado qualquer vínculo para além das beatas que frequentam a Igreja até sem mesmo haver padre.

Existem nessa Capela algumas ações sociais voltadas para as crianças e jovens, mas são desenvolvidas por voluntários e não se organizam enquanto proposta institucional. Outro jovem, Felipe, voluntário social trabalhando na Capela

Imaculada Conceição com aulas de violão, que oferece junto com um colega que ensina capoeira, disse que a paróquia de São Mateus tem dinheiro, mas que não destina nada para o Chapadão, onde está a Capela.

Além do mais, nesta parte do bairro não existem igrejas de outras denominações. Disseram-me que já existiram anteriormente, mas não se mantiveram em funcionamento. Vi até uma placa indicativa de um local de culto, mas está abandonado há muito tempo. Quanto às religiões afrobrasileiras, existem alguns praticantes nos fundos de quintais, mas eles não são citados pelos adolescentes quando se lhes indagam sobre as religiões do bairro. Ou são desqualificadas. Somente a Capela Imaculada Conceição permanece. Quem pertence à outra religião deve buscá-la em outros locais da cidade ou até mesmo na parte baixa do bairro, desde que aceite a ameaça de outros adolescentes de outras ruas. Esta questão da existência de brigas de gangues é bastante controversa, mas existe uma tendência bastante acentuada de permanência dentro das fronteiras simbolicamente estabelecidas.

Seja qual for a crença religiosa existe sim um afastamento das atribuições cabíveis às religiões até mesmo nas possíveis disputas do mercado de bens simbólicos. Isto levanta algumas perguntas que deem conta dessa situação: qual o nicho ocupado pelas demandas da juventude nas propostas institucionais religiosas? Existe alguma ação para além da referência indiferenciada quanto à faixa etária e às subjetividades? O “recuo” do catolicismo, neste bairro e neste momento, pode sinalizar para dificuldades institucionais instrumentais de compreensão dos jovens? Como se faz essa religiosidade sem religião? Parece que se movimentando entre elas e captando o que lhes serve no momento bem delimitado da demanda pessoal.

“RECOMPOSIÇÃO-INOVAÇÃO” DO RELIGIOSO

Vou narrar um depoimento que pode servir de amostra de uma religiosidade confusa na sua exterioridade, mas que não é considerada assim por essa pesquisa, sendo que, juntamente com outras narradas do mesmo modo, permeiam as crenças e fés comuns e estão no mesmo nível de aceitação do que as demais narrativas do panteão de santos e divindades. São sim demonstrativas de crenças em mutações.

Estava em visita a uma família cuja senhora dona da casa, mãe de uma das mulheres que compunham as famílias assistidas pela ABAN e avó de uma adolescente falou de suas experiências religiosas. Hesitei em me referir a essa narrativa anteriormente, por ser de uma pessoa meio fora do perfil escolhido dos protagonistas desta pesquisa, mas nenhum outro depoimento foi tão contundente e rico em detalhes e, além disso, essa avó era quem, de acordo com a afirmação de sua neta, havia ensinado o que ela, a neta, sabia sobre religião. Esclarecendo, sua neta, de doze anos naquele momento, declarou-se católica, mas não tinha sido batizada. Na ausência de catequese a avó era a ponte histórica.

Não foi uma narrativa linear, mas sim sujeita a idas e vindas e também aos gestos, mudanças bruscas de entonação de voz, olhares voltado para o alto, enfim toda uma performance teatral, colocada aqui sem nenhuma ironia ou depreciação.

Conta ela que estava sofrendo de muita angústia, pois não tinha dinheiro nem meios de suprir sua casa, além de estar doente e sua filha também e, com isso os netos também estavam com fome. Ajoelhou-se então e, juntando as mãos a implorando aos céus por socorro, pediu a Deus que lhe desse meio de suprir sua casa. Acabou sua prece e nada de resposta. Aí ela foi até a porta de sua casa e viu passar duas mulheres com um saco nas costas cada uma e elas eram guiadas e protegidas por dois anjos que, quando passaram por ela, lhe sorriram e desapareceram. Para ela foi uma iluminação, pois ela entendeu que devia, como as mulheres que passavam na rua, juntar latinhas de refrigerantes, e buscar na rua o que precisava para sua casa.

Daí ela começou a fazer coletas e em algumas ruas de um bairro vizinho, de classe média, passou a ser conhecida das pessoas que juntavam as latinhas para ela e uma delas se apiedou e ajudou-a, posteriormente, a conseguir uma aposentadoria que a sustenta hoje. Além disso, disse ela que por onde passava, fazia amizades que lhe renderam doações como móveis, a televisão de vinte e nove polegadas (que ela disse que chegou a sua casa, no alto do morro, num carrinho de mão) e alimentos, que ela disse que nunca mais faltou em sua casa. Exalta os anjos vistos como *seres de luz que lhe abriu caminhos*. Uma garota também disse ter visto anjos.

Em outro momento ela narrou o percurso religioso de sua vida. Conta ela que quando nasceu ela nasceu, ela ia ser batizada, mas o padre não deixou porque

disse que a mãe dela não merecia. Então resolveram levar a menina para a “religião do capeta” e estava deitadinha numa esteira onde a deixaram enquanto a cerimônia não começava e então Nossa Senhora apareceu e tomou-a nos braços e não a deixou ir para a outra crença. Por não ser de uma nem de outra crença ela passou a vida sofrendo e muito triste. Até que os anjos acima apareceram e ela pode enfim ganhar alguma estabilidade e abdicar da duplicidade e ficar só com Nossa Senhora.

Trouxe essa narrativa para a reflexão, pois me parece que elas são boas para se pensar o universo religioso dos que afirmam ter religião. Não só ela teve influência direta na formação religiosa da neta, mas também ela é vista pelos adolescentes com os quais conversei meio como uma reserva de fé comunitária. Disseram que ela reza muito, mas que nunca a viram na igreja, nem em missa, nem em procissões, nem nada. Pelo que depreendi ela é muito respeitada por eles.

Essas pessoas, nem sempre as mais velhas, são reconhecidas na comunidade e mesmo os adolescentes mais rebeldes não se permitem formas de depreciação e deboche que são comuns em relação a outras pessoas. Talvez seja essa outra forma de manifestação de respeito às coisas sagradas, como também é respeitada a Capela e não outros locais. A sede da ABAN no bairro está com todos os vidros do prédio quebrados por pedradas.

Modulada por respeitos impensáveis, a religiosidade vivida pelos adolescentes no Chapadão está associada às experiências de vida no mundo consumista contemporâneo, matizadas pela pobreza, pela preponderância racial negra, pelo baixo nível educacional, pela cobiça da especulação imobiliária e principalmente pela individualização das relações com o simbólico e o sagrado. Diante desses condicionantes espaços-temporais, a religiosidade é percebida, exterior e posteriormente, como bricolagem, como libertação de compromissos pesados em suas antigas moralidades: os pecados foram banalizados (os pecados mortais foram amenizados, os capitais desqualificados e os veniais quase desapareceram).

Um dos jovens que estive entre os fundadores do RAGGAEBEM, agora já não é mais adolescente, tem uma história interessante, narrada agora por um colega seu, mas com depoimento registrado em vídeo. Disse-me ele que o colega em questão, Paulo, havia se metido numa confusão sem tamanho. Paulo já era pai de

um menino cuja mãe havia rompido relacionamento com ele antes de a criança nascer e não o deixa visita-lo porque *ele não paga a pensão alimentar* e, além disso, ela quer *distância dele*. Depois disso, ele se envolveu com uma garota de 15 anos e, quando ela ficou grávida, ele passou a morar com a família dela, pois até então ele não tinha morada fixa: ora com a avó, ora com colegas. Quando ele foi morar com a nova mulher ele passou a frequentar a igreja católica conforme consta nos seus depoimentos gravados em vídeos em 2010 e no qual conta de estava se preparando para a crisma e fala também de outras atividades religiosas desenvolvidas na Capela.

Agora, no segundo semestre de 2012, sua vida mudou bastante, de acordo com o que seu colega me contou: abandonou a casa em que vivia com a namorada e voltou aos endereços variáveis de antes por atrito com a sogra a respeito de fofoca produzida por ele sobre a relação dela com um vizinho, negada pela sogra. Por causa disso, a atual mulher também *não quer nada com ele e, pior*, disse ela *ele agora esta mexendo com macumba! Ele está enrolado, tem que pagar duas pensões e ele está ameaçando as duas ex-mulheres com feitiços da macumba. Anda com as guias e diz que é pai de santo. Mas ninguém viu ele frequentar outros terreiros. Ele era da Igreja*.

Não conheço a segunda mulher dele, mas a primeira, Rose, era acessível por conta da convivência na ABAN e das visitas à casa de sua avó. Fui conversar com ela porque queria saber como era alguém se sentir ameaçada pelas forças da “macumba”, mas ela não queria nem falar sobre o pai do seu filho. Depois, acedeu em conversa comigo, mas somente sobre as ameaças que havia recebido e ela disse que ia falar para saberem a “beleza” que era Paulo.

Ela me disse que tinha medo, sim dos despachos com o nome dela, de botar seu nome na boca de sapo e de desejar mal para ela. Ela me disse que o *mal tem força* e que *o demônio tenta as pessoas e as desarma*. Mesmo sendo católica e rezando muito com sua avó e outras pessoas da família ela se sentia ameaçada, pois *quem diz que faz maldade pode fazer mesmo, roubar meu filho, me bater na subida*, etc. Disse que ele está com raiva porque ela entrou na justiça para conseguir a pensão do filho e que ele *ficou danado na vida*. E que agora, com a “outra” fazendo mesma coisa que *ele vai se ferrar*. Mas que mesmo assim *ele não devia falar que vai fazer trabalho para ela*. Que ela *não merece*.

Nessa conversa surgiram vários pontos para reflexão: religião como instrumento de amedrontamento, desconhecimento das religiões africanas por pessoas de origem africana, o desamparo não corrigido pelo cristianismo, uma fé com pouco poder frente aos mistérios e aos espíritos das outras religiões não cristãs. Entre estas, principalmente entre as neopentecostais e a católica, não existe uma diferença tão grande, e o trânsito entre elas não é prejudicado pelas linguagens e doutrinas, inclusive porque ambas tem o mesmo livro como fundamento, a Bíblia.

Montes (2000) fala mesmo de uma protestantização do catolicismo e uma catolização das igrejas pentecostais. Mas no que diz respeito aos mitos e ritos africanos o mesmo já não acontece e eles surgem como ameaças e como tal é usado pelas religiões neopentecostais (Montes, 2000, 117). Em contrapartida, quando se é afligido por algo alheio ao campo religioso recorre-se ao poder das entidades africanas para demandas situadas no dia-a-dia, como o abandono de um companheiro, brigas entre vizinhos e namoros indesejados dos filhos.

Qualquer que seja as situações, nas improvisações frente aos acontecimentos inesperados do cotidiano a religião é ainda uma ferramenta de acolhimento de indivíduos desorientados que formam núcleos muito pequenos de adesões a uma maneira particular de ver o mundo. Não é uma individualização estrita, pois deve haver compartilhamento de ideias, mas uma ressignificação comentada entre colegas sobre as percepções de mundo. Nos depoimentos e nas observações mais informais, a religião não é tomada como muleta para o avanço em terreno desconhecido e não nomeado, mas antes como óculos 3D que junta as dimensões e as tornam mais uniformes, resguardando os movimentos, seus panos de fundo em perspectiva (também em movimento), e valorizando os protagonismos e desvalorizando os roteiros (desde que seja mantida a velocidade e o heroísmo, qualquer história serve). O pecado aqui é estar fora dos modismos e ser pego pela polícia.

Outra observação é que a religião (Deus) não é mais salvacionista: não escutei nenhuma referência a ir para o céu depois da morte. Pelo que pude sentir, a morte é uma interrupção do presente e não algo para ser valorizado como futuro muito remoto. Há de se objetar sobre o salvacionismo evangélico. Mas mesmo no caso de evangélicos essa dimensão religiosa parece ter sido amenizada, nuançada e

matizada: a salvação é para agora, para endireitar a vida, para conseguir emprego, para sair das drogas, para parar de brigar com o marido, para os filhos voltarem para casa, para os filhos saírem do CERESP (Centro de Remanejamento do Sistema Prisional, composto, em Juiz de Fora, das penitenciárias José Edson Cavaliere e Professor Ariosvaldo Campos Pires) ou do Centro de Ressocialização para jovens infratores. Muito raramente a transcendência aparece ao longe na forma de alegação de justiça divina. *Deus saberá recompensar..., A justiça de Deus não falha..., Deus tá vendo...*

Onde está também o papel moralizador da religião? A moral deixa de existir enquanto tal, ou melhor, com eram enquanto as normas antigas, para se abrir aos novos comportamentos e atitudes. Não é freio social nem estabelece condutas, quanto muito marca as rupturas das rotinas cotidianas com as comemorações e feriados.

Também não são atitudes de escolha como num mercado de crenças: mais parece uma canibalização, onde heróis e criminosos, normas e crenças, são ingeridos, digeridos e modificados, nem sempre, todavia, em energia vital, mas às vezes em roteiros para a morte. Não existe propriamente a possibilidade de escolha entre várias possibilidades, mas aproveitamento do que está disponível.

Sem a escusa da eternidade as religiões vão se transformando lenta e inexoravelmente, mas isso parece ser campo de reflexões advindas de uma etnografia de imersão antes que preocupações eclesiais. Quanto a elas, a adolescência não existe enquanto potencial inovador, mas somente como um hiato temporal nas biografias, também como uma moratória aos tempos da responsabilidade adulta.

Com efeito, quando a incerteza aumenta para além de certo limiar e se associa não apenas com a ideia de futuro, mas com a própria realidade cotidiana, pondo em causa a dimensão do que é considerado óbvio, então o “projeto de vida” tem seu próprio fundamento subtraído. Além disso, quando a mudança, como ocorre em nossos dias, é extraordinariamente acelerada, e o dinamismo e a capacidade de performance são imperativos, quando o imediatismo é um parâmetro para avaliar a qualidade de uma ação, investir num futuro a longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação. As ações instrumentais, ao contrário, são guiadas pela racionalidade do objetivo e pressupõem a capacidade de se posicionar

no interior de um horizonte temporal distinto do aqui e agora. ... Nesse horizonte temporal comprimido, o próprio significado da idade juvenil se transforma. Quem a vivencia tende a apreciá-la mais por aquilo que pode oferecer no presente do que pelo tempo futuro que ela virtualmente descortina. (LECCARDI, 2005, 36)

Não a vê como momento em que se escreve a história das religiões de maneira a desmistificar o pecado, abrir mão da salvação eterna, não moralizar, não sendo produto de livres escolhas nem de bricolagens, mas de canibalização. Apesar disso a religião resiste, mas demanda novas metáforas e outra gramática da fé e das crenças. Outra poética. Tipo “parangolé”! Invenção e criação que volteiam os três eixos acima: a) “recomposição-inovação” do religioso, b) recuo de em certo cristianismo e c) a individualidade, a subjetividade, os itinerários pessoais.

As questões de convivência, enfocando as relações entre os jovens e os espaços de entorno, como são vistos pelos vizinhos e como estes os veem, assim como algumas incoerências advindas do olhar preconceituoso sobre os jovens do bairro Dom Bosco demandou uma etnografia dos movimentos, dos trajetos e os locais percorridos pelos jovens fora do bairro e o uso por eles dos dispositivos sociais e culturais como a escola, o trabalho, o lazer. Também as mediações clientelistas e negociações no mundo do trabalho e, principalmente, buscaram compreender o contexto de mudanças mais vasto das religiosidades dos jovens adolescentes como uma carga que, se abandonada, os torna mais leves para suas irreverências mas mais limitados em relação às visões de mundo e de si mesmos. Afinal, a religião “habita”¹⁰⁰ o mundo adolescente, mas não é mais senão complemento, não é mais um conhecimento tão importante como o era nas gerações passadas, mas ainda não se prescindiu dela na atual mas não para todos e nem o tempo todo

No início desta pesquisa, quando escrevia os capítulos 1 e 2, não percebi a dimensão religiosa num mundo tão profano. Mas ela existe sim, apesar de muito atenuada enquanto articuladora cultural e social, e individualizada ao extremo a ponto de se conversar muito pouco mesmo entre amigos e colegas sobre as formas

¹⁰⁰ No sentido tomado por Mafra (2007) que diz que “O habitar [do latim habitare] se refere a esta medida primordial, que fala da medida com que o homem se quer medir”.

personais da crença. Quando falam sobre religião é mais para críticas aos padres e pastores e numa dimensão de cotidianidade.

O estudo das relações sociais dos adolescentes, internas e externas ao bairro, mediadas pela religião, passa pela compreensão das relações familiares. No início do ano de 2011, comecei a participar da reunião com um grupo de mulheres, mães de alguns dos adolescentes/sujeitos desta pesquisa. Nas conversas que ali aconteciam comecei a perceber que as igrejas (instituições) são arcabouços discursivos fortes com padrões formais de referências dogmáticas, pois a religiosidade é vivenciada subjetivamente. Sobrevivem então como máscaras, como fórmulas mágicas decoradas, disparadas por um mecanismo reativo a algumas situações: existe um discurso pronto, convincente, que elimina qualquer possibilidade de se incluir na conversa algum questionamento sobre religião. É como se ela fosse inata, atemporal, mágica, no sentido que permite vislumbrar um futuro, substitui projetos pessoais e desculpabiliza possíveis fracassos: - “*Se Deus quiser...*”. Ao mesmo tempo, os gestos e os olhares intencionados surpreendidos juntamente com expressões desse tipo precipitam um potencial de energia que dá suporte a investimentos descobertos de suportes materiais, como trajetórias de flechas lançadas ao longe (no tempo e no espaço).

Essas ambivalências, dentro e fora, estranho e estrangeiro, sociedade e comunidade, fechado e aberto, perpassaram todo o trabalho de campo e essa pesquisa que não pretendeu naquele momento tentar desfazê-las. Os grupos não estiveram estáticos e mudaram de posição na enunciação discursiva. Nesta dinâmica quem “dança” fácil é a pesquisadora: recusando se manter posição epistemológica fixa, uma hora se percebeu oscilando entre compreensão, compaixão, repulsa e revolta, muitas vezes sentiu o tema como impossível de realização. Nesse ponto, Roy Wagner (2010), forneceu alguns dos instrumentos de controle (relativo) sobre os campos (posição da pesquisa frente aos sujeitos e aos eventos do cotidiano) contidos nos conceitos de modos de ação *generalizante* e *convencional* e o *diferenciante* ou *não convencional* sendo que o primeiro distingue o símbolo e a coisa simbolizada e o segundo engloba aquilo que simboliza e ambos os conhecimentos me foram necessários para conter as ambivalências e as oscilações. Quase aprendi andar sobre gelo fino (Bauman, 2001, p, 36) ou sobre águas pantanosas ou achar caminho em meio à neblina.

Mas uma situação ainda não estava contemplada metodologicamente e causava inquietação: na medida em que avançava a pesquisa dava-me conta do engodo contido no tema de estudo: a religião dificilmente poderia servir como eixo de análise da socialidade ou como nós de redes de conhecimentos e convivências, porque no bairro ela havia se individualizado e se isolado uma das outras de tal forma que as pontes entre elas não suportariam o peso de racionalidades acadêmicas, estando agora na área da transitoriedade e da improvisação. Quando tudo muda, pode ser que nada se altere. Na citação abaixo se percebe os cruzamentos de muitas dimensões: os eixos horizontais e verticais (tempo e espaço) se cruzando em vários momentos e entretecedendo situações variadas. Essa variabilidade era enfim, o tema desta pesquisa.

As imagens de Deus, na adolescência, são tão variadas, diferentes e até contraditórias como é diferenciado todo o processo de crescimento, de desenvolvimento da fé e de amadurecimento nesta fase de vida do ser humano. As experiências, vivências, costumes, tradições, discursos e ritos religiosos das diferentes comunidades confessionais, a influência do meio social no qual a criança cresceu, os relacionamentos com pessoas significativas e a qualidade destes relacionamentos determinam a imagem de Deus e o modo como se articula a religiosidade, moldada na infância e trazida para a adolescência. Adolescentes tanto podem falar de Deus como um velhinho de barba branca, sentado numa nuvem, como de um Deus mais pessoal, mais amigo e companheiro, que pode dar orientação, ajuda e apoio, como também podem afirmar que Deus não existe. Tanto podem acreditar em Deus, porque ele salva, ajuda em todas as horas, como afirmar que não acreditam, porque nenhum pedido feito foi atendido ou porque tudo não passa de uma invenção humana. Essas constatações demonstram que a fase da adolescência é um período de mudanças, de busca por uma compreensão e experiência pessoais a respeito de Deus. (Streck, 2009,p.5)

Dei-me conta da insuficiência dos argumentos que falassem das diferenças existentes no bairro se não as ancorasse em analogias com demais situações espaciais e temporais. Pensei que o que pudesse ser relacionado com outra coisa seria mais facilmente precipitado como singularidades daquela população. Isso porque a dinâmica desta pesquisa colocava em dúvida as próprias assertivas anteriores ou pelos menos as matizava, atenuando-as. Por exemplo, quando no primeiro capítulo percebi e nomeie o que chamei de “juvenização da pobreza” referindo-me ao empoderamento consequente à distribuição de bolsa-família, colocando as crianças e os adolescentes na condição de “provedores”, não acontece somente ali ou em locais semelhantes. Também é ponto de disputa também nos

casais separados em qualquer lugar quando se discute a distribuição do uso da pensão recebida, mesmo que no bairro as situações estejam agudizadas pela precariedade de fontes de sustentação familiar.

Muitos outros argumentos, fundamentados teórica e metodologicamente, também passaram por processo semelhante de falsificação e relativização, dentre eles o de gueto (e fronteiras), visibilidade e moralidade. Por muito tempo sofri percebendo que a banalização de alguns pressupostos (arduamente elaborados e facilmente destruídos) colocava em risco o caráter acadêmico do meu trabalho.

Para evitar a prolixidade advinda do diálogo exaustivo com vários autores implicados em cada aspecto dos questionamentos levantados e que me proporcionasse uma síntese (mesmo que parcial e possivelmente discutível) pretendo neste terceiro capítulo colocar em cena, como anteparo e como ressonância, os escritos de Zygmunt Bauman (1998 e 2001) e alguns outros autores circunstanciais.

Não existe a “comunidade de fé”, nem a comunidade de destino, nem uma sociedade imaginada coletivamente, pois ali as práticas são dissolvidas na individualização e privatização. Por outro lado, as identidades pessoais são menos porosas: as pessoas que se conhecem há mais tempo e com mais intimidade não só são reconhecidas pelo que são, ou que foram, mas também se colocam como julgamento das peculiaridade dos que chegam para residir ou para visitar.

Mas não é por esse sistema de conhecimento recíproco que eles são avaliados por pessoas e instituições fora do bairro quando então são colocados sob o rótulo dos estranhos. E perigosos quando confundidos com assaltantes (ou usuários de crack, ou estupradores, nomenclatura mais atual das neuroses). Diz Bauman que

O perigo representado pela companhia de estranhos é uma clássica profecia autocumprida. Torna-se cada vez mais fácil misturar a visão de estranho com os medos difusos da insegurança. (...) Esforços para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais. (2001, 124-126)

Inverte-se aqui o pressuposto jurídico no qual a dúvida beneficia o acusado: e os jovens são culpados sem julgamento e sem apelação. São nomeados de acordo

com o medo da sociedade e esse medo é classificatório e hierarquizante: os grupamentos baseados no conhecimento entre os membros e as famílias, na convivência e no uso comum do espaço e da história (mesmo se essas relações são instáveis e fugazes) são tomados como estranhos pela população de entorno porque escapam à dominação da moralidade exterior.

No entanto, eles mesmos, moradores do bairro estabelecem distinções, hierarquias e regras bastante homogeneizadoras e discricionárias “idiossincráticas” perpassadas pelas mesmas condições vindas das fronteiras exteriores, institucionais ou não e/ou, instituintes ou instituídas.

Essas referências se entrecruzam em reações e contrarreações e inventam algumas das marcas diferenciais dos personagens, que são intensificadas pela instabilidade provocada pela sensação de efemeridade de suas relações uma vez que flagrantemente esta parte do bairro vem sendo constringida em suas fronteiras geográficas. Feição comunitária do agrupamento, mesmo que suas articulações estejam meio enfraquecidas no que tange às considerações tradicionais do que seja vida comunitária: a identidade de desejos e ambições é parcial, assim como são variadas as origens e os destinos prováveis; não existe uma produção comum de subsistência e as redes de solidariedade são frágeis e pontuais; a coesão do grupo não advém de parentesco, apesar de que as ligações parentais serem numerosas, mas da mediação de conflitos e da complementação e/ou substituição de serviços públicos, tais como cuidados com as crianças e com a saúde, prevenção e restrição às drogas. No que tange, por exemplo, aos adolescentes é mais intensa ainda a carência de aparelhos sociais, religiosos e culturais de suporte: a rua e as casas são os espaços de lazer, de cultura e de convivência.

Existem, não obstante, mediadores inesperados e que funcionam como catalisadores, organizadores e sustentação das rotinas e dos projetos: os jogos de bola, as conversas sobre religiões e saúde e, principalmente, fofocas. Entre os adolescentes, os jogos de bola predominam, sem que o saber coletivo e as fofocas sejam dispensáveis. Essas mediações parecem, sociologicamente, irrelevantes (não são as mediações tradicionais), mas, no contexto de instituições poucas e frágeis dão suporte às relações sociais e o fazer cotidiano.

O estudo da adolescência e mesmo da juventude de forma mais geral deve lidar com o movimento em suas múltiplas configurações dinâmicas – pendular,

retilíneo, caótico, difuso, acelerado, retardado, etc. Pouca coisa resta estável por muito tempo ali, sem que isso precise ser visto pelo lado das negatividades, pois a instabilidade não somente faz parte do mundo contemporâneo¹⁰¹ como deve ter sido uma das condições comum à sobrevivência dos ascendentes de boa parte da população do bairro e assim se perpetua até hoje, supõe-se. As religiosidades recriam-se constantemente plasmadas na horizontalidade das relações pessoais, na fraqueza das instituições e no isolamento moral infringido pelas fronteiras impostas ao convívio com o restante da cidade. São essas condições propícias para o aparecimento de transformações religiosas que geram e reproduzem vivências algo diferenciadas dos demais grupamentos urbanos.

A religião como conhecimento de mundo e como conhecimento ausente

Desde 2010 venho conversando com adolescentes sobre suas religiões. Ainda hoje, passados os estranhamentos normais num trabalho etnográfico, falar sobre religião com os jovens do bairro Dom Bosco não é tarefa fácil, assim como não é a reflexão sobre essas falas truncadas, desviadas, evasivas e invasivas. Religião parece uma máscara ou veste que podem tirar e trocar não sendo de interesse, todavia, viver em ela. Porque, pelo que pude perceber, a fé e o contato com Deus não dependem da mediação das religiões, mas dependem de ir a uma igreja.

Então, com frequência respondem que não têm religião quando não estão indo a nenhuma igreja e respondem que tem religião quando vão a celebrações, mesmo que não tenham feito os sacramentos de inscrição. Isso é uma irreverência religiosa que destrói o poder das igrejas cristãs de afirmarem quem é ou quem não é da igreja. Ao mesmo tempo, se os jovens se sentem livres para afirmarem ou não seu pertencimento, eles não tem conhecimento para dizer por que se dizem religiosos num momento e não religiosos em outros.

¹⁰¹ Bauman, o mal estar da contemporaneidade ()

Como disse anteriormente isso não é diferente dos demais lugares da cidade: dificilmente alguém conversa sobre religião com argumentos alinhavados e consistentes. Isso porque este tipo de conhecimento não é mesmo necessário para a dimensão religiosa. Fora dali, não ter religião pode ser compensado por outras formas de pertencimento civil que não alcançam os jovens do Dom Bosco. Por exemplo, no acesso às conquistas tecnológicas no campo da informática: hábeis no manuseio de tecnologias sofisticadas não têm acesso a ela, pois é caro adquiri-los ou frequentar lan-houses.

No futebol (quase não praticam outro esporte) as possibilidades de aprimoramento e profissionalização são pequenas: não têm quadras, nem treinadores, nem materiais esportivos, mas se dizem bons de bola (todos se qualificam assim) e por aí continua o desequilíbrio entre possibilidade e sua execução, envolvendo também as artes, os jogos e danças, e a música.



Os mais velhos aguardam a saída dos pequenos/apropriação do espaço público



Outubro 2010

Nesses desacertos, a situação do ensino religioso nas escolas aparece tensionada entre visões institucionais conflitantes existindo impasses entre Estado e

igrejas, entre religião e religiões, entre formação de professores e solicitações das famílias. Nesse campo de disputa, os adolescentes de escolas públicas, nas quais estuda a maioria dos estudantes do bairro Dom Bosco, ficam privados de mais uma forma de conhecimento, já que o conteúdo das disciplinas formais da educação pouco acrescenta como saberes instrumentadores da vida cidadã: saem das escolas numa condição restrita de domínio de leitura e escrita, sem considerar os baixos níveis de socialização e aquisição de valores culturais,

Assim, 18% dos jovens nessa faixa etária não frequentam a escola. E 55% do número total de jovens que a frequentam não terminaram o Ensino Fundamental. Vale lembrar que eles deveriam estar já inseridos no Ensino Médio, caso não houvesse distorção idade/série. Quanto ao mercado de trabalho, 29% já possuem alguma inserção, sendo que 71% deles recebem menos de um salário mínimo. Com certeza, são essas as frações dos jovens que entram mais cedo no mercado de trabalho e largam mais cedo a escola, antes mesmo do tempo mínimo obrigatório de escolarização e de proteção ao trabalho. São eles que evadem, abandonam, repetem anos na escola por não conseguirem acompanhar os ritmos definidos pela cultura escolar. São eles que buscam o ensino noturno e a Educação de Jovens Adultos para permanecerem estudando, o que demonstra que, apesar dos fracassos, o valor da escola ainda é relevante. São eles que não partilham do banquete da modernidade, restando-lhes as migalhas que lhes sobram. As promessas de ascensão social por meio de uma escolaridade longa distanciam-se no horizonte, pois nem a escolaridade básica e, mais precisamente, nem a educação prevista e garantida em lei como obrigatória e gratuita – o ensino fundamental – estão consolidadas para essa fração juvenil. (DAYRELL, 2011, pp 18)

Nesse contexto de substancial inadequação educação/projeto de vida, a religião poderia suprir a defasagem nas explicações lógicas da vida, que não cabem, vida e religião nos parâmetros científicos de compreensão do mundo.

Num pequeno vídeo de uma entrevista realizada entre eles, em 2011, três jovens falam sobre ensino religioso. Um deles, Paulo, o mesmo que em 2012 será citado como protagonista de uma disputa familiar entre suas duas mulheres e ele pelo pagamento de pensão alimentar e como pertencendo a uma religião afrobrasileira através da qual ameaça seus opositores, disse, à época da entrevista, *que eu frequento a igreja, estou me preparando para a crisma. Na minha família de agora todos são religiosos e isso ajuda muito. Agora, estou fora da escola, mas quando eu ia, não tinha aula de religião, não.* Ele hoje, em 2012, tem 23 anos e foi

um dos fundadores do REGGAEBEM do qual se afastou. Renato me disse que ele era muito fofoqueiro e trazia inquietação ao grupo

Outro entrevistado Wendel, um rapaz de 16 anos em 2011, 2º ano do Ensino Médio, percussionista do REGGAEBEM disse que já teve aulas de ensino religioso e que elas eram muito chatas e que ninguém prestava atenção. Fora da gravação ele disse que uma professora de ensino religioso queria que eles aprendessem a ler a Bíblia, mas que *a gente não queria nem saber daquelas histórias velhas e engraçadas*. O terceiro entrevistado Adriano 17 anos, 1º ano de Ensino Médio, estudante de piano, disse que nunca havia tido aula de ensino religioso e que era católico, mas que não ia à igreja nunca, que nem se lembrava de quando havia ido.

Refletindo sobre essas questões relacionadas à transmissão da cultura religiosa vê-se que se encontra em aberto uma fratura no campo que permite sentir como as improvisações e hibridismos vão reorganizando os resquícios de conhecimento religioso em forma e fórmulas diferentes, agora também sem a presença obrigatória de padres e pastores ou outro mestre ou profeta que mantenha o rebanho coeso. Ou professores escolares que supram a carência cultural dos adolescentes!

O ensino religioso não é mais do que campo de disputa entre confissões religiosas, sendo que em Juiz de Fora a Igreja Católica lentamente abre mão do privilégio de presidir as escolhas curriculares e os profissionais que atuam na área e os órgãos centrais da educação delegam às igrejas, em nome de um ecumenismo que admite com dificuldade as religiões não cristãs.

Mas, parece que o ensino religioso ainda não se desligou dos princípios hegemônicos do cristianismo. A citação abaixo parece excluir as religiões não transcendentais

Básico para a construção da paz na sociedade é a humildade para reconhecer que a verdade não é monopólio da própria fé religiosa ou política. E, no Ensino Religioso, pelo espírito de referência às crenças alheias (e não só pela tolerância), desencadeia-se o profundo respeito mútuo que pode conduzir à paz (...). Nessa perspectiva, o Ensino Religioso é uma reflexão crítica sobre a práxis que estabelece significados, já que a dimensão religiosa passa a ser compreendida como compromisso histórico diante da vida e do transcendente. E contribui

para o estabelecimento de novas relações do ser humano a partir do progresso da ciência e da técnica (FONAPER, 2009, 32).

Seria interessante se os adolescentes do bairro Dom Bosco e outros nas mesmas condições de abandono e desesperança pudessem ser olhados de uma maneira positiva, invertendo aos termos que os comparam aos bárbaros e quase selvagens. Num tempo de reconstrução e ressignificação dos mitos da modernidade, em tempos de “reencantamento do mundo”, existe uma “reserva de mercado” para quem opera com mais facilidade com elementos complementares à cientificidade do mundo contemporâneo. Eles concorrem para uma nova leitura de mundo com alguns acréscimos: a musicalidade, a aptidão para a criação em novas tecnologias e também a ousadia de serem heréticos sem serem por isso culpabilizados e execrados como acontecia anteriormente com ateus, agnósticos e indiferentes.

Nos adolescentes que ora se dizem religiosos eles estão invertendo procedimentos sem, todavia, terem noção aprofundada do que promovem. Eles não se veem como inovadores nem criadores de nada no campo religioso, mas também não se veem como inovadores e criadores de nada. Eles vivem simplesmente. Compreendê-los não é para eles coisa muito importante, pois eles se compreendem. É a sociedade que os colocam como problema, mas eles não se veem como problema social. O que lhes acontece de ruim são coisas da vida.

A religiosidade difusa que perpassa as histórias pessoais e coletivas dos adolescentes no Chapadão não deve ser percebida como uma colcha de retalhos onde cada fração de conhecimento mantém sua identidade e seu papel social, independente de estarem juntas costuradas e fixadas para sempre. Ao contrário, pensá-la significa admitir uma recomposição de formas sob uma base pré-existente que não perdeu ainda de todo seu campo de significantes.

Pode-se adjetivar essa religiosidade de muitas maneiras, tais como, religiosidade simplificada, mínima, menor ou indolente. Preferi usar o último termo, pois acho que tem mais a ver com a qualificação que daria aos próprios jovens em muitas de suas maneiras de agir e de ser: meio preguiçosos, convivendo com o ócio expandido das longas tardes de futebol na rua, dos descompromissos com os horários de encontros agendados, com a alegada apatia daqueles que querem resultados concretos de quem vive num mundo onde o único resultado desejado era

uma mudança de vida para a maioria dos jovens com os quais convivi no período de pesquisa de campo.

Não querendo isso dizer que estão inertes ou desavisados quando ao esforço que deveriam fazer para mudar algo em suas vidas. Só que eles parecem recusar movimentos frenéticos sem objetivos: negam-se a entrar em de sacos de gatos por esperarem que anjos e mensagens do além vão levá-los aonde desejam chegar. Esse parece ser o sentido das suas relações simbólicas com a dimensão do mundo invisível, qual seja, captar energia do outro de forma a superar a falta dela neste aqui. Tipo “segundas vidas” dos games.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve algo de serendipidade¹⁰². Mas teve também muito de previsível, histórica e socialmente construído. Foi assim.

O que consegui viabilizar e direcionar para um trabalho acadêmico daquilo que vi, ouvi e senti durante a pesquisa no Chapadão/Dom Bosco/Juiz de Fora/MG, no período compreendido entre março de 2010 a fevereiro de 2013, foi um misto de percepção linear da história alternando-se com ciclos iterativos de crises sociais e abandono cultural. Alguns eventos são repetições simples de situações já vividas, enquanto que outros acontecem sem que nada de assemelhado houvesse antes tido

¹⁰² É a arte de estar aberto ao imprevisto, de se deixar lançar na aventura, de compreender a beleza do desconhecido. É a capacidade, fenómeno ou agradável surpresa de encontrar algo inesperado durante a busca de alguma outra coisa. Segundo a etimologia, a palavra se origina do conto de fadas persa, As Três Princesas de Serendip. Serendip, de origem árabe (Sarandip) dá o nome da ilha de Sri Lanka, no Ceilão e seu uso no Ocidente vem de 361 D.C. Mas o sentido que conhecemos hoje vem da palavra Serendipity, inventada no século XVIII, pelo escritor inglês Horace Walpole. Serendipidade é usada frequentemente na ciência, química, medicina, quando, buscando um propósito acaba-se descobrindo alguma na cura ou invenção. Um exemplo de serendipidade remonta à época dos descobrimentos, quando Cabral, em busca das Índias, acidentalmente descobre o Brasil. Serendipidade é um estado na vida. Busca-se uma coisa e encontra-se outra.

<http://comecardenovopt.blogspot.com.br/2009/02/serendipidade.html>

lugar e nem se verá igual no futuro. Tecnologias comunicacionais, inovações médicas e desenvolvimento de transportes servem de exemplo de coisas que não existiram antes desta época, ao mesmo tempo em que o abandono no campo educacional, a desqualificação racista das pessoas e a permanência religiosa marcam ciclos que se repetem e se mantêm na história brasileira.

Gostaria de ter me apoiado de forma mais consistente na produção teórica nacional, mas terminei não trilhando preferencialmente esse e, apesar de existir aqui abundantes estudos sobre jovens e religiões, sobre famílias e pobreza, optei pelas referências teóricas estrangeiras. Não por simples colonialismo intelectual, mas porque os europeus, principalmente, estão vivendo neste momento uma necessidade de reflexão sobre multiculturalismo que de alguma forma se assemelha ao processo mais antigo brasileiro de convivência com o diferente em termos culturais e sociais. As questões da descolonização me são muito caras e se encontram na Europa os autores que refletem sobre este processo e não em suas terras de origem. Época de mundialização também dos estranhamentos e dentre eles aqueles provocados pelas questões relacionadas ao universo juvenil.

Declarando isso, amenizo a utilização de autores estrangeiros esclarecendo que as minhas escolhas desses interlocutores se fizeram entre aqueles que de uma maneira ou outra são autores de fronteiras políticas e ideológicas. São autores que repensaram o mundo a partir da ótica dos dominados e dos explorados, das diásporas ao longo de percursos históricos, agora são povos construindo suas identidades e reelaborando suas culturas após a descolonização de países africanos e asiáticos, com ênfase a partir na segunda metade do século XX. Usei nessa pesquisa o que foi mais cômodo e melhor sintonizado com o que queria expor e estive menos ligada aos limites geográficos na medida em que o local que foi estudado nesta pesquisa sugere um enclave de diferenças na homogeneidade cultural do seu entorno.

O trabalho etnográfico transcorreu com muitas alterações nos rumos e nas técnicas de coleta de dados, já esperados como hábito metodológico que privilegia o contato face-a-face. Comecei com a observação de um grupo de percussão composto de adolescentes e, paralela e complementarmente, com as informações obtidas de terceiros nas visitas ao local. Depois, aconteceram entrevistas audiovisuais realizadas pelos adolescentes do grupo de percussão que estavam

ainda atuando nele e os que já haviam dele se afastado. Isso enquanto o grupo esteve ativo. Quando ele foi desativado, passei a obter os dados da pesquisa individualmente, através de entrevistas semiestruturadas ou espontâneas e também através das falas de suas mães, vizinhas e outras pessoas do Chapadão.

Mas uma situação ainda não estava contemplada metodologicamente e causava inquietação: na medida em que avançava a pesquisa dava-me conta do engodo contido no projeto de estudo: no meu caso, a religião dificilmente poderia servir como eixo de análise da socialidade ou como nós de redes de conhecimentos e convivências. Isso porque, no bairro, ela havia se individualizado e isolado aqueles de quem ela poderia ser referência um do outro de tal forma que as pontes entre eles não suportariam o peso de racionalidades acadêmicas, estando agora na área da transitoriedade e da improvisação. Pois as religiões, as cristãs principalmente, estão em processo de mudança tão acelerada quanto à que vivem os adolescentes e então não seria possível ancoragem que situasse as regularidades percebidas.

Quando tudo muda, pode ser que nada da alteração possa ser percebida de imediato, ou seja, os cruzamentos de muitas dimensões, os eixos horizontais e verticais (tempo e espaço) se cruzando em vários momentos entretecem situações variadas. Essa variabilidade era enfim, um desdobramento do tema desta pesquisa, mas deveria ser analisada com cautela, pois, mais do que um dado quantificável sobre a comunidade que estudava, ela seria um dado que confirmaria as mudanças religiosas no âmbito global e no local.

As declarações dos adolescentes apontavam mais para uma afirmação de independência moral do que para simples pertencimento a esta ou aquela religião. Dessa forma, afirmar o pertencimento religioso sem medo das sanções que até pouquíssimo tempo dividia as pessoas entre confiáveis ou não, entre pessoas boas e más e como símbolo de não integração social, era prova de rupturas de amarras simbólicas. Todavia, a afirmação de independência vinha num misto de mágoa e de vazio, pois as religiões antes eram os espaços privilegiados para os atos de socialização e marcadoras das alterações biográficas e coletivas da comunidade.

os adolescentes podem se afirmar como não tendo nenhuma religião, mas não escondem algo de melancólico por verem se esvair mais um espaço que antes habitavam com mais facilidade. Muitos não eram de famílias religiosas, mas as

instituições religiosas eram refúgio nos tempos de necessidade e agora se furtam a essa função, como os adolescentes assim entendem. Outros ainda se mantêm ligados às instituições religiosas tradicionais, mas de uma forma muito frágil e nenhum dos que convivi neste tempo fazem parte de grupos de orações e outros grupos religiosos contemporâneos aos jovens religiosos de outros locais.

Os dados do Censo de 2010, particularmente no que dizem respeito ao crescente fenômeno “sem religião” significam o quê, afinal de contas? Considerando somente o que percebi no trabalho de campo, significam uma grande mudança no papel social das religiões. E também que existe uma grande desinformação e ignorância, por parte dos adolescentes, sobre doutrinas, mitos e ritos das religiões a tal ponto que, com exceção das religiões afrobrasileiras, as demais são tomadas como uma e mesma maneira de relação com o mundo sagrado.

Não existem diferenças marcantes entre as religiões para os adolescentes com os quais convivi: sair da igreja católica e ir para uma religião pentecostal ou neopentecostal tanto pode significar um ato de rebeldia, como de curiosidade, ou de interesse material, mas quase nunca de conversão propriamente dita. Ou seja, saem de uma religião, mas deixam a porta aberta para o retorno ou o abandono de ambas. A diferença entre as religiões estão mais relacionadas ao endereço e às construções dos templos do que nas diferenças doutrinárias.

Mas isso é um fenômeno do Chapadão? Não, ainda mais que ainda não tomei ciência de como fazer para deixar de ser de uma religião em qualquer lugar. É fácil se declarar, como muitos adolescentes o fizeram, *agora sou evangélico*, mas isso não quer dizer que houve algum ato, além da vontade, de desfiliação do pertencimento anterior. Quem foi batizado continua católico, e quem não foi batizado não deveria ser chamado de católico, mas eles o fazem sem nenhuma dificuldade. Então a dupla pertença é hábito enraizado nas várias religiões cristãs. Não se exige fidelidade religiosa e os adolescentes aproveitam-se dessa brecha “burocrática” para transitar com liberdade entre elas. Ou não.

Um pertencimento formal significa muito pouco para eles em termos de fé. Esta parece que não está em disputa nem responde aos dados de pesquisa. Eles protegem a sua liberdade de crer como querem, no que podem crer, no que querem

crer e para proteger suas bricolagens culturais, seus oximoros sincréticos¹⁰³, suas possíveis mudanças sem culpa e sem remorsos. Uma forma de reação que impediu por muito tempo que eles falassem de suas religiões o que também ocorreu por dificuldades no campo das linguagens.

Desvela-se aí um vínculo importante entre religião e educação. O vocabulário religioso é muito reduzido por falta de informação. O número de analfabetos funcionais é muito grande e eles não leem a bíblia ou outra fonte doutrinária e quando aparece alguma alusão a uma passagem nelas descritas, vem sempre com a informação preliminar “*porque o pastor da minha igreja disse que...*”. Tive o cuidado de em algumas casas perguntar quem lia a bíblia e somente dona Maura respondeu que a conhecia um pouco, mas que não sabia ler e o que sabia tinha sido em função da leitura que o pastor fazia¹⁰⁴. Os demais, entre os católicos então isso é mais comum ainda, dizem que escutam os evangelhos nas celebrações em que participam e que em casa só rezam quando podem.

A maioria dos adolescentes vai aos cultos movida por algo diferente do que seja fé e crença, e quando estão ali participam como se tivessem pleno conhecimento das doutrinas e das liturgias. Mas o que pareceu ser mais comum foi a “curtição”, como disse um dos rapazes do REGGAEBEM que havia participado de um fim de semana de evangelização numa granja nos arredores da cidade. Ele disse que tinha se inscrito porque lá eles dariam lanche, que teria muitas gatinhas e que, de quebra, muita música e danças. Ele estava atrás de novas emoções e das velhas também já que o “tem lanche” é um motivador importante para participações em qualquer evento, não só os de cunho religioso. Em termos de fé não foi uma experiência inútil, pois ele retornou se dizendo limpo, como se estivesse lavado. Isso durou mais ou menos duas semanas, pois quando lhe perguntei, posteriormente se ele estava frequentando os cultos depois de ter sido evangelizado, ele disse que não, que para ser de Deus não precisava ir a lugar nenhum, pois ele sozinho dava

¹⁰³ Por exemplo, quando pessoas que estão na faixa dos quarenta anos e que desde a adolescência pertencem a uma determinada igreja evangélica mas tendo sido criada como católica e recebido todos os sacramentos até aquela idade, ao me apresentarem a imagem de Nossa Senhora que escapa dos telhados, ela demonstrou um respeito e devoção incompatíveis com a fé professada atualmente.

¹⁰⁴ A ABAN mantinha um grupo de evangelização semanal com leitura e comentário da bíblia com intenções claramente comportamentais pois textos eram escolhidos dentre aqueles que de alguma maneira reforçavam alguma estratégia social da entidade.

conta de orar e seguir a fé¹⁰⁵. Cerca de um ano após, esse mesmo rapaz me disse que não tinha mais nenhuma religião, porque os pastores só queriam o dinheiro dos fiéis. Frase feita, ouvida muitas vezes e um dos elementos discursivos usados quando não querem conversar.

Voltando aos dados do Censo de 2010, ele indica tendências desenhadas a partir de declaração autorreferente de pertencimento religioso. E aí tudo seria possível, variando com momentos da história pessoal e coletiva, da forma como a pergunta foi apresentada, se quando responderam ao recenseador eles estavam sozinhos ou acompanhados e por quem. Se o pastor ou o padre, dependendo da afiliação religiosa, os acolhe. Se as igrejas de alguma maneira suprem seus desejos imediatos e dão algum retorno material. Se existe algum outro interesse em jogo para além das questões de pertencimento por questões de fé ou de manutenção de tradições familiares, etc.

São tantas as variáveis, tantas as possibilidades de práticas religiosas ou de simples contemplação devocional, que me parece difícil que o Censo consiga sugerir algo além de tendências que falam mais de trânsito acelerado entre as igrejas do que propriamente predomínio desta ou daquela instituição religiosa.

Não que o desenho dessas tendências careça de importância. A partir dele pode-se pensar com mais propriedade, por exemplo, nas questões voltadas para o campo minado do ensino religioso nas escolas, que é uma das derivações possíveis desta pesquisa, mas não mais a principal. Nem por isso deixei de manter a referência aos adolescentes como conceito restrito à faixa etária acordada pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e Adolescentes por coincidir com o tempo de permanência dos estudantes nas escolas. Afinal de contas, sustenta-se que aos dezoito anos os jovens saíam no ensino médio com educação geral suficiente para o ingresso no mundo do trabalho e na nova faixa etária dos adultos. Se esta

¹⁰⁵ Registe-se que para ir ao evento do fim de semana em uma granja próxima da cidade a igreja patrocinadora enviou ônibus para transportá-los e aos demais ao local do evento. Mas o templo e dessa igreja é longe e precisa de ônibus para chegar lá e assim a carência de dinheiro para as passagens dificulta o ida aos cultos. Alguns não usam bicicletas para seus deslocamentos porque moradores de outros bairros rivais costumam se apropriar delas, jogando-os no chão durante o percurso.

tese servir para organizar um pouco a questão do ensino religioso eu já me daria por satisfeita¹⁰⁶.

Esta última dimensão religiosa, qual seja disciplina escolar “ensino de religião”, deverá merecer uma reavaliação quanto aos conteúdos e abordagens metodológicas. Pois deverá reconhecer que a multiplicidade religiosa não está afeita somente às diferenças entre as religiões e, no caso das religiões evangélicas, entre as denominações próximas à escola, mas também às diferenças, no caso da religião católica, entre as linhas políticas e doutrinárias nos sacerdotes de suas igrejas, entre aqueles mais afinados ou mais distanciados com o conservadorismo atual e com o papel dos demais leigos nas atividades paroquiais.

Não menos importante que a situação acima, apenas esboçada, o professor de ensino religioso deve ainda contemplar com ensinamento religioso, considerado então como conhecimento humano, aqueles adolescentes que se dizem sem religião.

Mas durante a pesquisa a motivação pela disciplina “ensino religioso” foi deslocada em importância metodológica. Os dispositivos convencionais de estruturação social, tais como educação, saúde, transporte e moradia funcionam como anteparo e pano de fundo onde se recortam suas ações, mas são somente isso atualmente, na vida de alguns adolescentes que conversei. Era algo ligado à maneira descompromissada com tudo aquilo que anteriormente significava segurança e liberdade.

No Chapadão um pragmatismo acentuado estabelece comparações com as diferenças existentes em outras situações espaciais e temporais. Pensei que se pudesse relacionar com outras situações, o produto desta comparação seria mais facilmente precipitado como singularidades daquela população. Isso porque a dinâmica desta pesquisa colocava em dúvida as próprias assertivas anteriores ou pelos menos as matizava, atenuando-as. Por exemplo, quando percebi e nomeei a “juvenilização da pobreza” estava referindo-me ao empoderamento consequente à distribuição dos recursos da bolsa-família, que coloca as crianças e os adolescentes na condição de “provedores” de suas famílias muito pobres.

¹⁰⁶ Relembro que sou analista educacional da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, lotada na Superintendência Regional de Ensino de Juiz de Fora-MG com atribuições do cargo compatíveis com atividades na disciplina de Ensino Religioso nas escolas deste município e em outros que pertencem à circunscrição da SRE-JF

E como acontece nos demais estratos sociais, os filhos são também objeto de disputa também nos casais separados, mas no Chapadão estas situações estejam agudizadas pela precariedade de fontes de sustentação familiar. Analogias possíveis, mas insatisfatórias.

Muitos outros argumentos, fundamentados teórica e metodologicamente, também passaram por processo semelhante de falsificação e relativização, dentre eles o de gueto (e fronteiras), visibilidade e moralidade. Por muito tempo sofri percebendo que a banalização de alguns pressupostos (arduamente elaborados e facilmente destruídos) colocava em risco o caráter acadêmico do meu trabalho. As teorias chegavam e não passavam no teste de validade para o contexto estudado. Mais sustentavam as exceções do que colaboravam nas regularidades.

Quando, no final do ano de 2012, retornei ao campo em algumas visitas não programadas obtive dados que permitiram descrever as mudanças que ocorreram no período desta pesquisa e aí as informações foram mais de cunho informal do que entrevistas propriamente ditas, que também foram realizadas por um dos rapazes do grupo de percussionistas, mas não mais com a centralidade que tinham nos momentos anteriores em que eles se entrevistavam.

A convivência com as rápidas transformações biográficas e as permanências sociais foram alguns dos balizadores de elaboração deste texto uma vez que não só os sujeitos da pesquisa, adolescentes de uma forma geral, estão mesmo em processo biológico e cultural de transformações, mas também porque as situações que os envolvem também possuem um dinamismo que se imiscui nas rotinas e nas visões do mundo ao redor. As mudanças no campo religioso foram se depositando ao longo dos depoimentos, mas restam ainda muitas reações antes que possa ser objeto consistente de indagações.

Mas, mesmo que tudo em seu redor permanecesse estável, os adolescentes com os quais trabalhei nesta pesquisa de campo seguiram suas transformações biológicas e psicológicas relativas ao momento de suas vidas, e inventaram maneiras de ser para expressar suas identidades em efervescência expressiva. De acordo com Matteson (1972), na adolescência não ocorre uma única crise de identidade: no princípio da adolescência, mais voltadas às mudanças corporais e, no final, mais voltadas às ideologias. Em cada época que se medir o estado de identidade pode haver mudanças no mesmo indivíduo. Essa identidade em

construção que reflete sobre si mesma também está sujeita aos embates do exterior nas relações pessoais, institucionais e, enfim, ideológicas. Mas o mundo ao seu redor não permaneceu parado.

Durante o tempo em que estivemos juntos, eles se interrogaram sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor e sobre o mundo mais distante. Sobre as pessoas, acontecimentos e sobre religião, forçadamente colocando em foco questões relacionadas ao campo simbólico e transcendente. Fora das instituições que antes promoviam estes debates.

Com a devastação causada pelo uso de drogas, acentuada com o advento do crack e outras mais danosas ainda, foi fácil colocarmos vida e morte, passado e futuro, projetos e sonhos, sorte, oportunidades, e azar, amizade, paternidade, trabalho e ecologia em pauta. Consumo e tecnologias. São temas das conversas com amigos e reflexões pessoais que vão modelando suas biografias particulares e as relações sociais, de acordo com seus relatos sobre sugestões de conversas que focalizam as suas preocupações e seus desejos.

A morte de amigos é particularmente sentida e avaliada, não só pela ausência em si mesma e a incompreensão sobre a extensão do acontecimento, mas também porque eles se colocam, imediatamente à notícia, no lugar do morto, como se aquela morte pudesse ter acontecido com eles, mesmo os que não usam drogas nem vivem em situação de risco. É que os limites entre usar ou não drogas, ser ou não ladrão, ser ou não bom estudante ou um bom pai, ou mãe, são dados não só pela lógica construída nos percursos biográficos, mas também pelos acidentes, pelo acaso, pela imprevidência.

Percebi muitas vezes que eles se sentem marcados para morrer. Ter ou não religião, neste contexto, não os preserva desses sentimentos depreciativos. Isto para uns. Outros se sentem confortáveis com ela e outros não se valem da religião nesses momentos. Mas, no momento seguinte essas posições podem ter se invertido.

Frente ao perigo mesmo imaginário existem também aqueles que o enfrenta usando várias estratégias, dentre elas, correr diretamente para o que os ameaça respondendo corpo a corpo à agressão, como aqueles que descaradamente se envolveram em atos ilícitos, há os que fogem e há os que agacham, tampam a cabeça e esperam o perigo passar. Sejam quais forem os recursos, todos eles

marcam suas biografias como os signos do inesperado previsível, quer dizer, a que faltam somente o nome do protagonista e a data do evento, mas não o evento em si.

Enfim, no período em que estive no campo, aconteceram algumas tragédias e acidentes de monta: mãe grávida que convivia no ambiente da ABAN foi esfaqueada e o feto não resistiu aos ferimentos no abdome de sua mãe que ficou muitos meses no hospital; um jovem que participava do REGGAEBEM foi assassinado em junho de 2012, dois rapazes foram presos por porte de drogas, várias garotas ficaram grávidas, duas mães portadoras do vírus HIV abandonaram o tratamento assim como uma que tinha diagnóstico de tuberculose; uma casa caiu com as chuvas; outras permanecem do mesmo jeito que antes, à espera de algum desastre. Pessoas se mudaram, pessoas chegaram, crianças nasceram e idosos morreram, a vida seguiu seu curso sem muita dramatização, nem sofrimento exagerado. Todavia, não mudou a igreja do bairro que continua fechada a maior parte do tempo e vazia também a outra parte.

Há que se suspeitar da fixação nos aspectos dramáticos da existência no Chapadão. De fato, eles se movem com muita flexibilidade pelos caminhos da inventividade, improviso e irreverência. E também alegria, brincadeiras e deboches. Reparando nos arranjos, familiares e residenciais, suas casas são metáforas das articulações com os dispositivos da sociedade enquanto doações, reciclagens e improvisos; com as pessoas, solidariedade, mutirão, companheirismo, “parentesco de ficada”¹⁰⁷; com cálculos estruturais e geométricos: justaposições, sobreposições, aberturas imprevistas, degraus sem apoio. Criam suas maneiras de viver nos improvisos do cotidiano e com os recursos disponíveis ou inventados.

Os corpos são meio e fim, espaços quase único e quase irrestrito de algum domínio. Os jovens alimentam seus desejos de ter e de poder com incursões no próprio corpo: os cabelos, as roupas, os gestos e o jeito de caminhar. Para Maffessoli (2010)¹⁰⁸, é possível que a relação das jovens gerações com seu corpo e a tônica posta no qualitativo da vida, tudo isso seja o índice de saturação do indivíduo frente às imposições sociais e culturais do mundo contemporâneo. Ou

¹⁰⁷ Foi uma expressão diferente e significa que alguém virou parente sem ter laços de consanguinidade, como, por exemplo, uma menina ficou morando com a vizinha enquanto a mãe estava internada, tratando de tuberculose e depois foi ficando e não voltou para a casa da mãe quando esta retornou do hospital; outra menina estava morando com sua tia, porque na sua casa não tinha lugar para mais uma cama. Significa que *não era parente, mas ficou sendo*.

¹⁰⁸ Maffesoli, 2010,38

seja, no processo geral percebemos apenas a dissolução das certezas por meio das reações materializadas em seus comportamentos, mas ainda não se vislumbra a cristalização ou precipitação. Vê-se que algo acontece com eles, mas não se vê o que seja. Perigosamente ousam também com o sexo sem preservativos, moto sem capacete, pipas perto de fios de eletricidade. Mas também com sabedoria e perspicácia¹⁰⁹ evitando conflitos previsíveis e afastando-se de locais que lhes são hostis, como bairros com rivais e shoppings centers.

Na arrumação de suas casas, novas visões de rearranjos e reaproveitamentos: panos escondem buracos em sofás ou improvisam cortinas que bloqueiam a luz intensa nas janelas e possibilitam um mínimo de privacidade. A televisão sempre ligada limita a chegada de outros sons indesejados e ausência de relógios é indicativa do desprezo com os compromissos assumidos: chegam sempre atrasados, quando chegam. Fogões a gás sem gás: o fogo vem de madeira queimada na trempe do fogão. Banheiros sem portas. Nada de constrangimentos nos momentos de visitas.

Todavia, percebi situações de constrangimento quando, por exemplo, um dos rapazes me disse que tinha de trabalhar para pagar a pensão da filha, se não poderia ser preso. Ou quando uma mãe me disse que não sabia onde o filho estava. Ou ainda quando não tem dinheiro para comprar o gás. O pagamento de gás, água e luz pontua muitas conversas.

Nada é estável, nada é definido de antemão, mas essa instabilidade e indefinição acabam sendo uma forma de organização que, acentua uma maneira jovem de viver e que acaba por ser exportada para a comunidade em geral, pois a preponderância dos efeitos dos seus atos sobre os demais moradores é marcante. Seja pela intempestividade de seus atos e das suas falas, seja pela irreverência e pelas maneiras de se relacionar com os conhecidos e com os desconhecidos também, os jovens são os “dominadores” do “pedaço”. Eles dominam os demais moradores, parentes ou não¹¹⁰.

¹⁰⁹ Essa percepção de que eles sabem o que seria melhor para eles me acompanhou quando refletia sobre o que os afasta da religião, pois, de acordo com entrelinhas de suas falas, as igrejas mais aumentam suas cargas do que as aliviam.

¹¹⁰ Mas não conseguem o mesmo efeito junto às igrejas, daí um dos motivos de afastamento dos cultos, sem, todavia, descartar a religião completamente de suas vidas.

Além de comportamentos e atitudes extravagantes e irreverentes, crianças e adolescentes de muitas famílias, principalmente aquelas mais fragilizadas, se apresentaram com outra função, inexistente e impensada anteriormente, qual seja a de provedores, parciais ou, em alguns casos totais, do sustento familiar. Não encontrei literatura a esse respeito, ao que chamei de juvenilização da pobreza.

Não que anteriormente as famílias não contassem com a colaboração dos jovens na manutenção da casa. Se assim não fosse, tantos deles, ao longo de histórias longínquas, não teriam abandonado os estudos para auxiliar suas mães e irmãos na manutenção da estrutura familiar e não se estaria combatendo-se ainda o trabalho infantil.

Mas esse tipo de contribuição familiar não é a que estou me referindo. O que está em pauta é a obtenção de recursos via políticas sociais de combate à pobreza e via processos jurídicos. Como se sente um adolescente ou criança cuja família depende dele para receber o dinheiro mensal da Bolsa-família, por exemplo? Ou que a pensão alimentar é objeto de disputa jurídica entre os pais, como nos demais segmentos da sociedade em geral, mas ali significando fome e demais privações? Friso este aspecto porque ele será importante no argumento de novos papéis assumidos pelos jovens dentre outros menos tensos como, por exemplo, o domínio da tecnologia informacional e comunicativa que cria contrastes com os demais moradores.

A sociedade contemporânea assiste ao empoderamento da juventude em algumas situações, como as acima, ou quando exercem o protagonismo de atos ilícitos e uso de drogas, e também como padrão de beleza corporal, mas não encontrou ainda meios de enfrentar os problemas com os quais os jovens convivem com propriedade e então cobra deles procedimentos nos moldes tradicionais.

As políticas públicas são elaboradas sem conhecimento da realidade e sem amadurecimento de questões posteriormente colocadas: o que se recebe em benefícios sociais por criança e adolescente está sendo avaliado em função das necessidades particulares ou está criando outras necessidades que anulam a autonomia perseguida? A situação masculina foi pensada em termos de organização familiar? Não vi, nas visitas ao bairro, nenhuma criança desnutrida ou famílias em condições de miséria irremediável, mas não vi também nenhuma mãe fazendo algum curso ou atividade por conta das políticas públicas e de combate à miséria e à

fome, visando sua emancipação. E vi, em várias situações, pais que exibem seus afetos por primos, enteados e vizinhos, mas se constroem ao falar de seus próprios filhos.

A centralidade nas mães e nos seus filhos nestas políticas de redistribuição de renda afastou da figura masculina o poder de decisão dos pais e a família se ressentiu disso. Juvenilização da pobreza, despatriarcalidade nas famílias: neologismos desnecessários anteriormente e incômodos hoje.

Essa juvenilização da comunidade não ocorre, todavia, sem outras implicações que agudizam tensões intrafamiliares. Durante as visitas ao bairro a prevalência dos jovens nas preocupações de suas famílias é muito grande. Quase todas as mulheres com quem convivi durante as reuniões do batepapocomasamigas.com colocavam os filhos no centro das conversas e das preocupações quanto aos arranjos familiares e sociais. Desde o jogo de bola na rua e a gritaria que o acompanha, o carro com som alto ou sem escapamento, as brigas nos becos, o consumo de drogas, etc., mas também brigas entre irmãos, dificuldades na relação com a educação; em todos esses espaços os jovens criam situações de confusões e inseguranças para suas mães. Menos num espaço: o espaço das religiões me pareceu mais resistentes às incursões dos jovens nas celebrações e nas ações sociais.

Se os demais lugares estão sujeitos à influência deles de várias maneiras, positivas e negativas, os espaços religiosos inibem estas manifestações, dependendo de que linha de atuação pertence o sacerdote de sua igreja, tanto sejam evangélicas em suas várias denominações ou católicas. Às religiões afrobrasileiras não se fazem referências nessa faixa etária e cultural. Considerando o catolicismo, se o padre compartilha a ideologia da teologia da libertação e/ou comunidades eclesiais de base, os adolescentes são admitidos e suas propostas de alterações litúrgicas são aceitas com menos restrições, como já aconteceu antes na comunidade com um padre da linha progressista. Mas o mesmo não acontece com as orientações mais conservadoras da Igreja Católica atual.

Pareceu-me que a linha carismática é menos sujeita à incorporação das sugestões diferentes do que já está de antemão ordenado, mesmo que com discurso de maior participação. Pelo que pude depreender, a linha atual é mais conservadora

e mais normatizadora, apesar de parecer o contrário, pois os jovens estão mais afastados agora.

Essa função normatizadora forma pequenos grupos que dificulta a interação com a comunidade em geral. As mulheres da Igreja Católica, preferencialmente as mais velhas, chamadas “beatas”, não aceitam as atividades irreverentemente religiosas dos jovens e criam tensões com as mães deles que acreditam que a religião tem o poder de proteger seus filhos dos perigos das drogas e outros. As mães de filhos adolescentes se veem mais desamparadas sem a cooperação das igrejas, quaisquer que sejam elas.

Então, não foi só conviver com as mudanças próprias da idade e da sociedade que desenharam os rumos desta pesquisa. Quando o projeto de pesquisa foi elaborado como requisito para o doutorado eu inicialmente pensei que a religiosidade dos jovens poderia ser um recurso para conhecê-los, uma vez que formaria uma rede cuja capilaridade deveria penetrar onde nenhuma outra rede de interações conseguiria tal intento. Realmente as questões voltadas para o que se pode chamar de campo religioso perpassa toda a comunidade do Chapadão e mesmo quando os jovens se recusavam a falar dela, mesmo assim ela estava presente silenciosamente às vezes, como pano de fundo ou como anteparo.

Mas o que eu não percebi desde o início é que a religião está em processo de mutação do mesmo modo que os jovens do Chapadão e da sociedade em geral, e assim é a própria religiosidade que adquire nuances cambiante a ponto de me inquirir sobre que religiosidade estava me referindo quando elaborei este projeto de pesquisa. Mesmo a que me parecia mais estável, a Católica, parece-me agora uma babel de concepções doutrinárias e apostólicas. De acordo com a linhagem, os adolescentes são mais ou menos acolhidos, mais ou menos compreendidos.

A religião é uma área de conhecimento humano das mais antigas e, só para me deter no judaísmo e posteriormente no cristianismo, são milhares de anos alicerçando relações sociais, pessoais e culturais. Guerras e conquistas, moralismo e transcendência, religião oficial ou estado laico, disputas pelo poder político e por poder econômico. Nada disso é considerado muito importante pelos fiéis do Chapadão que querem da religião somente um pouco de segurança para ousar pensar nas coisas desse mundo e no após morte e liberdade para se manterem no que são e poderem também mudar quando for necessário. Para os rapazes e moças

do Chapadão parece que a religião, qualquer que seja, é uma falta, um vazio de segurança e liberdade e continuam nela como simulacro já que contam com eles somente para romper as vicissitudes da vida. Renegados, alguns anseiam voltar, mas não sabem para quê.

Se me prendo mais às referências à Igreja Católica é porque é o único templo no bairro e também porque eu, por ter tido educação católica, entendo um pouco as liturgias, os dogmas e a doutrina. E foi a ela também que as críticas e as rejeições se fizeram mais agudas nas entrevistas e nas conversas que tivemos, como se às demais religiões não coubessem julgamentos porque nada delas fosse esperado. Por outro lado, nos depoimentos que ouvi dos adolescentes, as referências às denominações evangélicas não me pareceram diferentes em relação a algumas linhas dentro da Igreja Católica. Explico.

Nas falas quase sempre aparecia o julgamento das atitudes do sacerdote (padre ou pastor) em relação às crianças e adolescentes. O que eles expressavam enquanto *o padre era legal*, ou *o pastor me ajudou, orando e me dando a palavra do Senhor*, *o padre quis fazer uma missa com a gente, mas depois parou*, *a Igreja de São Mateus não manda um padre para aqui*, *na Igreja não tem nada para os meninos, não*. *Lá (no Instituto Dom Orione) a gente reza todo dia*, ou *mudei de igreja porque o pastor disse que a castidade era modo de se chegar à casa de Deus*.

Quase sempre são falas de rejeição. Nas que ouvi nas quais os sacerdotes não eram avaliados de forma pelos menos duvidosa, os jovens também não eram considerados enquanto tal, mas como fiéis comuns em busca de conselhos. Então, as igrejas em geral não são áreas de distensão ou de abertura para as atitudes criativas dos jovens. Antes, são freios, moderadores e modeladores, nem sempre ajustados às efervescências juvenis.

Parece-me também existir um julgamento das igrejas em suas fraturas e distensões internas. De acordo com as interpretações doutrinárias, dentro de uma mesma igreja os adolescentes e as crianças vão ser mais ou menos aceitos enquanto tais se o padre ou pastor for de uma linha, mais progressista, no caso católico com orientações sociais como os da teologia da libertação ou das comunidades eclesiais de base, os adolescentes serão aceitos com mais facilidade nas liturgias não ortodoxas, como nas missas negras e missas jovens (quando os demais fiéis não desaprovam esses eventos). Quando os sacerdotes são ligados a uma visão

tradicional, os jovens quase não tem vez, a não ser que adotem a postura deles esperadas. É essa linha que é a mais criticada por eles. Eles disseram que na igreja carismática *o povo canta e bate palma e depois continua tudo de mesmo jeito*. Essa é uma maneira de entender o afastamento dos adolescentes das igrejas.

Então em determinado momento desta pesquisa me vi no meio de um redemoinho. Os sujeitos, adolescentes, naturalmente mutantes e mutáveis, mais as igrejas em crise de expansão ou de retração, conforme sejam evangélicas ou católica. Vou começar mostrando algumas adaptações e correções de rumos que foram necessárias para que eu não me perdesse nem me desesperasse frente à instabilidade do percurso.

Anteriormente comparei minha pesquisa, em vários momentos, a um pisar em areia movediça pela desarticulação entre ações e ambiente. Noutros, vi desenrolar, numa memória que não me pertencia, a justaposição de perdas e de desqualificações continuadas ao longo da história da humanidade (Brasil, inclusive). Não só pelos percalços da longa duração histórica dos africanos nesta terra, mas também pelas peculiaridades da educação, das religiões e da economia da sociedade brasileira, o fato é que mudanças aceleradas neste início de século se imbricam em permanências absurdas e, ambas, mudanças e permanências jogam entre si e competem entre controle e invenção¹¹¹ e dão suporte ao que vi e ao que eu não vi.

O universo agitado dos adolescentes contemporâneos é pauta de estudo em várias áreas de conhecimento: seja na educação, saúde, religião, filosofia, esportes, etc. Quando escolhi os do Chapadão/Dom Bosco para o foco desta pesquisa sabia da fama que os precedia: violentos, drogados, desatentos, apáticos, perigosos, mas, principalmente, quase desconhecidos enquanto pessoas e sujeitos históricos.

No trabalho de campo, vi que, com respeito aos jovens, o grau de instabilidade era ainda maior do que eu poderia pensar. Até alguém entrar em uma das casas que mais parecem uma toca, úmida, com cheiro de coisas enterradas, sem banheiro, pias, sem privacidade, ou com seus pais ausentes, cuidados pelos avós, morando em casas de vizinhos ou parentes hostis, não se pode imaginar o que seja a

¹¹¹ Cf. Roy Wagner. A invenção da cultura, 2010

vida naquela comunidade. Isso sem considerar a devastação causada pelo uso e o comércio de drogas.

Nem todos usam drogas, nem todos tem suas casas deterioradas, nem todos são alunos medíocres. E aí começaram as transformações no meu olhar e na maneira de percebê-los e de compreendê-los. Evitei a romantização da pobreza, mas não consegui evitar a parcialidade nas avaliações sobre eles dos aparelhos e das tecnologias sociais que os assistem. Evitei o maniqueísmo da defesa intransigente e o pieguismo, mas não evitei a compaixão e a perplexidade.

Existe no ar a sensação de que as discussões com foco na juventude saíram de moda, reduzidas aos setores diretamente ligados a ela e dentre eles não parecem que as igrejas de modo geral estejam empenhadas nessas reflexões. Isso porque os problemas da juventude sofreram uma complexificação com a presença do crack e outras drogas tão destruidoras quanto e a solução não passa mais pelas vias anteriormente usadas para se pensar a adolescência, a juventude e mesmo os que já não estão mais nestas fixas etárias como acontece com pais dos nossos jovens.

O problema é tão grande que parece ter feito recuar as teorias e as técnicas de enfrentamento da degradação da população mais empobrecida. De quebra, a população de jovens que não se envolvia com drogas ficou mais ainda abandonada pelas instituições tradicionalmente de referência ao cuidado com eles, tais como a educação, saúde e as religiões. O que se vê enquanto políticas públicas voltadas para eles não conseguem cumprir os objetivos declarados. Por exemplo, o PEP¹¹², criado em 2007, não tem todas as suas vagas preenchidas. Perguntei aos adolescentes, num ensaio do REGGAEBEM logo no início da pesquisa, porque eles não se inscreviam no curso e as respostas se dividiram entre não saber da existência do PEP ou então que a prova era muito difícil e eles não tinham condições de passar.

Parecia-me que as atividades em torno da juventude saíram de moda. E também que essas eram atitudes que poderiam ser comparadas com o que eu havia sentido em relação às igrejas. Jovens pobres, negros, não sendo considerados como estando nas condições de vulnerabilidade social (e esses também) têm ainda menos

¹¹² Programa de Educação Profissional – SEE/MG

espaço de reivindicações e são apagados como sujeitos e como objetos de políticas públicas.

Mas nesse campo confuso em que se misturam todos numa mesma rubrica “jovens perigosos” e num mesmo mercado livre de bens simbólicos a religião me pareceu não mais uma rede capilar de acesso aos adolescentes, como pensava quando elaborei o projeto de pesquisa. Ela, na sua atual condição não poderia mais servir de mapa de acesso, estava penando com instabilidades colocadas pelas tensões do mundo contemporâneo e a se debater com as tecnologias informacionais, biotecnológicas e globalizadas.

Quer dizer, antes a religião poderia dar o rumo, hoje ela também o está procurando, pois, refletindo sobre os depoimentos dos adolescentes informantes desta pesquisa, as práticas religiosas têm pouco a oferecer a não ser preces e atendimentos individualizados. Para essa faixa etária, não existem grupos de orações, nem atividades coletivas, nem um discurso voltado para eles, isso nas religiões que eles esporadicamente frequentam. Para os que se dizem sem religião, não existem mesmo nada que promova o acesso aos bens simbólicos resguardados pelas religiões.

Não basta, todavia, afirmar as mudanças nas religiões. É preciso compreendê-las aos olhos dos interesses adolescentes. De acordo também com as entrevistas realizadas e gravadas em áudio visual, os jovens se ressentem da falta de liderança adulta que minimamente substitua a figura paterna muitas vezes ausente. Então não se trata de um discurso doutrinário, mas de um discurso compreensivo e compassivo com pouquíssima transcendência, que não deve, todavia, estar completamente ausente.

Para eles a morte é nada mais do que fatalidade: *usou* [drogas], *dançou*. Percebi pouca coisa relacionando religião e culpa. Pecado foi um termo que nunca ouvi. Então o que eles demandam é uma religião que pode ser secular, esportiva, musical ou associativa, mas que dê sentido ao cotidiano amorfo e instável. A fixação nos sacramentos como marcas de pertencimento e de diferenciação também afasta os adolescentes por problemas que não estão na esfera religiosa como ter ou não registro de nascimento ou de casamento dos pais.

Considerando a posição de protagonistas que os adolescentes, principalmente os mais agitados, possuem na comunidade do Chapadão, o papel da religião é ameaçado pela recusa deles ao enquadramento ortodoxo e assim a declaração de não pertencimento religioso aparece como falta, não como ato de libertação e autonomia. Antes, é sentida como um vazio ressentido. A religião não busca efetivamente por eles, e eles se sentem como não convidados, como se fora carta fora do baralho. Não é uma situação cômoda para eles existir um local onde eles não são “os donos do pedaço”. É quase uma questão geopolítica, na medida em que a influência junto aos territórios próximos, bairros vizinhos, é mantida pela luta de gangues e limites de trânsito rígidos.

Eles ainda não se libertaram das amarras culturais que prezam e respeitam nas igrejas, como já o fizeram no campo da educação, onde as escolas são espaço de manifestação de insatisfação materializada nos atos de vandalismo e desprezo pela educação formal.

O que mantém esse patamar de reverência com as igrejas, ainda que ameaçadas com a declaração de não pertencimento religioso, é ainda uma incógnita. Qualquer que seja a denominação religiosa ela é objeto de respeito a tal ponto que na comunidade não existem disputas religiosas como em outros locais. As pessoas não são julgadas por pertencerem a esta ou aquela religião. Ou melhor, o pertencimento às religiões afrobrasileiras implica numa ameaça pelos poderes mágicos que os pais de santo acumulam. Em dois momentos esse receio apareceu nas entrevistas e em ambos temia-se que o mal fosse feito contra alguém. Fora isso, cada um tem sua religião e ninguém é criticado também por tê-la ou não.

Apesar de ter encerrado o trabalho de campo, sinto que esta parte relacionada ao pertencimento religioso e a falta de conflitos entre as religiões precisa ser mais bem investigada. Pois então, o que faz essa comunidade algo diferente quanto aos conflitos religiosos haja vista a grande produção teórica que afirma ser esse um dos elementos dos conflitos sociais nas áreas populares? Por que os adolescentes que declararam não pertencer a nenhuma religião tinham falas com tons de mágoas e alegação de limites difíceis de transpor? Por que os que se declaram religiosos falam disso de forma apática, distanciada, como se ir à igreja fosse o mesmo que contemplar uma foto de paisagem desconhecida? São detalhes que não me ofereceram repouso.

Mas como fazer isso face ao conservadorismo das igrejas tradicionais e a impossibilidade técnica das novas denominações religiosas? Não são só os adolescentes enquanto tal que se apresentam como solicitadores de visto de entrada nas religiões, fiéis em potencial. Junto a eles pedem licença para entrar também os homossexuais, ladrões, estupradores e seus filhos, drogatizados, prostitutas, pais sem filhos, mães que abortam e adolescentes com filhos e sem família. Sob a rubrica “adolescente” cabem todas essas outras categorias acima. Mas também rapazes e moças estudiosos, religiosos, mães excelentes e pais cuidadosos. Como cuidar de cada categoria e de todas ao mesmo tempo? Nesta região, nenhuma religião está disposta a isso. Elas têm mais o que cuidar para se defenderem das acusações de pedofilia, corrupção, vazamento de informações, guerras religiosas entre nações e no interior das sociedades multiculturais principalmente as europeias, no caso do catolicismo, de abuso de poder econômico, de conquista de poder político-representativo, etc. Adolescentes?

Para recuperá-los enquanto fiéis demandaria uma abstração de todo o componente mundano e uma filosofia da diferenciação, da multiplicidade e da alteridade. Um discurso enfim pós-moderno do que não passou pela modernidade. Enfim, uma nova face religiosa seria também a cara do século XXI quer dizer um reencantamento do mundo sem exageros e sem grandes mistérios. Uma religião simplificada.

De acordo com o Papa Bento XVI, numa declaração algo atrasada em 2012, o mundo está passando por um período histórico muito particular: o progresso técnico nos deu oportunidades inéditas de interação entre os homens e entre os povos, mas a globalização destas relações só será positiva e fará crescer o mundo em humanidade se estiver fundada não sobre o materialismo, mas sobre o amor, a única realidade capaz de encher o coração de cada um e unir as pessoas¹¹³. Mas é isso que a Igreja Católica não mostra aos adolescentes sem religião do Chapadão, e sim para aqueles que já estão na religião.

Para os adolescentes desta pesquisa, as imagens de Deus foram construídas sem aporte da evangelização ou de outra forma de educação religiosa, E, portanto,

¹¹³ Gisela I. W. Streck*Adolescentes e religiosidade: aportes para o Ensino Religioso na escola

são muito variadas as respostas sobre Deus de acordo com as experiências vividas ou o depósito de onde tiraram alguma informação, algum dado poético.

As experiências, vivências, costumes, tradições, discursos e ritos religiosos das diferentes comunidades confessionais, a influência do meio social no qual a criança cresceu, os relacionamentos com pessoas significativas e a qualidade destes relacionamentos determinam a imagem de Deus e o modo como se articula a religiosidade, moldada na infância e trazida para a adolescência. Adolescentes tanto podem falar de Deus como um velhinho de barba branca, sentado numa nuvem, como de um Deus mais pessoal, mais amigo e companheiro, que pode dar orientação, ajuda e apoio, como também podem afirmar que Deus não existe. Tanto podem acreditar em Deus, porque ele salva, ajuda em todas as horas, como afirmar que não acreditam, porque nenhum pedido feito foi atendido ou porque tudo não passa de uma invenção. Essas constatações demonstram que a fase da adolescência é um período de mudanças, de busca por uma compreensão e experiência pessoais a respeito de Deus¹¹⁴. Mas que é complicada pela dificuldade de uma linguagem de entendimento comum. Não se chega a acordo nenhum sobre o que seja Deus, a não ser que ele é poderoso e pode mudar a vida de quem ele quiser.

Retomando, no primeiro capítulo fiz uma descrição do bairro, dos moradores e também elaborei uma apreciação sobre os problemas gerais dos adolescentes. Existem questões bastante específicas geograficamente como, por exemplo, o avanço sobre o bairro da especulação imobiliária num processo de gentrificação e de possível higienização do local. O estudo das relações sociais dos adolescentes mediadas pela religião passou pela compreensão das relações familiares. No início do ano de 2011, comecei a participar da reunião com um grupo de mulheres, mães de alguns dos adolescentes/sujeitos desta pesquisa. Nas conversas que ali aconteciam comecei a perceber que as igrejas (instituições) a despeito de serem arcabouços discursivos fortes com padrões formais de referências dogmáticas, a religiosidade é vivenciada subjetivamente e lateralmente, sem embarçar os passos do caminhante. Se der, as pessoas se apoiam nas religiões, se não, elas avançam assim mesmo.

As religiões sobrevivem então semelhantes a máscaras ou armaduras, importantes em determinados contextos, mas no devem ser usadas constantemente.

Eclodem, todavia, em fórmulas mágicas decoradas, disparadas por um mecanismo reativo a algumas situações: existe um discurso pronto, convincente, que elimina qualquer possibilidade de se incluir na conversa algum questionamento sobre religião. As mulheres acreditam e pronto! É como se a religião fosse inata, atemporal, mágica, no sentido que permite vislumbrar um futuro, substitui projetos pessoais e desculpa possíveis fracassos: - “*Se Deus quiser...*”. Ao mesmo tempo, os gestos e os olhares intencionados surpreendidos juntamente com expressões desse tipo precipitam um potencial de energia que dá suporte a investimentos sem suportes materiais, como trajetórias de flechas lançadas ao longe (no tempo e no espaço).

Algumas ambivalências como dentro e fora, estranho e conhecido, sociedade e comunidade, fechado e aberto, perpassaram todo o trabalho de campo e essa pesquisa que não pretendeu em nenhum momento tentar desfazê-las. Os grupos não estiveram estáticos e mudaram de posição na enunciação discursiva. Nesta dinâmica quem “dança” fácil é a pesquisadora: recusando se manter em uma posição epistemológica fixa, uma hora se percebeu oscilando entre compreensão, compaixão, repulsa e revolta, muitas vezes sentiu o tema como impossível de realização.

Nesse ponto, Roy Wagner (2010), forneceu alguns dos instrumentos de controle (relativo) sobre os campos (posição da pesquisa frente aos sujeitos e aos eventos do cotidiano) contidos nos conceitos de modos de ação *generalizante* e *convencional* e o *diferenciante* ou *não convencional* sendo que o primeiro distingue o símbolo e a coisa simbolizada e o segundo engloba aquilo que simboliza e ambos os conhecimentos me foram necessários para conter as ambivalências e as oscilações. Quase aprendi andar sobre gelo fino (Bauman, 2001) ou sobre águas pantanosas ou achar caminho em meio à neblina.

No livro *Modernidade Líquida*, Bauman (2001), trata do esforço semântico de colocar como sinônimo os termos bairro e comunidade. Isso me deu ensejo de pensar o Chapadão nessa perspectiva. No mundo atual, em várias locais das cidades, em condomínios e mesmo em bairros mais antigos com população mais estabilizada, existe a tendência de chamar de comunidade o modo de vida e das relações sociais. Mas esta convivência sustenta-se em parte pela vigilância de câmeras e seguranças humanas, bloqueios espaciais e identificações,

homogeneização da população e da moralidade. Nos locais mais facilmente descritos sob a rubrica de favelas, a vigilância se chama fofoca cujos personagens são também os olhos, o registro, a comunicação e a moralidade. As câmeras são humanas.

Não existe tampouco a “comunidade de fé”, nem a comunidade de destino, nem uma sociedade imaginada coletivamente, pois ali as práticas são dissolvidas na individualização e privatização. Por outro lado, as identidades pessoais são menos porosas: as pessoas que se conhecem há mais tempo e com mais intimidade não só são reconhecidas pelo que são, ou que foram, mas também se colocam como julgamento das peculiaridades dos que chegam para residir ou para visitar.

Mas não é por esse sistema de conhecimento recíproco que eles são avaliados por pessoas e instituições fora do bairro quando então são colocados sob o rótulo dos estranhos. E perigosos quando confundidos com assaltantes, usuários de crack, estupradores, nomenclatura mais atual das neuroses. Diz Bauman que o perigo representado pela companhia de estranhos é uma clássica profecia autocumprida. Torna-se cada vez mais fácil misturar a visão de estranho com os medos difusos da insegurança. Segundo ele, “esforços para manter à distância o ‘outro’, o diferente, o estranho e o estrangeiro, (...) não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais”. (2001, 124-126)

No segundo capítulo, diretamente alinhado com as falas dos adolescentes e com depoimentos de outras pessoas¹¹⁵ da comunidade senti que há uma inversão no pressuposto jurídico no qual a dúvida beneficia o acusado: no caso, pela maneira que são referidos por outras pessoas que convivem com eles, os jovens são culpados sem julgamento e sem apelação. São nomeados de acordo com o medo da sociedade e esse medo é classificatório e hierarquizante: são tomados como estranhos pela população de entorno porque escapam à moralidade de classe média dos vizinhos e da sociedade em geral. Isso não quer dizer uma defesa intransigente dos desmandos

¹¹⁵ Paralelamente, conversei com moradores do Chapadão e também com professores e vizinhos dos bairros próximos. Um vigilante da UFJF assegurou-me, falando com seriedade, que os rapazes do Chapadão deveriam ser todos internados no Ceresp. Um policial militarado posto que atende ao bairro disse que para haver alguma melhoria o comportamento do pessoal do Dom Bosco, a metade deveria ser presa e a outra deveria ser monitorada diariamente, pois os pais deles não estão nem aí. Concordo quanto aos pais, muitos são ausentes mesmos, mas não quanto às mães que se preocupam muito com os filhos mas não têm recursos para reverter os descaminhos dos filhos.

nos quais eles são protagonistas, nem defesa nenhuma. Só se deseja que não sejam vistos todos sob os mesmos estereótipos e rótulos gerais.

A generalização é, no entanto, uma maneira de se lidar com as diferenças. Os próprios moradores do bairro estabelecem distinções, hierarquias e regras bastantes homogeneizadoras e discricionárias, “idiossincráticas”, perpassadas pelas mesmas condições vindas das fronteiras exteriores, institucionais ou não e/ou, instituintes ou instituídas. Os jovens sofrem ataques de fora e de dentro do bairro, dos seus pares e geracionais. Só que as avaliações pejorativas internas à comunidade são frequentemente amenizadas pelas relações de afeto e moduladas pelo conhecimento da biografia de cada um. Isso aparece na biografia de Lucas, mas também transparece em detalhes das fofocas entre comadres. Uma menina de quatorze anos que estava se prostituindo sob o incentivo da mãe, não era condenada nas conversas, mas sim a mãe, que era uma vizinha difícil, brigona e desmazelada.

Mas nesse capítulo foram ouvidos os jovens que não quiseram, a princípio, falar de religião. Depois, atrás dessa declaração percebi um sentimento de revolta e abandono em relação às religiões, não só a católica, mas também algumas evangélicas, do que uma libertação consciente das religiões. Quando eles começaram a falar, foram tantas as críticas e as denúncias, tanto os desencontros que não vi nenhuma possibilidade de interação pastoral.

Mas, eles não abrem definitivamente mão da religião. Existem sim aqueles que nem falam sobre religião e disseram que não precisam dela hora nenhuma, mas o mais comum foi a fala daqueles que se sentem como que “expulsos”, que não se sentem aceitos pelas igrejas, que, na opinião deles, querem que eles passem longe delas.

No caso acima, onde eles não se sentem parte de nenhuma igreja, mas dizem acreditar em Deus e rezar nas horas mais difíceis e acreditar no poder de Deus para conduzir suas vidas, a falta das práticas tradicionais é vivida como falta, como angústia.

Essas referências se entrecruzaram em reações e contrarreações e daí surgem algumas das marcas diferenciais dos personagens, que são intensificadas pela instabilidade provocada pela sensação de efemeridade de suas relações. Eles sentem, e falam sobre isso, que esta parte do bairro vem sendo constrangida em

suas fronteiras geográficas o que atinge a feição comunitária do agrupamento trazendo insegurança nos vínculos pessoais. Ainda que estes já estejam mesmo comprometidos em relação ao que se considerava como vida comunitária: a identidade de desejos e ambições é parcial, assim como são variadas as origens e os destinos prováveis. Não existe também uma produção comum de subsistência e as redes de solidariedade são frágeis e pontuais; a coesão do grupo não advém de parentesco, apesar de que as ligações parentais serem numerosas, mas da mediação de conflitos e da complementação e/ou substituição de serviços comunitários, tais como cuidados com as crianças e com a saúde, prevenção e restrição às drogas, por exemplo. No que tange aos adolescentes é mais intensa ainda a carência de aparelhos sociais, religiosos e culturais de suporte: a rua e as casas são os espaços de lazer, de cultura e de convivência.

Existem, não obstante, mediadores inesperados e que funcionam como catalisadores, organizadores e sustentação das rotinas e dos projetos: os jogos de bola, as conversas sobre religiões e saúde e, principalmente, fofocas. Entre os adolescentes, os jogos de bola predominam, sem que o saber coletivo e as fofocas sejam dispensáveis. Essas mediações parecem, sociologicamente, irrelevantes (não são as mediações tradicionais), mas, no contexto de instituições poucas e frágeis dão suporte às relações sociais e o fazer cotidiano. São afetos e emoções implicadas numa visão de mundo diferenciadora, com algo de “religião secular”: existem seus ritos, mitos, fiéis e devoção.

Então, no segundo capítulo deparei-me com jovens mais agressivos em termos de argumentação e justificativas, se bem que, vale informar, em nenhum momento algo semelhante a alguma violência física tenha sido sequer esboçada. Ao contrário, todos eles foram muito educados no trato, apesar de algumas vezes ficar claro que eles não estavam a fim de conversar sobre qualquer assunto, principalmente sobre religião. Onde a princípio eu vi rejeição a mim ou à pesquisa depois me deparei com suas dificuldades de linguagem, com suas incertezas no que dizia respeito às coisas sagradas e religiosas.

Se para qualquer pessoa falar de crença é difícil e uma conversa frequentemente pode terminar em um “acredito e ponto final” para os adolescentes essa prerrogativa pareceu-me afastada porque eles indicavam não saber que as religiões e suas crenças podem comportar um quantum de dúvidas e

questionamentos. A leitura da Bíblia nem sempre afasta as tensões e muitas vezes elas são até ampliadas, mas isso faz parte da certa flexibilidade cabível da hermenêutica religiosa. Mas para eles, qualquer dúvida mais consistente pode significar afastamento e então, nesse caso, eles também se dizem “sem religião”. Dúvida para eles significa não ser, não ter e a fé deve ser total, reinar absoluta, imaculada.

O terceiro capítulo foi-se desenhando à medida que brotavam referências à religião nas falas dos adolescentes que, no primeiro momento, pareciam avessos às discussões de cunho religioso. Interpretei isso como sinal de ausência de religião, mas depois me dei conta que o problema poderia estar na área da linguagem, não existindo um campo semântico que desse conta de exprimir as emoções religiosas.

A multiplicidade de crenças e de modos de vivê-las são suportes de uma religiosidade difusa. Aprendi nesse estudo da adolescência e mesmo da juventude de forma mais geral a lidar com uma religiosidade em múltiplas configurações dinâmicas – quando oscila entre essa ou aquela religião, quando vai e volta pendularmente sem constrangimentos quanto às pertenças a tal ou qual crença, caótico, difuso, acelerado, retardado, etc. Pouca coisa resta estável por muito tempo entre eles sem que isso precise ser visto pelo lado das negatividades, pois a instabilidade não somente faz parte do mundo contemporâneo como deve ter sido uma das condições comum à sobrevivência dos ascendentes de boa parte da população do bairro e assim se perpetua até hoje, supõe-se. As religiões recriam-se constantemente plasmadas na horizontalidade das relações pessoais, na fraqueza das instituições e no isolamento moral infringido pelas fronteiras impostas ao convívio com o restante da cidade.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *Política da profanação versus religião do consumo. Il Regno*, n°. 22, 2009. Acessado em 20 de dezembro de 2012. Disponível em <file:///H:/textos/Artigo%20de%20Giorgio%20Agamben%20%C2%AB%20Provoca%C3%A7%C3%B5es%20Teol%C3%B3gicas.htm>

Agamben, Giorgio. Cristianismo como religião: a vocação messiânica. *Revista Il Regno*, n°. 22, 2009.
<file:///H:/textos/Artigo%20de%20Giorgio%20Agamben%20%C2%AB%20Provoca%C3%A7%C3%B5es%20Teol%C3%B3gicas.htm>

AGIER, Michel e CRAVO, Christian. *Salvador da Bahia : Rome noire, ville métisse*. Belgique, Ed. Autrement, 2005

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011

ALMEIDA, Patrícia Lage de. *Elos da permanência: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX*. Juiz de Fora, EDUFJF, 2008.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997

_____ *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió, EDUFAL/UNESP, 2010

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998

BASTIDE, Roger. Roger Bastide - "Le sacré Sauvage" In: *Le Sacré Sauvage et autres essais*. Payot, Paris, 1975. Tradução de Rita Amaral. Publicado na Revista Cadernos de Campo, USP, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1997

_____, *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001

_____, *Vidas Desperdiçadas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005

BIRMAN, Patrícia e PEREIRA LEITE, Márcia. *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estud. av.* vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 6 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994

CLIFFORD, James. *Writing culture*. Califórnia, University of California Press, Ltda. 1986

_____ Prácticas espaciales: el trabajo de campo, el viaje y la disciplina de la antropología. *Itinerários transculturais*, Barcelona 2008, capítulo 3, pp. 71-119

COIMBRA, Cecília; BOCCO Fernanda; NASCIMENTO Maria Lívia do. Subvertendo o conceito de adolescência. In *Arquivo Brasileiro de Psicologia*. v.57 n.1 Rio de Janeiro jun. 2005. Acessado em 13 de maio de 2010

DAYRELL Juarez. Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental. *Caderno de Reflexões*. Brasília, Via Comunicação. 2011

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo. Boitempo, 2006

DELLEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquisofrenia*. Rio de Janeiro, Ed 34, vol. 1, 1995

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. 3 ed., Editora WMF Martins Fontes, 2010

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In Cadernos de Campo/Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP, nº 13, 2005

FERNANDES Silvia. *A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença*. Entrevista com Sílvia Fernandes. Acessado em 09 de outubro de 2012. Disponível em [file:///H:/textos/%E2%80%9CA%20\(re\)constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20religiosa%20inclui%20dupla%20ou%20tripla%20perten%C3%A7a%E2%80%9D.%20Entrevista%20especial%20com%20S%C3%ADlvia%20Fernandes.htm](file:///H:/textos/%E2%80%9CA%20(re)constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20religiosa%20inclui%20dupla%20ou%20tripla%20perten%C3%A7a%E2%80%9D.%20Entrevista%20especial%20com%20S%C3%ADlvia%20Fernandes.htm)

FERRETI, S.F. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo, Ed da Universidade de São Paulo, 1995

FLORIANO, Maria das Graças. *Religiões de matriz africana: trajetórias, alianças e conflitos*. Tese de doutorado em Ciência da Religião/ UFJF/2009

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares* - 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____ Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. In *Saúde e Sociedade* v.14, n.2, p.50-59, maio-ago 2005

FUSER, Bruno e MORAIS, Mauro Gabriel. *A sociabilidade por celular entre jovens da periferia de Juiz de Fora*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1736-1.pdf>. Acesso em 29 de março de 2010.

FUSER, Bruno; MORAIS, Mauro Gabriel. *A sociabilidade por celular entre jovens da periferia de Juiz de Fora*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010

GIDDENS, Anthony, BECK Ulrich e LASH Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo. Editora da universidade Estadual Paulista, 1997

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo, Editora Univesidade Estadual Paulista, 1990

_____ e VATTIMO, Gianni. *Cristianismo e relativismo: verdade ou fé frágil?* Aparecida, Ed. Santuário, 2010

GLISSANT Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, Ed UFJF, 2005

GOFFMAN, Erving. *Estigma.: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*. 4 e., Rio de Janeiro, LTC, 2008

GOLDMAN, Márcio. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006

GUIMARÃES, Elione Silva. *Aspectos cotidianos da escravidão em Juiz de Fora*. Juiz de Fora, FUNALFA, 2001

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed., Rui de Janeiro. DP&A, 2006

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo, Paz e Terra, 2000

HOORNAERT Eduardo. *Decadência da igreja católica?*. Acessado em 05 de dezembro de 2012. Disponível em

<file:///H:/textos/Textos%20de%20Eduardo%20Hoornaert.htm>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico, 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiências. Rio de Janeiro, IBGE, 2012, pp. 88.89.105

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. In *Sociedade e Estado*. vol. 26 no.3 Brasília Sept./Dec. 2011 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000300003>

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social*, v.17 n.2 São Paulo nov. 2005. Acessado em 04/08/2010

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In FREITAS, Maria Virgínia de. *Cadernos da Juventude – Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo. Ação Educativa, 2005

Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 1999

MAFESSOLI, Michel. Comunidade de destino In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a14v1225.pdf>. Acessado em 13/01/2010

_____, *Saturação*. São Paulo, Iluminuras/ Itaú Cultural, 2010

MAFRA, Clara. A habitação no morro: impressões de moradores de duas favelas do Rio de Janeiro sobre religião e espaço público. In *Religião e Espaço Público*. São Paulo, Attar Editorial, s/d

MAFRA Clara e ALMEIDA, Ronaldo de (orgs). *Religiões e cidades*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2009

MAGNANI, José Guilherme Cantor e Souza, MANTESE Bruna de. *Jovens na metrópole: etnografia de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007

MARIOSA, Gilmara Santos. *Negras memórias da Princesa de Minas: memórias e representações sociais de práticas religiosas de matriz africana*. Juiz de Fora, Funalfa, 2009.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: *GEOgraphia* Ano 6 N° 12 – 2004 p.21

MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MELUCCI, Alberto Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FÁVERO, Osmar, SPÓSITO, M.P., Carrano, P. Novaes, R.R. (org.). *Juventude e Contemporaneidade*. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos. V. 16).

MENEZES, Maria Lúcia Pires e MONTEIRO, Gabriel Lima. O espaço fora do lugar: uma análise do processo de gentrificação do bairro Dom Bosco e seus impactos para a comunidade local. In *Scripta Nova*. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. Vol XIV, n 331 (97), agosto de 2010. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-97.htm>. Acessado em 18 de dezembro de 2010.

MEYER. Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo Um argumento. In *Gênero*. Niterói, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2º sem. 2005

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998

NICOLINI, Marcos H.O. Religião e cidade: a precariedade dos “sem religião” como contexto de exclusão social em São Paulo. Projeto de Qualificação Doutoral, São Bernardo, P 86, Ciência da Religião, UMESP, 2012

NOVAES, Regina R. Os jovens de hoje. In Almeida Mendes, Maria Isabel e Eugênio, Fernanda (orgs). *Culturas jovens: novos mapas dos afetos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006, pp 105-120

NUMEM: REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISAS DA RELIGIÃO.
Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 11. N. 1e2, 2008

OLIVEIRA. Cleide Maria de. Vestígios do sagrado na pós-modernidade. *Numem: revista de estudos e pesquisa da religião*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Editora da UFJF v.11, n.1 e 2, 2008

OLIVEIRA Pedro Ribeiro de. A desafeição religiosa de jovens e adolescentes. Entrevista. Acessado em 09 de outubro de 2012. Disponível em:
<file:///H:/textos/A%20desafei%C3%A7%C3%A3o%20religiosa%20de%20jovens%20e%20adolescentes.%20Entrevista%20especial%20com%20Pedro%20Ribeiro%20de%20Oliveira.htm>

ORLANDI, Eni P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 3 ed., Campinas, Editora da Unicamp, 1995

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo, Brasiliense, 2000

PAIS, José Machado. *As múltiplas "caras" da cidadania*. In CASTRO, Lúcia Rabelo e Correa, Jane. *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro, Nau Editora: FAPERJ, 2005, p. 107

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Ensino religioso/Forum Nacional Permanente de Ensino Religioso. São Paulo, Mundo Mirim, 2009

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003

PERRAULT, Jean Philippe. Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião. CASTRO, Lúcia Rabelo; CORREA, Jane. *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro, Nau Editora:FAPERJ, 2005, p. 161

PEREZ, Léa Freitas, TAVARES, Fátima e CAMURÇA, Marcelo, Ayres. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, política e cultura*. Belo Horizonte, Argumentvm, 2009

PIETTE, Albert. Implication Paradoxale, mode mineur et religiosité seculière. *Archives de Sciences Sociaeis des Religions*. n. 81 (janvier-mars), 1993, pp 63-78

_____. *La religion de près. L'activité religieuse em train de se faire*. Paris, Ed. Métailié, 1999

_____. Etre anthropologue à l'état pratique, *Ethnographiques.org*, Numéro 18 - juin 2009 [en ligne]. <http://www.ethnographiques.org/./2009/Piette> (consulté le 26/06/2009).

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. *Atlas de Desenvolvimento social*. 2006

RABELLO DE CASTRO, Lúcia e CORREA, Jane. *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro. Nau Editora. Faperj, 2005

RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo, Loyola, 1995

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. In *Revista de Estudos da Religião* N° 2 / 2006 / pp. 109-126

RIVERA, Paulo Barrera. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, v. 12, n. 1, 2012

_____. *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas*. Curitiba. CRV, 2012

SALES, Mione Apolinário. *(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora de violência*. São Paulo, Cortez, 2007

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo, Paulus, 2004

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13ª Ed., Rio de Janeiro, Record, 2006.

_____. *Pobreza urbana*. 3 ed., São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre. L&PM, 2010

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010

SILVA, Rubens Alves da. *Negros católicos ou catolicismo negro?* Belo Horizonte, Nadyala, 2010

SILVA, Wania Fernandes e. *“Perdeu, passa tudo”*: a voz do adolescente autor do ato infracional. Juiz de Fora, UFJF, 2005

SIMMEL, Georg. *Ideias religiosas fundamentais e ciência moderna*. Disponível em www.lusosofia.net. Acessado em 13 de maio de 2010

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *Virgem mestiça: devoção a Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo*. http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/juliana_tempo.pdf. Acessado em 19/01/2011

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010

STRECK Gisela I. W. Adolescentes e religiosidade: aportes para o Ensino Religioso na escola. Acesso em 29 de março de 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1736-1.pdf>.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora, UFJF/PPCIR, 2003

TEODORO, Mário. *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília, IPEA, 2008

WACQUANT, Loic. *As duas faces do gueto*. São Paulo, Boitempo, 2008

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005

WERTHEIN, Jorge . O desafio da educação. Entrevista especial Folha de S.Paulo.
Acessado em 09 de outubro de 2012. Disponível em
<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>